

A VIDA IMPOSSÍVEL



MATT HAIG

TOP
SEL
LER

AUTOR DE A BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

A VIDA IMPOSSÍVEL



MATT HAIG

TOP
SEL
LER

AUTOR DE *A BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE*

MATT HAIG

**A VIDA
IMPOSSÍVEL**



os livros em primeiro lugar

Índice

A Vida Impossível

Créditos

Dedicatória

Epígrafe

A Vida Impossível

Agradecimentos

Sobre este livro

Sobre o autor



Edição em formato digital: setembro de 2024

A VIDA IMPOSSÍVEL

Título original: *The Life Impossible*

© 2024, Matt Haig

Publicado por Canongate Books, Edimburgo.

Todos os direitos reservados.

Promised Land, escrita por Joseph Lorenzo Welbon (Joe Smooth), foi usada com permissão.

© 1987 Picadilly Music Corp / Kassner Associated Publishers Ltd

Todos os direitos reservados.

© desta edição:

2024, Penguin Random House Grupo Editorial, Unipessoal, Lda.

Publicada por acordo com Canongate Books Ltd, 14 High Street, Edinburgh EH1 1TE

Topseller é uma chancela de

Penguin Random House Grupo Editorial

Rua Alexandre Herculano, 50, 3.º, 1250 011 Lisboa, Portugal

correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial apoia a proteção do *copyright*.

Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, eletrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Editora: Ana Beatriz Manso

Coordenação editorial: Vanessa Domingos

Tradução: Maria Ferro

Revisão: Teresa Antunes

Design da capa: Canongate Art

Ilustração da capa: Jim Tierney

Adaptação da capa: Wonder Studio / Ana Teixeira

ISBN: 978-989-583-001-5

Composição digital: [Simon and Sons ITES Services Pvt. Ltd.](#), Chennai

Composição digital PRHGE: Luís Gomes

Site: penguinlivros.pt
Twitter: [@PenguinLivrosPT](https://twitter.com/PenguinLivrosPT)
Facebook: [topseller.suma](https://facebook.com/topseller.suma)
Instagram: [topseller.suma](https://instagram.com/topseller.suma)

Para a ilha e o povo de Ibiza

When the angels from above,
Fall down and spread their wings like doves;
As we walk, hand in hand,
Sisters, brothers, we'll make it to the promised land.

Joe Smooth, *Promised Land*

Cara professora Winters,

Espero que não se importe que lhe envie este e-mail.

Talvez se lembre de mim. Foi minha professora de Matemática em Hollybrook. Tenho agora 22 anos e estou no último ano da universidade. É capaz de gostar de saber que estou a estudar Matemática!

Cruzei-me com o professor Gupta na cidade durante as férias da Páscoa e perguntei-lhe por si, e ele deu-me notícias suas. Os meus sentimentos pela perda do seu marido. O professor Gupta disse-me que a professora se tinha mudado para Espanha. Eu tive uma avó que se mudou para Granada, onde não ia desde os 7 anos de idade, e encontrou lá a felicidade. Espero que a professora seja feliz com a sua mudança para o estrangeiro.

Também eu passei pelo luto recentemente. A minha mãe morreu há dois anos e, depois disso, caí no desespero. Não me dou bem com o meu pai e tenho tido dificuldade em concentrar-me nos estudos. Agora, a minha irmã (talvez se lembre da Esther) precisa ainda de mais apoio. Desiludi a minha namorada e ela acabou comigo. E houve outras coisas também. Tive alturas em que me custou muito seguir em frente. Parece que, com esta tenra idade, já tenho a vida escrita e já tudo é conhecido. Por vezes, a pressão é tanta que nem consigo respirar.

Encontro-me num padrão, como se fosse um padrão numérico, uma sequência de Fibonacci — 0, 1, 1, 2, 3, 5, 8, 13, 21, etc. — e, tal como nessa sequência, as coisas vão-se tornando menos surpreendentes à medida que vou avançando. Mas em vez de percebermos que o número seguinte é encontrado somando os dois anteriores, percebemos que tudo o que está à nossa frente já foi decidido. E à medida que fico mais velho, à medida que passo mais números, o padrão torna-se mais previsível. E nada consegue quebrar esse padrão. Antigamente, acreditava em Deus, agora não acredito em nada. Estava apaixonado, mas estraguei tudo. Por vezes, odeio-me. Estrago tudo. Sinto-me culpado o tempo todo. Ando a beber em demasia, e isso dá-me cabo dos estudos e faz-me sentir culpado, porque a minha mãe queria que eu me esforçasse.

Olho para o que está a acontecer no mundo e vejo que toda a nossa espécie está a caminho da destruição. Como se estivesse programado, num

outro padrão. E fico farto de ser humano, de ser esta coisinha minúscula que não pode fazer nada pelo mundo. Tudo parece impossível.

Não sei porque é que estou a falar disto consigo. Só queria falar com alguém. E a professora sempre foi simpática comigo. Estou às escuras e preciso de uma luz. Peço desculpa. Isto parece tão melodramático. Só preciso de ser um bom exemplo para a minha irmã.

Por favor, não se sinta obrigada a responder-me. Mas tudo o que puder dizer será muito apreciado. Peço desculpa pelo longo e-mail.

Obrigado,

Maurice (Augustine)

Caro Maurice,

Muito obrigada.

Não tenho por hábito responder a e-mails, não que receba muitos. Na verdade, não me dou bem com a Internet. Não tenho conta nas redes sociais. A única coisa que tenho é o WhatsApp, e mesmo esse é raro usar. Mas, no caso da sua mensagem, senti que devia responder, e responder como deve ser.

Lamento imenso tudo aquilo por que tem passado. Lembro-me da sua mãe das reuniões de pais. Eu gostava dela. Lembro-me de que era uma pessoa séria, mas com um ligeiro sorriso a espreitar nos cantos da boca quando falava de si. O Maurice animava-a, claramente. Só por ser quem era. E isso era uma verdadeira proeza, sobretudo para um adolescente.

Comecei a escrever-lhe uma resposta, mas esta cresceu tanto que acabou por se transformar em muito mais do que um pequeno e-mail.

Para ser sincera, já há algum tempo que queria escrever tudo isto, pelo que a sua mensagem foi o estímulo perfeito.

O que lhe vou contar é uma história que até a mim me custa a crer. Por favor, não se sinta obrigado a acreditar nas minhas palavras. Mas saiba que nada disto é inventado. Nunca acreditei em magia, e continuo sem acreditar. Mas, por vezes, aquilo que parece ser magia é simplesmente uma parte da vida que ainda não compreendemos.

Não posso prometer que a minha história o ajude a acreditar no impossível. Mas é uma história, tão verdadeira como qualquer outra, de uma pessoa que sentiu que já não havia sentido para a sua existência e que acabou por encontrar o maior propósito com que alguma vez se deparou, por isso penso que tenho o dever de a partilhar. Não sou, de todo, um exemplo a seguir, como provavelmente se tornará claro. Já senti muita culpa na vida. E, de certa forma, esta história é sobre isso. Espero que veja nela alguma utilidade.

Encontrá-la-á no documento anexo.

Com os melhores cumprimentos,

Grace Winters

Uma história piegas

Era uma vez uma senhora velhota que vivia a vida mais aborrecida do Universo.

Essa velhota raramente saía de casa, a não ser para ir ao médico, ajudar na loja de caridade ou visitar o cemitério. Já não tratava do jardim. A relva estava demasiado crescida e os canteiros cheios de ervas daninhas. Fazia as compras da semana por encomenda. Vivia nas Midlands. Em Lincoln. No Lincolnshire. A mesma cidade mercantil de tijolos cor de laranja onde tinha permanecido — à exceção de uma passagem pela Universidade de Hull há séculos — toda a sua vida adulta.

Sabe como aquilo é.

E não era assim tão mau, mas as ruas haviam-se tornado menos acolhedoras do que dantes. Custava-lhe ver metade das suas boas recordações cobertas com painéis de contraplacado e cartazes rasgados.

Ficava sentada a ver televisão durante o dia, lia um ou outro livro e fazia palavras cruzadas e jogava Wordle para manter o cérebro a funcionar. Observava os pássaros no jardim ou contemplava a pequena estufa vazia, enquanto o relógio da lareira não parava de fazer tiquetaque. Em tempos, fora uma ávida jardineira, mas já não o era. Tinha apenas 72 anos, mas desde que o marido falecera, quatro anos antes, e que o seu lulu-da-pomerânia — *Bernard* — se seguira pouco depois, sentia-se completamente só. Na verdade, há mais de trinta anos que se sentia só. Desde o dia 2 de abril de 1992, mais precisamente. A data em que perdeu todo o seu significado e propósito

e nunca mais os voltou a encontrar. Mas a solidão tornara-se uma realidade profunda e literal nos últimos anos, e ela sentia-se como se tivesse 132 anos. Quase não conhecia ninguém. Os seus amigos tinham morrido, ou mudado de casa, ou tinham-se simplesmente afastado. Só tinha dois contactos no WhatsApp — a Angela, da Fundação Britânica do Coração, e a Sophie, a sua cunhada, que se tinha mudado para Perth, na Austrália, havia trinta e três anos.

Mas de todos os momentos de tristeza do passado, era ainda aquele longínquo dia de abril o que mais a afetava. A morte do filho, Daniel, fora a mais dura e devastadora, e, quando uma tragédia é assim tão grande, dá azo a outras tristezas e fracassos, do mesmo modo que um tronco dá origem aos ramos. Contudo, a vida continuou. Ela e o marido, Karl, acabaram por se mudar para uma moradia e tentaram aproveitar a vida, mas isso não deu grande resultado, pelo que se deixavam ficar sentados em silêncio mútuo, a ver televisão ou a ouvir rádio. O marido sempre fora muito diferente dela. Gostava de *hard rock* e de cerveja como deve ser, mas era uma alma fundamentalmente pacata. O problema da tragédia é que ela mancha tudo o que vem a seguir. De vez em quando, encontravam algum conforto na partilha de memórias comuns, mas depois de o Karl morrer tornou-se mais difícil, porque as memórias não tinham para onde ir. Ficavam, simplesmente, dentro da cabeça dela, estagnadas. E era por isso que, sempre que se via ao espelho, só via uma meia-vida. Uma árvore a cair lentamente numa floresta invisível.

Além disso, ela encontrava-se numa situação financeira difícil.

As suas poupanças de toda uma vida já não existiam. Desde que um burlão com um reconfortante sotaque escocês se fizera passar por consultor de segurança do NatWest e — com a sua tola ajuda — lhe roubara as 23 390,27 libras que ela e o Karl tinham conseguido amealhar. Foi uma longa história, cheia de personagens ardilosas e uma velhota ridícula (não me digam!), mas, felizmente para si, não é essa a história que aqui está a ser contada.

Seja como for, esta senhora limitava-se a ficar ali sentada, com as suas dores nas pernas, tentando não responder a nenhum e-mail de estranhos e deixando a sua vida destroçada seguir à deriva, rio abaixo como um pacote de batatas fritas vazio e amarfanhado. A sua única réstia de interesse era a imagem de um tentilhão ou de um estorninho no comedouro de pássaros no pequeno jardim das traseiras, enquanto inalava velhas memórias e sonhos desvanecidos.

Um pedido de desculpa

Desculpe. Foi um pouco pretensioso e melancólico. Falar de mim na terceira pessoa. Só estou a *criar ambiente*. Vai ser divertido, apesar desta introdução. E, como muitas das coisas divertidas da vida, vai começar com uma cirurgia minimamente invasiva de ablação de varizes por radiofrequência.

A incapacidade de sentir prazer

Estava de pernas para o ar quando decidi ir para Ibiza.

A maca cirúrgica onde me encontrava deitada estava tão inclinada para trás que pensei que ia escorregar. Havia um espelho na parede. Olhei para o meu cabelo grisalho despenteado e para o meu rosto cansado e quase não me reconheci. Parecia uma pessoa emurchecida. Evitava os espelhos, sempre que possível.

Estavam a tentar inverter o fluxo sanguíneo nas minhas pernas, está a ver? Eu tinha mais veias azuis do que um pedaço de gorgonzola e precisava de tratar delas. Não por causa do aspeto que tinham, mas porque me faziam comichão na barriga das pernas e me provocavam dores. A minha tia tinha morrido por causa de um coágulo de sangue que se soltara e alcançara o nobre estatuto de embolia pulmonar fatal, por isso eu queria tratar das varizes antes que algum coágulo meu se lembrasse de ter ambições semelhantes. Peço desculpa se isto é demasiada informação. Estou determinada a ser o mais honesta possível consigo, por isso estou a começar da mesma maneira que tenciono continuar.

Com sinceridade.

Portanto, enquanto eu ouvia rádio, a cirurgiã vascular injetou-me várias vezes com anestesia local ao longo da perna esquerda, sendo que à última injeção ela chamou, com carinho, mas também com precisão, «ferroada». Depois, chegámos à parte principal em que, segundo ela me disse, seria introduzido um cateter na barriga da perna para rebentar a minha veia safena magna por dentro com uma temperatura de 120 °C «capaz de refogar cebolas».

— Deve conseguir sentir alguma coisa...

E realmente senti. Não foi agradável, mas foi alguma coisa. A verdade é que há anos que não sentia grande coisa. Apenas uma vaga tristeza persistente. Anedonia. Conhece essa palavra? A incapacidade de sentir prazer. A falta de sensação. Bem, eu já andava assim há algum tempo. Conheço a depressão, mas não se tratava disso. Não tinha a intensidade da depressão. Era apenas a falta de alguma coisa. Eu limitava-me a existir. A comida servia apenas para me encher. A música tornara-se apenas um ruído padronizado. Eu estava simplesmente *ali*.

Deve conseguir sentir alguma coisa.

Afinal, essa é a forma mais básica e essencial de existência, não é? A capacidade de sentir. E viver sem sentir, então, isso era o quê? Era *o quê*? Era como estar simplesmente ali parada. Como uma mesa num restaurante fechado, eternamente à espera de que alguém a ocupasse.

— Pense numa coisa agradável...

E, por uma vez, não foi muito difícil pensar em alguma coisa. E a principal coisa em que me estava a concentrar era uma carta que tinha recebido de um escritório de advogados menos de duas horas antes.

Ananases

Acarta era invulgar.

Informava-me de que me tinham deixado uma propriedade em Ibiza, em Espanha, pertencente a uma pessoa chamada Christina van der Berg. Essa Christina van der Berg tinha morrido e deixara-me os seus bens materiais. Ou alguns deles, pelo menos. Outra burla, pensei eu. Sabe, é que, quando alguém nos rouba, é difícil não ver o mundo como um covil de ladrões. Mas mesmo que não tivesse sido burlada, era ridículo imaginar que alguém que eu não conhecia me iria deixar uma casa no Mediterrâneo.

Demorei algum tempo a perceber que não era exatamente isso que tinha acontecido. Ou, por outras palavras, demorei algum tempo a perceber que a tal Christina van der Berg não era uma estranha. Não propriamente. O problema é que o nome não me tinha soado minimamente familiar. O elemento holandês — van der Berg — acrescentava-lhe uma aura de grandiosidade que me parecia fictícia e desconhecida, deixando-me desorientada. Felizmente, porém, a carta que recebi da firma de advogados Nelson e Kemp facultava mais algumas informações, incluindo uma breve menção ao nome de solteira de Christina: Papadakis.

Isso, sim, já me dizia alguma coisa.

A Christina Papadakis fora, por um breve período, professora de Música. Tínhamos trabalhado juntas na mesma escola, pouco antes de eu me reconciliar com o Karl. (Tínhamos estado juntos na universidade, mas ele tivera demasiada pressa e eu pedira-lhe um tempo).

Devo admitir que não a conhecia muito bem. Lembro-me dela como uma jovem muito bonita e tímida, com um ar glamoroso, uma qualidade mais rara em 1979 do que nos dias de hoje. Tinha uma franja espessa e cabelo escuro comprido e usava missangas. Fazia-me lembrar a cantora Nana Mouskouri, mas sem os óculos. O pai dela tinha emigrado da Grécia quando era jovem, logo a seguir à guerra. Aparentemente, ela nunca tinha estado na Grécia, mas, para o meu cérebro provinciano que nunca viajara, ela parecia o epítome da sofisticação mediterrânica. E a verdade é que sentia a falta da comida a que se habituara na sua infância no seio da comunidade grega de Londres — a primeira vez que ouvi a palavra *halloumi* na minha vida foi da boca dela. Ela comia sempre muita fruta. Por exemplo, costumava tirar da lancheira uns pedaços de ananás cortados em elegantes fatias — não em pedaços toscos —, o que me deixava sempre impressionada. Uma vez, passei pela porta dela quando estava a cantar *Rainy Days and Mondays* e a turma estava toda boquiaberta, num estado de pura reverência. A sua voz estava ao nível da de Karen Carpenter (outra cantora do Período Triássico). O tipo de voz que parece fazer parar o ar e o próprio tempo.

Seja como for, certo dia, à noite, pouco antes das férias de Natal, eu tinha ficado até mais tarde na escola, a acrescentar enfeites a uma exposição sobre trigonometria, e, quando andava em busca de mais agrafos, encontrei-a à sua secretária. Estava ali sentada, a mexer nas unhas.

— Oh, não faças isso às unhas — disse eu, de forma intrusiva, como se ela fosse uma aluna e não uma colega. — Vais lascá-las. — Eu gostava das unhas dela. Tinham um tom acolhedor de terracota. Mas senti-me imediatamente mal por ter dito aquilo, sobretudo quando vi que ela estava a olhar para o vazio. Em contextos sociais, não tinha muito tato. Nunca tive. — Oh. Peço desculpa — disse eu.

— Por favor, não peças — respondeu ela, olhando de repente para mim e oferecendo o mais tenso dos sorrisos.

— Estás bem?

Foi nessa altura que ela me abriu o coração. Há uma semana que não vinha à escola, e eu mal tinha reparado. Estava a ter uma crise. Detestava o Natal. O seu noivo, agora desaparecido, pedira-a em casamento um ano antes, na véspera de Natal. Como era relativamente nova na zona, não tinha família por perto. Por isso, disse-lhe que podia passar o dia de Natal comigo.

E foi isso que aconteceu. Ela apareceu e assistimos ao discurso da rainha, ao filme *Goldfinger* e à atuação dos Blondie no *Top of the Pops*, a cantarem *Sunday Girl*. Foi então que a Christina disse que queria cantar para um público. Bebemos várias garrafas de *Blue Nun*, que nunca foi o melhor estabilizador de humor, e eu pedi desculpa pela

falta de ananases. Ficámos a conversar até altas horas.

Ela sentia-se totalmente incapaz de lidar com as coisas. Um sentimento que conheço melhor agora do que naquela altura. Dar aulas estava a ser muito difícil para ela, que se interrogava se estaria na carreira errada. Eu disse-lhe que toda a gente em Hollybrook se sentia assim. A certa altura, ela mencionou Ibiza. Estávamos no limiar de uma nova década e o *boom* dos pacotes de férias em Espanha estava em grande força, e ela tinha ouvido falar de um novo hotel que andava à procura de cantores e músicos.

Fiquei intrigada. Achei-a misteriosa e, provavelmente, fiz-lhe demasiadas perguntas. É uma característica dos professores de Matemática. O valor da variável desconhecida tem sempre de ser encontrado.

— Sinto que tenho uma vida dentro de mim que precisa de ser vivida e que eu não a estou a viver.

Provavelmente, estas não foram as suas palavras exatas. Mas transmitem o essencial. Depois, disse:

— Sei que não faz sentido. Eu sou grega, não sou espanhola. Há ilhas gregas mais do que suficientes. Devia ir para uma delas. Porque sei falar a língua. Mais ou menos. De espanhol não sei nada, e acho que é bom saber a língua quando se vive num sítio.

— Podias aprender espanhol. Devias ir para lá, se é isso que queres. Devias mesmo.

— Não faz sentido.

E foi então que eu disse uma coisa que nem parecia minha.

— Nem tudo tem de fazer sentido.

A perspetiva de conseguir um emprego lá levou-lhe aos olhos um brilho ardente, por isso eu disse-lhe que fosse em frente, se quisesse, e que não se preocupasse com o que as pessoas pensavam. Tenho quase a certeza de que foi isso que eu disse, porque me lembro de lhe ter dado um colar que tinha desde criança, com um pendente de São Cristóvão, o santo padroeiro dos viajantes. Eu era uma católica não praticante e associava-o em demasia à minha educação, mas nunca tinha sido capaz de me descartar dele. Dá-lo à Christina pareceu-me a coisa certa a fazer.

— Ele vai proteger-te — disse eu.

— Obrigada, Grace. Obrigada por me ajudares. Com esta decisão.

A dada altura, ela cantou *Blackbird*. Cantou-a primeiro a solo. Muito pouco festiva, mas muito bonita. Havia um toque agridoce no seu canto que me fez chorar. Depois, tentou ensinar-ma.

— Só tens de te tornar a canção. Estar dentro dela. Esquece que existes. É a canção dos Beatles mais fácil de cantar — assegurou-me ela. — Bem, depois de *Yesterday*. E de *Yellow Submarine*.

Afinal, não era uma canção nada fácil de cantar. Mas nós já

tínhamos bebido vinho suficiente para não nos preocuparmos com isso.

Ela explicou-me a sua paixão pela música.

— É o que torna o mundo maior — disse ela, com os olhos acetinados por um sentimento incutido pelo álcool. — Às vezes, sinto-me como se estivesse presa numa caixa e, quando estou a tocar piano ou a cantar, saio dessa caixa durante algum tempo. Para mim, a música é como uma amiga que aparece quando precisamos dela. Um pouco como tu, Grace.

Seja como for, decidimos dar um passeio. Um daqueles passeios frios e natalícios em que sorrimos a todos os estranhos que passam por nós. Bem, naquela época, sorria-se de certeza. E foi só isso. Não houve muito mais do que isso. Ela voltou para a escola durante alguns meses e depois foi-se embora. Nunca mais foi a minha casa. Chegámos a falar na sala dos professores, mas ela parecia um pouco envergonhada. Eu não conseguia compreender. Como é que aquela pessoa adorável e talentosa, que queria cantar para um público, se sentia envergonhada por precisar de companhia no Natal? E certo dia — possivelmente a última vez que a vi —, ela aproximou-se de mim no parque de estacionamento e disse baixinho, com lágrimas nos olhos:

— Obrigada. Sabes, pelo Natal...

Apenas isso. Não consigo enfatizar o suficiente quão insignificante eu pensava que aquilo tinha sido. A única coisa que fiz foi dar a alguém um lugar para estar no dia de Natal, há décadas.

E então, décadas depois, do nada, recebo esta carta. A dizer que a Christina tinha morrido e que me tinha deixado a sua casa em Espanha por causa de «um ato de bondade praticado há muito tempo». Também deixava claro que eu podia vender a casa ou arrendá-la, se a mudança para lá fosse demasiado «impraticável».

Foi, no mínimo, uma surpresa. Uma surpresa que me deixou com a sensação de ter perdido mais do que tinha ganhado. Uma amiga que nunca cheguei a ter, de uma época que parecia um sonho distante. Não fazia qualquer tenção de me mudar para lá. À medida que envelhecemos, os padrões tornam-se mais difíceis de desfazer. E não queremos que se desfaçam. O meu padrão tinha sido desfeito várias vezes no passado. Quando me reformei. Quando o meu marido se foi abaixo na sua estufa. Até a perda do nosso cão, o *Bernard*, me desestabilizou. E, claro, quando o Daniel foi atropelado por uma carrinha do Royal Mail enquanto seguia na sua bicicleta.

E, ultimamente, quando eu sentia falta do velho padrão de casada que outrora achara assoberbante, formava-se um novo padrão. A rotina de alimentar os pássaros todas as manhãs. A entrega das mercearias à segunda-feira. Uma manhã de voluntariado na loja de caridade da Fundação Britânica do Coração à sexta-feira. O cemitério

ao domingo. E culpa, dor e vazio eternos. Havia apenas algumas flutuações mínimas. Instalara-me no padrão chamado Cada Vez Mais Velha e não tinha pensado a sério nisso.

Mas tudo isso estava prestes a mudar.

Uma situação em curso

— **D**esculpe se estou a ser demasiado direta — disse eu à advogada.

— Mas como é que ela morreu?

— Pensei que sabia — respondeu ela. A Dra. Una Kemp. Uma voz que parecia ter acabado de sair do frigorífico e precisava de tempo para amolecer.

— Não — retorqui. — A carta dizia que ela tinha morrido, mas não dizia como. Por isso, gostava de saber como é que ela morreu, se fosse possível.

— Ela morreu no mar...

Percebi que não se tratava de uma resposta direta.

— Peço desculpa. *Como* é que ela morreu?

Ouçó a respiração na linha telefónica.

— Oh. Isso é uma situação em curso.

Uma situação em curso.

— Desculpe. Em que sentido?

— No sentido em que as autoridades espanholas ainda estão a investigar as circunstâncias exatas da morte. Estão a ser muito minuciosos. A única coisa que sabemos com certeza, a única coisa que nos foi dita, é que ela morreu no mar.

Só uns bons cinco minutos depois de a conversa ter terminado é que me ocorreu que esta ambiguidade me parecia bastante peculiar. Porque é que os eventos eram tão misteriosos? Segundo a advogada, o seu testamento tinha sido recentemente alterado para me incluir como beneficiária. Este facto, juntamente com a bizzarria geral de a casa me ter sido deixada a mim, encheu-me de perguntas.

E eu sempre fui o tipo de pessoa que não consegue aceitar uma pergunta sem ir à procura de uma resposta. Independentemente de onde isso me leve.

,14159

—Nunca há duas pernas iguais... — disse a cirurgiã. — Mesmo na mesma pessoa. Mesmo que pareçam idênticas. As veias têm sempre um padrão diferente. Como as impressões digitais.

Houve alguma coisa naquilo que ela disse que me fez pensar na matemática. Todos aqueles exemplos de imprevisibilidade dentro da uniformidade. A forma como, se multiplicarmos um diâmetro por pi, encontraremos sempre a circunferência de um círculo, embora os números que compõem as casas decimais do pi não sigam qualquer padrão.

3,14159 etcétera, para sempre, com uma aleatoriedade total, absoluta e alucinante.

Há sempre um elemento de imprevisibilidade mesmo nas coisas mais previsíveis. E se vivêssemos como se não ela existisse, a vida puxar-nos-ia o tapete de debaixo dos pés, por isso mais vale aceitar o ,14159.

Fiquei a olhar para a parede vazia e para o relógio de pernas para o ar. Não sabia quase nada sobre Ibiza. A não ser que era exatamente o tipo de lugar que eu achava que jamais visitaria. Ou desejaria visitar.

Ouviam-se os Blondie a passar na rádio. Não o tema *Sunday Girl*, mas *Heart of Glass*. Imprevisibilidade dentro de um padrão. Como a vida.

— Não vai viajar de avião nos próximos tempos? — perguntou a cirurgiã, alguns minutos depois. — Porque, com as suas pernas, é um bocadinho perigoso.

— Está a sugerir que vá sem elas?

Ela não apreciou a minha piada.

— Não — acabei por dizer, enquanto a enfermeira me enfiava lentamente uma meia de compressão pela perna acima. — Não vou viajar de avião nos próximos tempos.

Há muito tempo que não dizia uma mentira de forma consciente.

E senti-me tão malcomportada quanto é possível uma professora de Matemática reformada e viúva sentir-se. Porque naquele segundo, ainda de cabeça para baixo naquela maca cirúrgica, percebi que tinha um plano.

Tratava-se de um plano simples, mas cauteloso. Apanhar um voo para Ibiza com um bilhete de regresso em aberto, dar uma vista de olhos à casa que, por alguma razão obscura, me tinha sido deixada, e ficar lá até lhe sentir tanto ódio que até uma moradia vazia em Lincoln com mil recordações me parecesse uma opção melhor.

Mas antes de o pôr em curso, tinha de fazer uma coisa. Tinha de ir ao único sítio que considerava verdadeiramente importante visitar. O cemitério.

Conversas com os mortos

A caminho do cemitério, cruzei-me com o meu antigo chefe — e seu antigo diretor de turma, o professor Gupta — à saída de um café. Depois de alguma conversa de circunstância, ele perguntou-me como é que eu estava. E estava triste, por isso, em vez de lhe dizer isso, contei-lhe outra verdade.

— Ibiza? — perguntou ele. Sobrancelhas arqueadas, sorriso abafado. — Nunca imaginei que Ibiza pudesse fazer o teu género.

— Pois não — respondi. — Nem eu.

E não tardei a continuar o meu caminho.

Mais tarde, depois de ter mudado as flores da campa do meu Daniel, sentei-me num banco debaixo de um teixo. Olhei para o singelo cinzento da lápide, para o seu modelo simples e para as letras gravadas que formavam palavras legíveis à sombra.

DANIEL WINTERS

Um menino amado

15 de março de 1981 – 2 de abril de 1992

Nesse dia, estive lá cerca de uma hora.

Como sempre, fiquei em silêncio. Nunca sabia o que lhe dizer. À sua presença imaginada. Não se tratava de eu não gostar de falar com os mortos em público. Falava com o Karl o tempo todo. Mas com o Daniel era difícil, por muitas razões. Já tinham passado mais de três

décadas de luto — já tínhamos entrado noutro século e mudado de milénio —, mas eu continuava sem palavras. Não tinha mais nada a dizer a não ser «lamento». Como sempre, acalmei os nervos a contar lápides e a fazer contas com elas.

Não quero sobrecarregar demasiado esta história com conversas sobre coisas tristes, mas quero dizer-lhe que ele era um rapaz muito especial. Deixe-me que o descreva. Sempre foi alto para a idade e magro, e lia livros enquanto caminhava. Era inteligente e divertido e, mesmo quando estava de mau humor, tinha um sorrisinho no rosto, como se achasse o mundo inteiro uma comédia. Adorava os romances *Escolhe a Tua Aventura*, música *pop* e programas de televisão que eram demasiado antigos para ele (*A Balada de Hill Street*, que, apesar de eu discordar, via repetidamente com o pai quando tinha 9 anos). Fazia sanduíches de três andares com manteiga de amendoim e *Marmite*. Criava as suas próprias bandas desenhadas sobre um cão que viajava no tempo. Não gostava muito da escola — bem, não da nova, porque não gostava de desporto e não queria fingir. Na verdade, era uma pessoa muito honesta. A mentira era coisa que nunca lhe passava pela cabeça. Acho eu. Mas também era um sonhador. Se não tivesse saído de bicicleta à chuva naquele dia, teria acabado por ser um criativo. Talvez ilustrador. Adorava arte e era bom nisso. Quando tinha 11 anos, fez um desenho belíssimo de um azulino e ofereceu-mo no Dia da Mãe, porque sabia que eu adorava pássaros.

Morreu antes de se tornar um adolescente, quanto mais um adulto, por isso é difícil dizer que tipo de pessoa ele viria a ser. Há dois tipos de fantasmas que nos atormentam quando um jovem morre. O fantasma da pessoa que era e o fantasma de quem poderia ter sido. A sua morte criou um buraco em mim que nunca mais poderá ser preenchido. Durante anos, chegar ao fim de um dia era um evento olímpico. Havia uma sensação contínua de terror ao saber que a vida ousava existir sem ele. Era difícil não ficar furiosa. Sobretudo, comigo própria. *Nunca o devia ter deixado ir andar de bicicleta à chuva.*

Sei que já conheceu a dor, Maurice, e lamento muito o que aconteceu à sua mãe. Durante os primeiros dois anos após a morte do Daniel, eu não estive em mim. *Não estive em mim.* É uma expressão interessante, não é? Eu estava lá, mas não estava lá. Observava-me na terceira pessoa. Uma personagem numa vida que parecia a minha, mas que não era. Tinha tantas saudades dele, mas também sentia que tinha saudades minhas. É esse o problema do luto. A forma como nos afunda na morte também. Quero dizer, é óbvio que continuamos a funcionar biologicamente. Continuamos a respirar, a ver e a falar, mas já não estamos propriamente vivos.

— Amo-te — sussurrei, por fim. — Vou estar fora durante algum tempo. Vou pensar em ti todos os dias. Adeus.

Depois, inspirei fundo e de forma trémula, como sempre fazia quando estava perto dele, suprimi as lágrimas antes que começassem a cair e percorri a curta distância até à campa do Karl. Sentia-me sempre como numa viagem através dos tempos. Percebe o que quero dizer, em relação aos cemitérios? Cada fila é uma era diferente, e depois mais outra e outra. A lápide do Karl era de mármore, mas preta. Ele tinha sido muito específico quanto à vontade de ter uma lápide de mármore preto.

«É um pouco mais *rock and roll*», dissera ele. Ele era tão *rock and roll* como uma sanduíche de queijo, mas gostava de música *rock* e a sua banda preferida era os Black Sabbath, o que provavelmente era explicação suficiente.

KARL WINTERS

20 de janeiro de 1952 – 5 de outubro de 2020

Pai e marido dedicado

A palavra «pai» estava carregada de dor, eu sei, mas a devoção era real. Quando nos mudámos para a moradia, ele insistiu para que levássemos o máximo possível do Daniel conosco. Os seus bonecos antigos do *Star Wars*, os carrinhos, os livros de banda desenhada, os cadernos de desenho, tudo. Era como se ele se tivesse tornado uma espécie de curador de um museu, e eu sentia-me mal por achar sufocante estar sempre a ver a memória dele em todo o lado. Mas mesmo depois da morte do Karl, nunca levei nada daquilo para a loja de caridade.

— Karl, tomei uma decisão — disse à sua lápide, postada diante dela, com as minhas pernas novinhas.

O seu silêncio era praticamente igual ao de todas as vezes que eu anunciara algo que ele sentia que não lhe ia agradar. Quase o conseguia ver a arquear as sobrancelhas. Ele nunca foi um grande conversador, e o facto de ter morrido não contribuiu muito para melhorar a situação.

— Vou para Espanha. Para as Ilhas Baleares. Para *Ibiza*, imagina só! — Estremeci um bocadinho ao dizer estas palavras. E disse o *itálico* em voz alta. Todo o cemitério ouviu o meu desagrado. — Por favor, não me julgues.

O Karl já tinha estado em Maiorca, a vizinha grande de Ibiza. Tinha passado três dias em Palma alguns anos antes, numa convenção de engenharia civil. Aparentemente, tinha sido um ponto alto da sua carreira. Mas Maiorca, na minha mente preconceituosa, tinha uma conotação diferente de Ibiza. Maiorca era uma irmã mais velha

equilibrada e com um sorriso confiante. Ibiza, imaginava eu, era a mais nova, barulhenta e traquina, que se passava dos carretos. Ibiza, imaginava eu, era *marota*. Juntamente com Las Vegas, Cancún, Rio de Janeiro durante o Carnaval e uma festa durante a lua cheia na Tailândia, era o último lugar que eu escolheria para visitar, mesmo que tivesse dinheiro. Um lugar de festas para jovens com motivos para festejar. Ou talvez para pessoas ricas com os seus tapetes de yoga. O oposto de mim. Eu era velha e rígida, tinha um saldo bancário deprimente e não dançava há décadas. E tinha a convicção muito sincera de que não tinha motivos para festejar.

Eu era, em suma, preconceituosa. É claro que não tinha nenhuma ideia real de como era Ibiza. Era uma mera palavra. Sinónimo de diversão barulhenta. E eu tinha decidido há muito tempo, com uma espécie de masoquismo autopunitivo, que qualquer tipo de diversão era a última coisa que eu devia ter. Ou que merecia.

— Não estou a pensar em ir a nenhuma discoteca — tranquilizei o tumulto do Karl.

Foi então que limpei a jarra e coloquei o novo enchimento de espuma no interior antes de pressionar firmemente os caules dos crisântemos no devido lugar. Fazia sempre isto, mas nesse dia fi-lo com um esforço adicional. Não queria que as flores fossem levadas pelo vento. Precisava de as manter no sítio o máximo de tempo possível.

— Por isso, não sei quanto tempo vai demorar até que eu te venha ver. Mas não vou vender a nossa moradia nem nada disso. Na verdade, não tenho nenhum plano delineado. Vou só ver como corre. Uma mudança de cenário.

Uma lágrima formou-se nos meus olhos e o sol apareceu por detrás de uma nuvem, fazendo-me sentir o seu calor. Enxuguei a lágrima enquanto sorria para outra mulher, outra viúva, que limpava vigorosamente o mármore de uma lápide mais recente. Olhei para a relva, subitamente brilhante e luminosa. Quando se está de luto por alguém, vê-se a mensagem dessa pessoa em tudo. Até na luz do sol sobre um pedaço de relva. O mundo inteiro torna-se o seu tradutor.

E depois disse-lhe aquilo que sai sempre com tanta facilidade quando já é demasiado tarde.

— Amo-te, meu querido. Até logo. — E acrescentei, quase sem refletir: — Desculpa aquilo que fiz.

O rochedo alto

No avião para Ibiza, sentei-me à frente de uma fila de jovens que falavam entusiasticamente sobre discotecas. Parecia uma língua nova, mas meio familiar. Uma espécie de código.

— Então... Ushuaia amanhã, segunda-feira DC-10 para Circoloco, Amnesia na quarta-feira, Ushuaia e depois Hï na sexta-feira, Pacha no sábado...

Ocorreu-me que eu nunca tinha sido jovem. Mesmo aos 21 anos, teria achado aquele programa — dançar toda a noite, dormir em espreguiçadeiras todo o dia — extremamente cansativo.

Mas eram jovens adoráveis. Vestidos como o arco-íris e saltitantes como labradores. Tinham tentado calcular quanto é que os bilhetes lhes iam custar, e eu fiz as contas e disse-lhes, e eles arfaram coletivamente e repensaram os seus planos. Ficaram efusivamente agradecidos. Quando se é professor, vê-se sempre a criança que há dentro de cada um. Imaginamos como é que teriam sido na sala de aula. Especialmente aqueles que estavam apenas um passo à frente dessa infância.

O avião levava viajantes muito diversos.

Imediatamente à minha esquerda estava um belo espanhol de cabelo comprido, chinelos de enfiar no dedo, uma pena tatuada no antebraço e um ar *zen*, a tentar ler pacientemente. À minha direita, uma mulher de meia-idade, com um perfume agressivo e o colarinho virado para cima, falava para o outro lado da coxa com uma pessoa de olhos frios chamada Valerie, comparando os preços dos imóveis nas Baleares.

— Ibiza está pela hora da morte hoje em dia. *Pela hora da morte*. De repente, voltou a estar na berra. Boémia pretensiosa. Eu escolheria uma das outras ilhas. *Menorca*, e não *Maiorca*, esse é que é o lugar para investir. É o que diz o Hamish. O mercado está ótimo para comprar neste momento. Conheço uma pessoa que converteu uma *finca* lá e quadruplicou o seu valor. *Quadruplicou!*

Um trio de mulheres de 30 e poucos anos, sentadas à frente, ia a caminho de um retiro de agroturismo para uma semana de yoga e bem-estar, mas elas queriam ter a certeza de que visitavam um mercado *hippie* e viam o pôr do sol numa praia cujo nome esqueci mal acabaram de o dizer. Uma delas disse que estava decidida a não publicar nada no Instagram e a não olhar para o TikTok durante toda a semana.

Um miúdo adolescente falava num tom de voz doce com a mãe acerca de TikTokers, YouTubers, um *rapper* chamado 21 Savage e outros símbolos de um novo mundo que nessa altura eu nem sequer tinha esperança de entender. Ele tinha uma relação tão querida com a mãe. Tentei não pensar no Daniel e limitar-me a sentir-me feliz por eles. A mãe era muito jovial. Seguiam do outro lado da coxia, e bastou-me um único olhar de relance para conseguir vê-los com nitidez. Ela tinha o cabelo preto curto e uma t-shirt que dizia «Taylor Swift: The Eras Tour». A palavra «eras» entrou-me na cabeça e não quis sair. Pus-me a pensar em como poderia entrar numa nova era. Não apenas recuando através de fileiras de lápides num cemitério, mas na nossa própria existência. Pensei em como é necessário romper de forma distintiva com aquilo que já se passou. Em geologia, isso acontece muitas vezes depois de uma extinção, não é? A Era Mesozoica terminou com a morte massiva dos dinossauros provocada por um meteoro. Perguntei-me se estaria a dar início a uma nova era ou se estaria a levar demasiado comigo. É este o desafio da vida, não é? Seguir em frente sem aniquilar o que aconteceu antes. Saber a que é que devemos agarrar-nos e do que devemos libertar-nos sem nos destruímos. Tentar não ser o meteoro e o dinossauro em simultâneo.

No corredor da frente, perto da casa de banho, havia também um casal da minha idade que falava com vozes educadas e estudava atentamente um livro chamado *Passeios Secretos: Ibiza e Formentera*. Estavam a conversar sobre alguma coisa que tinham ouvido acerca da ilha no programa *Start the Week*, da Radio 4. Senti uma pontinha de tristeza. Que bom seria ter ainda alguém com quem partilhar passeios secretos... Eles pareciam tão chegados. Lembrei-me de um documentário agridoce sobre a Natureza que tinha visto uma vez, acerca dos castores eurasiáticos e de como, para garantirem que tinham casca de árvore suficiente para se manterem, acasalavam para toda a vida. E se um morresse cedo, o outro estava basicamente

lixado.

Gostava de poder apertar a mão do Karl.

As minhas pernas não eram um problema. Não tinha dores a sério, apenas um ligeiro inchaço nos tornozelos, mas já estava habituada a isso. Fiz os meus exercícios para a barriga das pernas e mexi um pouco os pés, um sapateado lento e invisível para pôr o sangue a circular. As minhas ancas começavam a doer no assento. Tentei não pensar nisso. As dores nas articulações eram como o luto. Quanto mais pensávamos nisso, mais nos doía, mas não conseguíamos *não* pensar nisso, exatamente porque estava a doer. Um círculo vicioso.

Senti o peso da minha própria quietude silenciosa, ali sentada, no meio de tanta vida e tanto barulho. Olhei para os anéis na minha mão esquerda. A aliança e o rubi do anel de noivado. Lembrei-me de quando ele me pediu em casamento pela segunda vez, na biblioteca, abrigados da chuva.

Eu tinha recusado o seu pedido na primeira tentativa, seis anos antes, num restaurante indiano em Hull, porque éramos demasiado jovens e alguém tinha de ser sensato.

Quando o piloto nos deu uma atualização sobre a nossa altitude, olhei atentamente para a pedra preciosa vermelha e para as memórias que ela continha. Depois, deixei-me disso, antes que me desse para a pieguice.

Por falar em gatilhos da memória, havia um bebé a ser passeado de um lado para o outro ao longo da coxa. A mãe beijava-lhe a cabeça e embalava o pequenote nos braços. Houve uma altura em que uma cena assim me teria magoado. Uma altura em que quis desistir do ensino simplesmente para não ter de lidar com tantas crianças, vivas, a irem para a escola em bicicletas que nunca chocavam contra camiões. Sorri para o bebé e tentei ser sincera. O bebé começou a chorar.

— Desculpe — murmurei eu à mãe.

Ela sorriu e anuiu com a cabeça, em sinal de compreensão.

Passou por mim um comissário de bordo assoleado, com um carrinho de bebidas, e eu pedi-lhe um *gin* tónico, o que era ligeiramente incaracterístico da minha parte, e provavelmente desaconselhável, dada a situação das minhas varizes. Não que eu estivesse propriamente a seguir as ordens da médica.

Eu devia manter-me de pé para ajudar a circulação, mas estava bastante constrangida, por isso fiquei sentada na maior parte do tempo, fazendo aqueles exercícios de forma sub-reptícia.

Sentiu-se alguma turbulência. Os jovens das discotecas pareceram gostar disso.

O bebé começou a chorar novamente.

Iniciámos a nossa descida.

Pela janela do avião, vislumbrei uma costa rochosa e colinas verdes escarpadas. Extensões de praias douradas. Uma paisagem cravejada de casas brancas e, aqui e ali, aglomerados de hotéis de média dimensão ou prédios de apartamentos. Vi um ilhéu no Mediterrâneo. Um rochedo vertiginoso e desabitado que, dali a pouco tempo, viria a descobrir que se chamava Es Vedrà. Já naquela altura, à distância do avião, antes de tudo o que estava para acontecer, ele me provocou uma sensação de pavor e admiração ao mesmo tempo. Se eu estivesse mais em sintonia com esse sentimento, provavelmente nunca teria saído do aeroporto e teria apanhado o primeiro avião para casa. Mas, naquela altura, os meus sentidos estavam embotados e eu não fazia a mínima ideia do que me esperava.

Por fim, aterrámos.

Enquanto toda a gente se levantava e tirava entusiasticamente as bagagens de mão dos compartimentos superiores, prestes a partir para os seus destinos conhecidos, deixei-me ficar sentada e quieta por alguns instantes. Respirei de forma lenta e profunda, permanecendo ali. Como se uma parte de mim ainda estivesse nas nuvens e precisasse de esperar que ela me alcançasse.

Quando se desloca um número de um lado para o outro numa equação, a isso chama-se, naturalmente, transposição. Eu sentia-me como um desses números. Como se, ao invés de ter apanhado um voo curto para outra parte da Europa, tivesse sido transposta. Como se tivesse *atravessado* algo invisível e agora, de alguma forma, estivesse a ser reordenada. Reavaliada. E haveria uma permutação de elementos. Tinha uma sensação vaga, mas não totalmente nova, de que havia perturbado a ordem das coisas.

O aeroporto era impressionante. Era elegante e luminoso, e brilhava com uma limpeza eficaz. Conforme me aproximava da saída, passando por uma fila de quiosques de aluguer de automóveis, reparei em duas mulheres a despedirem-se uma da outra. Tinham cerca de 30 anos, diria eu. Uma, de costas para mim, tinha cabelo louro. A outra tinha óculos, cabelo rebelde e selvagem, calções de ganga e uma t-shirt. Reparei na t-shirt porque tinha uma fotografia de Einstein. Aquela em que ele deita a língua de fora. Ela parecia triste. Estavam apaixonadas, mas a de cabelo louro ia para um lugar para onde a outra não ia. Passei por elas lentamente.

A mulher de cabelo escuro viu-me a olhar para ela. Sorriu, instintivamente, em vez de ficar ofendida com a minha intromissão. Foi um sorriso amável. Pôs-me ligeiramente à vontade, naquele aeroporto movimentado. Mas eu não fazia ideia de que, dali a pouco tempo, iria travar conhecimento com aquela jovem, nem de que iríamos acabar por nos tornar amigas. E penso muitas vezes no momento em que a vi, logo depois de aterrar. Que estranho que aquilo

foi. Como fazia parte de um padrão que, ainda agora, só consigo vislumbrar.

Saí para a rua e o ar atingiu-me como uma fornalha.

Olhei em redor, tentando orientar-me. O edifício tinha um enorme letreiro no exterior, em letras grandes e elegantes a dizer *Eivissa*. Estava em catalão. Ibiza é uma ilha espanhola, onde se fala espanhol, mas a língua oficial é o catalão.

Eivissa. Era um bom nome. Soava a promessa. Suponho que estava prestes a descobrir de que tipo.

Apercebi-me de como estava louca. *O que estava eu a fazer?* Não conhecia absolutamente ninguém na ilha. Há anos que não ia ao estrangeiro. Não falava espanhol, só sabia dizer *muchas gracias, por favor e patatas bravas*. E, no entanto, ali estava eu. Sem dúvida, ali. Sem dúvida, transposta.

No estrangeiro. Sozinha. E já com algum medo.

Começa por A

Tinha uma malinha de tecido axadrezado, uma morada e um envelope com uma chave lá dentro. Só isso. Era tudo. Um mundo condensado.

— Para que hotel? — perguntou-me o taxista, sorrindo, enquanto colocava a minha mala na bagageira do carro branco reluzente, com toda uma fila de veículos idênticos alinhados atrás de si. O *aftershave* dele fazia lembrar uma clareira na floresta e ele estava impressionantemente bem arranjado. Barba bem aparada. Óculos de sol. Tinha tanto de Fórmula 1 como de praça de táxis. Forte. Braços que conseguiriam defrontar um boi. Fez deslizar os óculos para o cimo da cabeça e estabeleceu contacto visual. Tinha um inglês muito bom, embora com muito sotaque. Sou péssima por julgar as pessoas pelo rosto, mas ele tinha um rosto honesto e um sorriso de menino da mamã. Gostei dele. Ainda assim, estava a sentir-me muito no estrangeiro. O calor latejante, as placas em espanhol e catalão, o céu exoticamente azul, as matrículas, a arquitetura moderna do aeroporto em tons de caramelo. Pus-me a olhar para as palmeiras vertiginosas como um bebé olharia para desconhecidos altos. Encalhada. Confusa. Não tinha a mínima ideia do que estava a fazer. O destino mais longínquo para onde tinha viajado nos últimos quatro anos fora o Tesco de Canwick Road, por isso, estar numa praça de táxis, no meio de multidões frenéticas e bagagens a rolar, junto a estas palmeiras gigantes, fez-me sentir uma exploradora. Uma versão feminina do Dom Quixote vestida com roupa da Marks & Spencer.

— Boa tarde. *Hola*. Ah, não é um hotel. É uma casa... *casa...*

casa... casa... — repeti eu, em espanhol.

Eu tinha aquele péssimo hábito inglês de acreditar que a única barreira à compreensão linguística era não repetir as coisas vezes suficientes. Entreguei-lhe a morada. Ele ficou a olhar para ela como se fosse difícil. Ou como se tivesse ficado ligeiramente perturbado. Disse-lhe qual era a estrada, apesar de ele a conseguir ler.

— Carretera Santa Eulalia. — Eu estava claramente a pronunciar mal, mas ele foi educado. Ou, pelo menos, ignorou-o por completo.

Ele não parava de olhar para o papel. Para o que estava lá escrito. Um olhar de preocupação persistia em assombrar-lhe o rosto.

— A minha letra é terrível — disse eu, em tom de desculpa. Mas não era isso.

— Eu conheço este lugar... — disse ele, baixinho e sem quaisquer vestígios do sorriso. — Já lá estive...

— Oh. Esteve?

Ele anuiu com a cabeça e olhou para o taxista seguinte na fila. Um homem mais velho, mais careca, encostado ao veículo enquanto fumava um cigarro, lançando-nos um olhar de frustração que nos incitava a despacharmo-nos. Por isso, entrámos no veículo.

— Está tudo bem? — perguntei.

Houve um momento de silêncio. Depois, arrancou com o carro e pareceu sair daquele pasmo.

— *Sí*. Acho que sim. Aquela casa... É aquela que fica pouco depois da pista de *karting*, não é?

— Na verdade, não sei. Nunca cá estive.

— Vem visitar a família?

Família. Uma palavra tão amigável, mas tão dolorosa.

— Não, não. Não venho visitar ninguém. Só vim para ficar na casa. Eu conhecia a senhora que lá morava.

Ele parecia ter qualquer coisa a dizer sobre isso. Mas decidiu que era melhor não o fazer.

Enquanto seguíamos, passámos por palmeiras, tabernas à beira da estrada e cartazes gigantescos debotados pelo sol a anunciar discotecas, e por um galo que se deslocava despreocupadamente pela estrada principal. Dois velhotes riam-se enquanto jogavam xadrez debaixo daquele calor, à porta de um bar muito simples, com uma máquina de venda automática antiga e gasta que anunciava *Fanta Limón*. Passámos por dois ou três centros de jardinagem de excelente qualidade, com inúmeros vasos com catos e oliveiras nos pátios sob uma luz ofuscante.

O motorista tinha a janela ligeiramente aberta. Senti o aroma a zimbro e pinheiro, mas também a citrinos, ainda que mais ténue. Um doce perfume mediterrânico.

A ilha era mais verde do que eu esperava. Não sei porquê, mas

imaginara-a mais árida do que luxuriante, e era certamente quente e seca, com edifícios cujo branco nos ofuscava quando o sol se refletia neles, mas, à medida que nos afastávamos do aeroporto, fui contemplando colinas densas cobertas de pinheiros. Afastadas da estrada, situadas entre essas árvores, havia moradias lindíssimas. Uma delas estava mais próxima. Aglomerados de buganvílias cor-de-rosa e magenta transbordavam dos muros numa orgulhosa ostentação de beleza. Observei o tronco retorcido de uma alfarrobeira.

— Conheço essa casa... — disse o motorista outra vez. Mas desta feita parecia mais próximo daquilo que me queria ter dito antes. — Fica isolada na estrada. Dantes, iam lá pessoas. Iam lá muito.

— Pessoas?

— Sim. Pessoas.

— Ah. Que tipo de pessoas?

— Todo o tipo de gente. Havia um homem de barba, que andava só em calções de banho. Era velhote, com barba. Era mergulhador... Mergulho submarino, está a ver?

— Ele conhecia-a?

— Acho que sim. Levei-o lá duas vezes. Da última vez, ia uma mulher com ele. Uma mulher muito mais nova.

— Eram amigos dela?

— Não sei. Ela devia ter muitos amigos. Chegaram a vir famílias inteiras para a ver. E também turistas. Ingleses, alemães, espanhóis. Um homem rico que apanhei no restaurante perto do Hard Rock Hotel. Tinha ido lá comer. Disse-me qual era o restaurante. É o restaurante mais caro do mundo. Sabia? O restaurante mais caro do mundo fica aqui mesmo em Ibiza. Não é em Paris. Nem em Nova Iorque. Nem no Dubai. Fica aqui. — O motorista disse isto com uma estranha mescla de orgulho e desprezo. — Ele é dono de hotéis... Não me lembro do nome dele... Começa por A... Mais recentemente, houve uma mulher que estava a chorar.

— A chorar?

— Perguntei-lhe se estava bem e ela disse-me que iria saber em breve, depois fazer a visita. Mas isso até nem foi a coisa mais estranha.

— O que é que foi?

— Uma noite, vi qualquer coisa... mesmo louca lá.

— Louca?

Ele anuiu com a cabeça para o retrovisor.

— Sim. Uma luz. Uma luz forte. Vinha da casa. Das janelas... Eu ia a passar de carro... A luz... como se diz? Quase me fez deixar de ver. Quase saí da estrada...

Eu ia responder, mas depois o seu rádio bidirecional ligou-se e alguém lhe perguntou qualquer coisa em espanhol, ao que ele respondeu sem que eu percebesse uma única palavra.

Claramente, não se tratava de uma ilha deserta, nem de uma ilha abandonada, mas eu já estava a ver que era um lugar sedutor, apesar dos meus preconceitos. Havia qualquer coisa no ar. Perguntei a mim mesma como seria a casa da Christina. A minha casa, quero eu dizer, embora seja difícil sentirmo-nos donos de uma coisa que nunca vimos. É uma coisa que sentimos que não merecemos. Como se nos tivessem dado um prémio por engano.

Porém, sentia qualquer coisa. Algo fugaz, mas agradável. O que era invulgar. Trouxe-me de volta uma ligeira sensação, a mesma que costumava ter durante as viagens que fazia em nova. É uma sensação tola, mas vou partilhá-la consigo para o caso de também já a ter tido. A sensação é a de que *o mundo inteiro está a acontecer*. É algo que eleva ao quadrado — não, ao cubo — não, à quarta potência — o *agora*. O que quero dizer é: viajar transforma a experiência num *tesseracto*. Fá-la explodir para a quarta dimensão. E torna-se vertiginoso perceber quantos «agoras» estão a acontecer em simultâneo. Pensar em quantos taxistas em todos os continentes estão a falar pelos seus rádios neste momento. Quantas pessoas estão a dar à luz. Ou a comer uma sanduíche. Ou a escrever um poema. Ou a segurar na mão de alguém que amam. Ou a olhar pela janela. Ou a falar com os mortos.

— Mencionou uma luz — disse eu. A minha voz estava fraca e distraída porque, nesse preciso momento, passávamos por uma loja chamada Sal de Ibiza, sozinha na estrada. Estava pintada num bonito tom turquesa. Mas depois alguma coisa transtornou a minha tranquilidade. Senti uma intensificação sensorial, como um animal que se apercebe repentinamente de que pode ser comido. No chão poeirento do lado de fora estava uma bicicleta vermelha caída. Um dos principais problemas do mundo era a existência contínua de bicicletas vermelhas. Seja como for, fiz o que sempre fazia quando via alguma, ou quando via qualquer outra coisa que me fizesse lembrar do Daniel de uma forma tão intensa: virei-me para a Matemática. Uma placa informava *Santa Eulália 3, Sant Joan 21, Portinatx 25*. Então, na minha cabeça, calculei percentagens: 25% de 3 é 0,75; 3% de 21 é 0,63; 21% de 25 é 5,25. Algumas pessoas respiravam fundo. Aquelas três mulheres no avião faziam yoga. Mas eu tinha a Matemática. Ajudava a distrair-me. Ajudava-me a esquecer, por breves instantes, que havia coisas que não podiam ser decompostas ou subtraídas.

Sal

O motorista viu-me a olhar para a bicicleta e pensou que eu estava interessada na loja. Parecia estar a tentar compensar o comportamento estranho que tinha tido ao ler a morada.

— Ibiza é uma ilha de sal. O sal é recolhido em Ses Salines. São as... sabe, as... — Ele fez o gesto para representar algo grande e plano enquanto procurava a palavra em inglês.

— Salinas? — sugeri.

— Sim. As salinas. São lindas. Tem de ir vê-las. Principalmente quando lá estiverem as aves cor-de-rosa.

— Os flamingos?

— Sim. Sim. Tem de os ver. O meu pai era salineiro, e o pai dele era salineiro, e o pai do pai dele era salineiro, e o pai do pai do pai dele era salineiro... — Eu já estava a perceber. — Sabe, *señora*, Ibiza foi invadida por muitos povos diferentes ao longo da sua História... mas o sal nunca deixou de ser o melhor do mundo. Éramos nós que salgávamos o peixe que os imperadores comiam.

Mais tarde, eu viria a descobrir que os taxistas de Ibiza acumulavam muitas vezes as funções de guias turísticos e historiadores.

— E agora estão a ser invadidos por turistas — disse eu, retomando a calma depois da agitação induzida pela bicicleta.

— Sim — riu-se ele. — Por esses também. A pior das invasões. Primeiro, os *hippies*, depois os das *raves*, depois as celebridades e os *hippies* mais uma vez. De todo o lado. Não só de Inglaterra. Alemanha, França, Holanda, Itália, Portugal, Suécia, mas agora também temos os

americanos e todos os outros... Brasileiros, argentinos... Não, na verdade, é uma invasão feliz. Pertencemos todos à mesma espécie, não é? — O seu sorriso era largo e genuíno. — Ibiza é o sítio ideal para nos lembramos disso. Todos os lugares, todas as idades, todas as pessoas. É bom. Tirando os campos de golfe. Não gostamos de campos de golfe por aqui. Temos um, mas é só. Um já chega.

— Campos de golfe? — Pensei no Karl. Ele não gostava de golfe.

— *En serio!* Aqui as pessoas saem às ruas, se alguém quiser fazer um campo de golfe! Bares de praia, sim; clubes de golfe, não! Gostamos de música, gostamos do mar, gostamos de boa comida e gostamos da Natureza. Dos campos de golfe, nem por isso. — E então o carro virou à esquerda e a conversa mudou de rumo. — Também temos extraterrestres. É o que dizem algumas pessoas. Há muita... gente maluca nesta ilha.

— Não me hei de esquecer. Vou esforçar-me ao máximo para não abrir um campo de golfe — disse eu, com seriedade. — E vou ter cuidado com os ET.

Ele riu-se e até deu uma palmadinha de agradecimento no volante.

— Sim. Muito bem! Golfe! Não! Extraterrestres! Sim!

Sorri no banco de trás e olhei pela janela, mas depois os meus pensamentos tornaram-se um pouco mais sombrios.

Gostamos do mar.

Olhei para o motorista de táxi como se ele fosse um borrão de Rorschach que ainda não se revelara por completo. Ele deixou-se ficar calado durante algum tempo. Franziu o sobrolho, pensativo. E depois lá desembuchou.

— Eu sei que ela morreu — começou ele. — Li sobre isso. Christina van der Berg. — Pronunciou o nome com cuidado. Como se fosse de porcelana. — Vi no *Diario*. O jornal daqui. O *Diario de Ibiza*.

— Dizia lá como é que ela morreu?

— Estava a fazer mergulho, acho eu. — Vi o olhar dele no retrovisor. Lembro-me de que fez a pergunta seguinte de um modo muito hesitante.

— A senhora era amiga dela?

— Não — respondi, por algum motivo. Depois, corrigi: — Sim. Quero dizer, há *muito* tempo. Éramos amigas e eu vim tomar conta da casa. — Não sei porque é que o disse assim. *Tomar conta*. Se calhar, de repente, senti-me constrangida pela estranheza de estar a receber uma casa de alguém que mal conhecia. — Ela veio para cá há alguns anos para ser cantora, mas não sei se era isso que ainda fazia. Ela era muito talentosa. Tinha um dom.

A preocupação regressou ao rosto dele.

— Um dom?

Sim!

Ele engoliu em seco como se tragasse um comprimido.

— Há coisas nesta ilha — comentou ele. — Coisas que a maioria das pessoas não chega a ver. Coisas que não são facilmente... explicáveis...

Eu não fazia a mínima ideia do que ele estava a falar. Quando era criança, fui uma vez de férias à Ilha de Wight e fiz amizade com uma mulher estranha numa loja de doces em Yarmouth que acreditava ter sido uma sereia. Talvez fosse uma coisa das ilhas. Talvez deixassem as pessoas doidas.

Desolação

Estávamos a parar o carro. Tínhamos chegado. Era um lugar desolado, sem nada à volta a não ser o trânsito.

A única fotografia que tinha visto era do exterior, reimpressa numa carta, e, tal como os meus olhos, não era de muito boa qualidade. Apenas um céu azul rigoroso e paredes brancas. Eu tinha imaginado uma casa de campo numa aldeia na encosta.

Porém, chegámos a um lugar completamente diferente, e senti de imediato que estava a cometer um erro.

Não quero parecer ingrata, mas era, muito possivelmente, a casa menos atraente de toda a ilha de Ibiza. Não havia nem uma buganvília à vista. Nem qualquer encanto. Fazia com que a moradia de Lincoln, por comparação, parecesse uma mansão de Hollywood Hills. Talvez tivesse sido por isso que ela não a deixara a nenhum dos seus verdadeiros amigos. *Não a queriam.*

Era uma pequena caixa branca, implantada naquele lugar sem qualquer razão aparente. Um único piso. Janelas minúsculas. Erguia-se sobre a areia da estrada e o alcatrão descolorado, com a tinta a descascar como crostas. Manchas de cimento acastanhado sarapintavam tudo. Havia vidro partido dos despojos de uma garrafa de cerveja e restos aleatórios de lixo espalhados pelo alcatrão. Ficava a uma curta distância a pé de nenhures.

Para piorar a situação, do outro lado da rua um cartaz anunciava um hotel de luxo. Uma fotografia aérea de piscinas e edifícios impressionantes situados no topo de uma falésia. *Já abriu! O mais recente hotel Eighth Wonder Spa Resort, Cala Llonga, Ibiza. Visualize os*

seus sonhos e torne-os realidade.

— É isto? — perguntei-lhe, enquanto lhe entregava vinte euros, olhando para a pequena casa decrepita.

— É aqui mesmo. — Ele ofereceu-me um tímido sorriso cortês. — Tive muito gosto em conhecê-la — disse ele. Exibia uma expressão a que nos vamos habituando com a idade. De preocupação. — Chamo-me Pau. Como Paul. Mas sem o l.

— Eu sou a Grace — disse eu, abrindo a porta do carro. — Também sem l. Como é que se diz «Prazer em conhecê-lo» em espanhol?

— *Mucho gusto.*

Anuí, enquanto ele tirava a minha mala da bagageira.

— Muito bem. *Mucho gusto.*

— E *buena suerte* é boa sorte.

— Oh. Não tinha perguntado essa.

Ele assentiu com a cabeça.

— Eu sei. Mas pode vir a fazer-lhe falta...

Antes que eu tivesse tempo para perguntar porquê, ele já estava novamente dentro do táxi.

Depois, esperou por uma brecha no trânsito, fez inversão de marcha e afastou-se a toda a velocidade.

As fotografias na parede

E ali estava eu, sobre o asfalto, ao sol. Os meus pés inchados estavam desesperados por se libertarem dos sapatos. Gostava de ter calçado as minhas sandálias mais práticas, mas tinham-me parecido demasiado bizarras esta manhã, quando acordei em Lincoln.

Enfim, paciência.

O ruído do trânsito competia com o das cigarras, enquanto eu a fitava.

A casa.

A caixa branca delapidada. Em vez de uma porta de entrada, um portão de metal azul ao lado do edifício conduzia a um troço improvisado de gravilha e plantas enfezadas. Havia um carro velho e escafiado — um *Fiat Panda* — estacionado no exterior.

— Certo — disse eu, para ninguém. Uma característica do meu processo de envelhecimento era o facto de cada vez mais agir como se estivesse num palco, lançando comentários murmurados a um público que não estava a ouvir. Que nem sequer ali estava.

Transpus o portão. Sentia o coração a bater. Sentia formigueiros nas pernas. Perguntei-me se seria por causa da operação às varizes ou do medo. Procurei a chave da porta. Deixei-a cair. Os meus joelhos, a estalar, não me agradeceram quando me agachei. (Aproveite a capacidade de se agachar sem esforço, Maurice. É um dos muitos benefícios da juventude.)

Por alguns instantes, olhando para a chave rodeada de gravilha e a reluzir à luz do sol, senti-me tão estúpida por ter vindo para aqui, que desejei ser engolida pelo Universo. Ser atropelada por um carro e

deixar que o meu cadáver alimentasse um cão selvagem.

Ouvi a voz da minha mãe a ecoar ao longo de décadas. *Olha para ti. A Grace Que-Não-Serve-Para-Nada.*

Ridícula, disse a mim própria. *Vê lá se atinas.*

Agarrei na chave e levantei-me, com o corpo cheio de rangidos e estalidos silenciosos.

Havia um pequeno e triste retalho de jardim. Um terreno baldio de ervas daninhas, terra seca e tufos pequeninos de relva. Nunca tinha visto nada tão negligenciado.

O interior da casa era apenas ligeiramente melhor.

O tema da decoração era o castanho desgastado. Cheirava a mofo. E o ar era denso e viciado. Consegui ver o pó a pairar, a reluzir como uma galáxia minúscula. Um pensamento macabro apoderou-se de mim. Perguntei-me se haveria pele morta por entre o pó. Perguntei-me se estaria a inalar o corpo dela.

Havia um corredor, onde deixei a mala e os sapatos. Os meus pés inchados suspiraram de alívio por saírem de dentro dos mocassins. Em seguida, a sala de estar com o seu sofá, uma manta *hippie* e um tapete que precisava de ser limpo. Uma grande ventoinha estava visivelmente entupida de pó e os ladrilhos do chão precisavam de uma esfregona. Andei de um lado para o outro, ainda assustada e quase à espera de dar de caras com o cadáver dela. Senti-me como se estivesse a invadir uma propriedade. Havia algo de privado e íntimo naquele espaço, pelo que estar ali era invadir memórias que nunca conheci. Eu era uma intrusa, dentro de uma oferta que mais parecia uma maldição.

Nas paredes havia fotografias emolduradas. Uma galeria da vida da Christina.

Uma fotografia dela numa praia, com os longos cabelos escuros ao sabor da brisa e um homem de cabelos igualmente compridos, com olhos brilhantes e um *Mini Moke* de praia ao fundo.

Uma de uma menina com um sorriso nervoso, a segurar um ursinho de peluche.

Uma dela e da mesma menina, e com o mesmo homem.

Uma dela com um microfone na mão, a entreter o público num hotel.

Uma dela ao lado de alguém que parecia ser o Freddie Mercury numa festa dos anos oitenta.

Uma dela em equipamento de mergulho, com um homem diferente. Um homem com uma barba mais hirsuta do que o primeiro. Ele parecia feito para o mar. Um Poseidon mais baixo em elastano mal ajustado. Pareciam mais amigos do que um casal.

Uma dela numa espécie de festival local, a dançar com um traje fora de moda.

Em todas as fotografias, ela parecia mais feliz do que alguma vez a vira como professora. Mas pareciam ter sido tiradas havia bastantes anos. Não vi nada recente.

— Porque é que estou aqui? — perguntei àquela audiência imaginária. Olhei para a menina e para o seu ursinho de peluche roxo. Seria a filha dela? Porque é que não lhe deixara a casa a ela? Ou a outra das pessoas naquelas fotografias. — Porquê a mim?

Mas não obtive respostas. Em vez disso, apenas silêncio. E preocupação. E humidade. E muito pó.

O frasco de azeitonas

Dei uma volta pela casa. Andava à procura de respostas, mas não encontrava nenhuma.

No quarto, em cima da cómoda, vi um vaso com uma planta seca e provavelmente morta, tombada e castanha. Um lírio-da-paz, penso eu. Reparei na cama. Estava com bom aspeto. Tinha lençóis novos e limpos. Depois voltei à sala de estar e vi uma aparelhagem antiga dos anos oitenta e fileiras de cassetes.

E uns quantos livros.

Penso sempre que a forma mais rápida de compreender alguém é olhar para o que tem nas estantes. Sobretudo se forem estantes honestas, não do tipo ornamental. E ali não havia nada de extravagante ou ornamental.

Havia uma variedade de livros, alguns em prateleiras, outros no chão, perto das estantes. Uns em inglês, outros em espanhol e um ou dois em grego. Dos que eram em inglês, havia traduções de *Siddhartha*, de Hermann Hesse, e um exemplar do *Tao Te Ching*.

Um guia da flora e da fauna das Ilhas Baleares. Dois ou três da Agatha Christie.

Ela tinha lá um clássico que eu tinha lido e adorado quando era jovem. *O Conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas. (Alguma vez leu *O Conde de Monte Cristo*? Devia mesmo ler. É o melhor livro que alguma vez li. É sobre vingança e perdão, e inclui uma fuga da prisão. Sempre gostei de uma boa fuga da prisão. Quando era adolescente, li todos os livros do Dumas, bem como *Frankenstein* e *As Aventuras de Sherlock Holmes*. Sabe como é. *Histórias* como deve ser). Também lá

estava *Zorba, o Grego*, não em grego, e os poemas do Cavafy, esses, sim, em grego. Em espanhol, tinha mais poemas (Pablo Neruda), um livro de Carlos Ruiz Zafón e outro, bastante manuseado, de Isabel Allende.

E foi então que vi um livro estranhamente deslocado sobre clarividência, chamado *O Guia Definitivo do Poder Psíquico: Volume 8*. O título fez-me soltar uma gargalhada estranha. *Professores de Música*, pensei com os meus botões.

Reparei num outro livro que também se destacava. Era mais um em espanhol. *La Vida Imposible*, de Alberto Ribas. *A Vida Impossível*. Tinha uma capa rudimentar. Uma ilustração tosca do mar e de um ilhéu rochoso. A vista de uma praia. Da água emanavam linhas, como se estivesse a brilhar. Na contracapa havia uma fotografia do autor. Um homem com a pele curtida pelo sol, com uma barba hirsuta, que envergava uma t-shirt com o desenho de um polvo. Tinha um grande sorriso e um dente a menos. Parecia um pirata idoso.

Tive a estranha sensação de já o ter visto. E era porque já o tinha *mesmo* visto. Cerca de um minuto antes, na verdade, a olhar especado da sua posição na parede.

A fotografia da Christina com o homem de barba hirsuta e um grande sorriso. Ela conhecia aquele homem. Voltei lá para ver melhor. Era ele, sem dúvida. Fiquei a olhar para as fotografias durante mais algum tempo. Vi que numa delas ela estava a usar o fio de São Cristóvão que eu lhe tinha dado em 1979. Também o tinha nas outras fotografias. Até na festa em que conheceu o Freddie Mercury.

Sentia-se um cheiro ligeiramente bafiento. Não propriamente fétido, mas longe de ser agradável. E perfume. Muito ténue. O fantasma da Christina no ar.

O meu estômago roncou. Fui à pequena cozinha e abri o frigorífico, mas não havia lá nada, exceto um pacote de gaspacho fora de prazo. No armário, algumas bolachas. Havia também, estranhamente, um frasco de azeitonas, sem as azeitonas. Era um recipiente normal de tamanho modesto — ligeiramente mais estreito do que um frasco de compota normal —, mas estava cheio de água. Eu sabia que era um frasco de azeitonas porque tinha uma ilustração de azeitonas verdes recheadas com pimento verde no rótulo, juntamente com as palavras «Olivos del Sur». Desenrosquei a tampa, abri-o e cheirei. Tinha um aroma a salmoura, ligeiramente sulfuroso, mas não era o tipo de salmoura que normalmente se encontra num frasco de azeitonas. Aquela água tinha muito que se lhe dissesse. Tinha um aspeto complexo e instável. Talvez contivesse algumas algas. Não sabia, embora não me parecesse ser água do mar normal. Ainda assim, estava bastante certa de que não me serviria de nada, por isso fui até à porta da rua, despejei a água num bocado de terra ressequida e, ao

voltar para dentro, reparei noutra coisa.

Um postal numa pequena prateleira no corredor.

O postal tinha um desenho de pétalas de flores que formavam as palavras *MUCHAS GRACIAS*.

Dele caiu uma carta. *Ora aí está*, pensei para comigo. Talvez isto me revelasse tudo.

Querida Grace,

Se estás a ler isto, então tomaste a decisão certa. Esta casa não é grande coisa, mas é tudo o que tenho.

Queria agradecer-te. A tua bondade, há tantos anos, salvou-me a vida. Sei que parece melodramático, mas acho sinceramente que não teria sobrevivido àquele Natal. Estava a bater no fundo. A tua sugestão de vir para Ibiza ajudou a libertar-me. E agora é a minha vez de te ajudar a explorar qualquer potencial não vivido que tenhas dentro de ti. Sei que para ti não vai fazer sentido o motivo pelo qual escolhi deixar-te esta casa a ti e não a qualquer outra pessoa que conhecesse. Mas tens de confiar em mim, porque se eu te explicasse como é que sei que és a pessoa certa, pensarias que estou louca. Além do mais, acabarás por descobrir, no momento certo, porque é que tinhas de vir para cá. Mas, por ora, dir-te-ei apenas que és uma pessoa muito rara e que sinto que, aqui, vais encontrar paz.

Sei que já não me resta muito tempo. Não tenho medo. Eu sei que isto não é o fim. E sinto que estou a caminho de um lugar melhor.

Adorei viver aqui. Nunca me teria mudado para esta ilha maravilhosa se não fosses tu. Aquela conversa que tivemos no teu sofá, a ver o Top of the Pops, há tantos anos, conduziu-nos a este preciso momento. Nunca me tornei a vocalista dos Blondie. E certamente nunca me tornei rica, no sentido convencional, como podes ver por esta casa modesta. Mas tive uma vida rica, e descobri coisas com as quais nunca poderia ter sonhado.

As pessoas vão dizer-te que se trata de uma ilha mágica. E hás de ouvir também alguns contos e mitos estranhos. Nem todos serão verdadeiros. Mas há mais na vida do que aquilo que conhecemos. E há mais nas nossas mentes do que aquilo de que nos apercebemos.

Quer uses esta casa para férias ou para viver, tenta ir conhecer todos os sítios bonitos. Deixo-te as minhas sugestões:

Perde-te nas ruelas estreitas de Dalt Vila — a antiga cidadela da cidade de Ibiza, empoleirada no cimo de uma colina, por detrás de muralhas fortificadas.

Faz uma caminhada desde a Cala San Vicente, pelo antigo caminho dos peregrinos, até à Gruta de Tanit.

Vai ver os cavalos no santuário de Es Murta.

Segue para norte e rodeia-te de pinheiros.

Observa os flamingos em Ses Salines.

Visita o mercado hippie de Las Dalias — o mercado de dia, não o da noite, quando se transforma numa rave — e cumprimenta a minha amiga Sabine.

Apanha o barco para Formentera e vai ver o farol.

Bebe um shot de Hierbas Ibicencas num bar de uma aldeia no cimo de uma colina.

Vai ver os bateristas na praia de Benirrás ao pôr do sol.

Faz as compras na mercearia de Santa Gertrudis. São muito simpáticos lá.

Vai de carro até à antiga fonte de pedra conhecida como Font de Peralta e assiste a um «baile camponês» tradicional de Ibiza — ball pagès —, cheio de gente vestida com roupas garridas que salta e rodopia ao som de castanholas.

Vai dançar. Pelo menos uma vez. A idade aqui não faz qualquer diferença.

Diverte-te.

Ah, e o mais importante de tudo: vai à Atlantis Scuba, em Cala d'Hort. Diz ao Alberto que fui eu que te mandei lá. Ele não te vai cobrar nada. Vai ver o prado subaquático. É o organismo vivo mais antigo da Terra.

E, por favor, quando lá estiveres, mantém a mente aberta. Qualquer mudança que ocorra será para melhor. Confia em mim.

A tua querida e há muito perdida amiga,

Christina

Beijinhos

P. S.: O Fiat Panda branco estacionado ao lado da estrada também é teu. As chaves estão na gaveta da cozinha.

Satisfação

Era uma carta encantadora. Qualquer carta que nos dê um carro no *postscript* tem as suas vantagens. Mas tenho de admitir que me deixou exausta. E perturbada. E ainda mais confusa do que já estava.

Já não me resta muito tempo...

Bem, isso dava resposta a uma questão, apercebi-me, com o coração a bater com força.

Ela *sabia* que ia morrer. Mas não referiu nenhuma doença, nem deu qualquer outra razão, e a carta parecia tudo menos uma nota de suicídio.

Em tempos, alguém me disse que a maneira de morrermos felizes é morrermos completos. Vivermos como se estivéssemos a comer uma refeição deliciosa. Devorarmos e saborearmos cada prato, de modo que, ao terminarmos, estejamos cheios, depois de termos desfrutado de cada pedacinho, mas não estejamos demasiado tristes por não haver mais. Parece que a Christina, a seguir a uma entrada medíocre, pode ter tido um prato principal e uma sobremesa satisfatórios, deixando este planeta saciada.

Voltei a ler as suas recomendações. Senti que, de alguma forma, eram mais do que recomendações. Senti que eram marcos que indicavam algo que eu ainda não era capaz de compreender. Por isso, apesar de não estar com disposição para ser uma verdadeira turista, pensei em levar a sério o que ela me dizia — ou dava a entender — na carta. Reli os seus conselhos.

Grande parte da lista teria de ser descartada de imediato. Por exemplo, jamais, em tempo algum, eu iria fazer mergulho. Quase de

certeza que não seria aconselhável começar aos 72 anos. E mesmo tendo umas pernas novas, duvidava muito que voltasse a dançar. Afinal de contas, não dançava desde 1992.

Qual prado subaquático, qual quê? Sentia-me como se fosse *eu* o organismo vivo mais antigo da Terra.

A única parte que realmente se destacava era a que dizia respeito a *manter a mente aberta*.

Suponho que fosse uma coisa normal de se dizer. Sobretudo depois da menção ao mergulho. Mas isso e a referência à veracidade de alguns dos estranhos relatos, bem como os livros cósmicos espalhados por todo o lado, fizeram-me pensar se a Christina teria andado a consumir demasiadas drogas e se tivesse metido nalguma tanga mística. Lembro-me perfeitamente de que ela ligava muito aos signos.

Eu estava a julgá-la. Era um mau hábito que tinha adquirido, depois de ter ficado demasiado tempo sozinha a apodrecer na minha moradia.

Acalmei-me, fui para o quarto e desfiz a mala. O roupeiro, tal como o resto da casa, encontrava-se em mau estado. A madeira estava toda riscada.

A primeira coisa que tirei da mala foi um roupão. Diria que ocupava cerca de vinte e oito por cento de toda a mala. Pertencera ao Karl. Não o podia deixar para trás nem desfazer-me dele. Precisava dele, mesmo no calor do Mediterrâneo. Depois de ele ter morrido, esfreguei muitas vezes a cara no roupão. E usá-lo era a coisa mais parecida a um abraço do Karl. Ridículo, eu sei, mas tudo se torna ridículo a partir de uma certa altura da vida. Também levei comigo o desenho de um azulino feito pelo Daniel. O que ele desenhara pelo Dia da Mãe. Há anos que o tínhamos numa moldura e eu quis levar uma coisa dele comigo.

Há um conforto no ato de desfazer as malas, Maurice. Recomendo que, sempre que chegue a um novo sítio, desfaça as malas com muito cuidado. Transmite uma sensação de ordem e ritual ao que é novo. E foi por isso que separei as minhas roupas com tanto cuidado como se estivesse a conduzir uma cerimónia de chá para um imperador Ming. Não sei porque é que me surpreendeu ver as roupas da Christina no roupeiro. Talvez achasse que alguém já as tivesse levado.

Eram coloridas e luminosas, daquelas coisas que saíam a voar dos cabides na loja de caridade quando os estudantes lá entravam. Era triste ver aqueles trajes caleidoscópicos encostados uns aos outros, uma concertina de fantasmas coloridos. Um espetro de personalidades que nunca conheci. E foi depois de ter pendurado todas as minhas roupas lá dentro, que me apercebi de como eram monótonas. Todos os suaves tons cremes, corais e lilases ao lado dos índigos e amarelos dela. Parecia errado ter as nossas roupas lado a lado. Como se eu

tivesse acrescentado puré de batata a uma salada de fruta.

Em seguida, deitei-me na cama e tentei dormir uma sesta, mas não consegui. Bem, na verdade, acho que adormeci durante alguns segundos, mas acordei logo, toda dorida, com as costas mal ajustadas ao colchão e a mente a contemplar o que a Christina poderia querer dizer quando escreveu *mantém a mente aberta*.

Os carros passavam a alta velocidade na estrada principal, uma espécie de ruído branco que eu achava calmante. E eu precisava de me acalmar, enquanto me perguntava que raio teria acontecido à Christina e porque é que ela me tinha escolhido.

É difícil explicar como me estava a sentir.

Vulnerável, suponho. E sozinha.

As discotecas, os bares de praia, as moradias de luxo, os bares ao pôr do sol, os retiros de yoga, os hotéis gigantes e os restaurantes com estrelas Michelin pelos quais a ilha era agora famosa podiam muito bem ter existido num outro Universo.

Necessidade

Tinha de sair de casa. Precisava de descobrir o que tinha acontecido à Christina.

Até um terço

Sentia-me insegura. E essa insegurança foi-se intensificando até que tive de ouvir a minha própria respiração só para saber que eu era real.

Uma parte de mim perguntava-se se não estaria a participar numa partida elaborada. Afinal, se ela tinha assim tanta consideração por mim, porque é que nunca me contactou em vida?

As possibilidades espalharam-se como vetores. Senti-me zozza. E o meu estômago lembrou-me de que a última comida que ingerira tinha sido uma tigela de *Grape Nuts* em Lincoln. Precisava de encontrar uma refeição ou, pelo menos, comprar mantimentos.

Voltei a reparar no frasco de azeitonas junto à porta. Estava exatamente onde o tinha deixado. O mesmo frasco, na mesma posição, com a tampa fechada. Só que ainda tinha água lá dentro. Podia jurar que a tinha despejado toda. Mas não. Lá estava ela. Até um terço.

Um pensamento que não era inteiramente novo: estava a perder o juízo.

Era a velhice, suspirei interiormente quando saí para o sol da tarde. E esforcei-me ao máximo para pensar que não podia existir outra explicação.

Matemática

Não sou muito dada a misticismos.

Penso que isso se deve ao facto de ter sido educada como católica e de ter tido uma vida cheia de orações sem resposta. Não diria que sou totalmente irreligiosa. Mas mesmo quando era mais jovem, anos antes do Karl e do Daniel, fartei-me de procurar respostas sem nunca ter encontrado nenhuma.

Talvez seja por isso que gosto tanto de matemática.

Saber matemática como deve ser é *saber* a única coisa que se pode ser seguramente *apreendida*. Na política, na sociologia, na história e na psicologia, os factos têm de ser *interpretados*. Mas na matemática os factos são meramente factos. Não há cá discussões. Não há álgebra de esquerda ou de direita. Não há pecado na geometria e não há culpa na trigonometria.

A matemática é a pureza da paz. Só que, claro está, ela é também tão misteriosa e enigmática como a totalidade da vida, e esperar que ela — ou qualquer outra coisa — se ajustasse ao que eu queria que fosse era um erro. E isso é a coisa mais devastadora de todas. Quando o mundo lógico que procurámos se desfaz em pó diante dos nossos olhos.

Uma nova teoria do infinito

Estou a contar-lhe isto para o que há de vir, para que me compreenda inteiramente. Não sou propensa a disparates rebuscados. Penso que a aterragem na Lua foi real e que a Terra é, *grosso modo*, uma esfera. Nunca fui uma pessoa de cristais e também não tenho o desejo de atribuir todos os estados de espírito a uma das luas de Júpiter ou ao facto de Mercúrio estar retrógrado. Nem sequer tenho uma vela.

No entanto, sou também uma pessoa que agora percebe que a nossa compreensão humana do mundo é incrivelmente limitada e que existe uma predisposição para não acreditarmos em coisas que não se encaixem na nossa mundividência. *Aquilo que estou a dizer* é que, por vezes, não conseguimos aceitar a verdade diante dos nossos olhos. E que, por vezes, os loucos de uma época se tornam os sábios da era seguinte.

Conto-lhe tudo isto porque, ao longo das páginas que se seguem, pode acabar por pensar que perdi o juízo. Portanto, faça o favor de considerar o caso de Georg Cantor.

Como está a estudar Matemática na universidade, tenho a certeza de que já ouviu falar dele.

Acho que até costumava falar sobre ele nas minhas aulas. O indivíduo que inventou a Teoria dos Conjuntos no final do século XIX. Adiante. Quando ele provou que, tecnicamente, existiam diferentes tamanhos de infinito, foi rotulado de herege. Foi criticado e ostracizado e foi alvo de chacota. Não aguentou. Foi-se abaixo por causa do que tinha descoberto. O seu próprio sistema de crenças foi posto em causa. Deixar de acreditar num único infinito era acreditar

no impossível. Teve esgotamentos nervosos atrás de esgotamentos nervosos e acabou os seus dias num hospício. Mas ele tinha razão. Pelo menos em termos matemáticos. Há diferentes tamanhos de infinito. Mas foi preciso muito tempo para que todos vissem o que ele estava a ver.

Agora vejamos, eu não sou nenhum Georg Cantor. Mas também eu vi a minha mundividência virada do avesso recentemente e senti necessidade de a contar a alguém. Também eu vi coisas que me desafiaram até ao âmago. O Maurice enviou um e-mail no momento certo, porque acho que a minha necessidade de contar esta história coincidiu com a sua necessidade de respostas.

Portanto, a questão é: está preparado para uma nova teoria do infinito?

Santa Gertrudis

O carro da Christina era uma velharia relutante. Deixei-me ficar lá sentada durante algum tempo, sentindo o cheiro dos estofos bafientos, à procura de pistas sobre a vida dela. Não havia ali nada, a não ser uma garrafa de limonada *diet* vazia e um pacote de bolachas meio comido no porta-luvas. Liguei o rádio. Vozes rápidas em espanhol intercaladas por *jingles* e depois uma canção *rap*. Perguntei-me se o *rapper* seria o 21 Savage, aquele que o miúdo no avião tinha referido. Desliguei o rádio, suspirei e liguei o motor. Nunca tinha conduzido no estrangeiro. Foi um pouco assustador. No início, fiquei completamente desorientada. Antes de arrancar, tinha escrito «Supermercado Santa Gertrudis» no telemóvel. Mas fiquei sem rede e rapidamente me esqueci do que tinha visto no mapa. Agora estava apenas a seguir as placas para Santa Gertrudis, viajando sobre o asfalto cinzento, tentando lembrar-me de que lado das linhas brancas desvanecidas eu devia estar a conduzir.

Rapidamente descobri que Santa Gertrudis é um sítio muito bonito. Ruas largas, casas geometricamente agradáveis, edifícios caiados de branco, buganvílias cor-de-rosa e cafés cheios de gente descontraída. Tudo perfeitamente concebido para o céu extremamente azul por cima das nossas cabeças. Fui dando voltas de carro pela zona. Passei por um café vegano e um estúdio de pilates e acabei por chegar a uma loja que parecia vender comida. Numa montra, vi cartazes a anunciar cerveja e azeite. Estacionei algures perto do passeio, num ângulo que teria interessado a Pitágoras.

Percorri os três pequenos corredores com um cesto. Era um mundo

totalmente novo. Senti-me como se fosse outra vez uma estudante universitária, a aprender a ter de pensar nas coisas necessárias para viver. Há décadas que tinha o piloto automático ligado. Desde que fiquei viúva, pouco alterei as compras semanais. Era bastante assustador começar de novo. Andei às voltas de um lado para o outro. Por cima dos produtos havia cartazes escritos a giz. *Frutas y verduras ecológicas*, por exemplo, por cima de caixas de cartão com nectarinas e cogumelos e os tomates mais carnudos que alguma vira. Coloquei um dos tomates no cesto e continuei pelo corredor. Dali a pouco, deparei com uma máquina de aspeto estranho, junto a uma pilha de garrafas vazias. A máquina tinha uma calha metálica em espiral que descia para um cilindro transparente. Ao lado havia um monte de laranjas. Depositei algumas na calha e esperei pacientemente que o sumo entrasse lentamente na garrafa que segurava. Passados alguns minutos, tinha uma garrafa de sumo de laranja (mesmo) acabado de espremer. Depois, enchi o resto do cesto com uma baguete, queijo, bolachas, café, detergente para a loiça, gel de banho, papel higiénico, *gin* e água tônica. Sobre o zumbido dos frigoríficos e de uma ventoinha, e da música *pop* tranquila mas mexida saída de um rádio, conversei com a animada pessoa da caixa, em cujo crachá se lia *Rosella*.

Eu era a única cliente e a Rosella estava claramente com vontade de conversar. O seu inglês era ótimo. Tinha vivido em Inglaterra — em Brighton — durante dois anos, mas decidira regressar.

— Esta ilha é um íman — disse ela, enquanto passava o café pelo leitor. — Já conhece Es Vedrà?

— Es Vedrà? Não. Sou nova aqui.

— Ah. Bem, Es Vedrà é um rochedo. Um rochedo grande e alto que sobressai do oceano. Vê-se de Cala d'Hort. Uma praia no sul.

Lembrei-me da sensação ligeiramente sinistra que sentira da janela do avião ao olhar para a alta ilhota rochosa.

— Acho que o vi do avião.

Ela anuiu com a cabeça.

— Sim. Dizem que é o terceiro ponto mais magnético da Terra. Há ali qualquer coisa de especial.

— A sério?

— Sim. Há histórias boas e histórias más. Há muitos, muitos anos, vivia lá um eremita. Numa gruta. Um homem religioso. Um sacerdote. Ele escreveu sobre umas luzes que viu na água. Luzes que iluminavam o mar inteiro. E desde então, têm sido vistas noutras alturas. Uma vez, quase provocaram um acidente de avião. E agora o rochedo emite uma vibração estranha. Por vezes, é assustador. Sinto sempre que está lá alguma coisa. Lá dentro.

Era uma conversa bastante dramática para se ter num

supermercado. Tentei ser educada.

— Bem, é uma ilha interessante.

A mulher que vendia o futuro

Reparei numa pequena tatuagem escura no braço da Rosella. Um círculo por cima de um triângulo, separados por uma linha horizontal. A saírem dessa linha, duas curtas linhas verticais de cada lado. Como a representação mais pura e esquemática de uma pessoa a levantar as mãos.

Nunca fui adepta de tatuagens. É uma coisa geracional, parece-me. No meu tempo, uma tatuagem significava que se era um cadastrado ou um marinheiro, ou simplesmente um patife, em termos gerais. O Karl gostava de tatuagens, ou fingia gostar, mas nunca se atreveu a fazer uma.

Ela seguiu o meu olhar. Eu esperava não ter parecido demasiado crítica.

— É o símbolo de Tanit — explicou. — A deusa da Lua.

Lembrei-me da referência à Gruta de Tanit na carta da Christina. Mais tarde, viria a saber que Tanit era mesmo muito importante em Ibiza. Era a deusa púnica da Lua, sim, mas também da chuva, da fertilidade, da dança, da criação, da destruição e de mil outras coisas que possivelmente davam azo a conversas em supermercados.

— Os antigos acreditavam que ela protegia a ilha.

— É muito bonita — disse. Como diria uma velhota como eu. Reparei nuns folhetos coloridos ao lado da caixa, panfletos a anunciar discotecas.

E foi então que ela disse uma coisa de que eu não estava à espera. As palavras foram tão incisivas como faróis.

— A senhora é a Grace, não é?

Tentei parecer descontraída.

— Hã, sim. Sou. Como é que sabe?

— Ela disse-me que havia de vir.

— Quem? — perguntei, ridiculamente.

— A Christina.

— A Christina, pois claro, sim.

— Antes de morrer.

— Obviamente — repliquei, tão atónita que até o disse duas vezes.

— Obviamente.

Ela parou de tratar das compras e olhou-me nos olhos.

— Ela adorava a água. Adorava mergulhar. Só tinha começado há uns anos. Que acidente trágico.

— Na verdade, ainda não se sabe ao certo o que aconteceu...

— Ela disse-me para ser simpática consigo. Disse-me que a Grace era especial.

— Certo. Hum... Bem, eu não a via há anos. Há décadas. Nunca fomos assim tão chegadas... Conhecia-a bem?

O que eu realmente queria perguntar era: *Sabia que ela ia morrer?* Afinal de contas, eu tinha ido para a ilha *porque ela tinha morrido*. A casa fora-me deixada *porque ela tinha morrido*. E a própria carta da Christina dava a entender que ela sabia que ia morrer. No entanto, não dava quaisquer pistas quanto ao como. Se a Christina sabia que a sua morte estava iminente e, no entanto, a polícia espanhola continuava a investigar o caso, então isso levantava uma série de questões.

Estava a tentar juntar tudo isto na minha cabeça para lhe encontrar algum sentido. Era como tentar comprovar a Hipótese de Riemann ou a Conjetura de Goldbach. Confundia o cérebro.

— Sim. Ela viveu muito tempo na ilha. Esta loja é dos meus pais. Quando eu era pequena, ela costumava vir cá. E penso que, antes de viver aqui, viveu em San Antonio. Cantava num dos hotéis. Era uma boa cantora. Vinha sempre cá. Ela era fixe. Tinha uma aura. Mas nos últimos tempos já não vinha cá tanto. Desde que começou a trabalhar no mercado *hippie*.

— Las Dalias — disse eu, lembrando-me da carta da Christina.

— Sim — confirmou ela, examinando o sumo de laranja acabado de espremer. — Era aí que ela passava a maior parte do tempo.

— O que é que ela vendia lá?

— *El futuro*.

— Desculpe?

— O futuro...

— Não estou a perceber.

A Rosella riu-se.

— Ela... tornou-se uma... — Procurou a forma correta de o dizer

em inglês e fez um gesto entusiástico no ar, como se as palavras fossem animais de estimação que obedecessem ao seu chamamento. — Uma médium.

Por alguma razão, não fiquei totalmente surpreendida com a revelação. Afinal de contas, eu tinha visto aquele livro em casa da Christina. E ela tinha sido professora de Música. Na minha experiência com professores de Música, posso dizer que são um pouco propensos à excentricidade. E não tenho dúvidas de que os professores de Música que se mudaram para Ibiza no final dos anos setenta seriam ainda mais propensos a isso do que a maioria.

— Como uma vidente?

— Sim. Uma vidente. Acho que era sobretudo para turistas. Não para a população local. Nunca lhe fiz muitas perguntas sobre isso...

— Oh. Certo. — E depois, sem pensar, perguntei algo instintivamente. — Ela disse-lhe que ia morrer?

— Não! — respondeu, de pronto. Depois, uma expressão de ceticismo fê-la contorcer a boca. — Não.

— Mas disse-lhe que eu viria?

— *Sí*. Ela disse-me que vinha para ficar lá em casa. Descreveu-me o seu aspeto e pediu-me que eu fosse simpática consigo.

Velha, imaginei. Ela disse-lhe que eu era velha.

— E como é que ela parecia estar, quando a viu pela última vez?

— Bem. Calada. Mas bem.

Uma cliente entrou na loja. Uma mulher com um vestido branco esvoaçante e uma seira de palha.

— *Hola*, Camila — cumprimentou a Rosella, enquanto eu começava a arrumar as minhas compras. Trocaram umas breves palavras em espanhol, catalão ou ambos. Depois, ela virou-se de novo para mim e continuou a passar as minhas compras pelo leitor.

— Quem era o marido dela? — perguntei à Rosella.

— O Johan. Ah, ele era um velho *hippie* holandês. Divorciaram-se há anos. Ele voltou para Amesterdão. Foi nessa altura que ela deixou de cantar, parece-me. — Foi então que a Rosella largou uma bomba. — Ela teve uma filha no início dos anos noventa. Com o Johan. Que vive agora em Amesterdão.

Lembrei-me da fotografia da menina na parede. Aquela que tinha o ursinho de peluche na mão.

Mais uma vez, o mesmo pensamento. *Porquê eu? Porque é que ela não deixou a casa à filha? Ou, pelo menos, a alguém que a conhecesse suficientemente bem para saber que tinha uma filha?*

— Ela via a filha?

A Rosella sorriu enquanto acabava de passar as compras. Senti-me como se tivesse contado uma piada sem me aperceber.

— *Toda a gente vê a filha dela.*

— Desculpe, não estou a perceber.

Foi quando a Rosella apontou pela janela da porta da loja, para o outro lado da rua.

— Ela chama-se Lieke. Lieke van der Berg. Tem muito sucesso. É música. E é DJ. Continua a viver em Amesterdão, mas vem a Ibiza todos os verões. Ela está... *ali*.

Apontou novamente. Olhei pelo vidro da porta para o cartaz mais próximo dos dois que se viam à beira da estrada. Um deles exibia o rosto de uma jovem exoticamente iluminada de azul, com o cabelo curto e oxigenado.

LIEKE. AMNESIA. TODAS AS QUARTAS-FEIRAS.

— Ela vai passar música na Amnesia este ano. — A Rosella chegou à correta dedução de que eu não era o tipo de pessoa que saberia o que era a Amnesia. — É uma das maiores discotecas.

Detive-me mais algum tempo a olhar para o cartaz. Tirando um ou outro pormenor, eu podia estar a olhar para a Christina de 1979. Talvez a ambição de se tornar a vocalista dos Blondie tivesse sido cumprida, embora saltando uma geração. E talvez tivesse sido por isso que a casa não lhe fora deixada a ela. Uma vedeta não precisava de uma barraca à beira da estrada.

— Oh. Uau. Então ela é importante.

— É mesmo. Mas acho que a Christina não achava o mesmo.

— Oh, a Christina não se dava bem com ela?

A Rosella encolheu os ombros.

— Não sei. Acho que havia alguma dor. Acho que se tinham afastado uma da outra. Quando falava da filha, tinha lágrimas nos olhos. Disse que tinha tentado contactá-la. Famílias, sabe como é?

— Sim. Famílias.

Algo se ergueu das minhas profundezas. O dia anterior ao funeral do meu filho. O Karl com lágrimas nos olhos a bater no armário da cozinha. «Porque é que o perdeste de vista?»

— Acho que mergulhar a fazia feliz. Já praticou mergulho?

A pergunta envergonhou-me. Não sei porquê.

— Não. Não.

— A Christina dizia que não havia nada tão apaziguante no mundo como o mergulho. Esquecemo-nos de tudo na água. Ela achava que a Grace haveria de adorar.

Aquilo pareceu-me estranho. Quero dizer, porque é que a Christina teria pedido a alguém num supermercado — alguém que falava um inglês quase perfeito — para me convencer a fazer mergulho? Parecia um pouco rebuscado. Parecia, de certa forma, uma armadilha. Mas em

que é que consistia essa armadilha, eu não sabia. No entanto, a própria Rosella parecia-me calorosa e natural.

— Tenho 72 anos. Sou demasiado velha. E todos os dias quando acordo já me esqueci de tudo.

A Rosella riu-se, mas não de uma forma ofensiva; pelo contrário.

— Não! — Ela disse algumas palavras em espanhol. — Vá lá. Demasiado velha? Sabe nadar?

— Eu adorava nadar. Mas já lá vão muitos anos. — Depois aventurei-me num pouco de espanhol. — *Muchos, muchos años.*

— Lá está. Se sabe nadar e consegue respirar, ainda pode mergulhar. Ainda parece uma pessoa bastante forte.

Estava a ser tratada com condescendência, mas muito simpatia, por isso deixei-me levar.

— Pareço?

— *Sí!* Está claro! Está cá sozinha?

— Estou, sim — respondi. E a tristeza veio à tona. Via-se no meu rosto e nos meus olhos. A dor era uma inundação que nos atravessava e fazia com que os outros se afastassem. Ou, pelo menos, que dessem por terminada a conversa.

A Rosella pareceu reparar nisso. Ficou um pouco tensa. Sentiu o meu constrangimento.

— São quarenta e sete euros e quarenta e nove cêntimos.

Peguei na carteira que o Karl me comprara há anos, cujo tecido carmim, outrora brilhante, era agora um cor-de-rosa baço.

— Mas, se for mergulhar, não vá à Atlantis Scuba. Era onde a Christina ia. Mas só ela é que dizia bem daquilo. É gerida por um louco.

— Um louco?

— Sim. O Alberto Ribas.

Alberto Ribas.

O pirata sorridente.

A espanhola com quem a Rosella tinha conversado encontrava-se agora atrás de mim na fila. Decidi não lhe tomar mais tempo.

— Foi um prazer conhecê-la — disse eu.

A Rosella sorriu.

— Também foi um prazer conhecê-la. *Chao.*

Saí da loja para o calor da tarde que cheirava a pinheiro e fiquei a olhar para a enorme imagem da DJ holandesa, iluminada a azul, perguntando-me o que teria acontecido à sua mãe.

A flor amarela

Quando regresssei a casa, reparei numa planta que crescia mesmo em frente à porta de entrada. Era bastante alta, quase me chegando aos joelhos, tinha finas pétalas amarelas e encontrava-se mesmo no meio do caminho poeirento.

Embora alta, a flor parecia demasiado bela e delicada para estar ali sozinha. Não creio que fosse uma erva daninha.

É claro que as ervas daninhas não existem propriamente. São só uma questão de perceção. Se alguém não gostar de um dente-de-leão que cresce no seu relvado, chamar-lhe-á erva daninha por despeito, porque nós, seres humanos, temos de traçar uma linha distintiva entre tudo. Nós/eles. Matemática/poesia. Erva daninha/flor.

Mas o que quero dizer é: não era o tipo de flor a que as pessoas chamariam de erva daninha. Era daquelas que as pessoas escolhem plantar. Mas porque é que a Christina, ou qualquer outra pessoa, haveria de plantar uma flor num caminho de acesso, seco, mesmo em frente a uma porta? E, mais importante ainda, porque é que eu não tinha reparado nela antes? Tirei uma fotografia e enviei-a por WhatsApp à minha cunhada Sophie, na Austrália. Não só ela era dona de uma florista, como a sua companheira era licenciada em Botânica. Talvez me conseguissem dizer o nome da flor. Se ficasse por cá, teria de cuidar de todas as plantas da casa.

Entrei e reparei noutra coisa.

O frasco de água do mar estava agora cheio. Não só até um terço. Mas *cheio*. Decerto haveria uma explicação racional. Mesmo estando a tampa enroscada, olhei para cima à procura de um sinal de um cano a

pingar. Nada havia além de um teto seco, e era óbvio que não tinha estado a chover.

No entanto, ali estava ele. Um frasco de azeitonas que, de alguma forma, se voltara a encher com água do mar.

Uma espécie de evaporação inversa, uma condensação extrema que — pelo menos, segundo as leis da Natureza que eu conhecia — seria impossível. Senti-me, mais uma vez, como se alguém estivesse a pregar-me uma partida.

Quando era jovem, como já lhe disse, li bastante Sherlock Holmes, juntamente com o meu Alexandre Dumas. Os romances e os contos. Há uma frase famosa no mais perfeito de todos os romances, *O Sinal dos Quatro*, em que Holmes diz a Watson que, quando se «elimina o impossível, o que resta, por mais improvável que seja, tem de ser a verdade».

Portanto, era com isso que me estava a deparar. Todas as explicações plausíveis para que um frasco de azeitonas se voltasse a encher sozinho não eram possíveis. Por isso, só me restava a falta de lógica e a improbabilidade. E devo dizer que isso não me agradava nada.

Batem à porta

Tinha fome e precisava de uma bebida.

Acompanhei um pedaço de pão e queijo com um *gin* tónico. Estava no sofá minúsculo da Christina, a ver sem prestar grande atenção uma versão dobrada de *Indiana Jones e a Última Cruzada*. Sempre gostei do rosto do Harrison Ford. Era reconfortante. Como umas pantufas velhas. É o que acontece com as estrelas de cinema. As boas são-nos tão familiares que quase se ajustam a nós. Elas cobrem uma parte solitária de nós. Deixam-nos mais aconchegados.

O Daniel tinha adorado o filme anterior: *Indiana Jones e o Templo Perdido*, sobretudo a cena do banquete em que há um globo ocular na sopa. Esse filme e *O Regresso de Jedi* eram os seus preferidos. Isso fazia com que assistir ao filme ganhasse um sabor agridoce. Os filmes dos anos oitenta podem ter quatro décadas, mas também podem ser — para mim — demasiado modernos.

Em casa, gostava de ver filmes antigos. Qualquer coisa a preto-e-branco, de um outro mundo. *Férias em Roma*. *Uma Noite Aconteceu*. *O Grande Escândalo*. Ou, se me sentisse mais tecnicolor, *Um Americano em Paris*. Imagino que seja demasiado jovem para ter visto esses verdadeiros clássicos. Gostava de ver filmes feitos antes de eu ter conhecido o Karl, antes de ter sido mãe, por vezes, até antes de ter nascido. Era como estar um bocado sem existir. Fugir para um mundo anterior ao início da minha dor.

Enquanto assistia ao filme, aconteceu uma coisa que me fez saltar na cadeira.

Bateram à porta.

Devia ser bastante tarde, pois já estava escuro lá fora, e estávamos em junho, lembre-se. Com dias longos. Mas eu estava em Ibiza, e Ibiza não entendia o conceito de «ser tarde».

Abri a porta e deparei com um homem. Um homem grande, com ombros largos. Braços muito musculados. O olhar de um búfalo. Cabelo oxigenado e a tatuagem de um crucifixo ou de um punhal junto ao olho esquerdo. Emanava dele uma energia perigosa e nervosa. A sua pele era uma tapeçaria de cicatrizes. Até podia ter mais de dois metros, pelo que me era dado a ver. Era como se alguém tivesse dado senciência a um pedregulho com um frasco de creatina. Tinha o ar de quem fizera um esforço considerável para parecer tão intimidante. Guardava uma mão atrás das costas. Perguntei-me se estaria a segurar numa arma.

— Você não é a Christina — disse ele. Era inglês. Natural do East End londrino. Ou do Essex.

— Desculpe. Não, não sou.

— Onde é que ela está?

— Não está aqui. — Não queria dizer-lhe que ela tinha morrido. Não queria dizer-lhe nada.

O homem sorriu. Um sorriso bastante tímido.

— Diga-lhe que é o Frankie. Diga-lhe que ela tinha razão. Que estava certa em relação a tudo. Diga-lhe que agradeço. E isto é para ela.

Tirou a mão de trás das costas e estendeu-a para mim. Fiquei sem pinga de sangue, como se estivesse a descer uma montanha-russa muito acentuada. Mas quando vi o que ele tinha na mão, ri-me de alívio. Era um pacote gigante de gomas da *Haribo* em formato de ursinho.

— Ela disse que os doces são o seu prazer secreto — comentou ele, com um sorriso gigante no rosto. — Os ursinhos de ananás são os preferidos dela. Há aqui alguns. É só um pequeno agradecimento.

— Certo — disse eu. Estava prestes a contar-lhe a verdade sobre a Christina, mas ele já tinha dado meia-volta. — Obrigada — foi tudo o que acabei por dizer. E enquanto o portão de metal se fechava atrás dele, senti-me culpada por tê-lo julgado. Ouvi a porta de um carro a fechar-se. Depois, música eletrónica que soava como uma palpitação cardíaca muito forte.

La Vida Imposible

Liguei-me à Internet.

Tinha levado o meu portátil. O meu portátil com dez anos e um autocolante da Harley-Davidson. Tinha pertencido ao Karl — o autocolante da Harley-Davidson acrescentava um *frisson* de perigo à sua vida de engenheiro civil —, por isso, comprar um novo teria parecido uma traição. Não que ele alguma vez tivesse mesmo tido uma moto.

Pesquisei «Christina van der Berg» no Google.

Vi no site do *Diario de Ibiza* o artigo que o taxista Pau tinha referido. Quando o traduzi, saltou-me à vista a expressão «desaparecida, presumivelmente afogada». Ela tinha marcado um mergulho à meia-noite com a Atlantis Scuba e nunca mais voltou. O Alberto Ribas fora detido para interrogatório e depois libertado.

Quando acrescentei a palavra «médium», só surgiu uma menção, relativa a uma lista de bancas do mercado de Las Dalias, pelo que voltei à pesquisa apenas pelo seu nome.

Surgiram alguns resultados. Principalmente relacionados com o facto de ela ter cantado num hotel chamado Buenavista, em Santa Eulalia, muitos anos antes. Havia uma fotografia dela numa discoteca chamada Ku, em 1986, e outra em que ela estava, com um ar fascinado, com o Freddie Mercury — mas fora claramente tirada na mesma noite que a fotografia emoldurada na parede. Aparentemente, tratava-se da festa do quadragésimo primeiro aniversário do Freddie no Pikes Hotel e ela fora uma das várias artistas locais que atuaram nessa noite. Nessa foto, estava a usar um pequeno chapéu de coco,

como a Sally Bowles no filme *Cabaret*. Descobri que o local era o mesmo onde a banda *pop* Wham! tinha filmado o videoclipe da música *Club Tropicana* alguns anos antes. Parecia um mundo muito glamoroso.

Enquanto continuava a pesquisar, senti-me orgulhosa dela. Havia uma menção a ela e a uma amiga, em 1981, numa discoteca chamada *Glory's*, numa página inglesa do Instagram chamada «Ibiza Nostalgia».

Estava muito parecida com a Christina de que me lembrava, mas com um pouco mais de maquilhagem e com o cabelo mais comprido. Havia também uma fotografia dela com o cabelo mais grisalho no *Diário*. Estava com outras duas pessoas, a segurar num cartaz com uma mensagem em inglês: *NO OIL*. O texto do artigo estava em espanhol, por isso coloquei-o no Google Translate e percebi que se referia aos protestos realizados na cidade de Ibiza em 2014 contra o plano de uma empresa petrolífera escocesa para extração de petróleo ao largo da costa de Ibiza. Um plano que, segundo uma pesquisa mais aprofundada, nunca se chegou a concretizar porque os protestos foram muito fortes. Dez mil pessoas marcharam pela cidade de Ibiza. O mesmo número que tinha protestado contra um campo de golfe em Cala d'Hort alguns anos antes. Havia outra menção à Christina relacionada com um protesto contra um hotel em Cala Llonga.

Tentei outra coisa. Digitei «Alberto Ribas». Encontrei uma menção a ele num blogue chamado *O Céptico Errante*, num artigo intitulado «Cientistas que perderam o fio à meada»:

Alberto Ribas. Este outrora respeitado biólogo marinho licenciou-se em Oceanografia na Universidade de Vigo, antes de ir para os Estados Unidos lecionar na Universidade da Califórnia e depois em várias universidades espanholas e sul-americanas.

Foi uma das primeiras pessoas a chamar a atenção para o perigo dos micoplásticos no oceano e é autor de vários livros sobre uma variedade de temas, desde algas a tartarugas marinhas, passando pela ecologia dos sistemas de recifes de coral. Foi amplamente desacreditado depois de publicar um artigo sobre os prados subaquáticos de *Posidonia oceanica* em Ibiza e Formentera. O artigo concluía que o prado subaquático conseguiu viver como um único organismo durante mais de cem mil anos devido a uma «presença peculiar e etérea na água local, que se manifesta ocasionalmente sob a forma de uma luz anormal com propriedades não naturais, sem qualquer relação com as algas e que parece não ter uma origem terrestre».

A convicção de Ribas de que uma força extraterrestre habita o Mediterrâneo levou-o a ser expulso da Sociedade Internacional de Biologia Marinha em 2016 e a perder o seu cargo na Universidade das Ilhas Baleares, localizada em Palma de Maiorca, quando estudos independentes subsequentes não encontraram provas que apoiassem as suas afirmações. Porém, o Dr. Ribas continuou a insistir e chegou mesmo a publicar em edição de autor um livro intitulado *La Vida Imposible* — ou, traduzido, *A Vida Impossível* —, alegando que tinha provas de muitas

ocorrências de formas de vida que os cientistas consideram «impossíveis» existentes aqui no planeta Terra, principalmente nas Ilhas Baleares.

Muito bem, pensei. Um maluco. Uma daquelas pessoas malucas de que o taxista tinha falado. E talvez a Christina também fosse louca, e talvez por isso me tivesse deixado a mim — uma estranha, praticamente — uma casa aqui.

A pesquisa por Alberto Ribas também me levou ao site da Atlantis Scuba.

Cliquei no *link* e vi duas bandeiras — uma espanhola, outra do Reino Unido. Cliquei na bandeira do Reino Unido e cheguei à versão inglesa do site e a uma bela fotografia de dois mergulhadores a nadar em águas cristalinas.

«Deixe os seus problemas em terra e explore um outro mundo», dizia o texto. «Um outro universo de beleza natural e encanto. Um lugar de tranquilidade...»

Abri mais algumas fotografias. De pessoas num barco com equipamento de mergulho. A Christina encontrava-se entre elas.

Estava ao lado de um homem mais velho com barba. Reconheci-o da fotografia do autor que parecia um pirata. O Alberto em pessoa. Ele parecia feito para o mar. Também sorria, amplamente, como a Christina. Mas detetei uma eventual malevolência no seu olhar. Não sei porquê, mas tive uma sensação de desconforto só de olhar para ele. Havia um texto sobre a importância da conservação dos oceanos. Passei os olhos por mais algumas fotografias, com uma sensação que me deixou com a boca seca.

Uma criatura marinha fluorescente; um mergulhador a entrar numa gruta; um polvo; uma moreia; outro mergulhador a visitar o naufrágio do *Don Pedro*, explicando o texto que se tratava de um barco que se afundara a poucos quilómetros do porto de Ibiza em 2007; um peixe-pedra cor de laranja a nadar num recife de coral.

E depois, uma imagem de uma planta enorme. Um prado subaquático de *Posidonia oceanica*. Na água mais cristalina e límpida que se possa imaginar, com a luz do sol fraturada a irromper pelo mar e um cardume de peixinhos prateados ao fundo. Era, muito possivelmente, a fotografia mais bonita que alguma vez tinha visto. Uma sensação fugaz apoderou-se de mim. Algo distinto do medo crescente. Mas dentro da mesma linha. Espanto, talvez. De um tipo magnético e poderoso.

Pus-me a olhar para a televisão durante algum tempo, enquanto o templo que continha o Santo Graal se desmoronava à volta do Sean Connery e do Harrison Ford, e depois voltei para o portátil. Fi-lo sair da hibernação com um clique, revelando a fotografia, e foi então que reparei numa coisa na qual não reparara antes. Ínfima e quase impercetível. Um pequeno objeto dourado no meio do prado

subaquático.

Aumentei o *zoom*.

E foi este o momento em que tudo se tornou aterrador. Estar sozinha naquela casa nova, naquela ilha nova, sentir-me a quilómetros de distância de tudo o que conhecia, imaginar frascos de azeitonas a encherem-se de água e plantas a aparecerem do nada. E ainda mais *isto*. Algo de muito peculiar estava definitivamente a acontecer. Não conseguia calcular as probabilidades, mas pareciam ser muitos milhões contra. No entanto, ali estava ele, pousado no fundo do mar. Algo que eu realmente sentia que me pertencia. O pormenor era suficientemente nítido para eu ver não só a cor do fio, mas também a imagem de São Cristóvão no pendente.

Não tinha a menor dúvida de que era exatamente o fio que eu tinha dado à Christina em 1979, naquele Natal, brilhando como uma esperança perdida.

Por favor, mantenha-se longe do Sr. Ribas

O agente da Guardia Civil, um homem de idade difícil de determinar, estava sentado à secretária, com a sua camisa verde militar de mangas curtas imaculadamente engomada, a olhar para a carta que a Christina me escreveu. Mascava pastilha elástica enquanto a lia. Vi o brilho suave do suor na sua testa franzida.

Ele exsudava uma emoção reprimida. Era um punho cerrado em forma de homem.

— Sei que ainda estão a investigar o desaparecimento da Christina e pensei que isto poderia ajudar. Mesmo que não seja grande coisa.

Ele acenou milimetricamente com a cabeça. Rosnou baixinho para dentro. Depois falou-me numa mistura tosca de inglês e espanhol.

— *Es verdad*. Não é grande coisa.

— Mas mostra-nos que ela sabia. Sabia que ia morrer. Isso tem de querer dizer alguma coisa. Também devo dizer-lhe que havia um fio na água. Vi-o numa fotografia na Internet. Fui eu quem lho deu. Era um São Cristóvão.

O polícia ergueu os olhos para me encarar. Um homem de poucas palavras e poucos gestos. Tinha uma cabeça esférica, rapada, e não tinha barba. Não havia expressão nos seus olhos cansados.

— *Cuándo?*

— Desculpe?

— Quando?

— Não estou a perceber.

Senti a frustração dele. Ele murmurou qualquer coisa para si próprio em espanhol. Depois perguntou:

— Quando é que lhe deu o fio? — Fez a pergunta com relutância, como se estivesse a dar moedas a um mendigo.

— Em 1979 — respondi.

Ele olhou para mim como se não tivesse percebido.

— Há quarenta e cinco anos — esclareci. — Dei-lho há quarenta e cinco anos. E, pelas fotografias, ela nunca deixou de o usar desde então.

Não gosto de esquadras de polícia. Fazem-me sempre sentir culpada.

Ele suspirou, dando-me a impressão de que o estava a fazer perder tempo. Talvez se sentisse envergonhado por ainda não terem descoberto exatamente o que tinha acontecido à Christina. Quem me dera saber um pouco de espanhol, para não parecer uma velha turista ingénua.

— Onde estava a fotografia?

— Estava num site. Atlantis Scuba.

Vi-lhe um brilho no olhar quando proferi aquelas palavras.

— Atlantis Scuba?

— Sí. Sim. Sí. A que é do Alberto Ribas. Acho que ela se dava muito bem com ele.

— Hum. Alberto Ribas. — Exalou um longo suspiro. — *Pues.* Houve mais alguma coisa... que tenha visto...?

Não lhe ia falar de frascos de azeitonas que se enchem sozinhos com água do mar nem de flores que aparecem do nada.

— Não.

— OK.

Fez-se uma longa pausa. Por breves instantes, pareceu-me que ele ia dizer mais alguma coisa. A sua boca deu indícios disso, como um ovo antes de chocar, mas não saiu nada.

— É só isso? — interroguei-me em voz alta.

O homem olhou-me com um ar carrancudo. Tentei uma abordagem mais suave. Como faria uma pessoa na floresta se tivesse interrompido o almoço a um urso-pardo.

— É que estou muito preocupada com a minha amiga. Tenho consciência de que ainda há algumas dúvidas relativamente à forma como ela morreu e sei que estão a tentar chegar ao fundo da questão...

— A senhora é uma hóspede nesta ilha. Convém não esquecer... Esta ilha não é fácil de... — Ele procurou a palavra certa e acabou por se decidir: — não é fácil de ver... Quero dizer, a senhora consegue vê-la... Consegue ver... as praias... as palmeiras... Consegue passar pelas discotecas e pelos restaurantes de carro. Mas nunca a verá como um

ibizenço. Ora bem. Obrigado pela sua ajuda, *señora*. Agora, por favor, deixe a investigação por nossa conta. Vá lá gozar as suas férias.

Deixou a carta de lado e virou-se para o computador.

— Ainda precisa da carta? — perguntei.

— *Sí*.

— Certo. Estou a ver.

Ia pedir uma cópia, mas senti que tinha chegado ao fim da minha quota de perguntas.

O meu tempo estava claramente esgotado. Mas quando me preparava para sair daquela sala húmida, já com a mão na porta, ele aclarou a garganta.

— Ah, e *señora*, por favor, mantenha-se longe do Sr. Ribas.

Virei-me e anuí com a cabeça.

E, naquele momento, era mesmo essa a minha intenção.

Anedonia

Tentei dar o meu melhor para deixar para trás toda esta história de detetive, para deixar de me armar em Miss Marple por uns tempos. Por isso, fiz o que a maioria dos ingleses faz numa ilha mediterrânica.

Saí e fui gozar as férias.

E, aparentemente, foram umas férias bastante agradáveis.

Vi o farol de Portinatx.

Fui ver as salinas de Ses Salines e passei pela praia de Es Cavallet, tentando não ficar a olhar especada para os nudistas.

Aceitei as recomendações da Christina e fiz uma caminhada ao longo do antigo caminho dos peregrinos desde Cala San Vicente até à Gruta de Tanit, subi a colina íngreme e fiquei quase para morrer. Cruzei-me com uma pequena excursão, apanhei um ramo de alecrim e dei-o como oferenda à deusa que tinha visto no braço da Rosella. Senti-me um pouco idiota ao colocá-lo no pequeno altar que se encontra na gruta. Atravessei uma ponte levadiça do século XVI para me perder no meio das ruelas estreitas de Dalt Vila.

Vi um homem num *skate* com o cão a trotar ao seu lado. Vi frequentadores de discotecas com roupas garridas. Vi pessoas a acelerar numa pista de *karting*. Vi caminhantes nas colinas. Vi *hippies* a tocar tambor ao pôr do sol.

Contemplei as palmeiras.

Comi pão, azeitonas e *aioli*.

Comi uma tarte de queijo e hortelã chamada *flaó*.

Comprei um cone cheio de gelado esculpido como uma flor.

Vi iates caros e pequenos veleiros.

Passeei de carro.

Vi colinas, cavalos, praias, pomares, igrejas, salinas, dunas, grutas, enseadas, falésias, torres de vigia.

Vi uma antiga discoteca dos anos setenta abandonada, agora coberta de plantas e de *graffiti*.

Vi o relógio de sol gigante na praia deserta de Cala Llentia.

Absorvi o silêncio entre os pinheiros no cume de Sa Talaiaassa.

Avistei um guarda-rios.

Era tudo tão bonito.

A maior parte, pelo menos.

Mas senti-me vazia.

Era uma sensação habitual, ou uma habitual falta de sensação.

Anedonia.

Estava bloqueada.

Sabe, o problema era o seguinte: eu acreditava sinceramente que não merecia ser feliz.

Tinha-me tornado aquilo que acreditava ser. Um ser humano horrível. Acreditarmos que somos maus é, muitas vezes, um prelúdio para fazermos coisas más. E eu sentia-me assim desde a morte do Daniel. Ele morreu num sábado, quando eu não estava onde devia estar. Tinha acabado de ver o *Super-Homem II* na televisão e saíra à chuva, depois de me ter pedido que eu o levasse à cidade. O pai estava no *pub*, o poiso de todos os sábados à tarde naquela altura. Mas eu não tinha ido à cidade porque estava a chover e *eu não queria dar-me a esse incómodo*. Portanto, ele saiu de bicicleta, mal-humorado, e eu fiquei em casa, a folhear catálogos. Estava à procura de secadores de cabelo quando o meu filho virou para a Wragby Road e foi direito a um camião.

E fui eu. A culpa foi minha. Podia tão facilmente não ter acontecido se eu tivesse simplesmente dito: «Espera, Daniel, deixa-me só ir buscar o guarda-chuva e depois vamos às compras juntos.» E essa culpa entrou na minha alma e convenceu-me de que eu era imperfeita, fundamentalmente imperfeita. E quando acreditamos nisso, agimos de acordo com isso. Tal como o Super-Homem sabe que lhe cabe salvar as pessoas que caem nas Cataratas do Niágara e, por isso, continua a fazer boas ações, eu fui aquela que deixou morrer a pessoa que mais amava no mundo.

Não me interprete mal. A minha capacidade de sentir culpa já existia antes do Daniel. Sempre fui propensa a isso, mesmo quando era criança e frequentava a escola católica de São Cuteberto, com o meu São Cristóvão ao peito. Quem tem uma infância rodeada de santos facilmente se sente um pecador. Um professor disse-me uma vez que, se as orações não chegavam a Deus, era porque tinham sido bloqueadas pelo nosso próprio pecado. E os meus pais — que queriam

um rapaz — sempre me trataram como se eu não fosse suficientemente boa. Mas a morte do Daniel solidificou a culpa como a minha característica definidora. Algo que eu teria de carregar para sempre.

E por isso, alguns anos depois da morte do Daniel — mas ainda assim, há várias décadas —, eu fiz outra coisa. Fui infiel. E nunca contei isso a ninguém, muito menos ao Karl. E depois de ele ter morrido, a culpa simplesmente cresceu.

Aidan Jenkins. O professor Jenkins. Era professor de História, mas não do seu tempo. Depois de se divorciar, ele começou a namorar comigo na sala dos professores, no parque de estacionamento e nos corredores. Ele sentiu um caos dentro de mim. Sentiu que eu estava numa rotação permanente e que podia guinar para quase qualquer lado com o empurrão certo. E eu retribuíra as provocações. Era tão emocionante quanto terrível. E quanto mais me repreendia por ser uma má pessoa, mais me aproximava. Até àquele momento fatídico em que nos cruzámos na sala do economato.

Foi assim que começou.

Tornámo-nos criaturas clandestinas que faziam algo indescritível entre pilhas de cadernos, filas de agraphadores e exemplares excedentários de *Era Uma Vez em Watership Down* e *Admirável Mundo Novo*. E depois tornou a acontecer. Ele gostava do drama da relação ilícita. Um verdadeiro cliché. A concretização da fantasia que os professores têm de sexo-na-sala-de-economato.

(O papel cheirar-me-ia sempre a pecado).

Não há verdadeiras desculpas, tirando os sentimentos. O poeta espanhol Federico García Lorca acreditava que o maior castigo era sentir desejo e não o declarar em voz alta. E naquele breve momento da minha vida de casada, eu ardia de desejo. Não necessariamente pelo Aidan Jenkins. Mas por uma escapatória. Por *alguma coisa* que não fosse sofrimento. Era como se o Karl me tivesse deixado, embora continuasse ao meu lado. Houve alturas em que me culpou. Era como se houvesse dez mil quilómetros entre nós, apesar de estarmos sentados lado a lado no sofá. Eu precisava de ar. De alguma coisa. De qualquer coisa que não fosse aquela estagnação solitária.

E o Aidan era solteiro e bem-parecido e, quando falava, eu sentia a sua voz a reverberar dentro de mim. Sentia-a na minha pele. Sentia uma eletricidade excitante. Ele também era bastante óbvio com os seus sinais. Eu fui egoísta e estava deprimida e não conseguia lidar com o peso das coisas. Por isso, agi como uma idiota.

Digo tudo isto para o ajudar.

Por vezes, para sermos úteis, temos de renunciar ao desejo de sermos apreciados.

Por isso, estou aqui para lhe dizer o seguinte: gosto de si, era um

bom aluno, sempre foi simpático para mim e para os seus colegas de turma. Lembro-me de que havia em si uma mistura de confiança e de mansidão. Nunca teve medo de levantar a mão quando sabia a resposta. E não hesitava quando todos se riam do preferido da professora quando recitava as trinta primeiras casas decimais do pi. Mas também era humilde. Baixava a cabeça. Pedia desculpa quando não era preciso. Pedia desculpa por coisas que nem sequer tinha feito. Acho sempre interessante quando as pessoas fazem isso. É uma espécie de admissão de que toda a gente no mundo é um pouco culpada de tudo.

A sua carta era sentida. E eu quero que saiba que gosto de si o suficiente para não precisar que goste de mim também. Quero ser sincera acerca dos meus próprios erros para o ajudar a perdoar os seus.

Escreveu na carta que desiludiu a sua namorada e que ela acabou consigo. Foi um pouco vago da sua parte, mas isso também me disse tudo. É difícil ser jovem e ter defeitos, sobretudo numa época em que se julga tanto. (É claro que as pessoas se julgam umas às outras em todas as épocas, porque os seres humanos serão sempre seres humanos, só que mudamos os nossos julgamentos de sítio como se fossem móveis quando queremos que a sala pareça maior.) A única coisa boa de ter arrependimentos é que já não julgo os outros com demasiada severidade. Cada pessoa neste planeta é um contexto, e as circunstâncias desse contexto nunca podem ser vistas na sua totalidade. Somos todos mistérios, até para nós próprios. Este mundo pode brutalizar-nos de uma miríade de formas, e não apenas das mais óbvias. Uma pessoa pode parecer inteligente e bem-sucedida, com uma gravata e um sorriso e uma vida brilhante e uma educação académica de luxo, e, ainda assim, ouvir um pai à distância a gritar-lhe impróprios aos ouvidos, enquanto bebe ou joga ou forna para afugentar essa dor, incapaz de quebrar o círculo.

Estou aqui para lhe dizer que, a dado momento, toda a gente — e refiro-me mesmo a *toda a gente* — desilude alguém. Pode não ser de uma forma tão telenovalesca como eu na sala de economato, mas há um milhão de outras maneiras. Contudo, para ser sincera, sinto-me particularmente culpada. Não só me sinto responsável pela morte do nosso filho, como fui infiel ao único homem que alguma vez amei.

Seja como for, nunca me permiti mais prazer depois de ter tido aquele caso. Nem mesmo durante. Decidi que tinha esgotado tudo o que tinha para dar. Fechava os olhos depois, naquela sala de economato, e via o rosto ensanguentado do Daniel, estendido no asfalto, como se a minha alma estivesse a corrigir a equação, transpondo um sinal de mais de um lado para um sinal de menos do outro. Por isso, durante anos, vedei-me, a um nível profundo, a

qualquer tipo de prazer. Mesmo às variedades inocentes.

Mas uma coisa era não sentir prazer enquanto estava em casa sentada no sofá, e outra, bem diferente, era não sentir prazer a fazer coisas em que este seria *expectável*. E eu nunca tinha estado num lugar onde o prazer fosse mais expectável do que nesta ilha espanhola.

A felicidade em junho em Ibiza era tão comum como as equações em álgebra, mas eu não conseguia senti-la.

Sentia a falta do Karl. Sentia a falta do Daniel. Sentia a falta da pessoa que eu tinha sido, décadas antes. A pessoa que a Christina tinha conhecido. O eu que nunca se rebaixara.

Interrogava-me se essa pessoa, esse eu, ainda existia. Interrogava-me se alguma vez a viria a encontrar.

O mercado *hippie*

Visita o mercado hippie de Las Dalias e cumprimenta a minha amiga Sabine.

Era o que dizia na sua carta. Por isso, não tendo mais nada para fazer, foi isso que fiz.

O mercado era muito movimentado. Era como eu imaginava que São Francisco teria sido em 1967. Muitas pessoas de olhos arregalados. Incenso a pairar. Numas bancas vendiam-se joias balinesas (incluindo «pulseiras de opala curativas»), sarongues indianos, túnicas brancas, saias de flamenco vermelhas e pretas. Numa outra, alguém fazia leituras de *tarot*. Avistei uma pessoa a tocar Joni Mitchell e a fumar um charro de tamanho considerável. Vi uma banca cheia de roupa. Peças bem coloridas. Daquelas de que a Christina gostava. Fiquei a olhar para um fato de banho *tie-dye*. Não tinha levado um fato de banho comigo. Interroguei-me por momentos como é que eu ficaria com ele vestido. *Ridícula, imagino*. Mas depois comprei-o, sobretudo para perguntar onde poderia encontrar uma pessoa chamada Sabine.

— Ali — disse o jovem simpático atrás da banca.

Apontou para uma mulher sentada atrás de uma mesa cheia de pinturas de paisagens de Ibiza. Estava parcialmente coberta pela sombra da rede de pesca que pendia por cima da sua banca, mas não deixava de ser impressionante. Cabelo branco e selvagem, com flores entrelaçadas, um vestido branco comprido e esvoaçante e cerca de setenta pulseiras em cada pulso.

A Sabine falava inglês com um suave sotaque alemão, e com

palavras tão lentas e ponderadas que cheguei a pensar que ela estaria num estado permanente de meditação. Por vezes, até fechava os olhos. Ter-me-ia dado jeito estar sentada. As minhas pernas podiam estar livres de varizes, mas não estavam treinadas para o trabalho de detetive.

— A Christina era especial — disse ela.

— Sim. Sim, do que me lembro dela, sinto o mesmo.

Olhou para mim durante algum tempo com um ligeiro sorriso triste. Senti que me estava a falhar ali qualquer coisa.

— Há pessoas que reluzem — disse ela, com uma seriedade profunda e misteriosa.

— Principalmente com este calor.

Felizmente para a Sabine, ela parecia não ter ouvido a minha tentativa de humor.

— E a Christina, ela reluzia mais. Reluzia como uma deusa. Uma deusa grega. Foi esse o problema.

— O problema? — indaguei.

Os olhos dela abriram-se bem nesse momento, quando se inclinou para a frente e me deu a sua resposta.

— Reluzir é perigoso. Atrai os corvos. E ela tinha um dom. — Inspirou longa e lentamente. — Um poder. — Expirou. Voltou a inspirar. Era como se ela tivesse acabado de inventar a respiração e estivesse a exhibir-se. — Um talento.

— Talento?

— Para ajudar as pessoas.

Lembrei-me do homem que tinha aparecido em casa dela. Em minha casa. O que for. O homem grande, de cabelo oxigenado e tatuagem no rosto, que queria oferecer um pacote de gomas à Christina.

— A que é que se refere quando fala em poder? Que poder é que ela tinha? O de cantar? Ela cantava muito bem. Eu lembro-me disso.

Ela inspirou, expirou e voltou a inspirar. As suas pausas eram irritantes. Ou talvez fosse do calor. Talvez o calor fosse irritante e tornasse tudo irritante à sua volta. Incluindo eu.

— Ela era uma sibila.

— Uma sibila?

Apontou para outro canto do mercado.

— Ela costumava sentar-se ali e anunciava o futuro das pessoas.

— Ah, sim, para os turistas — disse eu, lembrando-me do que a Rosella tinha dito.

— Não. Não se tratava de um truque para turistas. Ela conseguia mesmo ver o futuro.

Tentei não parecer demasiado surpreendida, nem demasiado cética. Tinha consciência de que estava a falar com alguém que

poderia ser, ela própria, propensa a ter algumas convicções — vou dizê-lo delicadamente — *excêntricas*. Mas eu nunca deixaria de ser uma professora de Matemática no meu âmagô. Precisava de lógica, de provas e de justificações algébricas. Lembrei-me do livro que a Christina tinha na prateleira. *O Guia Definitivo do Poder Psíquico: Volume 8*. E lembrei-me da estranha conversa com o taxista na minha primeira noite. As palavras dele voltaram-me à memória.

Há coisas nesta ilha... Coisas que a maioria das pessoas não chega a ver. Coisas que não são facilmente... explicáveis.

Lembrei-me do carro dele a afastar-se da casa da Christina, como um mosquito a fugir da citronela. Também me lembrei da água no frasco.

O calor, Grace, disse a mim própria, é só o calor. Faz-te sentir estranha. Faz-te inchar os tornozelos e deixa-te o cérebro esquisito.

— Ela só tinha começado a fazer isso há uns quatro anos, mas foi algo que rapidamente ganhou grandes proporções na sua vida... Conheci-a há muitos anos, numa manifestação contra o campo de golfe na reserva natural de Cala d'Hort. E depois protestámos contra um hotel...

— Qual deles?

— O mais recente hotel Eighth Wonder em Cala Llonga. Estava com a filha.

— Ah, sim — disse eu, lembrando-me do cartaz do outro lado da rua em frente à casa. — Já vi o anúncio.

— Era a única coisa em que elas estavam de acordo. O ambiente. A Christina sempre foi muito ligada à Natureza. Era mesmo uma rapariga da floresta. Mas, depois, as coisas mudaram. *Ela* mudou.

— Mudou como?

— O rosto dela transfigurou-se. Passou a estar sempre contraído. E não parava de olhar para um ponto no vazio. No início, pensei que podia ser uma depressão. Mas depois ela começou a prever coisas. Coisas que acabavam por acontecer.

— Estou a ver.

— Esta ilha tem bastantes videntes, médiuns e leitores de *tarot*, mas ninguém como ela. Foi por isso que ela fez alguns inimigos. A notícia espalhou-se. Acabou por ficar com uma fila de pessoas de uma ponta à outra.

Apontou para outro local, mais à frente, ao fundo da fila estreita de bancas onde antes estivera a banca da Christina. Era uma banca que vendia espanta-espíritos e estranhos recipientes para inalar marijuana.

— Ela conseguia prever o futuro de alguém só de olhar nos seus olhos. A mim, disse-me que eu tinha de voltar para casa e ver o meu pai. Por isso, voltei para Leipzig e tive um dia com o meu pai antes de

ele morrer. Não havia nenhuma explicação racional. Mas não era esse o único problema.

Era muita coisa para assimilar. Deixei tudo guardado na minha cabeça, como se fosse bagagem, enquanto olhava para um dos seus quadros. Um rochedo gigante no oceano. O tal que eu tinha visto do ar. Na imagem, parecia escuro e perturbador.

— Es Vedrà — disse ela, lentamente.

— Sim! — Lembrava-me de a Rosella ter falado sobre ele.

— Lindo. Mas amaldiçoado. Estão a planear destruí-lo.

— Estão?

— Sim. Estão a planear um empreendimento. Construir uma estância turística. Destruir toda a vida selvagem dali. E as pessoas estão contra isso.

Entregou-me um panfleto da pilha que tinha na banca. O design era muito simples. Apenas palavras escritas em espanhol num papel verde.

— É uma manifestação. Contra aqueles que permitiram que isto acontecesse. Na quinta-feira. Encontro à porta do Café Mar y Sol na cidade de Ibiza. Devia vir. A Christina ajudou a organizá-lo.

— Oh, isso é... Oh, estou... Sim, talvez... — disse atabalhoadamente. Depois, lembrei-me do motivo que me levava ali. — Houve mais algum problema? Com a Christina, quero eu dizer?

E tive aquela sensação que tenho frequentemente com a matemática, de que a resposta está lá, e nós sabemos que a resposta está lá, no nosso cérebro e a tomar forma, mas não é totalmente visível.

Mais um ciclo de respiração elaborada e lenta. Ela fechou os olhos, meditativamente. Interroguei-me se teria adormecido.

— Alberto Ribas... — disse ela, na sua terceira expiração. — É a ele que deve perguntar.

— Então acha que ele é o responsável pela morte dela?

— Ela previu a sua própria morte. Só não sabia quem a ia matar. A polícia falou com o Alberto e não lhe aconteceu nada. Mas... — A Sabine olhou para mim durante muito tempo depois desse «mas». E depois acrescentou: — Acho que ele é a única pessoa que sabe verdadeiramente o que lhe aconteceu.

Anuí com a cabeça. Agradei-lhe. E conforme me afastava, continuava a ver aquele fio no fundo do mar. Eu sabia que agora não havia maneira de sair da ilha sem falar primeiro com o Alberto Ribas. Por isso, quando entrei no carro, escrevi «Atlantis Scuba» no telemóvel. Mas, segundo o GPS, esse local não existia. Tinha apenas uma lista de outros centros de mergulho. Divestar Ibiza. OrcaSub Ibiza Diving Centre. Centro de Buceo SCUBA. Anfíbios Ibiza. Mas absolutamente nenhuma Atlantis Scuba.

Por isso, escrevi «Cala d'Hort» e comecei a conduzir para sul.

A cobra e o bode

Uma hora depois, estava na praia. Uma pequena extensão arqueada de areia com muito movimento. Havia lá um restaurante. Um restaurante de peixe fresco e paelha. Uma boutique de aspeto rústico, com telhado de palha, que vendia vestidos de verão e fatos de banho. A praia em si estava cheia de gente, guarda-sóis e espreguiçadeiras, e algumas pessoas pedalavam em gaivotas no mar (lembro-me de mim e do Karl a discutirmos numa daquelas em Corfu, décadas antes, com o Daniel a dar mergulhos constantes da parte de trás).

A visão de Es Vedrà, o ilhéu rochoso que se erguia do mar de forma dramática e quase vertical, era incrível. Uma elevada rocha calcária salpicada de esparsos tufos verdes. A tal do quadro da Sabine. A tal que me tinha deixado perturbada no avião. A tal que supostamente tinha propriedades magnéticas. Dei uma caminhada pela praia, sentindo um bocadinho de dores nas ancas. Estava a escaldar. Eu trazia uma saia comprida e uma blusa, o que fazia de mim a pessoa com mais roupa num raio de um quilómetro.

Caminhei até a areia ser substituída por seixos. Cheguei às cabanas de praia. Tinham ripas de madeira a fazer de portas e a maioria abrigava barcos ou canoas. Algumas dessas cabanas tinham painéis solares nos telhados de chapa ondulada improvisados. Numa delas, vi roupa a secar. Havia uma criança sentada em cima de um dos telhados, a ler. Perguntei-me qual seria a cabana a que o Alberto chamaria de casa. Subi uns degraus de pedra até ao terraço de um restaurante e, mais adiante, até um parque de estacionamento poeirento. Ficava do outro lado da praia, oposto ao local onde eu

tinha estacionado — muito acima na estrada — mas continuei a andar até ao caminho vermelho e às árvores mais adiante, sentindo o cheiro a pinheiros e ouvindo o ruído pulsante das cigarras. Por fim, encontrei uma pequena cabana com uma placa desbotada a dizer *Atlantis Scuba* — *Centro Busco*. Era um cubo de betão com uma porta de madeira frágil. O centro de mergulho mais fácil-de-passar-despercebido do mundo.

Hesitei. Inspirei. Expirei.

A ansiedade deixou todo o meu corpo em alerta, como no início de um ataque de pânico. Era uma sensação a que já estava habituada — como se a minha existência fosse um fio delicado capaz de se desvanecer com uma rajada de vento repentina.

Senti um formigueiro na pele.

Bati à porta. Fiquei à escuta. Não ouvi nada a não ser as cigarras.

Teria sido uma ótima altura para dar meia-volta, regressar ao meu carro e esquecer tudo aquilo. Quem é que eu pensava que era? O Harrison Ford? Era ridículo. Mas de repente ouvi alguma coisa. Um som que se sobrepunha ao zumbido de insetos. Por isso, abri a porta.

Dentro da cabana não encontrei absolutamente ninguém. Ou melhor: nenhum ser humano. O ar estava pesado devido ao calor. Olhei em redor. Uma secretária, algum equipamento de mergulho, muitas caixas de cartão velhas em prateleiras, duas cadeiras, um computador, um *futon* e um lençol, um saco de roupa lavada de uma lavandaria, um calendário com golfinhos, um velho autocolante antigo de protesto a dizer *GOLFE NÃO!* e uma placa de madeira a apontar para o céu, com *Alpha Centauri 4367 años luz* lá escrito.

E um bode.

Um bode a sério, preto da parte da frente e branco da parte de trás, com chifres enormes e um cheiro almiscarado demasiado forte para tanto calor.

— Hum... olá — disse eu, numa surpresa silenciosa.

O bode não disse nada. E continuou a comer aveia de uma tigela.

Reparei numa pilha de panfletos em cima da secretária. Eram iguais ao que a Sabine me tinha dado no mercado *hippie*. Anunciavam o protesto contra o empreendimento em Es Vedrà.

Lembrei-me das palavras do taxista: «Começa por A.» O ricaço bem vestido que tinha ido visitar a Christina. O A seria de Alberto?

Depois, ouvi passos e um homem a resmungar sozinho.

O homem entrou na cabana, com chinelos de enfiar no dedo, calções de ganga e uma grande barba grisalha. Não era o homem de quem o Pau tinha falado. Este homem estava em tronco nu, mas os pelos do peito quase constituíam uma peça de roupa por si só. A sua pele brilhava com o bronzeador de aroma a coco. Demorei um segundo a confirmar para mim própria que aquele era, de facto, o

homem da fotografia do autor do livro. Hesitei porque — e vou dizê-lo sem rodeios — fiquei estarecida com o facto de ele trazer consigo uma cobra. Era preta com marcas amarelas e tinha metade do corpo enrolado à volta do braço dele. A cabeça da serpente encontrava-se na vertical, com os olhos centrados em mim. Eu não me assustava particularmente com animais de estimação. Ou com qualquer animal. Mas a combinação de bode, cobra e homem hirsuto num local tão claustrofóbico era demais para mim.

— O que se passa? — perguntou-me ele, num inglês carregado, pontuado por uma risada. — Até parece que viu uma cobra!

Alberto

Ele tinha o aspeto não tanto de um pirata, mas mais de um náufrago, com o cabelo desgrenhado e a barba a escapar-lhe do rosto em todas as direcções, e olhos jovens que brilhavam como um nascer do sol através de uma ruína antiga. Tirando os olhos, era muito com que lidar. Desencadeou um sentimento primordial de repugnância que não consegui ignorar.

— Acho que estou no sítio errado. — Não sei porque é que aquilo me saiu. Medo, suponho.

— Não é a única... — disse o Alberto, parecendo quase americano por breves instantes.

— Desculpe?

Fez sinal com a cabeça para a cobra, que agora se mudava para o seu outro braço.

— As cobras! São uma ótima companhia. O mais intelectual dos répteis. As suas mentes estão cheias de enigmas filosóficos fascinantes. Mas nós não fomos feitos para ter cobras! Durante milhares de anos, Ibiza não teve serpentes, nem cobras.

— Ah.

Ele claramente achava que eu estava ali para uma lição de História.

— Os antigos Fenícios instalaram-se aqui porque não havia nada de mortífero na ilha. Não havia animais perigosos. Não havia plantas perigosas. Era uma ilha abençoada. Mesmo há vinte anos, não havia cobras. E agora? Cobras, cobras, cobras. E isso não é bom. Não é nada bom... Elas não nos podem fazer mal, sabe? Não têm *ponzoña*...

— Peçonha?

— Exatamente. — Apontou para mim como se eu tivesse acabado de decifrar o código da Enigma. Ele falava um inglês mais fluente do que o meu, mas gostava de enfeitar as suas frases com bocadinhos de espanhol sempre que possível, para me recordar de onde eu me encontrava. — Mas elas prejudicam o equilíbrio da vida. Estão a acabar com os lagartos. Dantes, tínhamos lagartos por todo o lado. Agora ainda os *temos*, mas esta aqui e as amigas estão a dar cabo deles.

O bode já tinha comido a aveia e esgueirava-se lentamente pela porta.

— *Hasta luego, Nostradamus* — disse Alberto, acenando alegremente ao bode. — Não seas assim — disse ele, como se estivesse à espera de que o bode lhe respondesse com um «adeus». Depois, o Alberto olhou para mim. — Ele é uma alma misantrópica. É comum entre os bodes. Mas há de voltar para o jantar. Volta sempre.

— Acho que estou no sítio errado — disse-lhe novamente. Só queria ir-me embora dali. Ou nunca ter lá ido sequer.

Ele olhou-me fixamente. Os seus olhos tinham uma certa força.

— Não. Está no sítio certo, garanto-lhe. E é por isso que tenho de acabar de lhe contar a história dos lagartos. Agora estão a morrer. Por todo o lado. As pessoas não entendem a importância que isso tem. Sobreretudo aqueles cabrões das colinas!

Proferiu aquelas palavras com alguma violência. Era um homem com ressentimentos claros. As palavras da Sabine ecoavam na minha mente. *Acho que ele é a única pessoa que sabe verdadeiramente o que lhe aconteceu...*

— As pessoas com os seus jardins elegantes e oliveiras. Os milionários e os bilionários com os seus tapetes de yoga e as suas piscinas de borda infinita. Posso dizer-lhe isto porque claramente não é uma mulher rica.

Eu já não gostava dele, mesmo antes daquela frase, mas aquilo foi a gota de água.

— Claramente — repeti. — Agora, se não se importa, posso...

Fiquei distraída com o modo como, enquanto ele falava, o seu polegar massajava a zona por baixo do pescoço da cobra, fazendo com que os movimentos do réptil parecessem abrandar.

— Estas cobras são cobras de Montpellier. Chegam cá nas árvores importadas, dentro dos... buracos... elas... elas põem ovos lá dentro... Os ovos delas estão dentro das árvores... E agora que aqui estão, multiplicam-se loucamente. E todo o sistema ecológico fica fodido. Mesmo, mesmo fodido. Fodido como um golfinho. E os golfinhos gostam mesmo de foder. Os golfinhos são feitos para o prazer. São máquinas de prazer.

Achei que ele estava a tentar chocar-me. Por isso, apesar da minha ansiedade naquele momento, mantive o rosto tão impassível e forte como uma estátua da Ilha da Páscoa e não lhe dei nem um gostinho do puritanismo de que ele provavelmente estava à espera.

— Como tal, há caçadores de cobras que lhes esmagam a cabeça com pedras. Mas eu não consigo fazer-lhe isso. Olhe para ela. Tem a mente cheia de perguntas. Não as consegue ouvir, mas acredite em mim, esta cobra é muito curiosa. Talvez por ter sido transplantada, como você. Está num sítio onde não foi concebida para estar. Não te preocupes, cobra. Está tudo bem... Portanto, vou pô-la a dormir por algum tempo. Olhe, a bicha está a dormir. Ainda tem os olhos abertos porque é uma cobra. Mas repare. — A cobra escorregou-lhe do braço quando ele a ergueu. Ele dirigiu-se à secretária, abriu uma gaveta e fechou a cobra lá dentro. — Vou telefonar ao meu amigo. Ele trabalha como segurança numa discoteca. A filha dele tem cobras como animais de estimação.

Não se podia dizer que eu tivesse muita experiência em conversação nos últimos tempos, mas até eu sabia que esta não era uma conversa normal.

— A cobra está bem?

— *Sí, sí.* É uma técnica que aprendi com um general argentino. — Ele aproximou-se e estendeu-me a mão, que apertei timidamente. Falava inglês com um sotaque que meio espanhol e meio americano, provavelmente dos seus tempos na Universidade da Califórnia. — Alberto Ribas — disse ele. — Amigo dos animais e do mar.

— Chamo-me Grace. Sou amiga de uma pessoa que morreu em circunstâncias misteriosas. Estou a tentar descobrir o que lhe aconteceu.

— Bem-vinda ao meu escritório. — Apontou para o *futon*. — E à minha casa.

— Vive aqui?

— Sim, sim. Porque não? Tenho outras alternativas. A minha filha tem uma bela casa no norte da ilha e quer que eu vá viver com ela, mas eu gosto de estar aqui. Levanto-me. Tomo banho no mar e seco-me ao sol. O que podia ser melhor?

— Água canalizada? — sugeri.

Ele ignorou-me.

— Por favor — tentei novamente. — Gostava de saber o que aconteceu à minha amiga.

— Disse que se chamava Grace? Como a Grace Kelly?

Era frustrante. A forma como ele conseguia continuar a desviar a conversa do rumo que eu queria que ela tomasse, mas fiz-lhe a vontade.

— A minha mãe adorava-a. Nasci no ano em que estreou o filme *O*

Comboio Apitou Três Vezes.

Isto era tudo verdade. Mas não era, de todo, aquilo que lá tinha ido partilhar.

— Sabia que ela passou a lua de mel em Ibiza?

— Não. E não acho que ...

— Pois foi, passou cá a lua de mel. Pesquise e vai ver. As pessoas pensam que as celebridades só agora é que começaram a vir cá. Mas sempre vieram. O Errol Flynn vinha cá no seu iate. O Laurence Olivier. A Elizabeth Taylor. Antes mesmo de termos um aeroporto. Mais tarde, a Joni Mitchell veio cá para se inspirar. Um jovem Cormac McCarthy veio para cá escrever quando era *hippie*. O Bob Marley veio cá para dançar. Cheguei a conhecê-lo. Era um herói.

Tentei adivinhar a idade do Alberto. A barba e o bronzeado em tom de mogno tornavam a tarefa difícil. Podia estar algures entre os 60 e os 80 anos. No entanto, apesar do desgaste do seu corpo, tinha um ar jovem. Era alguém que nunca tinha aprendido a ser adulto.

— Ouça — disse eu, surpreendentemente severa, dado o meu nervosismo. — Estou aqui para lhe fazer perguntas sobre uma velha amiga.

Ele ignorou-me por completo. Se calhar não me ouviu. Não. Ouviu, sim. Mas continuou a falar, não propriamente *para* mim, mas *por cima* de mim, como se estivesse a falar para um público imaginário mas adorador que, de alguma forma, se tinha esgueirado e metido na cabana. Talvez uma sala de aula com alunos veneradores, num universo onde ele ainda tinha uma carreira.

— Sabe, esta não é uma ilha normal. Sim, as pessoas estão sempre a dizer isso, mas eu *sei* que é verdade. Esta ilha não é normal. Há aqui qualquer coisa de especial. Está em todo o lado, para onde quer que olhemos, se soubermos aquilo que procuramos. O bode, por exemplo...

Tentei interromper. Era como preencher uma lacuna numa sequência de números que já tinha sido preenchida.

— Dei-lhe o nome de *Nostradamus* porque este grande francês previu originalmente que Ibiza seria o último santuário da vida na Terra. Sabia disso?

Olhei para a tigela de aveia vazia, tentando imaginar o que é que aquilo tinha que ver com a Christina, com mergulho ou com qualquer outra coisa.

— Também há bodes em Es Vedrà. Estão sempre a querer livrar-se deles. Dizem que são *malos para el habitat*! Humanos! A dizer que os bodes são maus para o *habitat*! Imagine-se! Humanos de merda, hã?

De seguida, produziu um som estranho. Como um lobo a uivar. Só Deus sabe porquê.

Senti-me um pouco assustada, admito. Aquele homem não só era

louco, como também era grande. Grande, selvagem e peludo. E, mesmo tendo em conta a sua idade — fosse lá qual fosse —, provavelmente em muito boa forma. Mesmo tendo as minhas pernas renovadas, não teria sido capaz de fugir dele a correr. Portanto, estava encalhada numa cabana deserta, a uma grande distância da praia e até do parque de estacionamento. Qualquer grito seria abafado pelo implacável canto de acasalamento das cigarras.

— Foi o prado subaquático, não foi? — perguntou-me ele. Os seus olhos tinham passado de pueris a velhos. O seu olhar, fixo, emanava uma força. Senti que seria capaz de me derrubar.

— Desculpe?

— Foi a fotografia do prado subaquático. Foi isso que a trouxe até aqui.

Fiquei sem saber o que dizer.

Amanhã à meia-noite

Lembrei-me da fotografia no site. A que mostrava o fio de São Cristóvão. Tive uma sensação estranha. Como acontece quando se deixa uma porta ou um portão aberto. Só que a porta ou o portão era eu.

— Foi um dos motivos.

— Tem de o ver — disse ele, com a voz subitamente calma e séria.

— Vai mudar a sua vida.

— O que o faz pensar que quero mudar a minha vida? A voz falhou-me e saiu-me um pouco roufenha.

Ele sorriu, com o hiato entre os dentes semelhante a uma pequena caverna no meio do calcário. Tinha o ar de alguém prestes a revelar um *royal flush*.

— Por que outra razão haveria de se mudar para Ibiza e viver numa casa horrível numa rua cheia de trânsito, deixada por uma pessoa que lhe era praticamente estranha, se não quisesse mudar a sua vida?

Desta vez, o meu coração não deu um salto. Escondi toda a surpresa do meu rosto. Ele devia ter sabido aquilo tudo pela Christina. Era essa a explicação racional.

— Curiosidade — retorqui.

— Ah — sorriu ele. — *La curiosidad mató al gato*. Conhece essa expressão? Também existe em inglês. A curiosidade matou o gato.

— Eu não sou um gato.

Isto fê-lo rir-se. Uma gargalhada profunda. Uma gargalhada de pirata. Uma gargalhada que parecia demasiado exagerada para o que

a motivara. Dois mais dois igual a setecentos.

E depois deu-me outra lição que eu não tinha pedido.

— O Iggy Pop tem uma canção sobre isso. Toquei-a uma vez aqui. Na Amnesia. A discoteca, sabe? Em 1980, quando ainda era uma quinta e nós ainda dançávamos ao som de tudo...

Não sei o que o fez pensar que eu queria saber tanto sobre ele. Esperei pela oportunidade de falar como se fosse um cão obediente à espera do jantar.

— Tem uma mente aberta? — Ele olhou para mim com um sorriso. Não gostei do seu olhar. Por um momento, desejei estar escondida na gaveta com a cobra.

— Eu era professora de Matemática — disse eu, já frustrada. — Tenho uma mente que gosta de resolver problemas. E quero mesmo saber o que aconteceu à minha amiga, a Christina van der Berg. Quero saber como é que ela morreu. E acho que o senhor pode ter algumas respostas.

O nome completo foi um choque para ele. Pareceu estremecer ao ouvi-lo. A tristeza abateu-se-lhe no rosto como uma nuvem. Ele anuiu com a cabeça. Esperou um instante.

— Ela sabia que ia morrer. Sabia que ia ser morta. Por isso, fez alguma coisa em relação a isso.

— O que quer dizer com isso? O que é que ela fez?

— Eu não estava cá. Estava com a minha filha, a Marta. Em Madrid. Ela estava numa conferência sobre astrofísica e eu fui lá para lhe dar apoio. — Não sei porquê, mas fiquei surpreendida por saber que ele tinha uma filha com quem ia a conferências. Era como olhar para uma aguarela pintada por um orangotango. Parecia ser, de alguma forma, uma coisa fora dos limites que eu lhe tinha imposto. — A Marta e a Christina eram boas amigas. Bem, elas trabalhavam juntas em certas coisas. A minha filha não é apenas astrofísica, é também ambientalista. Sou um *papá* muito orgulhoso. — Pegou num panfleto que tinha na secretária. — Ela está a organizar uma manifestação. Na quinta-feira. É contra o empreendimento que estão a planear em Es Vedrà.

Assenti.

— Já ouvi falar disso. Parece-me uma causa muito nobre. Mas estou aqui para saber mais sobre a Christina.

— A Christina era uma mergulhadora muito hábil. Às vezes, ia sozinha. A polícia sabe isso tudo. E agora você também sabe.

— E isso é tudo o que o senhor sabe?

— Eu sei muitas coisas que você não sabe. Coisas que a ajudariam a compreender.

— Que tipo de coisas?

Ele fitou-me durante algum tempo. Estava a ponderar qualquer

coisa em relação a mim. Senti-me avaliada. Ele estudava-me o rosto como se este contivesse uma pista para algo importante.

— Sim — disse ele. — Está pronta para ver a verdade. Percebo-o agora...

— Ver o quê exatamente?

— O seu potencial. — Apontou para mim. Nunca me tinha apetecido tanto partir o dedo a alguém. Acho que o calor estava a afetar-me. — Ela tinha razão no que disse sobre si. Vai ser ótima nisto.

Nessa altura, perdi um pouco as estribeiras.

— Pode parar de ser paternalista e de andar às voltas e falar comigo como um ser humano normal?

— Andar às voltas. É uma expressão interessante, não é?

— Tal como *deixemo-nos de rodeios*. Conhece esta?

— Ouça. Se quer continuar a ser um ser humano normal, tem de se ir embora já. Porque isto não vai ser uma experiência normal...

— O que é que não vai ser uma experiência normal?

— Amanhã é uma noite sem lua — disse ele.

O que é que isso tem que ver seja com o que for?, interroguei-me.

Ele sorriu como se soubesse exatamente o que eu estava a pensar. Apontou para trás.

— No mar, amanhã à noite, entre aqui e Formentera, vai ter a oportunidade de saber o que aconteceu à sua amiga. Eu levo-a. Já alguma vez praticou mergulho?

— Não. E se pensa que vou entrar num barco consigo a meio da noite, está muito enganado.

Mais uma vez, ele pareceu ignorar o que eu dizia.

— Sabe nadar?

— Sei.

— Então consegue mergulhar, pá! Mergulhar é apenas nadar. Só que para baixo. É um bocado mais complicado. Mas eu posso explicar. Encontramo-nos na praia à meia-noite.

— Tenho 72 anos. Não tenho encontros à meia-noite. Nem mergulho.

— Que disparate! Estamos em Ibiza. Ninguém é demasiado velho para nada. Há uma pessoa de 90 anos que dança na Pacha todas as noites.

— Isso é fascinante — disse eu. O sarcasmo é o meu tique nervoso.

Ele fez menção de se ir embora. Senti-me como se a maré me estivesse a puxar. Eu queria respostas e ele sabia-o perfeitamente.

— Onde é que vai?

Ele estacou à porta. Virou-se com um sorriso. Os seus dentes, mesmo sem a falha, teriam sido notáveis. Angulosos e espaçados como lápides irregulares. Seria um louco? Seria um assassino? Poderia um rosto revelar-nos o que quer que fosse? Seria melhor segui-lo ou ficar

numa cabana húmida sem respostas e com uma cobra? Estava a pensar em todas as coisas sinistras que a Sabine e a Rosella me tinham dito sobre ele. Bem como o agente da Guardia Civil, de cujas palavras me lembrava claramente.

Por favor, mantenha-se longe do Sr. Ribas...

— Só quero saber o que aconteceu à minha amiga.

— E vai saber — disse ele, calmamente. — Prometo. Mas há coisas que não podem ser contadas. Têm de ser mostradas. Amanhã. À meia-noite.

Amanhã.

À meia-noite.

E depois foi-se embora. E eu expirei pelo que me pareceu ser a primeira vez em vinte minutos.

A incontornável solidão da Grace Winters

Foi uma viagem de meia hora de regresso a casa, grande parte por estradas esburacadas.

Sentia-me cansada e preocupada, e tinha os tornozelos do tamanho de bolas de voleibol. Calculei que todo aquele stress e aquele calor não eram nada aconselháveis tão pouco tempo depois de uma operação às varizes.

Quem me dera que o Karl estivesse comigo. Ele teria gostado de Ibiza. Teria gostado dos velhos *hippies* e dava-se melhor com o calor do que eu. Ele aproveitava sempre qualquer desculpa para pôr as pernas de fora ao sol. Acreditava que usar calções lhe conferia mais alguns graus de felicidade. Era uma daquelas pessoas irredutivelmente britânicas que faziam jardinagem em calções de praia em abril. Imaginei-o na sua estufa, a tratar dos tomateiros, com o rosto tão vermelho como se sofresse de hipertensão. Mas a sorrir. Sempre a sorrir. O sorriso suave e leve que era a sua imagem de marca. Não necessariamente indicativo de felicidade, mas de estoicismo. Era essa a sua filosofia, na verdade. Ultrapassar as coisas com um sorriso no rosto. Sorrir na tristeza, na dor e na perda. Um sorriso que, penso eu, se destinava ao Daniel. Como se ele sentisse que o Daniel o estava a ver e não quisesse que o filho se sentisse triste por nós, desconfortável ou culpado pela nossa dor.

Era triste, pensar no Karl e no Daniel. Os meus rapazes. Mas havia um conforto na tristeza. É difícil de explicar e não sei se sente o

mesmo em relação à sua mãe, mas eu, por vezes, *entregava-me* à minha tristeza. Viajava até ela. A tristeza parecia ser a única forma de me manter perto deles. Por isso, a minha mente aliava-se a pensamentos tristes e agrídoces — até a um passeio no bosque com eles os dois, trinta e seis anos antes, quando fomos apanhar dentes-de-leão e ranúnculos — para ter uma espécie de companhia.

Passei pela pista de *karting*. Era um lugar estranho para uma pista de *karting*, no meio do nada. Mas parecia popular. Apercebi-me de que havia muitas Ibizas. Havia a Ibiza das férias em família, dos *karts* e dos passeios a cavalo. A Ibiza das festas. A Ibiza *hippie*. A Ibiza do hotel com *spa*. A Ibiza do mergulho submarino e da praia. Havia a Ibiza cara, com iates e estrelas Michelin. A Ibiza do Leonardo DiCaprio. A Ibiza dos trilhos naturais e da observação das estrelas. A Ibiza tradicional das danças folclóricas, das aldeias, das festas, das igrejas e dos velhos costumes. E depois, claro, havia a Ibiza local, vivida e contemporânea que eu tinha vislumbrado em supermercados e cafés e naqueles que passeavam os seus cães à beira da estrada. Aparentemente, havia uma Ibiza para todos, exceto para as viúvas solitárias e enlutadas.

Havia turistas a fazerem fila para os *karts*. Famílias e grupos de jovens. O Karl também teria gostado disso. E o Daniel também. Pensei naquela gente toda a rir-se, de bom humor por estar de férias. Parecia tudo tão frágil. Naquele estado de espírito, era difícil ver qualquer pessoa viva e não imaginar o vazio que ela causaria se desaparecesse. Ver cada pessoa na Terra com o seu potencial de causar a dor da perda a alguém.

E depois cheguei. À casa que ainda não era um lar. Uma casa que eu ainda não sentia como minha. Abri a porta, entrei e preparei um jantar básico naquela pequena cozinha castanha. Bebi um sumo de laranja e comi pão, queijo e tomate, e estava tudo muito bom, mas, na verdade, não consegui saborear nada. Estava com os sentidos ainda mais embotados do que o habitual. Nem o sumo de laranja acabado de espremer se destacou.

Fiquei a olhar para o anel de noivado na minha mão. Para o rubi que tinha incrustado, o segundo anel com que o Karl me pediu em casamento. O primeiro tinha sido uma esmeralda.

É curioso como, na minha idade, a visão de uma coisa suscita sempre a recordação de algo que ocorreu anteriormente. Não existe um tempo puramente presente neste livro da vida. Podemos sempre ver as palavras da página anterior, com as suas sombras tenebrosas a escurecerem o que está à nossa frente. Ou, pelo menos, a embotá-lo.

Alguns anos antes, tinha feito um corte no anelar enquanto picava uma cebola. A hemorragia não parava e tive de ir ao hospital para cauterizar a pontinha. Queimaram os vasos sanguíneos para estancar o

sangue. E desde então não sentia nada na ponta do dedo. Naquele momento, era isso que sentia que me tinha acontecido, que a dor, a culpa e a vida me tinham cauterizado e que não havia nada de novo para experienciar. Apenas uma ferida para a qual podia olhar e na qual continuava a tocar em busca de algum indício de sensação.

Estava um final de dia frágil, incerto, ainda com luz no exterior, mas escuro e húmido dentro de casa. Liguei a televisão e assisti a um *talk show* espanhol sem perceber uma palavra. Fiquei ali sentada. A olhar para a televisão, depois para os livros da Christina e para a sua pilha de vinis antigos, depois para os quadros na parede. Vi a cara sorridente e de dentes espaçados do Alberto a olhar para mim das fotografias.

— O que é que queres? — perguntei à imagem dele.

Não houve resposta.

O tempo passou. Desliguei a televisão. Escutei o ruído esporádico do trânsito.

Já era tarde. Deitei-me na cama, com as minhas dores nas articulações, os ouvidos a zumbir e as mágoas pesadas. Não conseguia dormir.

Sentia-me no fundo de tudo. Sentia que, se morresse tranquilamente durante sono, tudo estaria bem. Pensara, estupidamente, que ir a Ibiza daria um abanão à minha vida, tiraria as teias de aranha, reduziria o peso mental. Pensara, basicamente, o que todos queremos pensar quando entramos num avião: que estava prestes a escapar.

Mas não.

O problema de mudar de cenário é que se lá chegarmos e descobrirmos que nos sentimos na mesma, então estamos mesmo presos. E foi essa a minha conclusão. O problema não era Lincoln, nem a moradia, nem a minha situação. O problema era eu. Não havia como escapar à dor e à solidão. Enquanto me mantivesse no mesmo corpo envelhecido, com as mesmas recordações coalhadas, eu seria a minha própria pena de prisão perpétua.

Eu não ia descobrir o que tinha acontecido à Christina. Estava apenas a fazer figura de parva, com humidade acrescida. Senti lágrimas a formarem-se. Uma espécie de progresso.

O que é que eu estou aqui a fazer?

E, mais cedo do que imaginava, iria receber uma resposta.

Rádios avariados

Então é assim: eu tenho uma teoria sobre a vida, e vou ser magnânima e partilhá-la consigo aqui. A minha teoria é antiga, mas descobri recentemente que é verdadeira.

O ponto do desespero é, muitas vezes, o ponto da verdade.

Quando algo está mal, temos de chegar ao fundo do poço para que a mudança aconteça. Há alturas em que precisamos de nos sentir encurralados para descobrirmos a saída. Não é num ambiente luminoso e arejado que nos encontramos com nós próprios. Não compreendemos o rádio quando a música está a tocar. Por vezes, precisamos de espatifar uma coisa para perceber como é feita.

E aqueles primeiros dias em Ibiza trouxeram à tona tudo o que eu conseguira reprimir. A dor, o desespero, a solidão. Eu estava a desabar e a ver-me a mim própria. Tinha as entranhas de fora, como um rádio avariado. Via-me confrontada com as minhas próprias bobinas defeituosas, os meus circuitos e transístores avariados. Todas as falhas e inconsistências. E pode ter sido isso. Talvez tenha acontecido por eu estar ali deitada, esmagada, paradoxalmente entorpecida e com dores ao mesmo tempo. Se calhar, quando se grita em silêncio a ajuda também chega em silêncio. Se calhar, o Universo estava à escuta. Se calhar, captaram o sinal.

Não sei.

Mas, com toda a certeza, alguma coisa aconteceu.

E não podia ter sido em melhor altura.

Brilho

Já passava da uma da manhã quando me distraí com um brilho suave que entrava pela porta. Devia ter deixado uma luz acesa algures. Mas aquilo estava a fazer-me confusão, porque eu tinha praticamente a certeza de que tinha desligado tudo. Assustei-me. O medo começou a trespassar o torpor. Um lembrete de que estava viva. *E se alguém tivesse entrado? E se fosse o Alberto?*

Afastei esses pensamentos parvos, levantei-me da cama e dirigi-me à luz, encontrando rapidamente a fonte. O frasco de azeitonas junto à porta de entrada iluminava as fotografias na parede. A água brilhava como uma tocha e o vetor de luz irradiava para cima, produzindo uma forma cónica no ar. Não conseguia olhar diretamente para o jarro sem que os meus olhos lacrimejassem, por isso fitei o feixe de luz. Parecia diferente do feixe de uma lanterna, por exemplo. Parecia ter vida própria. Pequenas flutuações, deslocações e movimentos. Parecia que eu estava a assistir a algo que, embora não conseguisse compreender, estava lá para ser compreendido. Isto faz sentido? Parecia uma espécie de mensagem. Como se eu fosse um bebé hipnotizado pelo movimento dos lábios de um progenitor.

— Que raio está a acontecer? — lembro-me de ter perguntado a mim própria.

Por fim, a luz desvaneceu-se. E eu voltei para a cama. Estranhamente, sentia-me mais calma.

E senti-me certa de uma coisa. Soube que, contra todo o bom senso, no dia seguinte, à meia-noite, eu estaria na praia de Cala d'Hort, à espera de uma resposta.

Um barco chamado No

Tratava-se de um barco de mergulho de madeira, instável, que rangia por todos os lados, com um motor ainda mais instável, que parava e arrancava como um cão a rosar a um esquilo traquinas. Mesmo na escuridão profunda e desprovida de luar, era evidente que a pintura estava a descascar, de tal forma que apenas as duas últimas letras do seu nome — *Neptuno* — eram visíveis. Se eu fosse pessoa de acreditar em sinais do Universo, um barco chamado *No* teria sido mais uma razão para não embarcar nele. Mas lá estava eu.

O mar estava sereno. A água embatia suavemente no casco, um som calmo e estranhamente desconcertante, como se todo o Mediterrâneo se tivesse aquietado, à espera de que algo acontecesse. Havia luzes a cintilar na ilha que acabávamos de deixar para trás, e uma ou duas tremeluziam na outra ilha, Formentera, que se erguia no horizonte.

O Alberto ia ao leme, olhando firmemente para o mar, como um bucaneiro determinado, enquanto eu me despia até ficar só com o fato de banho *tie-dye* que tinha comprado no mercado *hippie*. A luz fraca da lanterna conferia à minha pele uma tonalidade quase azul-esverdeada, e, mesmo com o Alberto de costas para mim, sentia-me constrangida com o meu velho corpo exposto, apesar das minhas pernas renovadas e mais suaves, e sendo que ele próprio dificilmente se podia considerar um Adónis. Na verdade, acho que essa foi uma das primeiras coisas que me desagradaram no Alberto. O à-vontade que ele sentia em relação à sua própria figura. A maneira como ele deixava tudo à mostra. A barriga de cerveja, os pelos no corpo, as

camisas abertas, os calções de ganga ridículos. Não sei se era por ser homem, ou se era uma coisa só dele, mas ele estava-se mesmo nas tintas. Em contrapartida, eu preocupava-me em demasia. A minha inquietação sobre a minha própria existência sempre se centrara na minha forma física. Tinha passado uma vida inteira a odiar a minha aparência no presente e a apreciá-la em retrospectiva. Sem dúvida que havia uma Grace de 90 anos no futuro a perguntar-se porque é que eu não gostava do meu aspeto aos 72. Se ao menos pudéssemos ter sempre connosco a perspetiva do futuro enquanto vivemos esse presente...

É certo que, a cada momento, estamos mais velhos do que alguma vez estivemos, mas também somos, claramente, mais jovens do que alguma vez viremos a ser. Nunca gostei muito do meu corpo e, mesmo agora que as varizes mais grossas tinham sido removidas, ainda sentia bastante vergonha dele. Ser inglesa — particularmente da forma condensada conhecida como inglesa das East Midlands —, significava que tinha sido educada para encarar a inibição como uma virtude. Mas também estava condicionada por ser velha, por ser mulher. É tão ridículo, não é? O modo como julgamos o nosso corpo. O modo como, à medida que nos tornamos cada vez mais invisíveis com a idade, ainda nos agarramos a essa inibição. O modo como amaldiçoamos aquilo que nos tem mantido vivos durante todo o tempo. Duvido que um pardal se ressinta das suas asas, mesmo quando tem as penas secas e murchas.

Sempre quis ser um pássaro. Um azulino. Como aquele que o Daniel me desenhou há várias décadas. Mas ali estava eu, mais humana do que nunca. E a ideia de que o Alberto — já com o fato de mergulho — poderia virar-se e ver-me a qualquer momento fez com que me apressasse a vestir desajeitadamente o meu.

A propósito, vestir um fato de mergulho é um dos maiores desafios da vida. Exige a força de um touro e os membros de um contorcionista. Se os fatos de mergulho existissem na Antiguidade, um dos doze trabalhos de Hércules teria sido enfiar-se num deles. No final, quando já estava praticamente toda coberta, até tive de pedir ao Alberto para me dar uma pequena ajuda.

— *Sí, sí, claro... por supuesto...*

A seguir, ele desligou o motor, prendeu-me uma botija de oxigénio às costas e falou-me de outros equipamentos, incluindo as lanternas presas às nossas cabeças. Por breves instantes, pareceu-me um instrutor de mergulho normal. Falou-me do regulador através do qual eu respiraria. De outro dispositivo — uma espécie de colete — que iria controlar a minha flutuabilidade debaixo de água, para que não tivesse de estar sempre a dar às pernas. De um cinto com pesos. De uma máscara, que ele disse ser muito importante, porque eu tinha de

manter os olhos o mais abertos possível. E das barbatanas. Não sabia se havia de me sentir ridícula ou aterrorizada, por isso decidi sentir-me das duas maneiras. Ele voltou para o leme e continuou a afastar-se da costa.

Eu não fazia ideia do que estava ali a fazer. Sim, queria desesperadamente descobrir o que tinha acontecido à Christina, mas acho que havia outra razão para eu estar naquele barco e, certamente, não tinha nada que ver com o carisma animal do Alberto. Talvez, a um nível subconsciente, fosse uma espécie de desejo de morte. Talvez eu quisesse que algo de mau acontecesse. Talvez, depois de descobrir que não era capaz de sentir nada em relação a uma ilha tão bonita, me tivesse apercebido de que não tinha nada a perder.

Ou talvez, quem sabe, também tivesse sido o oposto. Talvez eu tivesse a sensação de que precisava de quebrar o padrão. E, ao fazê-lo, iria escapar do limbo em que me encontrava. Iria morrer. Ou iria encontrar uma forma de viver realmente. Ou seja, talvez algo me estivesse a chamar. Fosse a Christina ou outra coisa qualquer. Algo relacionado com aquela estranha água brilhante no frasco de azeitonas.

— As pessoas dizem que ela conseguia ver o futuro — comentei eu, a dada altura, quando o som do motor amainou.

— É verdade — confirmou o Alberto, olhando para o sombrio contorno rasteiro de Formentera à nossa frente. — Ela viu que a sua vida estava em perigo. Mas não sei quem é que a estava a pôr em perigo. Quem queria matá-la. E ela também não.

— As pessoas não veem o futuro.

— É claro que veem. As pessoas estão sempre a fazer isso. Meteorologistas, economistas... Bem, pelo menos, tentam.

Ele riu-se. Achou que tinha piada. Achou que era uma boa altura para aquela piada seca, logo depois de falar sobre a morte da Christina. Ele tinha uma admiração imprópria por si próprio.

— Sabe bem ao que me refiro. É um homem de ciência. Perceberá certamente que o que está a dizer não faz sentido. A clarividência é uma ilusão, um truque de magia, não existem provas que a sustentem — disse eu.

— Há muitas coisas que as pessoas pensavam não serem reais e que se vieram a revelar muito reais. Até perto do final do século XIX, todos os cientistas marinhos do mundo estavam convencidos de que a vida não podia existir a mais de quinhentos metros abaixo do nível do mar. Depois, descobriram que existia até ao fundo e foi um choque. Um *grande* choque.

— Isso é diferente.

— Acha? Tudo parece óbvio depois de a história o comprovar. Mas, naquela altura, foi como encontrar provas de vida extraterrestre.

Nunca chegamos ao fim da história. E não estamos no fim da ciência.

— Acredita na vida extraterrestre, não acredita? Escreveu um livro sobre isso.

— Sim. Acha que iria acreditar na existência da Terra se nunca cá tivesse estado? Iria acreditar no elefante, na tartaruga, no peixe-palhaço, no tubarão-zebra? Seria uma loucura, uma loucura.

— Tento acreditar na realidade conhecida — disse eu.

— Então e a água do mar brilhante no frasco de azeitonas?

Gelei. Tinha a certeza de que não lhe tinha contado aquilo. Ele meteu a mão no bolso e tirou uma garrafa de rum em miniatura. Só que não era rum. Era água do mar, água do mar com um brilho muito ténue.

— Eu ando com isto comigo para todo o lado. Desde que larguei a bebida. Gosto de ter isto perto de mim.

— Isto? O que é *isto*?

— Algo que irá compreender muito em breve. A realidade é apenas uma ilusão. Embora seja uma ilusão muito persistente. Penso que foi isso que Einstein disse. Por vezes, a ilusão é a realidade que ainda não compreendemos.

— Se ela conseguia ver o futuro, porque é que morreu?

Ele franziu o sobrolho, sorrindo.

— Quem disse que ela morreu?

— Toda a gente — respondi. — É por isso que estou aqui. Porque ela morreu.

— Ela não morreu. Apenas viu que ia morrer. Ela sabia que, se ficasse, alguém lhe faria mal. E simplesmente partiu.

— Para onde?

— Estou prestes a mostrar-lhe.

Não fazia ideia do que dizer.

— Tenho 72 anos. Não preciso de fazer algum teste de saúde?

— É saudável?

— Não particularmente. — Não me apetecia dar-lhe a lista completa. As varizes problemáticas, a anca com maleitas, os tornozelos inchados, os acufenos, a osteoartrite, a tensão arterial irregular, a depressão ocasional, a anedonia... O audiolivro do *Guerra e Paz* demoraria menos tempo.

— Então, pronto. Isso é perfeito.

— Perfeito? Para quê?

Para atribuir a minha morte a causas naturais?

— Já vai ver — disse ele. O que não era exatamente tranquilizador.

Nolletia chrysocomoides

Sentei-me no banco do convés e esperei.

O motor falhou e o Alberto dirigiu-se para a popa, praguendo em espanhol até conseguir pô-lo a funcionar novamente.

Dirigimo-nos para sul, passando por Es Vedrà. Era uma visão bastante intimidante, de perto, no escuro. O rochedo parecia não ter fim, fundindo-se com a noite. Os seus rebordos exibiam escassos tufo de vegetação. Era difícil imaginar alguém a viver ali. Até mesmo bodes. Achei que aquela rocha tinha um tamanho bastante conveniente. Podia esconder qualquer coisa que se fizesse por detrás dela. O meu estado de nervos piorou.

Pratiquei a colocação do bocal e a respiração através dele.

Foi um alívio quando ouvi o meu telemóvel a vibrar. Vasculhei por entre a minha pilha de roupa e vi que tinha uma mensagem de WhatsApp da Sophie, a irmã do Karl. Era a sua resposta à fotografia que eu tinha enviado da planta com flores amarelas.

Tratava-se de uma longa mensagem. Ou de uma longa série de mensagens. O que era invulgar. A Sophie explicava que não reconhecia a planta de todo e que a tinha mostrado à sua companheira, Sarika, que é botânica. Ao que parece, a Sarika tivera uma reação forte à fotografia:

Ela ficou muito MUITO confusa.

Pensou que tinhas tirado a fotografia da Internet. Que fosse uma coisa feita com Inteligência Artificial.

A planta que nos enviaste tem o pomposo nome científico de *Nolletia chrysocomoides* — (fiz *copy/paste!*) — e está oficialmente extinta na

Europa!!! Há dez anos que não se aproxima sequer de Espanha. E olha que a Sar sabe tudo sobre estas coisas... é uma *nerd* das plantas... perita em plantas e flores ameaçadas e extintas. Portanto — sim — muito estranho!!!

Ela vai enviar a foto (se puder ser) à colega da UWA (a universidade aqui em Perth), para ver o que ela consegue descobrir. De qualquer forma, espero que estejas bem e a aproveitar a vida em Ibiza. Eu sei que, às vezes, tens dificuldade em conviver e te deixares levar. Mas acho que o Karl haveria de querer que fizesses isso. Falamos em breve. Bjs

Quando desliguei o WhatsApp, o Alberto continuava a falar comigo, mas eu mal o ouvia. O meu coração batia mais depressa do que eu sabia que lhe era permitido e a minha mente vagueava por áreas anteriormente isoladas, cheias de noções e ideias que eu outrora teria descartado como fantasiosas. Um dos pensamentos que me entrou na cabeça foi o seguinte: a planta não tinha aparecido de modo aleatório em frente à porta. Tinha aparecido no sítio onde eu despejara a água. A água do frasco de azeitonas. A água mágica. A água que brilhava.

Fitei o Alberto. Precisava de me concentrar.

— O oceano ainda é amplamente desconhecido — dizia-me ele. — As pessoas dizem que o Universo é desconhecido, mas com o nosso planeta passa-se o mesmo. Já foram mais pessoas à Lua do que à parte mais profunda do oceano. A Fossa das Marianas, pá. Já ouviu falar dela? Muito difícil de lá chegar. A maior parte do oceano nunca foi vista por seres humanos, muito menos mapeada. Na verdade, sabemos mais sobre a superfície de Marte. Mesmo em mares pouco profundos como este, grande parte ainda é um mistério. Vai ajudar ter isso em mente...

Percebi que se tratava do seu tema favorito. Ficou bastante animado, esbracejando tanto quanto o fato de mergulho justo lhe permitia. Falou do que tinha sido descoberto e sobre a sua magia: montanhas subaquáticas, vales maiores do que o Grand Canyon, um rio subaquático no Mar Negro maior do que o Tamisa e ladeado por árvores. Perguntei-me a mim mesma: se ele estivesse prestes a matar-me, será que se daria ao trabalho de me dar uma palestra sobre a vida marinha?

— E depois chegamos aos prados subaquáticos — disse ele. — Uma coisa muito impressionante. *Posidonia oceanica*. Vai desde Ibiza até Formentera; um único organismo autorreplicante que, como um milagre especial, se preservou durante muitos, muitos, muitos séculos... Milénios, na verdade.

— Então porque não quis que eu os visse durante o dia? Não vai estar escuro lá em baixo? Mesmo com as lanternas?

Ele riu-se. E repetiu a minha pergunta.

— Não vai estar escuro lá em baixo? É exatamente o contrário. Vai ver.

— Se este prado subaquático está em todo o lado, porque é que temos de nos afastar tanto da costa?

Ele virou-se de costas para o leme. Falou alto para se fazer ouvir por cima do motor.

— Porque quer a resposta, certo? Quer estar exatamente onde a fotografia foi tirada. Quer ver o fio que lhe deu...

O fio que lhe deu...

Era muita informação em muito poucas palavras.

— Sabe que fui eu quem lho deu?

— *Sí, sí. Por supuesto!* É claro que sim, claro que sim. Ela falou-me disso. Disse que era a pessoa mais bondosa que ela já conheceu. Não só bondosa, mas também forte. São as duas qualidades essenciais, Grace. São as necessárias. Força mental e empatia emocional. Deixe-me dizer-lhe umas palavrinhas sobre a bondade. Fui criado pela minha avó aqui na aldeia de Santa Agnès de Corona. Ela era uma artista. Mas era bondosa com toda a gente. Antes de eu nascer, ajudou muitos artistas fugidos da Alemanha a encontrar um porto seguro em Ibiza. A nossa casa era pequena, mas havia uma amendoeira do lado de fora da janela que, ao florescer, me lembrava de que este era um mundo pleno de uma beleza impressionante. Éramos pobres, mas Ibiza era rica noutros aspetos. Nessa altura, estávamos tão perto da Natureza. Só existiam duas estradas alcatroadas e praticamente não havia luz elétrica, mas havia sempre música, conversas interessantes e o mar. A minha avó levava-me para todo o lado e queria que eu aproveitasse a vida. Lembro-me de dançar ao som de *jazz* em criança na praia de Figueretas. Devo tudo à bondade dela e, quando vejo atos de bondade, quero recompensá-los. Graças a ela, sempre tive três coisas. O amor pela Natureza, a força e a empatia. Ela tinha essas qualidades. Você também as tem.

— A sua avó parece-me uma boa pessoa.

— E era. A Christina também. E ela viu essas qualidades em si.

— Mas a Christina não me conhecia — disse eu. — Não me conhecia bem. Não nos mantivemos em contacto.

— Oh, ela sabia *tudo*.

O Alberto desligou o motor e, abanando a cabeça, dirigiu-se à proa, onde baixou a âncora. Olhei para a água. Inspirei o ar fresco e salgado. E vi qualquer coisa. Algo que brilhava no meio das profundezas escuras. Só por um momento. Antes de o oceano regressar à escuridão.

— Há uma beleza neste mar que é diferente de todas as outras — explicou o Alberto, com um sorriso semicerrado. — Mas são poucas as pessoas que a conseguem ver. Uma luz na água. É especial, mas pode ser hipnotizante. Tenha cuidado. Não nade até ela... Ela virá até si.

Ajustei o regulador na boca e pus-me de pé na pequena

plataforma, pronta para seguir o Alberto mar adentro.

O que estou eu a fazer? O que é que vai acontecer?

Dei-me conta de que, em grande parte, a vida é um mistério. Até a Matemática está envolta em mistério. Podemos saber que qualquer número par superior a dois é a soma de dois números primos, mas não sabemos porquê. Há mistérios por todo o lado. Na mente de cada criatura senciente e sob a superfície de cada mar. Por vezes, a única coisa a fazer é mergulhar e descobrir as coisas por nós próprios.

Metade de mim estava assustada. Mas depois pensei naquela moradia vazia em Lincoln, cheia de memórias tristes, e levantei a perna para entrar na água, lembrando-me de manter os olhos bem abertos.

A escuridão repentina

O Alberto nadava à frente, o que era reconfortante, pois conseguia vê-lo com o feixe da minha lanterna e certificar-me de que ele não estava a sabotar secretamente o meu oxigênio. Seguimos num ângulo suave em direção ao prado.

Ele apontou para a direita e eu esqueci-me momentaneamente de respirar quando me virei e a minha lanterna iluminou uma enguia roxa com manchas amarelas, cujo corpo avançava numa ondulação hipnotizante. Depois disso, esforcei-me um pouco para regular a minha respiração. Sentia um formigueiro nas pernas. Tinha sérias dúvidas de que algum médico me tivesse recomendado uma coisa daquelas. Mas já tinha chegado até ali, por isso continuei a nadar.

À medida que nos aproximávamos do fundo do mar, pude testemunhar uma abundância de vida na escuridão. Um pequeno cardume de peixes prateados que seguia velozmente em formação, projetando as suas sombras no prado subaquático e, na areia mais abaixo, um par de enguias a ondular por entre os fios verdes da planta, cavalos-marinhos, uma lesma-do-mar colorida. Um peixe ferido, uma garoupa, vertia sangue para a água.

Conseguia ver claramente o prado subaquático sob o brilho artificial da lanterna. Era belo e assustador ao mesmo tempo. Folhas verde-esmeralda compridas e finas que pareciam prolongar-se eternamente em todas as direções. Dava a sensação de ser profundamente importante na sua simplicidade, como se fosse essa a chave para a sobrevivência. Nunca florescer, nunca progredir, nunca complicar. O mesmo modelo sempre repetido.

Depois vi o Alberto a apontar para qualquer coisa. Algo pequeno e dourado, exatamente como na fotografia. Nadei em direção ao objeto e apanhei-o. Um fio que eu já não segurava na mão há quarenta e cinco anos. Vi a figura gravada de São Cristóvão a carregar o Menino Jesus para o outro lado do rio. Agarrei-o com força como se fosse um tesouro perdido e procurei uma pista que me dissesse como teria ido ali parar. Procurei indícios de problemas. Mas não havia nada, e o prado subaquático não parecia perturbado nem pisado ou alterado por uma luta.

Foi então que, curiosamente, os peixes e as outras criaturas marinhas que se deslocavam em direções opostas convergiram de repente numa só. Estavam a afastar-se rapidamente de uma entidade invisível, como que em pânico. Eu tentava perceber o que se estava a passar, quando aconteceu outra coisa.

A luz presa à minha testa começou a tremeluzir.

Virei-me para o Alberto sob a luz trémula e vi que a luz dele fazia o mesmo. Acho que ele estava a sorrir, mas era difícil perceber por causa do equipamento de mergulho. E então, passado um segundo, as luzes apagaram-se por completo. Escuridão total. Nada. Olhei para todos os lados.

Senti a mão dele no meu braço.

Por favor, mantenha-se longe do Sr. Ribas...

Um aperto forte.

Um louco.

Cada vez mais apertado.

A única pessoa que sabe verdadeiramente o que lhe aconteceu.

Depois, largou-me.

E tudo mudou.

Luz

De repente, fez-se luz.

A nuvem e a esfera

Aluz que eu via agora não provinha das nossas lanternas. Essas continuavam totalmente apagadas.

Não, aquela luz vinha de uns cem metros à nossa frente. Fosforescente. E os peixes velozes que vi a fugirem de algo estavam, na verdade, a fazer o contrário. Apressavam-se na sua direção.

Uma *coisa* luminescente sobre o prado subaquático, uma cor que parecia brilhante e pálida ao mesmo tempo, que primeiro tinha a forma de uma nuvem e depois a forma de uma esfera. Uma esfera geometricamente *perfeita*. Uma daquelas que Euclides e Arquimedes descreveram há milhares de anos, mas que, na Terra, só existem como ideia abstrata e não como um elemento da Natureza. Alternava entre nuvem indistinta e esfera definida, de uma forma que instantaneamente me pareceu estranha e de outro mundo. Não era particularmente grande — maior do que uma bola de ténis, mas mais pequena do que uma bola de futebol. Pelo menos, no início. O tamanho alterava-se — crescia e depois encolhia — como o movimento de um pulmão. E, no que toca à cor, era azul, mas um azul diferente de todos os que já vira. Não era bem o azul do mar, embora a cor mudasse tanto quanto a dimensão e a forma. Os peixes nadavam para ela, para a luz.

Peço desculpa por ser tão imprecisa, mas é difícil descrever algo para o qual não existe uma verdadeira referência terrestre. O momento em que a comparo com alguma coisa é o momento em que me apercebo de que em nada se parece com ela. Suponho que descrevê-la seja como descrever uma emoção difícil, uma emoção

contraditória. À medida que envelhecemos, vamos tendo mais dessas emoções. Como o estranho e pequeno contentamento que, por vezes, pode ser atribuído ao luto ou às lágrimas, lado a lado com a dor. Ou o conhecimento agri-doce de que tudo tem um tempo finito.

Era hipnotizante; isso posso garantir-lhe. Foi, pura e simplesmente, a coisa mais incrível que vi na minha vida. Virei-me para o Alberto e vi-o a sorrir por detrás da máscara e do bocal. A sua lanterna na cabeça estava a funcionar novamente. E a minha também. O sorriso dele era o sorriso do reconhecimento, ou do orgulho, como um familiar quando nos mostra o seu filme preferido. E o mais incrível não era apenas o estar a ver aquela coisa, mas sim a sua *presença*, porque parecia que estava a olhar para um sentimento.

Sim. Era isso. *Parecia que estava a olhar para um sentimento.*

Sei que parece ridículo, mas é a única maneira que encontro para o explicar. Como se, de alguma forma, o que eu estava a ver fosse amor ou esperança. Ou melhor, uma emoção para a qual não temos uma palavra, mas que sentimos a um nível profundo, que mantemos enterrada, mas que nos liga. Estava a olhar para algo fora de mim, obviamente, mas também, de alguma forma, dentro de mim.

E devo ter estado a olhar para aquilo durante bastante tempo, até ter reparado que o Alberto apontava para a nuvem e, em rápida sucessão, me fazia o sinal do polegar erguido, bem como o sinal da palma da mão aberta — este último, o tipo de sinal que se dá a um labrador desobediente quando se quer que ele fique quieto. Por isso, ali fiquei. E vi a esfera luminescente transformar-se mais uma vez numa nuvem luminescente, antes de mudar lentamente de forma, alongando-se quase como um braço estendido numa direção clara, como se não fosse aleatória, mas tivesse uma intenção. E essa linha de luz aproximou-se do peixe ferido, a garoupa, e «tocou-lhe» na ferida. Depois, quase com a mesma rapidez, a luz recuou novamente para uma esfera nebulosa oscilante, e o peixe ali ficou, só que agora indiscutivelmente curado. Muito direitinho, com a pele salpicada intacta, prestes a nadar noutra direção.

Virei-me para o Alberto, que parecia muito menos atordoado do que eu. Continuava a sorrir, de um modo tão casual como se estivesse num café a ver o pôr do sol. Quando me virei para trás, já estava a acontecer. A esfera transformou-se numa nuvem e continuou a ser uma nuvem, mas depois parte da nuvem transformou-se novamente num longo e fino braço de luz. Só que dessa vez não se dirigia para um peixe ferido.

Dirigia-se para mim.

Livre

Não conseguia lembrar-me de tudo.

Quero dizer, conseguia lembrar-me daquilo que lhe contei até agora. Mas grande parte do hiato entre esse momento debaixo de água e o momento em que acordei no hospital é muito estranho. E devido à natureza do assunto sobre o qual estou a escrever, uma área que tradicionalmente tem levado as pessoas a devaneios fantasiosos ou a um ceticismo profundamente entranhado, sinto que devo cingir-me rigidamente ao que realmente vivi.

Portanto, posso dizer que a luz azul chegou até mim. O *braço de luz*, que era um cone de luz muito indistinto, longo e nublado. E no preciso instante em que me tocou, foi como se todo o oceano tivesse desaparecido.

Não havia criaturas nem plantas à minha volta. Nem Alberto. Nada de nada. Apenas água, mas uma água estranha. Água da cor daquele azul iluminado, brilhante e não natural. E foi a sensação mais relaxante que se possa imaginar. Mais do que relaxante. Algo mais. *Libertadora*. Senti-me livre. Devo ter deixado cair o fio em algum momento, mas não me lembro quando.

E então, num abrir e fechar de olhos, vi-me no que parecia ser terra firme. No meio da Natureza. Mas não era uma Natureza que já tivesse visto antes. Havia árvores que não eram árvores. Altas, finas, de folhas brancas. Havia uma praia que não era uma praia. Um mar que não era um mar. E o ar não era nenhum ar que eu já tivesse conhecido. Era tão puro e doce que fazia com que respirar parecesse ser o objetivo da vida, em vez de um mero pré-requisito.

Vi criaturas no meio das árvores. Estavam de pé. Quase podiam ser humanos, à distância a que se encontravam. Vestiam uma espécie de roupa. Mas pareciam um borrão, figuras numa aguarela de cujos corpos se desprendiam vapores. Fizera-me sentir tranquila. Como se fossem espíritos protetores.

A praia tinha areia, mas era de um tom laranja-torrado. E o mar era azul, mas não um azul terrestre. Era o azul brilhante e impossível que eu tinha visto ao mergulhar.

Eu sei o que está a pensar. Está a pensar: *Oh, isso a mim parece-me um sonho interessante*. E não posso dizer-lhe com toda a certeza que não tenha sido um sonho. Mas, se foi um sonho, em nada se assemelha a nenhum outro que eu tenha tido em sete décadas de existência. Foi tudo tão nítido. Na verdade, o aprimoramento de todos os sentidos foi tal, que era mais fácil acreditar que a minha vida até então tinha sido um sonho e que aquilo, sim, era a realidade. Pois é. Foi essa a sensação que tive. Como se fosse um despertar.

— Onde? — indaguei em voz alta.

Apenas essa palavra.

Onde?

Vi qualquer coisa sobre a areia laranja. Uma coisa a brilhar. Não era um fio, era um anel. O anel de esmeralda com que o Karl me pedira em casamento no restaurante indiano quando éramos estudantes. O tal que eu tinha recusado na altura.

E, nesse preciso momento, ouviu-se um rugido oceânico. Depois, o som de um poderoso dilúvio a inundar as árvores. Era outra vez aquela água a brilhar. Aquele azul indescritível.

Tudo se foi

Tudo se foi.

Subir, rodopiar, girar

Fui arrastada para aquele mar luminescente, tentando desesperadamente respirar, e fui subindo, rodopiando e girando até ficar imóvel, estendida de costas, envolta em lençóis limpos numa cama de hospital, pestanejando à medida que acordava.

Saber o nome de alguém sem saber como

Acordei.

Ainda com o fato de mergulho vestido, mas agora num quarto branco e limpo, deitada na cama com um oxímetro acoplado ao meu indicador esquerdo.

Independentemente do que tivesse acabado de acontecer, eu regressara à realidade. Um quarto de hospital bem iluminado, com cheiro a desinfetante e rodeada de máquinas a apitar. Havia uma fina faixa laranja na parede. E uma cadeira cor de laranja. É sempre interessante ver países com inclinação para determinadas cores. A Espanha tem uma grande queda para o laranja. Mobiliário cor de laranja. Laranjeiras. Até a terra em Ibiza é alaranjada. Os taninos das agulhas dos pinheiros caídas.

Estavam presentes uma enfermeira, uma médica e o Alberto Ribas. Ficaram todos contentes por me verem acordar. O Alberto ainda estava de fato de mergulho. O seu aspeto era ridículo. Senti um desejo profundo de lhe dar uma bofetada. É claro que eu não sabia precisamente o que havia ocorrido, mas a verdade é que eu estava no hospital e o que quer que tivesse acontecido era muito provavelmente culpa dele. E, por isso, o brilho nos seus olhos não foi uma visão agradável. Foi como ver um fósforo aceso num arbusto. Um sinal de perigo.

Informaram-me de que me encontrava no Hospital de Can Misses, nos arredores da cidade de Ibiza, e de que estivera inconsciente

durante três horas. Já me tinham testado os pulmões e, para surpresa da médica, não havia danos causados pela água.

— Como se sente fisicamente? — perguntou a médica, num inglês muito bom.

— Surpreendentemente bem — disse eu.

De facto, e tanto quanto pude perceber enquanto estava deitada, sentia-me mais saudável do que nunca. Uma vez, há umas décadas, quando levámos o Daniel a Corfu, nas suas únicas férias no estrangeiro, estávamos tão felizes e ativos, a nadar, a passear de gaivota, a visitar olivais, que eu dormi melhor do que alguma vez tinha dormido na minha vida. Acordava todos os dias a sentir-me novamente uma criança. Nunca mais dormi assim, muito menos depois de termos perdido o Daniel. Mas agora sentia-me outra vez tão rejuvenescida como naquelas férias nos anos oitenta.

— Do que é que se lembra antes de perder a consciência?

— Vi uma luz — disse eu, apercebendo-me de como isso soava patético. *Vi uma luz.* Até o Alberto pareceu estremecer quando eu o disse. Sobretudo ele.

— Que tipo de luz?

Tentei pensar.

— Desculpe, Paula, é difícil de explicar. Uma luz em movimento. Uma nuvem e depois uma esfe...

A médica ficou muito quieta. Como se eu tivesse dito alguma coisa errada.

— Desculpe. Como é que sabe que o meu nome é Paula?

— O seu crachá — disse eu.

Lançou-me um olhar desconfiado e prendeu uma madeixa de cabelo atrás da orelha.

— Não estou a usar nenhum crachá.

Isso deixou-me perplexa.

— Oh, então não sei.

Devo tê-los ouvido a falar enquanto dormia. Já tinha ouvido qualquer coisa na rádio sobre isso. Sobre a quantidade de coisas que absorvemos enquanto dormimos sem nos apercebermos.

O Alberto fitava-me.

— Tem antecedentes de epilepsia?

— Não — disse-lhe eu. — Bem... o meu avô tinha convulsões.

Ela anuiu com a cabeça.

— Enxaquecas?

— Sim, já tive algumas.

Ela anuiu novamente.

— Isso corresponde à descrição que nos foi dada pelo cavalheiro.

— Fez sinal para o Alberto. — Ele disse que teve uma espécie de ataque e que teve de a tirar da água. Os seus níveis de oxigénio no

sangue são muito bons, mas vamos ter de fazer mais alguns exames...

Picos

Disseram ao Alberto para esperar na receção. Ele tinha levado as minhas roupas para o hospital e eu vesti-as. Fizeram-me análises ao sangue. Mediram-me a tensão arterial, que estava boa. Depois fizeram um eletroencefalograma, em busca de uma qualquer atividade elétrica anormal no cérebro. A médica colou pequenos sensores na minha cabeça, com uma espécie de pasta para os fixar, e ficou a olhar para linhas em movimento num ecrã. As linhas estavam claramente mais frenéticas do que seria suposto.

Apontou para o ecrã.

— Estes picos que se veem aqui estão muito elevados e próximos uns dos outros...

— O que é que isso quer dizer?

A médica olhou para mim e, quando os nossos olhares se cruzaram, senti que sabia tudo sobre ela, como se ela fosse uma janela aberta e eu pudesse ver tudo lá para dentro. Vi memórias tão nítidas como cicatrizes. Vi-a a falar cuidadosamente com o irmão doente durante o seu último episódio de paranoia. Vi-a na Plaza de España, em Sevilha, a sorrir e de mãos dadas com um marido que agora detestava. Vi-a a passear o cão no inverno ao longo de uma Ses Variades deserta, na *sunset strip* em San Antonio, a passar pelo Café del Mar fechado e a chorar pela mãe moribunda. Vi-a na casa de banho, preocupada com um novo sinal no antebraço. Vi-a no carro estacionado, curvada sobre o volante, a pensar como iria aguentar mais um dia de trabalho. De repente, estava tudo ali. Eu compreendia tudo, mas não percebia como. Parecia a sensação que tive uma vez no

Louvre, quando entrei na galeria de antiguidades, cheia de esculturas gregas, com a *Vénus de Milo* ao fundo da sala. Foi uma absorção súbita de intensidade. Era demasiado, mas também, de alguma forma, inteiramente natural. O Karl tinha a teoria de que a arte e a música e tudo o que já existiu se encontrava, de algum modo, dentro de nós. O que fazia com que uma canção ou uma escultura fossem boas era o facto de se relacionarem com algo que já existia dentro de nós. Bem, era isso que eu estava a sentir. Olhar para o rosto daquela médica era como entrar numa galeria de pensamentos. E eu conhecia cada um deles como se fossem meus.

La Presencia

Mandaram-me fazer uma ressonância magnética.

Havia qualquer coisa nos hospitais. Algo que nos fazia pensar no futuro e no passado ao mesmo tempo. Cheiravam a escola, mas também a mais qualquer coisa. Os corredores eram como um labirinto com placas com setas por todo o lado.

Triaje. Radiografía. Neurología. Ultrasonido. Emergencia.

Sentei-me na sala de espera com o Alberto, de fato de mergulho. Ele estava a comer batatas fritas que tinha acabado de comprar numa máquina de venda automática. *É um bom homem.* Não faço ideia porque é que esse pensamento me veio à cabeça, mas tentei ignorá-lo. Havia outro homem ali sentado. Um idoso frágil, elegantemente vestido com uma camisa de manga curta enfiada nas calças apertadas com um cinto. Tinha um sorriso digno, um sorriso que tentava ser calmo. Retribuí-lhe o sorriso. Foi um daqueles sorrisos frágeis que se partilham nas salas de espera dos hospitais.

— Cometi um erro — disse-me o Alberto, com uma seriedade tranquila.

— Desculpe?

— Vai ter de sair daqui — sussurrava-me ele, com uma urgência bombástica. — Muito em breve. Temos de sair os dois daqui.

— Porquê?

Comeu outra batata frita.

— Confie em mim.

— A última vez que confiei em si, quase morri afogada.

— Não morreu nada. Até a médica o disse. Não havia danos

causados pela água nos seus pulmões. Aconteceu-lhe uma coisa, mas não foi isso.

— Quase morri. Tal como a Christina. E, tanto quanto sei, isso também foi culpa sua.

Ele cofiou a barba. Agitado. Nervoso.

— Ela sabia o que lhe ia acontecer. Tudo o que lhe aconteceu foi escolha dela.

— Como assim?

— Ouça, peço desculpa. *Sinceramente*. Tentei ser o mais claro possível. Disse que, se quisesse saber o que aconteceu à sua velha amiga, tinha de vir comigo...

— Ainda não sei o que aconteceu à Christina.

Mais uma vez, ignorou-me e continuou a falar.

— *Mierda*. Não sabia que ia acabar no hospital. Isso nunca aconteceu antes, garanto-lhe. Ela deve ter gostado mais de si do que da maioria. Ou deve ter tido mais... trabalho para fazer.

Entrei no jogo.

— Está a falar do quê?

— *La Presencia*.

— O quê?

— É assim que nos referimos a ela.

— *A ela?*

— A Presença, na sua língua. Mas *La Presencia* é melhor.

— Por favor...

— A luz que viu.

— Tratou-se de uma aura. Foi o que a médica disse. Pode acontecer com enxaquecas ou antes de convulsões.

— Não teve nenhum ataque. Eu estava lá. Mas eu não lhes ia dizer isso. É melhor eles não saberem os pormenores. E já alguma vez ouviu falar de duas pessoas que viram a mesma aura ao mesmo tempo? Não, é claro que não. Isso não quer dizer que toda a gente a consiga ver. Ela esconde-se muito facilmente. Só é vista por quem precisa de a ver.

— Jesus — disse eu.

— Não. Não se trata de Jesus.

— Eu queria dizer *Jesus* — soltei. — A interjeição que usamos quando um homem esquisito de fato de mergulho se senta ao nosso lado e começa a dizer coisas completamente ridículas.

O Alberto exalou um pequeno assobio. Falou de repente no tom exagerado de um guia turístico.

— Há uma aldeia em Ibiza que se chama Jesús. Mas nós pronunciamos *re-zus*.

O velhote elegante olhou-nos fixamente. Voltei a sorrir. Desta vez, não foi correspondido. Era evidente que nos arriscávamos a causar alguma perturbação.

— É uma pessoa difícil — disse o Alberto. — Já alguém lhe disse isso?

Sim, não lhe respondi. Muitas vezes.

— Tenho tendência a evitar conversas tanto quanto possível — disse eu. — E o senhor está a lembrar-me do motivo.

Ofereceu-me uma batata frita. Abanei a cabeça, apesar de ter fome. *Teimosa como uma mula*, dizia a minha mãe.

O Alberto encolheu os ombros e falou com a boca cheia.

— São com paprica. Bem boas. Não gosta de ter prazer quando lhe é oferecido, pois não? — Um minuto de silêncio. Depois, ele não resistiu. — Isto é normal. É a fase da negação. Aconteceu à Christina, também. Acontece algo de extraordinário quando nos toca e atribuímo-lo a um sonho, porque não havíamos de o fazer? Mesmo que uma parte de si saiba que não foi um sonho. A propósito, normalmente, não é preciso uma pessoa ser carregada para fora da água. Normalmente, acontece tudo muito depressa. Acontece num instante. Mas consigo houve uma interação mais forte. É por isso que tem de sair daqui e ir para casa. Porque se fizer um exame ao cérebro, vão encontrar algo fora do normal.

— É esse o *objetivo* de se fazer um exame ao cérebro.

— Estou a falar de algo que talvez nunca tenha sido visto antes. É mais completo do que o outro exame que fez. E vai surpreendê-los. E poderão levá-la para algum lado, sabe-se lá!

Olhei para ele. Pensei na flor extinta que desabrochava por entre uma fenda no carreiro seco à minha porta. Pensei no frasco de água do mar que se tinha enchido de novo. Pensei em todas as coisas ilógicas com as quais não sabia o que fazer. Mas, de alguma forma, tudo o que me ocorreu dizer foi:

— Não tem de ir cuidar de uma cobra?

Golpe de sorte

— **O**uçá, atualmente, há outra força na ilha — disse o Alberto. — Não é *La Presencia*, é algo que ainda não compreendemos. Algo que a Christina só conseguiu ver de relance. Alguém ou alguma coisa com poderes a trabalhar contra nós. — Alberto viu uma pessoa a caminhar pelo corredor. Uma médica. Uma mulher alta, com uma expressão séria e preocupada e madeixas soltas a tentarem escapar de uma mola de cabelo. O Alberto pareceu distrair-se subitamente. — Temos de sair já daqui. Foi um erro chamar tanta atenção sobre nós. É sempre um erro. Isto devia ser secreto...

— Eu não acredito em contos de fadas.

— Temos de ir. Já. — O Alberto estava de cabeça baixa. Observava os passos da médica.

— Não.

O Alberto anuiu com a cabeça.

— Muito bem — disse ele, apontando para a mulher da receção. — Dentro de quinze segundos, a rececionista vai mexer nos óculos. Dentro de vinte, vai pegar no telefone para fazer uma chamada.

Aquilo era ridículo. *Aquilo não é ridículo.*

O meu olhar passou rapidamente do suave movimento do ponteiro dos segundos do relógio na parede para a agitação da rececionista de óculos. Reparei que ela ajeitou os óculos no nariz e que, passados cinco segundos, esticou o braço sobre a secretária, levantando-se ligeiramente, para aproximar de si um telefone fixo e começar a marcar.

Golpe de sorte, disse a mim própria. Eu estou sempre a tocar nos

meus óculos de leitura. Deve haver por aí algum estudo que diga que as pessoas tocam nos óculos em determinadas alturas. E quanto ao telefone... bem, é provável que uma rececionista faça umas quinhentas chamadas por dia.

— Bem visto — suspirou o Alberto.

— Eu não disse nada.

— *Sí*. Claro.

— Está bem. Vou fazer-lhe a vontade. Se consegue prever as coisas, porque não pressentiu que levar-me para o hospital seria uma má ideia?

Ele assentiu.

— *Sí*. Outra coisa bem vista. A resposta é que eu estava com medo. Achei sinceramente que podia morrer. — Ele parecia genuinamente preocupado. — A maior parte das coisas é impossível de saber com total certeza. E, sim, consigo fazer alguns truques engraçados quando estou a observar alguém de perto, mas, na verdade, os meus talentos são muito reduzidos hoje em dia. Em tempos, eu era todo-poderoso, mas as coisas mudaram. De vez em quando, capto pensamentos. Por vezes, consigo ver alguns minutos à frente, mas é só isso. Mesmo que ela nos escolha, *La Presencia* só nos atinge uma vez. Eu podia ancorar o meu barco a meio caminho entre Formentera e Ibiza todos os dias e mergulhar naquele local exato e ela nunca me tocaria. Já fez comigo aquilo que tinha a fazer. O meu contacto com ela foi muito ligeiro. Ao contrário do seu. Os seus talentos serão algo digno de se ver quando se desenvolverem. Talvez superiores aos da Christina. Isto por ter estado tanto tempo na água.

— Tanto disparate — resmunguei, tentando demonstrar que estava mesmo a falar a sério.

— Se é um disparate, como é que explica o facto de saber que a médica se chamava Paula?

— Poderes mágicos, obviamente — disse eu, com sarcasmo.

Porém, na minha cabeça estava a fazer contas. De acordo com o relógio de parede, eram sete e vinte e cinco da manhã. Sete multiplicado por vinte e cinco dá cento e setenta e cinco.

— Porque é que está a fazer contas?

— Como é que sabe que eu...

Estava a adentrar uma nova realidade e não tinha nada a que me agarrar.

Ele encolheu os ombros.

— Não são poderes mágicos. Não há magia. Mas poderes, sim. Que nos foram concedidos por algo que é extraterrestre. *La Presencia*. A presença. De Salácia.

— Salácia?

— O nome que damos ao planeta de onde a presença veio. É um

bom nome, não é? A deusa romana do mar.

— Não acredito nesse tipo de coisas.

— A única coisa em que precisamos de acreditar agora é que existe a possibilidade de não sabermos tudo sobre a vida no Universo. Que não somos tão arrogantes a ponto de pensarmos que *este momento em particular da História* é aquele em que sabemos tudo o que há para saber. Será isso possível? Agora, por favor, antes que seja tarde demais. Ou sai daqui comigo, ou não.

E, dito isto, levantou-se. E eu não o segui. Limitei-me a olhar novamente para o velhote à minha frente. Ele estava à espera da mulher. Ela ia fazer um exame a um tumor suspeito. Ele não tinha dormido, devido à preocupação. Eu sabia-o, mesmo sabendo que não podia saber.

O Alberto saiu pelas portas automáticas. Perguntei a mim própria o que teria acontecido à Christina. Talvez estivesse presa numa base militar algures.

Fitei as minhas mãos. Havia qualquer coisa de estranho, mas demorei alguns segundos a aperceber-me do que era. E foi então que o vi: o anel. Em vez de um rubi, tinha uma esmeralda. No lugar do anel de noivado que eu usava todos os dias desde que o Karl me pedira em casamento na biblioteca, estava o anel que eu recusara no restaurante Raj Pavilion, perto da Universidade de Hull, tantos anos antes. Aquele que eu tinha visto na praia impossível.

A adrenalina subiu-me à cabeça. Senti-me alerta e assustada.

Senti uma vontade súbita de ir atrás do Alberto.

Por isso, levantei-me, com a rececionista ainda ao telefone, e dirigi-me rapidamente para a saída. Um homem de uniforme verde atravessava as portas automáticas. Era o agente da Guardia Civil com quem eu tinha falado. Aquele carrancudo e taciturno. Evitei o seu olhar, mas, ao passar por ele, soube que se chamava Carlos Guerrero. Soube que ele estava no hospital por causa de um telefonema que tinha recebido sobre uma mulher trazida pelo Alberto Ribas depois de um acidente de mergulho. Soube que ele gostava de beber uma cerveja todas as noites enquanto assistia a concursos de perguntas e respostas. Soube que tinha um sofá no seu apartamento ainda com a capa de polietileno, porque não gostava de sujidade. Soube que ele adorava o FC Barcelona tanto quanto odiava o Real Madrid, mas que havia outro nível em que não se importava de todo. Soube que o calor lhe provocava comichão na parte interior das coxas e que tinha dores nas costas causadas pela ciática. Soube que tinha um sonho recorrente em que um leão lhe urinava em cima enquanto ele se deixava ficar deitado, demasiado assustado para se mexer. Por vezes, o sonho tinha uma dimensão sexual aterradora que o fazia acordar encharcado em suor. Soube que ele tinha falado com o Alberto e que o tinha excluído

dos seus interrogatórios. Mas soube também que alguém lhe pagara um suborno. Vi-o numa vivenda cara que não era a dele, a aceitar dinheiro de alguém sem rosto. A pessoa tinha obviamente um rosto, mas eu não o consegui ver.

— *Disculpe, señora* — disse ele, enquanto eu continuava a andar.

Não sou quem tu pensas que sou, pensei, e pensei-o com tanta força que, aparentemente, isso se tornou também o seu pensamento, porque ele abanou a cabeça e continuou a mascar a pastilha elástica até chegar à receção.

As instruções

— Ouça — disse o Alberto, ao deixar-me em casa como um pai ansioso. — Vai notar algumas mudanças nos próximos dias.

— Tenho 72 anos. Estou habituada a mudanças.

— Estas mudanças serão surpreendentes, e podem ser fortes.

— Será que me vão crescer chifres? — indaguei, meio a sério.

Ele abanou a cabeça, mas não sorriu. Estava a levar isto mais a sério.

— Não. Não vai ter chifres. Não vai notar diferenças no seu aspeto físico. Mas vai mudar. Ela muda toda a gente em que toca.

Ele tinha jeito para o dramatismo. Eu acabaria por descobrir que havia um aspeto nele que não estava *lá*, que estava sempre distanciado, a observar, como se estivesse preso num enquadramento eternamente maior.

— Como? Como é que eu vou mudar?

Ele encolheu os ombros.

— *Quién sabe!* É difícil de dizer, exatamente. Manifesta-se de forma diferente de pessoa para pessoa. Mas você agora está parcialmente salaciana. Ela deu-lhe talentos salacianos e, pela maneira como chegou até si, imagino que a mudança venha a ser muito significativa. Mas o mais importante é isto: não deve deixar que se saiba. Pelo menos, por enquanto. Pelo menos, até ter tudo sob controlo. Não conte a ninguém, não mostre a ninguém, não deixe que se perceba. Isto é muito importante.

Podia escrever um livro inteiro sobre o que estava a sentir.

Depois de me terem dito que eu era basicamente semialienígena e

que possuía uma espécie de capacidades paranormais. O choque. O espanto. Mas, sobretudo, o que senti foi negação. Eu não queria acreditar em nada daquilo.

Há muito tempo que não era tratada como uma criança. Senti a indignação a irromper como lava.

— Eu quase morri por sua causa. Porque é que haveria de ouvir uma palavra daquilo que diz?

— Porque tem de ouvir. Pode ser? Se não confiasse em mim, não teria saído comigo do hospital. Bem, amanhã venho visitá-la. Tem comida e bebida em casa?

Confirmei com um aceno de cabeça e semicerrei os olhos por causa do calor. Estava mesmo muito calor. Era um daqueles dias em que dava para sentir a pele a torrar em tempo real.

— Ótimo. Fique em casa. Por uma questão de segurança.

— De segurança em relação a quê?

Pensei que ele me ia esclarecer. Mas não o fez. Disse apenas:

— A si própria.

— Porquê? O que é que eu vou fazer a mim própria?

— Foram-lhe concedidos talentos aos quais ainda não se adaptou. Esta é uma fase perigosa para si. Tudo pode acontecer. Mas eu virei vê-la amanhã.

— Não quero que venha amanhã.

O que eu queria mesmo dizer era: eu quero que as coisas voltem ao normal. Queria subtrair cada nova adição. Incluindo o Alberto. Em suma, eu estava mais do que um bocadinho assustada. E a minha reação ao medo era a negação.

Ele entregou-me um pedaço de papel com um número rabiscado.

— Para quando mudar de ideias. — Não *se*, mas *quando*.

Depois, foi-se embora, deixando-me a fitar o cartaz do *resort* Eighth Wonder e a pequena fotografia de um quarto de hotel imaculado. Parecia perfeito, mas essa perfeição agora perturbava-me. Interroguei-me por que motivo haveria de me perturbar, quando eu tinha tantas outras coisas em que pensar. Mas perturbava mesmo. Pelo menos, até eu me virar para entrar em casa.

O Hotel Infinito

Quando o meu antigo professor de Matemática, o professor Sole, me disse que havia algo maior do que o infinito, eu ri-me. Depois proporcionou-me uma experiência de raciocínio que ajudava a explicar a Teoria dos Conjuntos. É provável que tenha falado sobre ela nas aulas de Matemática. Aquela sobre o hotel que o gênio alemão David Hilbert, já há muito falecido, inventou para explicar o que Cantor queria dizer com os seus números transfinitos. Aquela que já deixou muitas cabeças a andar à roda. É infantilmente simples e diabolicamente complexa ao mesmo tempo. Basicamente, prova que um verdadeiro infinito não pode ser realmente compreendido. É mais ou menos assim: imagine um hotel com um número infinito de quartos. Cada quarto tem um número, como é habitual nos hotéis. Quarto 1, Quarto 2, Quarto 3, Quarto 4... E outro e mais outro e mais *outro*, sem nunca parar. Imagine agora que cada um desses quartos está cheio. É isso mesmo. É um hotel popular. Um número infinito de pessoas ocupou um número infinito de quartos. Agora, chega uma pessoa nova ao hotel. Chamemos-lhe Marjorie. Ela está cansada. Chegou de um longo voo. Doem-lhe as pernas. Tem as varizes a fazer das suas. Ela precisa mesmo de um quarto.

O que é que o rececionista do hotel lhe diz? Ele não pode dizer que o Hotel Infinito não tem mais quartos, pois não? A Marjorie podia entrar no TripAdvisor e deitar o hotel abaixo. E É A ISTO QUE SE CHAMA UM HOTEL INFINITO????????!!!!!! É MAIS O HOTEL FINITO!!!!!! QUE PIADA!! (Uma estrela.)

Não. O rececionista muda toda a gente de quarto. Assim, o tipo do

quarto 1 muda-se para o quarto 2 e o casal em lua de mel do quarto 2 passa para o quarto 3. Pronto, não é o melhor sistema, mas é o que temos. Seja como for, o resultado final é que a Marjorie consegue o seu quarto e todos os outros continuam a ter um quarto. Então, o hotel é agora infinito mais um:

$$\infty + 1 = \text{o hotel}$$

O hotel original não era suficientemente grande, pelo que havia limites para a sua infinitude. Mas e se aparecessem mais pessoas? E se mais uma infinitude de pessoas chegasse num avião infinito e tivesse um número infinito de táxis a ir buscá-las para as trazer do aeroporto? Então teríamos:

$$\infty + \infty + 1 = \text{o hotel}$$

Conclusão: o infinito vem em conjuntos. Pode haver um infinito maior. O infinito pode ser duplicado, triplicado, quadruplicado, quintuplicado, etc. Pode haver uma infinitude de infinitos. Mesmo sem novos hóspedes, o Hotel Infinito tinha diferentes tamanhos de infinitos. Um hotel infinito tem certamente um número infinito de números ímpares, mas também tem um número infinito de números pares, e em qualquer hotel o número total de quartos é maior do que o número total de números ímpares (ou pares) por si só. É realmente *possível* ir além da infinitude. O Buzz Lightyear era o génio secreto no *Toy Story*.

Porque é que continuo a falar sobre isto? Porque é assustadora a rapidez com que um sistema de crenças pode mudar. E porque acreditar na existência de vida extraterrestre na Terra estava para lá da infinitude para mim. Quando se chega à minha idade, sente-se que não há mais nada de importante para aprender. Já acumulámos todo o conhecimento que nos pode interessar. O nosso hotel está cheio. Eu tinha atingido os limites. E simplesmente não estava preparada para aquele quarto extra. Foi um terramoto nas minhas entranhas, só comparável ao luto. Mas o luto devia-se à morte de alguém, isto era a morte de tudo o que eu tinha considerado realidade. E, à medida que envelhecemos, como escreveu na sua carta, torna-se mais difícil quebrar padrões. Portanto, eu estava em escombros. Não fazia ideia de quem era nem em que mundo estava a viver. Sentia-me renascida. E, como qualquer novo bebé, queria chorar. Ou gritar.

As peculiaridades

Deambulei pela pequena casa.

Ao contrário do que seria de esperar, não precisei de me sentar de dois em dois minutos. Sentia-me com energia. Mas apesar de me parecer que tinha renascido, isso não acontecera realmente — continuava a ter dores e estalidos silenciosos suficientes para me fazer perceber que não deixara de estar na casa dos 70 —, mas estava mais alerta e viva do que estivera em muitos anos.

Esta é uma fase perigosa para si.

Liguei a televisão para tentar tirar o Alberto da cabeça. Encontrei um canal de notícias em inglês. Nunca tinha visto aquele jornalista, mas de alguma forma soube que ele estava a passar por um divórcio. Relatava os incêndios florestais a milhares de quilómetros de distância.

Eram notícias perturbadoras, é certo, mas daquelas que eu já tinha visto centenas de vezes, e para as quais normalmente olhava sem interesse, como se fossem mais um desolador pedaço de papel de parede do século XXI. Mas, desta vez, ao olhar para as escavadoras amarelas e para os troncos despojados dos seus ramos, senti uma náusea sem precedentes que me fez engasgar. Senti-me estranhamente enjoada e a minha boca encheu-se subitamente de saliva. Era como se alguém me tivesse obrigado a comer sabão. Desliguei o televisor e corri para a casa de banho minúscula, sarapintada com manchas de bolor, e vomitei para o lavatório.

Eu estava mesmo indisposta.

Não devido a alguma coisa que tivesse comido, mas simplesmente

por causa das notícias, como se a paisagem devastada que acabara de ver no ecrã me tivesse provocado uma reação interna direta. Ao contrário do que acontecia em minha casa, ali não tinha nenhum elixir para eliminar o sabor. Lavei os dentes.

Peço-lhe desculpa. Devia tê-lo avisado antes de contar tudo isto. Mas depois de ter vomitado, voltei a sentir-me bem e saudável.

Foi então que aconteceu outra particularidade. Reparei que os carros que passavam na estrada tinham todos o seu som específico. Eu nunca gostei de carros. O meu filho Daniel, quando tinha cerca de 5 anos, conseguia distinguir os diferentes faróis dos carros. Mesmo no escuro, ele conhecia os carros quando regressávamos da casa da avó. «*Ford Cortina*», murmurava ele do banco de trás, numa espécie de transe. «*Opel Cavalier... Metro... Ford Sierra...*»

Não consegui identificar todos os modelos como o Daniel poderia ter feito, mas imaginei todos os carros. Só pelo som. Até mesmo a forma e a cor.

Nem sequer sei se foi, de facto, por causa do som. Talvez se consiga explicar melhor como uma sensação de *déjà vu*. Mas ao contrário.

Então, olhei pela janela e pensei em *carro amarelo* e, de facto, o carro que passou em seguida pela janela era amarelo. *Carro azul*. Carro azul. *Táxi branco*. Táxi branco. *Autocarro vermelho e amarelo grande e reluzente*. Autocarro vermelho e amarelo grande e reluzente. Era muito, muito estranho e muito, muito distinto de qualquer coisa que eu pudesse explicar. E depois senti sede. Fui ao frigorífico e tirei de lá a garrafa de sumo de laranja. Dito assim, até parece uma coisa normal. Mas não foi. Foi muito invulgar. Na verdade, foi tão invulgar que acho que lhe vou dedicar um capítulo próprio.

O prazer infinito do sumo de laranja

Bebi alguns goles e fechei os olhos, tão imersa como um lobo a uivar para a Lua. Bebi muito sumo de laranja durante os meus 72 anos — e, em muitas ocasiões, sumo de laranja acabado de espremer —, mas posso dizer com toda a sinceridade que nunca me tinha dado conta disso. O sumo de laranja era a água dos sumos de fruta, pensava eu. Era algo que simplesmente existia. Fazia parte da mesma categoria alimentícia do gelado de baunilha e do chá com torradas, uma categoria agradável e assumidamente neutra.

Mas isto era diferente. Esta era a bebida mais maravilhosa que alguma vez provei. O doce e o amargo a competirem entre si, embora num equilíbrio perfeito, eram tão complexos como o melhor Zinfandel. Saboreei cada gole. Acabei por beber a garrafa toda.

O mais estranho é que, da última vez que tinha bebido um sumo de laranja, tinha sido uma experiência agradável mas facilmente olvidável. Agora, era a ambrósia dos deuses. Parecia que o meu objetivo de vida era simplesmente desfrutar da experiência de verter para a minha boca um líquido extraído das vesículas de um citrino divino. Senti um alívio e uma libertação imensos. Ainda mais saciante do que a sensação que tinha quando era criança, depois de jogar ténis com a minha velha amiga Sarah no calor de julho, de beber um copo cheio de água.

Aquele sumo de laranja era, muito simplesmente, a melhor coisa que alguma vez tinha provado.

— Foi agradável — disse a mim própria, em voz alta, porque me pareceu um evento tão importante que precisava de ser expresso.

Foi então que me apercebi de uma coisa: era a primeira vez que desfrutava de alguma coisa — que desfrutava *de facto* dela — em meses. Anos, até. É claro que me tinha distraído com coisas — filmes antigos, o Wordle, palavras cruzadas, xadrez online, livros de *puzzles*, um documentário aqui e ali, e seguramente distraíra-me desde que chegara a Ibiza —, mas desfrutar era outra coisa. A anedonia parecia ter acabado, graças a um único copo de sumo de laranja. Foi seguido por uma bolacha. Não tão boa como o sumo de laranja, é certo, mas, ainda assim, espetacular.

O livro

Richard Feynman foi um físico americano erudito que também escreveu muito sobre matemática. Antigamente, lia muito os livros dele. Tinham a capacidade de fazer com que coisas muito intimidantes, como a mecânica quântica, parecessem relativamente fáceis. E ele fez uma afirmação em que tenho pensado muito nos últimos tempos: «Quase tudo é realmente interessante se nos embrenharmos o suficiente.»

Quase tudo é realmente interessante se nos embrenharmos o suficiente.

É verdade. E era essencialmente isso que me estava a acontecer. Embrenhava-me profundamente em tudo sem sequer tentar. O sumo de laranja, o som do trânsito, o ladrar distante de um cão. De repente, tudo tinha uma riqueza e uma complexidade infinitas, ou eu subitamente tinha acesso à riqueza e complexidade que sempre haviam existido. O ladrar do cão era provavelmente o mais interessante. Fechei os olhos quando o ouvi. E vi o cão na minha mente, um cão de caça alto e castanho, sem raça identificável, a ladrar, amarrado junto a uns estábulos. Até vi o cavalo ao qual ele ladrava.

Tentei dedicar a minha atenção a outra coisa.

Abri *La Vida Imposible* e não senti que estivesse numa língua estrangeira. Conseguia lê-la. Não tão bem como se fosse em inglês, mas percebia a maior parte das palavras. Lembrei-me de um documentário na rádio sobre um homem que conseguia aprender línguas só de olhar para elas. Aparentemente, eu tinha agora essa capacidade. Li que as águas à volta da ilha de Ibiza tinham sido

escolhidas pelos habitantes avançados de outro mundo como a sua base na Terra. Fui lá fora e tornei a olhar para a flor. A que já devia estar extinta. Sabia tudo sobre ela. Sabia que a espécie tinha desaparecido quando a última flor foi arrancada à força por escavadoras para dar lugar a um hotel. Fiquei hipnotizada durante algum tempo. Já estava escuro, mas isso parecia não fazer diferença. Limitei-me a olhar para ela, a compreendê-la sem qualquer esforço. A compreender o seu objetivo silencioso. O objetivo de existir pelo simples facto de existir.

Apercebi-me das horas. Era uma da manhã. Era tão estranho o modo como, de repente, reparava em tanta coisa, ao mesmo tempo que deixava passar coisas importantes — como as horas, ou mesmo que dia era (17? 18? 19? Sábado? Domingo? Segunda?). Inspirei. O perfume de uma flor já não era apenas um perfume para mim. Era toda uma linguagem, um anúncio da vida.

Preparei-me para ir para a cama. E depois, já deitada, fiquei a olhar para o teto, a ouvir o trânsito.

Táxi branco.

Autocarro noturno.

Carro de aluguer prateado com um casal a discutir.

Não me sentia nada cansada, o que era invulgar para mim. Nunca fui pessoa de sofrer de insónias. Mesmo nos meus anos de juventude, o sono havia sido, basicamente, o meu estado natural. Nem sempre tive um sono *fácil*, mas sempre tive sono. Mas agora estava perfeitamente acordada.

Levantei-me da cama.

Olhei para a fotografia da Christina quando era mais nova com o homem de cabelo comprido. A que tinha o *buggy* de praia. Apercebi-me de ter apreendido tudo sobre o casamento da Christina só de olhar para a sua imagem na parede. Aquele era o homem com quem ela se tinha casado. O Johan. Era um músico *hippie* e frustrado que, mesmo em 1987, teimava em agir como se ainda estivessem em 1967. Certa noite, apaixonara-se pela Christina, quando ela cantava temas antigos dos Carpenters e da Carole King para um monte de bêbedos de férias em época baixa no Hotel Buenavista em Santa Eulalia. Ela mudara-se para esta casa um mês depois de ela e o Johan se terem separado, pois não tinha dinheiro para ficar na sua antiga casa na cidade de Ibiza. O Johan nunca tinha sido rico, mas ganhava bem como técnico de manutenção de piscinas.

O Johan, à sua maneira tipicamente holandesa, tinha muito jeito para línguas. Inglês, espanhol, francês, alemão, um pouco de português. Até aprendeu catalão e fundiu-o com o espanhol, como faziam os habitantes locais. Tocavam música juntos. Tiveram uma filha juntos. A Lieke, que também haveria de se tornar poliglota e que,

um dia, teria sucesso onde os seus pais haviam falhado — a música. A menina das fotografias com o ursinho de peluche e o sorriso nervoso. A um mundo de distância da vedeta forte e destemida do cartaz.

O Johan e a Christina tinham sido divertidos à sua própria maneira, ambos amantes de música, de dança e da vida, mas discutiam muito e eram impulsivos. Era necessário haver um responsável, e nenhum deles se enquadrava nesse perfil. Ambos tiveram casos com outras pessoas e até os bons momentos se perdiam, muitas vezes, numa névoa de marijuana ou numa torrente de álcool. Deviam ter-se divorciado mais cedo. Era essa a avaliação que se fazia quando se olhava em retrospectiva, sobretudo para a Lieke, que tinha uns frágeis 13 anos quando os pais se separaram e ela foi viver com o pai para Amesterdão. O Johan nunca mais voltou a ver a Christina. E a Lieke via-a pouco, porque a mãe começou a meter-se em crenças estranhas que lhe causavam algum embaraço.

As pessoas dizem que o amor é uma coisa rara. Eu não tenho assim tanta certeza. As coisas raras são ainda mais desejáveis. A compreensão. De nada vale sermos amados se não formos compreendidos. As pessoas simplesmente amam uma ideia que têm de nós na sua própria mente. Estão apaixonadas pelo amor. Estão apaixonadas pelo ato de amar. Querem ser *compreendidas*. E não só isso, querem ser compreendidas e valorizadas depois de serem compreendidas. É isso que importa. Infelizmente, a Christina e o Johan não tinham nada disso. Tinham-se apaixonado por ideias um do outro, e tinham ideias de como a sua família poderia ser, mas com a paternidade veio a realidade, e a realidade não estava à altura de nenhum deles.

Fleetwood Mac

Apetecia-me ouvir música.

A velha aparelhagem dos anos oitenta tinha um leitor de cassetes. Dei uma olhadela nas cassetes da Christina. Blondie (claro). Os Carpenters. Bob Marley. Fleetwood Mac. Pus a dos Fleetwood Mac a tocar.

Ouvi *Everywhere*.

Era o som mais bonito, exuberante e intrincado que alguma vez ouvira. Por alguma razão, deitei-me no chão. Deitei-me no chão da sala de estar enquanto a água do frasco de azeitonas reluzia novamente. A luz brilhante e inconstante combinava com a sinfonia de sentimentos, um compêndio de todas as emoções positivas que alguma vez sentira. A música chegava até mim como cores e como uma sensação tátil, como algo que podia ser visto e sentido, bem como ouvido.

Pus-me a olhar para um livro na prateleira. *O Mistério do Comboio Azul*, da Agatha Christie. Letras brancas numa lombada azul. Tive uma sensação profunda de que o conseguia mover. Movê-lo sem o mover fisicamente, bem entendido. Ou melhor, tive a sensação de que a minha imaginação tinha o poder de manipular a realidade. Pela cortina entreaberta conseguia ver o cartaz do Hotel Eighth Wonder do outro lado da rua. *Visualize os seus sonhos e torne-os realidade*. E assim fiz. O livro foi-se afastando da prateleira, centímetro a centímetro, antes de tombar, mas sem cair ao chão, permanecendo apenas a flutuar, ou antes, *suspenso no ar*, porque eu conseguia sentir o seu peso dentro de mim, o tipo de peso oculto que sentimos quando nos

apercebemos de que dissemos algo que não devíamos ter dito. O livro descreveu um círculo no ar, o que me fez doer a cabeça, pelo que o libertei e ele aterrou nos ladrilhos enquanto a Christine McVie continuava a cantar, a sua voz perfeição em forma de dor requintada. Complexa, terrena, etérea, tudo ao mesmo tempo.

A minha dor de cabeça diminuiu e outra canção começou a tocar, e eu endireitei-me e olhei para o livro no chão, sem saber se havia de rir ou de chorar com o que tinha acabado de acontecer, acabando por fazer as duas coisas. A seguir, a luz do frasco de vidro apagou-se e eu deitei-me de novo e fiquei acordada até de manhã.

Embora estivesse agora na posse do agente da Guardia Civil, lembrava-me da carta que a Christina me tinha deixado, de cada palavra e sinal de pontuação, e encontrava agora um novo significado nela. Sobretudo nesta parte:

Ah, e o mais importante de tudo: vai à Atlantis Scuba em Cala d'Hort. Diz ao Alberto que fui eu que te mandei lá. Ele não te vai cobrar nada. Vai ver o prado subaquático. É o organismo vivo mais antigo da Terra.

E, por favor, quando lá estiveres, mantém a mente aberta. Qualquer mudança que ocorra será para melhor. Confia em mim.

E depois de repetir isto pela décima vez, fechei os olhos e, na minha mente, vi uma lagosta a correr pela areia.

Melancia ao sol

Na manhã seguinte, sentada à porta do café vegano em Santa Gertrudis, continuava a pensar na visão da lagosta e no seu possível significado.

O Alberto tinha-me dito para ficar em casa, mas eu sentira *necessidade* de sair. Se eu é que era o perigo para mim própria, o sítio onde eu me encontrava não importava. Porque estava sempre com o meu eu perigoso.

Além disso, ainda não fazia ideia se podia confiar no que ele dizia. O que eu sabia era que tinha a mais profunda e premente necessidade de explorar e compreender totalmente o que me tinha acontecido e o que tinha acontecido à Christina. Sentia, profundamente, que as respostas se encontravam lá fora. E isto não era coisa pouca: eu queria estar lá fora. O que era invulgar. Desde a morte do Karl que eu não tinha qualquer vontade de sair ou de fazer o que quer que fosse. Mas agora transbordava de uma curiosidade tão forte que podia senti-la como um motor suave, lá no fundo, a zunir nas profundezas.

E sentada ali, ao sol, sabia que tinha feito a escolha certa. A minha salada de fruta chegou e eu fiquei a olhar para o prato da mesma maneira que olharia para um quadro de Matisse. Fiquei hipnotizada por cada forma e cada cor. Os tentadores gomos de laranja. O verde vibrante do quivi. As pequenas esferas de mirtilos, como planetas de um sistema solar disperso na órbita de um maracujá. Os cubos de papaia. O triângulo rosa-avermelhado de uma fatia de melancia, salpicado de sementes pretas, parecia particularmente requintado. Comer melancia ao sol era uma sensação tão maravilhosa que me fez

indagar porque é que não tinha passado mais tempo da minha vida a fazê-lo. Perguntei-me porque é que não era essa a aspiração de toda a gente. Perguntei-me porque é que todos os empresários de sucesso do planeta continuavam a trabalhar e a ir para os escritórios e a olhar para computadores, quando podiam simplesmente despedir-se e comer melancia ao sol para sempre.

Mas havia pensamentos a entrar na minha mente. E não eram os meus. Os pensamentos do empregado de mesa, que tinha saudades dos amigos que deixara em Múrcia. Os pensamentos de uma outra cliente. Uma habitante local que lia no jornal notícias sobre os recordes de temperatura em todo o mundo. Senti a sua preocupação, não só com o clima, mas também com a saúde da mãe. Senti essa preocupação como se fosse minha. Passou por mim como uma nuvem. Mas também a felicidade tímida de três rapazes que passaram por mim, acabados de descer do autocarro e a caminho da escola internacional vizinha.

Era tudo muito estranho. O Alberto tinha razão. Ele tinha dito que «a mudança seria muito significativa», e foi mesmo. Eu tinha o coração acelerado. O meu corpo tremia. Era emocionante e aterrador, e perguntei-me se poderia morrer por causa disso.

É difícil exprimir isto por palavras, porque as palavras são geralmente feitas para os cinco sentidos, e não para o sexto, ou sétimo, ou trigésimo oitavo, ou lá o que isto era. Suponho que fosse uma espécie de *familiaridade* profunda mas inexplicável. Como se eu conhecesse o mundo inteiro e seu conteúdo tão bem como um parente próximo. Como se conhecesse tudo e todos e só precisasse de olhar para uma pessoa para a conhecer. Era a interconexão de tudo tornada visível. Está tudo lá, se soubermos ver.

Um dos factos mais interessantes e sentimentais de que sempre gostei é aquele que diz que somos todos pó das estrelas. Todo o Universo está dentro de nós. Cada elemento dentro de nós foi criado numa estrela. Nitrogénio, cálcio, hidrogénio, oxigénio, fósforo e todos os outros elementos. Somos feitos de espaço profundo e de tempo profundo e fomos forjados em supernovas (ou *supernovae*, se quisermos ser pretensiosos). Um elemento, como certamente sabe, é uma matéria que não pode ser decomposta numa substância mais simples. São os primórdios do cosmos.

Somos feitos de elementos.

Temos o inquebrável e o eterno dentro de nós.

Temos o Universo no nosso sangue e nos nossos ossos.

E quando eu tive o meu contacto com *La Presencia*, foi como se despertasse de um sono, saísse de um casulo e voasse para um novo tipo de senciência, onde eu não só era formada por tudo, mas também podia ver e compreender tudo. E pareceu-me completamente ridículo e perfeitamente lógico ao mesmo tempo. Era, suponho eu, um pouco

menos ridículo do que ter nascido. Surgirmos do nada e tornarmo-nos alguma coisa é provavelmente um milagre ainda maior, mas quando toda a gente tem o mesmo milagre, este começa a ser desvalorizado. É a simples lei da oferta e da procura.

Acabei o último mirtilo. Deixei algum dinheiro na mesa. E depois encaminhei-me para o carro, sabendo que, se conseguisse conhecer completamente aquela ilha, poderia compreender a razão para ter sido levada até ali. Porque havia indubitavelmente uma razão. Eu sabia disso. Quando entrei no carro, vi novamente aquela lagosta, na minha mente, mas afastei-a dos meus pensamentos quando liguei a ignição.

Eu era a vida

Estava num planeta completamente novo.

Tecnicamente, era o mesmo planeta, é claro. A mesma ilha espanhola aqui na Terra. Mas, ao mesmo tempo, era tudo novo.

Tudo parecia imbuído de súbito espanto ou intensidade. Aquela sensação que, no passado, só tivera muito ocasionalmente — perante a visão de uma raposa ou um murmúrio de estorninhos — tinha-a agora em relação a *tudo*. Não apenas ao sumo de laranja e a melancias (embora a fruta, em particular, me parecesse mais sublime do que nunca). Mas a todas as categorias da Natureza, até mesmo a natureza humana.

E com uma intensidade muito maior do que alguma vez acontecera. Externamente, nada tinha mudado. O mundo era o mesmo mundo que tinha sido no ano passado e no ano anterior a esse. E a ilha era a mesma onde eu tinha estado ontem.

Sabe, se quisermos visitar um mundo novo, não precisamos de uma nave espacial. Basta mudarmos o que nos vai na cabeça.

E a minha cabeça mudou por completo.

Era tudo tão belo que até doía.

O céu de um azul intenso. O aroma a pinheiro. O som das cigarras. O brilho tremeluzente do calor onde a estrada se encontrava com o céu. Era tudo muito real e muito mágico ao mesmo tempo.

Liguei o rádio. Ouvia-se mais daquela música eletrónica outra vez — uma faixa animada que eu percebi, sem qualquer conhecimento prévio, que era de um DJ brasileiro chamado Alok, alguém de quem eu obviamente nunca tinha ouvido falar — mas o sinal estava sempre

a falhar, por isso voltei a sintonizar uma estação de música *pop* espanhola. Estava a tocar um tema do *rapper* 21 Savage que eu adorei. Aumentei o som e abanei a cabeça ao ritmo da música como se tivesse outra idade, outra vida e outra psicologia. Existem padrões em toda a parte. Algo que se tenha observado no passado — uma conversa num avião, por exemplo — chega a nós, no presente, ligeiramente distorcida. Um cantor na t-shirt de uma mulher transforma-se numa melodia que já ouvimos. Foi então que começou a tocar uma canção mais antiga da Taylor Swift intitulada *Mirrorball*, e eu passei a ser cada uma das pessoas que alguma vez apreciou essa música de todos os ângulos possíveis. Isso fez com que me apercebesse de que também eu era uma bola de espelhos, mas invertida. Os espelhos estavam virados para dentro. Ao invés de o mundo me ver de cada ângulo de reflexo, o mundo era, em si mesmo, a bola de espelhos, e eu era o núcleo, com o mundo a tremeluzir para mim de todas as direções, todo ele em simultâneo, o que parece aterrador, mas naquele momento me pareceu entusiasmante. Quando a faixa terminou, houve alguns anúncios, e os anúncios — tal como os noticiários — tinham agora a capacidade de me deixar ligeiramente nauseada, por isso mudei para uma estação de *rock* clássico que estava a passar *You Shook Me All Night Long*, dos AC/DC. Já a tinha ouvido antes, por causa do Karl, e nessa altura pedira-lhe para baixar o volume porque me provocava dores de cabeça. Mas agora estava a aumentar o volume. O mais alto possível. Pus-me a cantar com a janela aberta e pareceu-me simultaneamente ridículo e triste que nunca tivesse cantado no carro. Havia nisso um poder tão simples, e eu desejei que o Karl estivesse ali comigo para falar sobre isso. Era a vida. Os AC/DC eram a vida. Eu era a vida.

Tudo pode ser belo se o ouvirmos e virmos corretamente, Maurice. Todos os géneros de música. Todas as tristezas e todos os prazeres. Cada inspiração e expiração. Cada solo de guitarra. Cada voz. Cada planta ao lado do alcatrão.

Lembrei-me de uma frase de Mary Shelley. Em *Frankenstein*. O meu segundo livro preferido, depois de *O Conde de Monte Cristo*. A frase era esta: «Há algo a trabalhar na minha alma que eu não compreendo.»

Baixei o volume quando cheguei à praça da igreja caiada de branco e vi um casal de *hippies* velhos e ricos, sorridentes, bronzeados e embrulhados da cintura para baixo em roupas de batique garridas, a descansar em cadeiras de vime à porta de um café e a beber batidos azuis. Ao passar de carro, senti o seu contentamento descontraído como se fosse o meu; chegou à minha mente como uma exalação. Um homem idoso estava parado a uma porta a perscrutar o mundo com um olhar enrugado e perplexo. Vi-o a brincar nessa mesma rua quando era criança, provavelmente nos anos cinquenta, empurrando

uma mota de brincar com *sidecar*, feita de lata, ao longo das lajes do passeio, sob o olhar atento de um membro severo da Guardia Civil vestido como um soldado. Nem um café vegano à vista.

Ao sair de Santa Gertrudis, mudei para uma estação de música clássica. Radio Clásica. Estava a dar o primeiro andamento do Concerto para Violoncelo em Mi menor de Elgar. Também já o tinha ouvido. Dantes, ouvia música clássica em casa, mas agora estava a senti-la em cada parte de mim. O som das cordas era como uma maré alta, eu estava a flutuar, alto, sem chão, sem amarras, sem nada por baixo de mim, levada por uma corrente emocional sem nada a que me agarrar a não ser a noção de estar viva.

Cheguei a uma pequena garagem onde dois operários tentavam enfiar um colchão na parte de trás de uma pequena carrinha que não estava preparada para tal. Estavam a rir-se, e eu senti as ondas da sua felicidade enquanto passava por eles.

Gato

Estava um gato selvagem na estrada, a pavonear-se devagar, a sua mente surpreendentemente tranquila e alheia ao conceito de estrada. Era uma criatura linda, majestosa, magnífica, e eu parei para o deixar passar.

Camião

Foi então que a minha disposição mudou.

Não percebi como aconteceu, mas ali sentada, de mãos no volante, à espera de que o gato passasse, surgiram-me recordações que não eram minhas. Uma enxurrada delas de uma só vez.

Os poderes — «talentos» — ou seja lá o que for — estavam a tornar-se mais fortes. De forma vertiginosa. Eu sentia a Christina. Não no carro, mas numa praia, saboreando a sua fúria enquanto discutia com o marido, e a sua culpa quando a filha pequena começou a chorar e destruiu o castelo de areia que estava a construir, reduzindo-o a nada.

Depois, muito mais recentemente, vi a Christina com uma mulher de óculos e cabelo escuro e desgrenhado. Estavam naquele mesmo carro. Falavam do hotel projetado em Es Vedrà.

«Quem está por detrás disto?», perguntou a mulher.

A Christina não sabia.

«Não os consigo ver. Eles não estão lá.»

«Mas tu consegues ver tudo.»

«Não consigo ver isto.»

De alguma forma, isto levou a outra coisa. Eu estava a vê-la, à Christina, a falar com um homem. Não conseguia ver-lhe o rosto. Tal como não tinha conseguido ver o rosto do homem que havia subornado o agente da Guardia Civil. Mas era a mesma pessoa. Tinha a certeza.

Estava tão perdida na memória que demorei algum tempo a aperceber-me do camião atrás de mim, com a buzina a tocar como um

ganso mal-humorado.

Continuei a conduzir. Tentei tirar a Christina da cabeça e concentrar-me na condução, mas era difícil. E não era só a Christina. Por todo o lado havia conhecimento. Eu não me cruzava apenas com carros, cruzava-me com pensamentos e sentimentos. Amor e ódio e indiferença. Estava submersa em todo o mar da vida. Passei por agentes da Guardia Civil que procuravam droga num carro e pelo condutor ansioso com esperança de que não fossem verificar atrás das saídas de ar. Passei por um cão e senti a sua solidão. Passei por uma árvore e, de algum modo, soube que tinha 86 427 folhas, tal como sabia que tinha 123 210 cabelos na minha cabeça, na sua maioria brancos.

Mas, aos poucos, o terror que estava a sentir foi amainando.

Em seguida, passei por um jipe de capota aberta e reconheci a pessoa que o conduzia. Não sei se foi devido aos meus novos talentos ou simplesmente porque a reconheci dos cartazes. Mas era ela, de certeza. A Lieke. A filha da Christina. Estava a estacionar à porta de um grande centro de jardinagem — o Eiviss Garden — por isso, fiz inversão de marcha e parei também, antes de ter tempo para pensar no que estava a fazer.

Lieke

Dei com ela a olhar para uma grande seleção de suculentas em vasos.

— Olá — disse eu. — Peço desculpa por interromper, mas és a Lieke, não és?

Era alta, mais alta do que a mãe, usava óculos de sol e um colete comprido, e o seu cabelo oxigenado via-se por baixo de uma boina que não fazia falta com aquele tempo. Reparei, então, que tinha um *piercing* no nariz. E uma tatuagem no pescoço com a palavra «Silêncio», que me pareceu uma palavra estranha para uma DJ ter na pele. Ela tinha os olhos da mãe, mas mais firmes. Parecia dura, forte. Mas também senti que isso era uma fachada. Ela era tão frágil como toda a gente. A sua mente, no entanto, dizia a verdade, e emitia notas agriçocas de desafio e tristeza.

Ela anuiu com a cabeça. Sem palavras.

Estava habituada a ser reconhecida, mas talvez não por pessoas como eu.

— O meu nome é Grace. Grace Winters. Conheci a tua mãe, brevemente, há uns anos.

A tristeza tinha agora espinhos. Era evidente que ela não queria falar comigo. Desejei não a ter abordado. Mas eu estava ali. Portanto, disse o que tinha a dizer, o mais depressa que consegui.

— Herdei a casa da tua mãe e sinto-me estranha em relação a isso. Sabes como é. Parece-me errado. Uma vez que ela tinha família. O facto de me ter deixado a casa a mim. Por isso, o que estou a dizer é que, se alguma vez precisares dela, ou se a quiseres para ti, ela está lá. Ou se quiseres falar sobre isso...

— Nós não nos dávamos bem — interrompeu ela, enquanto tocava na folha grossa e robusta de uma planta de jade. — E eu agora tenho a minha própria casa. Nas colinas. Está tudo bem. Não tem de se sentir culpada.

O sotaque dela era estranho. Algures na sobreposição do diagrama de Venn entre o americano e o inglês e o holandês e o espanhol e o nenhures.

Vi a casa dela nas colinas. Consegui aceder à sua imagem mental da casa ao enunciar aquelas palavras. Vi-a a nadar na piscina, com o namorado a observá-la a partir de uma cama de rede.

Devia ter sido ali que eu me afastava. Seria certamente o que o meu antigo eu teria feito. Mas este meu novo eu preocupava-se agora intensamente com tudo. E, com este novo espírito inquisitivo, perguntei:

— Porque é que não se davam bem?

Era uma pergunta indelicada e pessoal, mas eu precisava de saber, e havia demasiados pensamentos desordenados aos quais aceder. Para se chegar a algum lado, por vezes é preciso seguir o caminho mais direto.

— Era difícil estar com ela.

— Ela tinha convicções fortes?

— Não eram só as convicções. Não era só a erva toda que ela fumava. Era real, porra. Ela foi consumida.

— Foi consumida?

Ela suspirou. Foi uma respiração gaguejada. Como uma batida. E depois desabafou tudo, numa torrente.

— Ela teve uma experiência. No mar. E, depois disso, foi consumida. Já não conseguia funcionar como um ser humano normal. Eu não conseguia falar com ela sem que ela me dissesse algo sobre o meu futuro. E era sempre qualquer coisa certa e correta, o que tornava tudo pior. Porra!, como é que uma pessoa pode viver a sua vida sabendo tudo o que lhe vai acontecer?! Eu não queria saber. Disse-lhe para parar. Disse-lhe para viver como um ser humano normal.

— Os seres humanos normais são difíceis de encontrar — disse-lhe eu. — Mas lamento. Deve ter sido custoso.

— A nossa relação sempre foi difícil. Ela era uma mãe de merda. Paguei dez mil euros a um psicólogo para chegar a essa conclusão. Mas eu conseguia lidar com as merdas dela. Só não conseguia lidar com ela a tentar dizer-me o que fazer a toda a hora porque já sabia o futuro, percebe?

» Era como ter Deus como mãe. E ninguém quer Deus como mãe, certo?

» Se temos Deus como mãe, não nos resta outra alternativa além de

sermos o anjo caído. Tornou-se impossível. Não era só o facto de ela me dizer que não gostava da minha música, ou de como eu ganhava a vida, ou do meu namorado, era o facto de ela me roubar aquilo que dá vida à vida. A *imprevisibilidade*, sabe? E quando ela me disse que lhe ia dar a casa, eu disse que não havia problema. Respondi-lhe que não queria aquela casa de merda, e ela não gostou nada disso. Disse-me que estava a ajudar a organizar um protesto contra um empreendimento em Es Vedrà e ficou zangada comigo por não querer saber... — A sua voz manteve-se firme, mas o arrependimento crescia dentro dela. — Acabou mal...

Os seus pensamentos tinham um ardor vermelho, apesar do seu rosto impassível. Perguntei-me, por breves instantes, se ela teria desejado magoar a própria mãe. Entrei na sua mente, mas tudo o que vi foi a Christina a dar-lhe uma bofetada no final da discussão. Era difícil de imaginar. A Christina. A Christina pacífica e musical.

— Isso é difícil. Foi a última vez que falaram?

— Não.

— Acha que ela foi assassinada?

— Ela previu-o. Mas disse que tinha um plano. Ela tinha sempre a merda de um plano. Foi a última coisa que disse. Que ia desaparecer para um mundo melhor e que não se importava com quem deixava para trás. A minha mãe nunca se preocupou comigo. Portanto, está a ver... tentei retribuir.

— Ela estava a falar do Céu? Ao falar do mundo melhor, quero eu dizer.

Ela abanou a cabeça.

— Não. Ela referia-se a outro planeta. Ela achava que podia aceder a outro planeta. — Ela esbugalhou os olhos e eu senti o pensamento por detrás disso. Era um pensamento simples: *Eu sei que tudo isto é uma loucura*.

Virou-me as costas. Pôs uma planta no carrinho. Queria que eu me fosse embora.

— Peço desculpa por ter incomodado.

Nessa altura, ela serenou. Foi como o sol a perpassar as folhas.

— Não faz mal.

E eu tinha um conhecimento sólido na minha mente, firme como uma pedra, que eu sabia que era verdade. Tinha de o partilhar.

— A tua mãe adorava-te.

— Sim, eu sei. E também a adorava a si.

Ri-me do ridículo da situação.

— Ela não me conhecia muito bem.

— Ela falava muito de si. Quando eu era pequena. Dizia que lhe tinha salvado a vida.

Abanei a cabeça.

— Só lhe fiz companhia.

A Lieke abriu-me um sorriso de uma complexidade infinita.

— Por vezes, basta isso.

— Pois é. Sim. Adeus.

Quando comecei a afastar-me, ela tornou a falar.

— Ela não lhe deu a casa a troco de nada. Estava a recrutá-la. Era uma armadilha. É a substituta dela. Mas não fique como ela, está bem?

— Vou dar o meu melhor.

— E não sei se DJ de *techno* são a sua cena, mas, se quiser, posso pô-la na *guest list* da Amnesia para amanhã. — Gostei da forma como ela falou comigo, como se a minha idade e aparência não me definissem. Ela era uma coisa rara. Um ser humano desprovido de preconceitos. — O Carl Cox, a Amelie Lens e o Adam Beyer também vão passar música... O Paco Osuna vai estar no terraço. São grandes DJ. Vai ser a grande noite do verão. Também lhe arranjo duas entradas para convidados. Grace Winters mais duas pessoas.

Pensei em dançar. Não era um pensamento completamente desagradável. Não fazia ideia do que as pessoas vestiam na Amnesia. Perguntei-me se as minhas calças M&S e a minha blusa bordada seriam adequadas.

E, por alguma razão insondável, eu, a sua professora de Matemática reformada, disse:

— Oh, obrigada. Isso seria esplêndido.

Maior do que o pensamento

Conduzi até Cala d'Hort. Encontrei um lugar no parque de estacionamento poeirento e passei por uma placa junto a um restaurante que dizia: POR FAVOR, NÃO DEIXE VALORES NO CARRO, PODE SER ROUBADO.

Cheguei à Atlantis Scuba e procurei o Alberto, mas ele não se encontrava lá. Só lá estava o *Nostradamus*, o bode preto e branco de chifres largos.

Estava à porta da cabana de mergulho da Atlantis, a saborear uma tigela cheia de aveia pousada no caminho de terra ocre. O Alberto tinha razão quando disse que o *Nostradamus* era uma alma misantrópica. A sua misantropia aproximou-se de mim, juntamente com o seu cheiro almiscarado.

Foi alarmante perceber que eu conseguia compreendê-lo. Os pensamentos de um bode são difíceis de traduzir para qualquer tipo de linguagem humana. Mas posso dizer que a nota de misantropia não é apenas rabugice, mas uma espécie de rabugice bem-humorada. Os bodes estão sempre a olhar para as coisas de um ângulo diferente. Como se não se enquadrassem bem e quisessem apenas seguir em frente. O Alberto também lhe tinha dado o nome de *Nostradamus* por ironia, concluí. Os bodes não se preocupam com o futuro. O futuro e o passado são irrelevantes para os bodes. Estão sempre num estado de insatisfação. Deixei-o entregue aos seus cereais, caminhei até à praia e sentei-me completamente vestida na areia junto a um dos restaurantes.

Para onde quer que olhasse, sentia os pensamentos e as emoções

das pessoas que estava a ver. Desejei que o Karl estivesse ali, para poder falar-lhe de tudo aquilo. É uma das grandes vantagens de termos alguém ao nosso lado. Torna-se um amortecedor para a loucura da experiência. E nenhuma experiência era mais louca do que a que eu estava a viver.

Um rapaz a brincar na areia perguntava-se quem venceria numa luta, quinhentos gatinhos ou um único tigre. A mãe fantasiava com um jovem a passear pela praia, enquanto o marido tentava concentrar-se no *thriller* que estava a ler. Um agente da CIA desonesto envolvido num plano para matar o presidente.

Contemplei o rochedo Es Vedrà e o seu ilhéu irmão, mais pequeno e plano, Es Vedranell. O ilhéu maior impunha-se sobre o mais pequeno como um pai protetor.

Pus-me a olhar para a água em seu redor.

Como agora a minha mente parecia saber quase tudo, a única coisa que eu não conseguia apreender de imediato era o mar. Este mantinha ainda o seu mistério, e só olhar para ele já era calmante. Era a única coisa que parecia maior do que os meus pensamentos.

Vida impossível

Sentada na areia, permiti-me uma gargalhada silenciosa sobre quão ridiculamente improvável a minha vida se tinha tornado. Ou talvez sempre tivesse sido improvável. Talvez fosse esse o aspeto verdadeiramente ridículo, o modo como nem sequer pestanejamos perante a pura improbabilidade das nossas vidas aqui nesta rocha a girar no espaço. O modo como existimos a partir do nada, o modo como todo o Universo existe a partir do nada, e aqui estamos nós, o *algo* impossível em que se tornou a existência a partir do vazio. Vida impossível. Um acaso que deve ser valorizado.

O incidente da cabra

Estando sentada muito perto de um dos restaurantes, não tardou a que as várias conversas dos comensais me distraíssem, um riacho de línguas que espumavam umas nas outras. Ouvi duas vozes mais velhas que reconheci imediatamente do avião. Era o casal de idosos que eu vira a estudar o guia sobre os passeios em Ibiza. Estavam a comer caldeirada de peixe, sentados ao lado de um aquário de lagostas e a planear a caminhada da tarde até uma povoação romana próxima.

A senhora leu um pouco do seu guia. Apesar de não terem dito os seus nomes, eu já os sabia. Chamavam-se Olive e Michael e eram de uma aldeia em Cotswolds. Tinham passado a maior parte das suas vidas juntos e a Olive tentava não pensar nos resultados da biopsia do Michael que os esperava quando regressassem a Inglaterra. O Michael também tentava não pensar nisso, mas tinha um mau pressentimento e estava a tentar manter-se forte, e eu senti a exaustão que isso lhe provocava. E vi o amor que eles sentiam; tinha uma tonalidade laranja-torrado, de um sol poente, quente e mais bonito pelo seu declínio sob um horizonte. *Talvez eu esteja a imaginar isto*, pensei para mim mesma. Sim. Se calhar tinha imaginado tudo. Mas se estava a imaginar tudo, porque é que também estava a *prever* tudo? Como tinha feito com os carros. Cada frase seguinte. O momento em que o empregado iria aparecer. Visualizava o empregado antes de me virar para o ver. Se isto era fruto da imaginação, o mundo inteiro também o era.

Este novo sentido era deveras aterrador. Tentei concentrar-me novamente no mar, mas ouvi um tiro. Muito ténue e distante, e mais

ninguém pareceu prestar-lhe atenção. Senti as entranhas a revirarem-se. Vi um barco para lá das gaivotas com pedais. Tanto quanto a visão me permitia ver, era apenas um ponto branco ao longe, para lá do rochedo Es Vedrà. Mas imaginei-o com mais nitidez. Visualizei-o tão claramente como se eu estivesse a flutuar ao seu lado. Tinha uma pequena cabina e as palavras *Eighth Wonder* escritas na lateral. Lembrei-me do cartaz na estrada, junto à casa. O que anunciava o *resort* Eighth Wonder em Cala Llonga, que ficava a vários quilómetros dali.

Havia um homem no convés do barco. A olho nu, era quase impossível vê-lo. Era como fixar o olhar num fio de cabelo na cabeça de uma pessoa a uma boa distância.

Mas eu conseguia ver o homem sem o ver. Da mesma forma que vemos as memórias sem efetivamente as vermos. Esta era uma memória que estava a acontecer no presente, e não a mim. Ele semicerrava os olhos, debaixo do sol forte, através da mira da sua espingarda, na direção de uma cabra que se encontrava no meio do calcário íngreme daquele rochedo misterioso, Es Vedrà. A cabra tinha uma cor diferente da do *Nostradamus*. Castanha e branca, não preta e branca, e os seus cornos eram mais pequenos. O homem via através da lente telescópica que a cabra olhava diretamente para lá. A criatura tinha acabado de assistir à morte de outra cabra e apercebeu-se do que estava a acontecer.

O homem chamava-se Nicolau. Estava muito perturbado. Estava a pensar no que a namorada iria dizer. Não que a namorada soubesse. Afinal de contas, ele tinha ordens rigorosas para não dizer nada a ninguém.

O Nicolau tinha sabido pela Internet que as cabras eram animais muito inteligentes, capazes de reconhecer rostos e expressões humanas. Esperava estar suficientemente longe para que o seu rosto não fosse visto. Não queria estar a fazer aquilo, mas o patrão pagava bem e aquela ação fora sancionada pelo governo local. Tinham de eliminar totalmente os animais do rochedo. Não sabia bem porquê, pois o patrão não lhe tinha dito. Mas era obviamente por causa do empreendimento — embora ele não imaginasse como é que se poderia construir um hotel num rochedo tão íngreme. E assim, quando sentiu a mão do seu colega Hugo no ombro, soube o que iria fazer em seguida.

E também eu, paradoxalmente sozinha naquela praia cheia de gente, sabia o que ele estava prestes a fazer. E, por alguma razão, não podia deixá-lo fazer isso. Porque eu não só sabia o que o homem estava a sentir, como também sabia o que a cabra estava a sentir. Sentia a sua dor pela morte da companheira. Era como uma escuridão latejante. Fechei os olhos, como se estivesse prestes a pedir um desejo.

E foi então que entrei na mente do Nicolau. Não só a via, como também a controlava.

Ele susteve a respiração conforme se preparava para premir o gatilho. Tentou fazê-lo, mas não conseguiu. Perguntou-se se haveria algo de errado com a arma. Verificou se a patilha de segurança estaria a travar, mas não. Tentou novamente e, dessa vez, percebeu que não era a arma que estava a falhar.

O outro homem — o Hugo — ria-se dele. Queria saber qual era o problema.

O Hugo abanou a cabeça e pegou na arma, o que se revelou mais complicado. Não consegui entrar na mente dele. Havia só uma porta fechada.

Não faças isso, disse-lhe eu. A voz da sua consciência. Não primas o gatilho. Deixa a cabra viver.

Ele pestanejou e voltou a pestanejar e abanou a cabeça, para me expulsar de lá, sem perceber porque é que de repente estava a ter tais problemas. Foi então que me desconcentrei por instantes. O rapazinho ao pé de mim tinha começado a lamuriar-se porque a irmã tinha derrubado o seu castelo de areia com um pontapé.

E a seguir veio o tiro. Mesmo que eu tivesse a melhor visão do mundo, nunca o teria visto, pois tinha ocorrido do outro lado de Es Vedrà. No entanto, vi-o na minha mente com mais nitidez do que a praia e o castelo de areia desmoronado. A cabra caiu pela encosta de forma rápida e pesada, embatendo mais duas vezes nas rochas antes de cair na água.

Senti de novo um aperto nas entranhas.

E o Hugo ficou a olhar para a água por mais uns momentos, perdido nos seus remorsos.

As lagostas

Fiquei ali sentada, irritada comigo própria. Tinha tentado impedir a morte de uma criatura e falhara. E, enquanto olhava para o castelo de areia desmoronado, as vozes do restaurante viajaram de novo na minha direção. Ouvi vozes espanholas, catalãs, inglesas, neerlandesas, e também senti os pensamentos e as memórias à volta delas, ou contidos nelas, como se cada palavra fosse um embrulho de um pensamento que eu podia desembulhar instantaneamente. Mas houve uma voz, uma mente, que sobressaiu. A voz era dura, quebradiça, britânica. Os pensamentos também eram duros; senti-os deambular até mim como se fossem fumo.

— Desculpe — disse a voz, proveniente de um homem a duas mesas do casal de Cotswolds. — Encontrámos isto na nossa paelha.

O empregado olhou para ele, confuso. O homem manteve o olhar fixo.

— É um cabelo — explicou o homem, cujo nome me pareceu ser Brian, enquanto segurava o cabelo como se fosse um artefacto histórico, como se o tivesse retirado da cripta funerária de Cleópatra. — E repare, não pertence a nenhum de nós.

O Brian mostrava-se irredutível, tal como se mostrara quando fez pressão para os despedimentos na empresa de seguros para a qual trabalhava em Londres.

— Oh, peço imensa desculpa. Vou avisar a cozinha.

O empregado de mesa com quem estava a falar era um homem chamado Vicente. Tinha um ar triste. Uma espécie de saudades de casa que já o acompanhava antes mesmo de se mudar do Equador

para Espanha. Uma incapacidade de se sentir ancorado. Fechei os olhos e vi uma memória fresca dele, do dia anterior, de quando estava na sua cozinha em Cala Bassa, no oeste da ilha, com o ruído distante das obras a entrar-lhe pela janela, enquanto fitava a carta do seu senhorio que dizia que ia vender o pequeno prédio a uma agência de viagens e que ele teria de encontrar um novo sítio para viver. Eu soube de tudo isto antes mesmo de me virar para ver a sua figura alta e magra a inclinar-se para a frente numa espécie de vénia, como um cortesão perante um rei tirano.

— Não vamos conseguir comer isto. Não vamos pagar.

— Com certeza. Peço imensa desculpa.

— Acho que vai ter de fazer melhor do que isso.

O Vicente ficou sem expressão por um momento. Isso enfureceu o Brian. O seu maxilar cerrou-se de raiva, mas era um tipo estranho de raiva, que na minha mente visualizei como uma nuvem roxa, uma nuvem de pomposidade e superioridade e desejo de magoar.

— Está a ouvir-me?

A mulher do Brian tinha a mão no braço dele enquanto ele abanava o garfo. Tentei aceder à mente dela, mas era como tentar ver uma pessoa no meio de uma sombra muito escura.

— Sim, com certeza. Vou comunicar o facto à cozinha e...

— E o quê?

Senti a raiva dentro de mim. Andava à roda na minha mente, e normalmente essa emoção não tem para onde ir. Permanece, rodopia, apanha folhas mortas. Mas a verdade é que eu já não era normal. A minha mente agora era equivalente a um corpo, e, tal como os corpos conseguem deslocar-se no espaço físico, esta minha mente parecia subitamente ser capaz de vaguear de forma ativa para outros lugares e ignorar barreiras como o vento ignora os semáforos. Por outras palavras, a informação que eu estava a ter não estava apenas a ser recebida. Eu podia jogar com ela. Podia forçá-la na direção oposta. Como se a energia de um desejo viesse agora acompanhada de poder.

E enquanto o Brian falava, acenando com o garfo ao pobre empregado — ameaçando chamar o gerente, referindo as normas de saúde e higiene, recusando-se a pagar a refeição, dizendo que ia deixar uma crítica de uma estrela no TripAdvisor e que o Vicente devia sentir-se envergonhado por trabalhar num sítio daqueles —, senti um desejo a emergir.

O desejo era este: *Cala-te, Brian.*

Era um desejo muito consistente. *Cala-te, cala-te, cala-te, cala-te, cala-te, Brian, cala-te de uma vez.*

— Quero dizer — disse o Brian, enquanto a minha mente se preenchia com uma cor púrpura — isto não é coisa que se faça. Acredite que não. Esperar que as pessoas paguem uma porra de

dezassete euros por uma...

E pronto. O roxo mudou para azul-mar. O Brian parou de falar. Não consigo enfatizar como foi espantoso. Os meus pensamentos manifestaram-se. O interior moldou o exterior com muita facilidade.

Os lábios dele estavam fechados. Tentava falar, mas não conseguia. Começou a emitir um zumbido estranho, como se tivesse um caso particularmente grave de obstipação.

— Brian? — disse a sua mulher. — Brian, estás bem? Brian?

Charlotte. O nome dela era Charlotte. Ocorreu-me, fugazmente, no meio de toda aquela agitação criada por mim.

Mas o Brian não estava bem, porque agora o garfo que segurava parecia ter vida própria. Ele parecia debater-se com ele da mesma forma que se debatia para falar. Como se fosse uma coisa viva. Como se, de alguma maneira, o garfo se tivesse virado contra ele.

Naquela altura, eu não sabia nada sobre telecinesia. Não sabia que o ferro é um material particularmente recetivo aos poderes telecinéticos e, como o aço inoxidável é uma liga constituída principalmente por ferro, um simples objeto de cutelaria leve como um garfo é fácil de manipular. Isso foi uma surpresa. O garfo que ele tinha brandido contra o empregado estava agora a ser espetado, pela sua própria mão, na sua coxa. *Oh, não. Pobre Brian.*

E toda a gente no restaurante parou de beber o seu vinho e de mergulhar o pão no *aioli* e ficou a olhar.

A Charlotte era uma estranha fusão de choque, preocupação e raiva.

— Brian, mas que raio estás tu a fazer?

E foi nessa altura que me soltei. E o Brian soltou-se também, abrindo a boca num uivo ao olhar para o garfo que tinha espetado na perna.

— Daaaaaaaaa-se — disse ele.

E enquanto ele gritava de dor, eu senti o meu próprio grito interior ao ver o Brian em criança. Ele tinha caído num canteiro de urtigas. Não. Não, ele tinha sido empurrado. E eu vi as outras crianças a rirem-se dele a esforçar-se para se levantar, a gozar com ele, e enquanto eu via isto, o garfo voou da sua perna e atravessou o chão, e a mulher do Brian e o empregado tentaram acalmá-lo. Senti-me culpada. Mas deixei-me distrair por outra coisa. Um sentimento de medo total e claustrofobia e angústia. E apercebi-me de que não vinha de mim. Nem sequer vinha do Brian, nem do empregado.

Vinha do aquário das lagostas.

O terror cresceu dentro de mim, o meu coração acelerou e a minha respiração ficou subitamente muito ofegante. Uma vez, ouvi na rádio que os crustáceos, incluindo as lagostas, sentem dor e procuram espaços seguros quando estão stressados. A única vez que o meu corpo

tinha conhecido tanta intensidade em resultado da minha mente foi quando me ajoelhei no alcatrão da Wragby Road, a uivar e a rezar para que o Daniel ainda estivesse vivo.

Levantei-me e afastei-me, atravessando a areia em direção ao carro, mas o que sentia vindo das criaturas no aquário estava a tornar-se demasiado forte. A sensação que uma lagosta tem num aquário é de pânico fundido com um trágico sentimento de interrupção. Elas têm uma enzima que protege o seu ADN. Chama-se telomerase. Não sei como é que sabia isso, mas sabia. Mas o mais importante é que senti a sua tragédia. As lagostas são criaturas que não envelhecem. Poderiam ser imortais, se as deixássemos em paz. Elas não enfraquecem naturalmente. A infinitude fora-lhes roubada, e ninguém quer que lhe roubem a infinitude. Elas queriam ser livres. E eu queria que elas fossem livres. Senti o seu desejo e a sua impotência. Senti que isso me dominava e virei-me de novo na direção do restaurante. Fiquei parada entre a zona da restauração e a praia, a fitar as criaturas no aquário, numa espécie de transe. Devia estar com um ar desvairado.

Aquela sensação não parava de crescer e de aumentar. E foi então que o vidro estalou e rebentou. Uma torrente de água, com cacos de vidro e uma dúzia de decápodes de carapaça dura, subitamente animados, foi lançada sobre o chão de azulejos.

Os comensais, que já tinham ficado um pouco agitados com o Brian e o garfo, encontravam-se agora num estado de choque palpável. Levantaram-se, e alguns até se puseram de pé em cima das cadeiras para se esquivarem das lagostas.

Os crustáceos começaram a caminhar sobre as suas patas finas pelo meio do caos, em direção à praia. As suas pinças soltaram-se subitamente dos elásticos, as antenas contorceram-se loucamente. Tinham o caminho livre, depois de passarem pelos vários empregados de mesa ocupados a acalmar o Brian e as várias crianças em pranto, enquanto também tentavam varrer e pôr alguma ordem no seu pitoresco restaurante à beira-mar. Vi uma das lagostas exatamente como a tinha visto na minha mente, a correr pela areia.

O que é que eu fiz?, pensei, obrigando-me a sair do transe.

— Demasiado — disse uma voz atrás de mim. Virei-me para ver o Alberto, ali mesmo no passadiço. Calções de ganga mal-enjorcados e um sorriso de diabo velho. — Agora — disse ele, olhando fixamente para a lagosta que se apressava pela praia. — Por favor. Siga-me. Desta vez, nada de perguntas.

Eu ia fazer uma, mas ele já se estava a afastar.

O odor do Alberto Ribas

— Isto é um disparate — dizia eu. Estávamos no *Fiat*. Eu seguia o esbracejar desgovernado do Alberto que ia dando as direções. Ainda assim, eu parecia compreender tudo e conseguia absorver toda a paisagem só com um vislumbre. A Natureza cantava com beleza para onde quer que eu olhasse, e eu estava absolutamente aterrorizada. — Isto é um disparate.

— E, no entanto — disse o Alberto, dando palmadinhas no peito peludo por baixo da camisa aberta —, isto não é um disparate.

— Eu não quero isto — afirmei. — Não quero este poder. Porque é que me sinto assim? Há dois dias, estava morta por dentro. Vazia. Não conseguia sentir nada. E agora é o oposto. Sinto *tudo*. E ontem à noite não dormi nada.

— Sim, é um efeito secundário habitual. Há quinze anos que não durmo mais de uma hora por noite. Muitas vezes, nem sequer durmo. A Christina costumava dormir dez minutos por noite. É como se tivéssemos passado a ser golfinhos.

— Golfinhos?

— Sim, golfinhos. Eu dantes estudava-os. O problema dos golfinhos é que dividem o cérebro ao meio. Assim, enquanto uma parte do cérebro dorme, a outra mantém-se acordada. É um sono de ondas lentas uni-hemisférico. Na verdade, é uma característica da maioria dos mamíferos marinhos. E os seres humanos pertencem ao lado mais dorminhoco dos mamíferos. Os elefantes e as girafas quase não dormem. Mas não é nada de preocupante. Bem vistas as coisas, acabou de prolongar as horas de vigília da sua vida em cerca de um terço. É

uma boa notícia, não é?

— Não acha que me devia ter contado tudo isto? Antes, quero eu dizer?

— Eu fui muito claro. Eu avisei-a. Olhe que me lembro.

E eu também me lembrava. É claro que me lembrava. Lembrava-me de tudo. A sua voz ecoava na minha mente.

Se quer continuar a ser um ser humano normal, tem de se ir embora já. Porque isto não vai ser uma experiência normal...

Fiz uma careta.

— Pois eu acho que foi um bocado vago! Mais parecia marketing genérico. Devia ter sido específico.

— Ah, e teria acreditado nisso?

Olhei para as pontas esfiapadas dos seus calções de ganga. Duvidei que alguma vez tivessem visto uma máquina de lavar. Dava para lhe sentir o cheiro. O Alberto Ribas vinha acompanhado de um odor. Um *bouquet* não muito delicado de almíscar, salmoura e mau hálito, e um odor corporal de bode com um toque de *Hawaiian Tropic* (um toque algo incongruente, dado que a sua estética geral parecia estar a meio caminho entre homem das cavernas não reabilitado e pirata). Tentei ignorar. O que era bastante difícil, para alguém que estava com os sentidos literalmente fora deste mundo, e estando nós confinados a um pequeno *Fiat Panda* com um ar condicionado fracote.

— Não sei em que é que eu teria acreditado — respondi-lhe. Mas eu sabia que ele estava certo. Sabia que não teria acreditado em nada daquilo.

— Foi por uma razão, sabe? Foi tudo por uma razão. *La Presencia* só vem até nós por uma razão. Quando a encontrei pela primeira vez, era um velho bêbedo. Tive todo o tipo de problemas depois da morte da Julia, a minha mulher, e ela ajudou-me. Deu-me aquilo de que eu precisava para ficar sóbrio. É por isso que trago sempre isto comigo. — Meteu a mão no bolso dos calções de ganga e tirou de lá a sua garrafa de rum em miniatura cheia de água do mar. Água do mar que não era apenas água do mar. Percebia-se o brilho suave. — É de *La Presencia*. Por isso é que a Christina tinha o frasco de azeitonas. Ela queria estar sempre perto dela. Eu quero estar perto dela. Perto de *La Presencia*. Perto daqueles misteriosos fotões. Ela pressente quando fico fraco. Brilha e dá-me força. Sabe, nada disto é um acaso. A sua vinda até cá, o ter vindo ver-me, o ter entrado na água. *La Presencia* queria-a. A Christina queria-a. As mudanças vão ajudá-la. Os talentos. Estão a tornar-se mais fortes, certo? Tornam-se mais fortes durante uns dias. Com o passar do tempo, vai ser capaz de os controlar. Eu disse-lhe que os iria desenvolver. Lembra-se? No hospital. Mas nem toda a gente tocada por *La Presencia* recebe os mesmos poderes da mesma maneira, por isso, preciso de saber... O que é que se revelou até agora? Que

talentos extrassensoriais? Telepatia? Telecinesia? Clarividência? Precognição?

As palavras eram ridículas. A verdade ainda mais. Lembrei-me da lagosta. Aquela que eu tinha visto antes de ter aparecido.

— Sim, sim, sim, e... acho eu... sim.

— Já agora, nenhuma destas capacidades é única — disse o Alberto. — Toda a gente na Terra as possui. Sabe, quando alguém se cruza com um tipo na rua e diz «Estava mesmo a pensar em ti». *La precognición*... precognição. Isso acontece. A toda a hora. Ou quando sentimos alguém a olhar para nós de uma janela antes de vermos essa pessoa. Telepatia. Acontece a toda a hora. Sempre que temos um *déjà vu*. Sempre que estamos a pensar numa palavra e alguém diz essa palavra na rádio. Estas coisas acontecem com muito mais frequência do que uma coincidência. Conhece Jung?

— O psiquiatra? Sim.

— Bem, ele falava de «*la coincidencia significativa*», a coincidência significativa. O mundo psiquiátrico não estava preparado para ouvir falar dela, mas ela existia e ele observou-a repetidamente nos seus pacientes. *La actividad paranormal es normal*. Acrescentamos o «para» porque nos sentimos envergonhados com o que não compreendemos sobre nós próprios. Por isso, o que acontece com *La Presencia* é que todas estas capacidades que temos são desbloqueadas e potenciadas. Faz com que nos tornemos nós próprios.

— Hum... — murmurei, duvidosa. — Então e a telecinesia? Está a dizer-me que a maioria das pessoas move coisas com a mente?

— Não. *Es verdad*. Tem razão. A telecinesia não é muito comum. Mas, ainda assim, acontece, por vezes, quando o desejo é suficientemente forte e o objeto é pequeno. Um pai que quer que a vela de aniversário do seu filho mais débil se apague, na verdade, acrescenta a força ao seu sopro se o pensar com força suficiente... A telecinesia... ela está lá. — Ele batucou com o dedo na cabeça. — Existe em toda a gente. E em si, agora ganhou vida. A mente humana é um oceano repleto de escuridão. Uma Fossa das Marianas. *La Presencia* confere-lhe luz.

Partículas de luz

Ridículo, pensei para mim própria. Embora, claro está, não fosse um pensamento apenas para mim própria.

— Sim, concordo — disse o Alberto. — A sério que concordo. É *realmente* ridículo. Tal como tantas coisas pareceram ser no passado. Como o facto de a Terra se mover à volta do Sol. Como os animais disporem de inteligência. Mas existe uma ciência para tudo isso.

Começou a entrar em verdadeiros pormenores científicos.

Falou-me de um estudo de 2011 da Universidade de Cornell que demonstrava que a precognição e a telepatia são mensuráveis em laboratório. Explicou-me que os seres humanos são essencialmente criaturas telepáticas e que os nossos pensamentos silenciosos não estão contidos nas nossas mentes, tal como a luz não está contida numa lâmpada. Afirmou que as instituições científicas ainda vivem na era de Aristóteles e referiu que ainda se considera blasfémia questionar ideias antiquadas de causa e efeito, sobretudo em relação ao tempo. Falou sobre física quântica e ligações quânticas. Falou de retrocausalidade — a forma como o futuro interage com o passado, do mesmo modo que o passado afeta o futuro. Falou sobre os fotões — partículas de luz —, famosos por desobedecerem às regras de espaço e de tempo previamente concebidas. Sobre a forma como a luz é fundamentalmente intemporal. E sobre o facto de termos essas partículas no nosso corpo. O nosso corpo cria luz interior. Biofotões. E os fotões bioluminescentes de *La Presencia* interagem com os fotões bioluminescentes dentro de nós, porque a luz perpassa e entra em tudo. E, através do desencadeamento de uma resposta hormonal

espantosamente complexa e de uma espécie de transferência de informação biológica, estes novos fotões libertam o nosso potencial. E isso manifesta-se de diferentes formas, dependendo da pessoa, mas tende a tornar visível o que está escondido. Mentres, futuros, prazeres e sensações que antes estavam ocultos ou bloqueados.

— E quando isso acontece, *amiga mía*, existe à nossa espera um admirável mundo novo.

Aquele tom presunçoso estava a irritar-me. Ou talvez fosse o calor e o ar abafado no carro e o facto de eu não gostar que a minha visão da realidade fosse posta em causa. Não. Acho que era mesmo ele.

— Sabe de onde vem a expressão «admirável mundo novo»? — perguntei.

— Sim, claro. De Aldous Huxley. O deus dos *hippies*.

Abanei a cabeça.

— De William Shakespeare. Na peça *A Tempestade*. Uma peça sobre um homem manipulador e louco numa ilha mágica que gosta do som da sua própria voz e que provoca muitos estragos por causa de um ressabiamento.

— *Muy bien* — disse ele, tirando um cabelo branco do peito. — *Muy bien*. Eu sou assim. Louco... manipulador... Já me chamaram coisas piores. — Depois apontou para um cruzamento que se aproximava. — Por ali — disse ele. — *A la derecha*. Para *Es Cubells*.

— Onde vamos? — perguntei.

— À igreja — disse ele, a sorrir. — Por isso, é bom que se tenha portado bem.

Na minha vida, só duas vezes tive vontade de dar uma bofetada a alguém. Em ambos os casos, foi na cara do Alberto Ribas.

Se não podia atacar o Alberto, talvez conseguisse encontrar-lhe um ponto fraco. Continuei a tentar aceder à sua mente, mas não estava a conseguir ir muito longe. Na verdade, ele mostrava-se quase tão ilegível como da primeira vez que o vi. Continuava a não conseguir decifrar a sua idade, os seus amores, os seus medos, as suas memórias. A única diferença — e o que me fez confiar um pouco nele — é que eu conseguia captar uma ligeira tristeza que ele não revelava à superfície. Não era uma tristeza de culpa, mas algo mais existencial. Uma espécie de sentimento de luto contínuo que emergia dele, adentrando a minha mente em tons suaves de cinzento e verde, como couve cozida, o que contrastava muito com o seu rosto bronzeado, sempre com um sorriso nos lábios, a pele curtida e uma barba à Zeus.

Assim, na ausência de uma revelação psíquica, tinha de fazer perguntas. Sendo a mais óbvia delas:

— *Porquê* à igreja?

A estrada era sinuosa, estreita e tranquila. Passámos por um bar de tapas solitário, sem ninguém à porta.

— Uma pesquisa muito importante. Vai conseguir aprofundar o nosso entendimento.

— Sobre?

— *La Presencia*.

— Não quero entender *La Presencia*. Não quero espetar garfos em pessoas. — Pensei nas criaturas vaporosas semissólidas que pareciam aguarelas. — Não quero ser parcialmente salaciana. Não quero ser a Defensora Heroica das Lagostas. Quero perceber o que aconteceu à minha amiga.

— É a mesma coisa. Entender *La Presencia* é perceber o que aconteceu à sua amiga.

— Então, aquela coisa matou-a? Aquela coisa no mar matou-a? E o Alberto mandou-me lá ao fundo para que me matasse também?

O Alberto soltou um suspiro semelhante ao rangido de uma porta.

— Eu não queria matá-la, Grace. Você consegue ser uma pessoa tremendamente irritante, sim, mas eu não queria matá-la. *La Presencia* não estava lá para a magoar. *La Presencia* quer ajudar e *La Presencia* quer ser ajudada. Ela recrutou-a, como a Christina sabia que iria acontecer.

— Quantas outras pessoas entraram em contacto com aquilo?

— Fiz muita pesquisa... para o livro... *La Vida Imposible*... Perguntei a muitas pessoas... Li muitos relatos... Pensa-se que sejam muito poucos. Além de mim, de si e da Christina, apenas uma mão-cheia, de que tenhamos conhecimento. Na década de 1930, houve um pescador chamado Joan Bonanova. E, como há de ver, deu-se um encontro imediato no século XIX. E mais recentemente, na memória viva, ocorreu um incidente há quarenta anos, mas isso foi diferente...

— Porquê diferente?

— Bem, para começar, foi à luz do dia. Foi a única vez em que *La Presencia* se tornou visível em plena luz do dia. E não foi com um adulto. Foi com um rapaz. Um rapaz inglês. Ele estava de férias na ilha. Quase se afogou. Nadou para muito longe da praia e ninguém conseguiu alcançá-lo. O pai viu-o, mas era tarde demais. Ele foi ao fundo. Esteve submerso durante sete minutos. Estava morto, efetivamente...

Pensei no Daniel. Lembrei-me dele estendido no asfalto, imóvel. Lembrei-me do vermelho da bicicleta e do sangue.

— Então, o que é que aconteceu?

— Luz — respondeu Alberto. — Foi isso que as testemunhas viram. Incluindo o pai do rapaz. Um círculo brilhante de luz azul por baixo da água. E, passados sete minutos, o rapaz veio à tona. Estava vivo.

— E o que aconteceu ao rapaz?

O Alberto encolheu os ombros.

— Voltou para Inglaterra. E sejam quais forem os talentos que ela

lhe tenha dado, ele manteve-os em segredo... Mas essa foi uma situação totalmente diferente da sua. Você foi escolhida, Grace. Não estava em perigo.

Suspirei.

— Não percebo porque é que temos de ir à igreja.

— Há um manuscrito na igreja. Um manuscrito muito importante. De Francisco Palau. Um homem muito importante. Era um padre e um... — Simulou que segurava num capuz, enquanto dizia a palavra: — monge... que veio para a ilha e que passava muito tempo numa gruta em Es Vedrà...

Quando o caminho se tornou mais acidentado, abrandei. Os pneus rugiam sobre a terra vermelha e as pedras. Lembrei-me da conversa da Rosella, na mercearia, acerca do eremita religioso. *Há muitos, muitos anos, vivia lá um eremita. Numa gruta. Um homem religioso. Um sacerdote. Ele escreveu sobre umas luzes que viu na água. Luzes que iluminavam o mar inteiro.*

O Alberto sorriu. Percebeu que eu tinha feito a ligação. O espaço entre os seus dentes parecia a entrada de uma caverna misteriosa. E foi então que pediu para parar o carro e apontou para uma deslumbrante igreja cúbica branca.

— *Mira*, Grace. Já chegámos. Não é linda?

Igreja

Era mesmo.

A igreja de Es Cubells era de uma beleza geométrica depurada. Com contrafortes laterais bem definidos de cada lado da sua estrutura cúbica, estava caiada de branco a ponto de ofuscar. Com uma arquitetura extremamente simples e empoleirada sobre o mar, era transcendentalmente calma, e eu poderia ter ficado a olhar para ela durante horas ao sol da tarde.

Quando saí do carro, o Alberto dirigiu-se para um arbusto.

— Preciso mesmo de, como é que se diz... ir regar as plantas.

Virei-me de costas.

— Ninguém diz isso. Literalmente ninguém.

— Mudar a água às azeitonas, sabe? — continuou ele, sem pudor.

Nunca tinha visto uma atitude tão animalesca num homem. Assim que acabou de urinar, veio juntar-se a mim no carreiro poeirento.

Antes de chegarmos à porta da igreja, reparei numa lagartixa aos meus pés. Estava totalmente imóvel, como só as lagartixas conseguem estar, e eu senti o seu estado de espírito paradoxal. Tal como algumas línguas têm palavras que outras não têm, algumas espécies têm emoções que os seres humanos nunca conheceram. Uma lagartixa, por exemplo, parece estar sempre num estado simultâneo de alerta constante e de relaxamento profundo, totalmente em sintonia com o que a rodeia, ao mesmo tempo aterrorizada e apaixonada por tudo.

Estás a aproximar-te, disse-me, misteriosamente. *Estás quase lá*.

— Está a ver? — disse o Alberto. — Agora compreende os pensamentos dos animais. Isso é um dom, não é?

— E, no entanto, Sr. Ribas, continuo a não conhecer os seus pensamentos. Não é interessante? Tem mais a esconder do que um réptil?

— Bem, diz isso como se fosse um insulto ser comparado a um réptil. Os répteis são as mais verdadeiras, mais nobres e mais puras de todas as criaturas. Têm muita sabedoria antiga. Compreendem como devem existir. Quando nos dizem alguma coisa, estão a dizer-nos muitas, muitas, muitas coisas. Os seus pensamentos são mais precisos do que um *haiku*. São...

E ali ficou durante um tempo considerável, sobre o chão quente e poeirento, enquanto assávamos naquele calor sem sombra, a dar-me uma palestra sobre lagartos, com o seu sotaque a variar entre o espanhol e o americano, passando por uma espécie de inglês e algo exclusivamente Alberto. E nenhuma quantidade de percepção extrassensorial conseguiria manter-me concentrada no que ele estava a dizer. Por isso, fiquei a olhar para a distância. Para lá do penhasco, para lá dos arbustos de zimbro, para o mar e os seus mistérios. Por fim, as palavras pararam e ele retomou o passo.

Eu sabia que a porta estava trancada mesmo antes de lhe tocar. Portanto, disse-lhe.

— Está trancada.

O Alberto também já devia saber. Ele franziu o sobrolho para a porta. Na verdade, era mais um olhar de reprovação. Achei graça ao facto de ele estar a tentar — mesmo, mesmo a tentar — abrir a porta com a mente.

— Ouça... — balbuciou. — Dantes, eu abria fechaduras com muita facilidade. Mas, ultimamente, o meu talento desvaneceu-se. — Parecia acanhado. Como se quisesse dizer-me alguma coisa. — Ela torna-nos mais poderosos até deixar de o fazer. Não nos torna imortais. — Uma minúscula brecha nas suas defesas. Quase consegui entrar-lhe na psique, mas não cheguei lá. Ele suspirou. Regressou à realidade. — Mas, acredite no que lhe digo, esta é a parte da pesquisa mais importante, e só você a pode fazer, por isso precisamos de abrir a porta...

— Então estou aqui para fazer a sua pesquisa?

— Sim — confirmou ele. Depois refletiu. Franziu o sobrolho. Parecia irritado consigo próprio. Enrugou o rosto, e não foi só por causa do sol. — Não. A investigação é importante, claro. Porque *La Presencia* é importante. Mas não faz sentido eu dizer-lhe o que sei, porque nem sequer sei aquilo que sei.

— Mas tinha-me dito que, por esta altura, eu já saberia. Que eu iria saber tudo sobre o que aconteceu à Christina. Foi por isso que me encontrei consigo na praia à meia-noite.

Ele projetou o lábio inferior.

— Oh. A sério? Pensei que tivesse sido o meu charme magnético.

— Por mais estranho que pareça, não.

— Oh. — Parecia tão abatido que quase tive pena dele. Quase.

— Fui mergulhar porque queria respostas. O Alberto prometeu-me respostas. E tudo o que tenho é: «ela desapareceu no mar»...

— Pensei que ela lho iria revelar — disse ele. — *La Presencia*. — Ele olhou para o relógio. — Temos de ser rápidos. Temos de sair daqui antes que abram a igreja. — Sacudiu um mosquito obstinado. — Ouça, sim, eu estou a usá-la, Grace. Estou a usá-la. Admito isso. Tem um talento imenso e pode ajudar. A Christina não foi capaz de aceder à mente do morto, do Francisco Palau, mas você pode conseguir...

— Foi por isso que ela morreu? Deixou de ter utilidade para si? Não podia ajudá-lo na sua pesquisa?

Ele pareceu enfurecido. Lançou-me o mesmo olhar que o nosso velho lulu-da-pomerânia, o *Bernard*, nos lançava sempre que lhe púnhamos a trela.

— Você é uma pessoa muito parva — resmungou.

— Sim. Estou bem ciente disso. Sou a mulher mais parva do mundo. Se assim não fosse, nunca teria ido ter consigo em busca de respostas.

Estava tão irritada que fiz menção de me ir embora. Já alguma vez lhe aconteceu? Estar tão zangado que tem de começar a andar? Só que depois é preciso continuar, como se fosse mesmo a sério, embora o que nos apetecesse fosse ter ficado parados e respirado fundo? Porque não havia outro sítio para onde ir, tirando a beira de um penhasco ou um carro tão abafado que só dava vontade de sair de lá?

— É uma mulher da matemática. Quer respostas, não quer?

— Sim. Quero respostas concretas.

Era mais fácil ver uma pedra a sangrar do que o Alberto a dar uma resposta. Mas eu pressentia que ele estava a chegar lá. Por isso, mantive-me de costas para ele, a fitar o mar e os arbustos.

— A Christina desapareceu no mar numa noite sem lua. Sabe a quem mais aconteceu tal coisa? Ao Francisco Palau... E nesta igreja existem trezentas páginas cheias da sua própria caligrafia. E sim, eu quero saber coisas sobre *La Presencia*. É claro que sim. Mas investigar *La Presencia* é exatamente o mesmo que investigar o que aconteceu à Christina. Agora, por favor. Se consegue libertar lagostas, também consegue abrir fechaduras. Vamos lá entrar.

Acreditar em mais

No interior, o ar era fresco. O piso era de ladrilhos brilhantes. Num ângulo de quarenta e cinco graus, formavam desenhos de diamantes. Havia genuflexórios bem espaçados ao longo da nave, com um amplo corredor central. A tranquilidade que se sentia fez-me desejar ter ido mais vezes à igreja nos últimos anos.

Acho que me tinha estado a fazer de difícil. Em relação a Deus, quero eu dizer. Eu queria que Ele viesse até mim. Que Ele provasse que estava lá. Mas percebi que não é assim que funciona. Nós criamos a nossa própria fé, tal como criamos as nossas próprias histórias. Acreditamos naquilo em que queremos acreditar, mas é preciso esforço.

— Eu vinha cá quando era miúdo — comentou o Alberto. — A minha mãe era uma mulher muito religiosa. Fui a uma missa em todas as igrejas da ilha. Mas íamos sobretudo à igreja de Santa Agnès de Corona. A nossa aldeia. Vivíamos mesmo em frente, do outro lado da estrada. Eu tinha um sapo de estimação. Um sapo verde salpicado, das Baleares. Chamava-lhe *El Capitán*. Costumava levá-lo comigo. No bolso.

— Pobre sapo...

— *Sí. Es verdad*. Já falei com sapos e eles têm pouco tempo para sermões. Ou para bolsos.

— É religioso? — perguntei-lhe.

— Acho que sim. Mas acredito que, se existe um Deus, não se chega a ele através de uma igreja. Chega-se lá pelo mar ou pela floresta. Aprendi mais com o sapo.

Dirigi-lhe um som de repreensão, em nome da minha educação católica.

— Eu gosto de igrejas — comentei. — São calmas, silenciosas e sérias. O Alberto podia aprender uma coisa ou outra com elas.

Tirando um grande e elaborado retrato de Cristo por cima do altar, a igreja era simples, minimalista, pelo que não demorámos muito tempo a localizar o manuscrito. Encontrava-se numa vitrina ao lado da pia de água benta, não muito longe da entrada. Era a única coisa exposta no armário. Escusado será dizer que estava trancado, mas, tal como a porta, abri-o com uma facilidade alarmante. Senti o trinco na minha mente e só tive de o imaginar a mover-se. Depois, abri a vitrine e peguei num manuscrito amarelecido, encadernado com fitas passadas por buracos de agulha ao longo das margens das páginas. O manuscrito que Francisco Palau tinha escrito, de acordo com a data no topo da primeira página, em outubro de 1855.

— Passe os dedos pelas palavras — disse o Alberto. — Leia-as, mas passe os dedos nelas também. É assim que se faz... Chama-se psicomетria. A capacidade de compreender a mente de alguém só por tocar nalguma coisa em que essa pessoa tenha tocado. É um tipo muito profundo e intenso de leitura da mente que pode até cruzar a linha entre os vivos e os mortos. Não nos limitamos a ler a mente da pessoa, estão muitos sentidos envolvidos, chegamos quase a *ser* essa pessoa. Naquele lugar no tempo. É viajar no tempo, efetivamente...

— Não se importa de ficar calado, por favor?

— Fite as palavras — sussurrou o Alberto.

— Chiu.

Pelo sim, pelo não, olhei fixamente para as palavras. O relato do velho padre, escrito num catalão arcaico, sobre a sua chegada a Ibiza vindo do continente. O seu exílio aqui na ilha.

A caligrafia era elegante, as letras inclinavam-se ligeiramente para trás, arrastadas pelo vento, debatendo-se com a velocidade da caneta. Como se ele soubesse que lhe restava pouco tempo.

— Não — disse o Alberto. — Esta parte, não. Passe para o fim. Passe para a sua última viagem a Es Vedrà.

Passei com a ponta dos dedos sobre as palavras, à espera de que a psicomетria comesse, ou — mais cientificamente — que as minhas capacidades biofotónicas fossem ativadas.

Conforme fechei os olhos, consegui ouvir, tenuemente, o som do mar. Era difícil saber se se tratava do mar verdadeiro, aquele que estava muito perto, com as ondas a embaterem na praia junto à falésia. Ou se era a memória do mar. Afinal, o mar soa sempre a mar.

— Consegue ouvir o mar? — perguntei ao Alberto.

— Não — respondeu-me ele. — Não o consigo ouvir, de todo. O verdadeiro mar está demasiado calmo para o ouvirmos. Por isso, o que

está a ouvir é outra coisa. Está a ouvir um lugar *que não é aqui*. Estou mesmo ao seu lado, mas você vai deixar-me por alguns instantes. Vai encontrar outra pessoa, noutro tempo. Só por um bocadinho. *Buen viaje!*

As suas palavras desvaneceram-se no nada.

O mar ficou agitado. Eu ouvia-o a embater nas rochas e dei-me conta de que estava a libertar-me das fixações do tempo e da identidade, passando para a fluidez da vida pura e abrangente. Tive um momento de breve libertação, como se tirasse um capacete apertado, e depois fui parar a outro lugar diferente, transformada numa outra pessoa.

Mansões

Portanto, Maurice, de todas as coisas que me aconteceram até agora, creio que esta foi a mais peculiar. E, por isso, penso que é também a mais difícil de lhe transmitir. Suponho que, tal como os outros talentos que tinha, este fosse um exagero extremo de algo que já havia experimentado na minha vida normal. Por exemplo, sempre que leio uma autobiografia — seja de Maya Angelou ou Anne Frank ou Richard Feynman ou *seja quem for* — sinto uma espécie de empatia, e há uma pequena parte de mim que se torna, por breves instantes, a pessoa sobre quem estou a ler.

Acredito que esse seja um dos objetivos da leitura. Ajuda-nos a viver vidas além daquela em que nos encontramos. Transforma a nossa cabana mental de uma só divisão numa mansão.

Toda a leitura é, em suma, telepatia, e toda a leitura é viagem no tempo. Liga-nos a todas as pessoas, a todos os lugares, a todos os tempos e a todos os sonhos imaginados.

Agora imagine um mostrador, como se fosse um indicador de volume, mas um mostrador de empatia. E se a experiência de ler um livro normal faz subir esse mostrador de empatia de um para dois ou três, então, para mim, a experiência de fitar o manuscrito de Francisco Palau e tocar-lhe foi a mudança do mostrador para dez. Constituiu uma imersão total e completa.

Não se tratou apenas de experienciar as palavras escritas. Eu estava a experienciar a vida em seu redor. As palavras eram apenas sementes que fizeram crescer uma súbita experiência sensorial completa. A igreja onde eu estava desapareceu por completo. Eu regresssei — se é

que regresso é a palavra certa — a 1855. Senti o vento quente no rosto. Ouvi o mar.

A terceira pessoa

Desapareci.

Eu era ele.

Eu era um ele.

Eu era a terceira pessoa.

A Lua em queda

Eu era o Francisco Palau. É claro que, tecnicamente, *eu* continuava a ser a Grace Winters e encontrava-me numa igreja, mas naquele transe psicométrico conseguia sentir tudo o que ele sentia. Não tinha poder de decisão, não podia mudar aquela experiência passada que estava a observar, mas, simultaneamente, sentia-me mais do que uma simples testemunha. Sentia-me como se estivesse completamente dentro da sua mente e do seu tempo, sentada num barco a remos entre Cala d'Hort e Es Vedrà. Contudo, era fácil perceber que não se tratava da Cala d'Hort do século XXI. Não se viam edifícios na linha costeira. Não havia cabanas ao longo da praia. Nenhum restaurante. Nenhum outro barco. Nada da Atlantis Scuba. Apenas praia, rochas e Natureza.

O barqueiro de frente para ele era um homem de rosto duro, com cheiro a álcool e ímpio, chamado Miquel. Recusara-se a remar tão tarde, mas o Francisco oferecera-lhe três *reales* para que valesse a pena.

— Não sou como o senhor, padre — disse o Miquel ao sacerdote, em catalão. — Sou um pecador. Deus não me oferece a mesma proteção. Não conseguiria ficar naquele rochedo uma única noite e ver a manhã.

— O que quer dizer com isso?

— Há coisas à volta de Ibiza e de Es Vedrà que não estão na Natureza. Estão fora de Deus.

— Não há nada fora de Deus.

— Bem, se estas coisas estão dentro de Deus, então Deus deve ser temido.

— Temido, sim. Mas o medo é apenas mais um caminho em direção a Ele. Outro caminho em direção ao Seu amor. Está escrito no Livro de Mateus. «Não os temais, pois nada há encoberto que não venha a ser revelado, nem oculto que não venha a ser conhecido... E não temais os que matam o corpo, mas que não podem matar a alma. Temei antes aquele que pode destruir a alma e o corpo no Inferno».

O Miquel absorveu as palavras, profundamente, enquanto mergulhava os remos de novo na água escura e na ondulação suave.

— Agora tenho mais um medo, além do outro que já tinha, padre.

O Francisco soltou uma gargalhada tensa e não disse mais nada. O Miquel tinha razão. O barqueiro não era como ele. Estava perdido, pensou o padre, como tantos estavam. Escravo dos medos e de todos os outros impulsos, uma amálgama profana de superstições variadas que ainda os infetavam desde os tempos dos Fenícios, a que se juntavam crenças populares.

Pensou que, de todas as pessoas supersticiosas da ilha, os barqueiros eram os mais decididos. Talvez fosse aquele licor de ervas estranhamente elaborado que todos bebiam e que o Miquel tinha aos seus pés dentro de um barril. Talvez aquela fusão de álcool com funcho e zimbro e o que mais pusessem nela lhes provocasse visões alucinatórias e imaginações febris.

Parecia que as pessoas das Ilhas Baleares (ele também tinha estado em Maiorca, para trabalhar com os monges locais) habitavam um mundo invertido, onde quanto mais fantasiosa fosse uma história, mais provável era que acreditassem nela. Porém, os ibizencos eram particularmente propensos a tais delírios, e até tinham inúmeros festivais em que várias superstições eram fervorosamente celebradas e honradas, em que apresentavam um tipo de dança à volta de poços onde homens com boinas vermelhas saltavam no ar à volta de mulheres enfeitadas com joias, ao som de uma cacofonia de tambores, flautas e castanholas. Ele tinha uma profunda aversão a estas coisas ímpias, que tentava esconder ao máximo quando se encontrava perante os habitantes locais.

Mas depois: *alguma coisa*.

O barqueiro viu uma coisa na água. Logo a seguir, o Francisco também a viu. Uma luz brilhante. Uma espécie de reflexo.

— Pensei que não havia luar esta noite — disse o padre, parecendo um pouco nervoso.

Olhou para cima e viu-o no céu. Um objeto luminoso que descia em direção a eles. No início, era apenas uma linha de luz, mas depois, à medida que se aproximava da Terra, foi-se alargando e transformou-se numa esfera brilhante.

— Acho que está a cair do céu — disse o Miquel, estupefacto. — A Lua. Acho que a Lua está a cair do céu.

— Aquilo não é a Lua. É demasiado azul para ser uma lua. É outra coisa. A sua forma está a mudar.

A luz estava cada vez mais próxima. Um branco-azulado brilhante, uma esfera que se estreitava num fino e impossivelmente comprido bastão de luz que atingiu a água quase sem impacto. E, de repente, desapareceu. Dentro da água. Porém, passado um momento, surgiu novamente uma luz, vinda lá bem do fundo. Uma nuvem de luz que se transformou numa esfera, para depois se transformar novamente numa nuvem.

O Miquel bebeu do seu barril e em seguida ofereceu a bebida ao padre, que a tragou sem hesitar.

1855

—Senti-a a senti-lo.

Era a voz do Alberto a tirar-me do transe.

De repente, eu estava de volta à igreja.

— Era ela a chegar — disse ele, muito mais alto do que seria adequado numa igreja. — Era *La Presencia* a chegar aqui. Ele viu-a. Viu-a no céu. Não escreveu que a viu chegar... Só escreveu sobre luzes na água... Não sobre a sua *chegada*. — O Alberto estava incrivelmente entusiasmado. — Mas ele estava lá quando ela aterrou. Ele estava lá. Chegou aqui em 1855. Isto é um *pormenor incrível*. É um verdadeiro avanço. Pensei que tivesse chegado antes disso. Pensei que podia cá estar desde o tempo dos Fenícios. Mas não. 1855. Mil. Oitocentos. E cinquenta. E cinco... Sabe o que isso quer dizer?

— Quer dizer que sou a sua assistente de pesquisa frustrada?

— No. No. No. Quer dizer que ela está aqui por uma razão. Tal como pensávamos. Ela chegou quando o nosso planeta estava a ficar completamente *loco*, pá. Guerras, impérios, caminhos de ferro e o que realmente deu origem a isto, sabe, a destruição do ambiente. — Quando ele se entusiasmava, o seu sotaque e idioma espanhóis tornavam-se mais evidentes. Era quase encantador. — Foi na década de 1850 que o número de espécies extintas aumentou... — A sua mão transformou-se num foguete. E simulou o som de um. — Houve quatro vezes mais espécies extintas do que na década anterior. Foi o princípio do fim. O ar encheu-se de fumo nas cidades. Toda a gente a tossir. Sabe como é. Os seres humanos em crise. É nessas alturas que todos os grandes escritores escrevem as suas grandes obras, porque está tudo a

ir por água abaixo. Dickens e Flaubert e, pouco depois, o nosso próprio Sr. Galdós. Foi o início do movimento de conservação. E depois chega *La Presencia*. Uma força regeneradora... Porquê nessa altura? Não será possível que tenha vindo para nos ajudar? Que tenha vindo de Salácia... que tenha sido enviada pelos salacianos... porque eles viram a vida em perigo e quiseram preservá-la? Vá lá... continue... veja o que diz sobre as outras viagens dele a Es Vedrà...

E então voltei a pousar os dedos sobre o texto e deixei-me levar mais uma vez para o passado. O Francisco Palau voltava a visitar Es Vedrà, subindo em direção à sua gruta quando o dia começava a fenecer.

Salvação

O Francisco já devia estar a subir aquele caminho íngreme há mais de uma hora, mas sabia que não estava longe da gruta. Por isso, parou uns minutos e absorveu a vista, pegou no seu cantil e bebeu um pouco de água.

O céu transbordava de cor.

Rosa, púrpura, laranja e dourado decoravam finas faixas paralelas de nuvens, como se fossem cumes e vales de um campo celestial. Agarrou-se às contas do seu rosário e fez em silêncio uma oração de agradecimento. Tinha andado por toda a Espanha, muito para lá da sua Catalunha natal. Mudara-se de um sítio para outro, devido à guerra, à fome ou à perseguição. Conhecera muito céu na sua vida e dirigira muitas das suas orações ao céu. Mas nada se comparava àquilo.

Quando era criança, na quinta, anos antes de ser banido do continente, contemplava maravilhado o pôr do sol ao lado da pequena igreja quadrada de Aitona, sentindo uma proximidade com o Verdadeiro e Único Pai. Mas este céu era outra coisa. A beleza era arrebatadora. A proximidade de Deus tinha uma intimidade que ele sentia no peito. Nunca nenhuma catedral lhe tinha proporcionado tal sensação. Ajudava-o a respirar, dava-lhe força e tornava possível aquela viagem. Ajudá-lo-ia a sustentar-se durante três dias de meditação, observação e escrita na gruta. Era quase suficiente para o fazer esquecer todo o terror de que fora testemunha.

Olhando para o outro lado da água, para lá do rochedo mais pequeno, Es Vedranell, em direção à enseada de onde tinha acabado

de sair, avistou um corvo-marinho a voar baixinho. Ele adorava corvos-marinhos e desejou poder vê-lo melhor. Um pássaro imponente, majestoso, uma maravilha negra e brilhante. Quase dava para ver, na luz praticamente desvanecida, a mancha castanha do barco a remos do barqueiro, ancorado em segurança na areia ao lado das rochas de Cala d'Hort.

Foi então que o padre reparou que algo se movia aos seus pés.

Um lagarto.

Nada de invulgar. Era o tipo comum de lagarto salpicado de preto e verde que ele vira tantas vezes em Ibiza. O lagarto parou por um momento, antes de se afastar em direção a um dos raros arbustos resistentes que se agarravam ao rochedo.

Mas depois surgiu outro. Exatamente igual. E outro, e mais outro. Tentou contá-los, mas perdeu a conta aos oito. Seguiam todos na mesma direção. Para baixo. Para longe do local para onde o padre se dirigia.

Da última vez que ali estivera, tinha visto duas cabras. Talvez os tivessem assustado. Mas agora não via as cabras.

Por momentos, sentiu uma pontada irracional de medo.

Era duplamente irracional, pois uma das bênçãos de Ibiza, e presumivelmente também daquela ilhota adjacente, era o facto de não existirem animais temíveis ou letais. Não havia plantas venenosas. Não existiam cobras nativas. Deus fizera daquela ilha um santuário de paz. Um lugar protegido.

O padre afastou interiormente a sua preocupação, voltou a deixar o frasco pender junto ao flanco e seguiu o seu caminho em direção à gruta. Continuou a procurar mais sinais de lagartos, mas não encontrou nada. Viu, no entanto, um falcão a voar em círculos sobre a luz moribunda.

Quando estava quase a chegar à gruta, a meio caminho entre o mar e o cume do ilhéu, o céu encontrava-se mergulhado na escuridão, numa noite sem qualquer luar, e o carreiro era estreito, terminando numa descida à sua direita para um penhasco vertical.

Posicionou-se em frente à abertura e voltou a olhar à distância. Dali, Es Vedrà parecia serena para qualquer sentido. O som do mar estava demasiado longe para ser ouvido. Nada. Apenas a paz de Deus.

Foi então que viu qualquer coisa, muito lá ao fundo.

Era novamente uma luz. Exatamente igual à que tinha visto a descer sobre o oceano. A luz parecia emanar das profundezas, muito abaixo da superfície, mais perto de Es Vedrà do que da praia de Cala d'Hort.

Uma espécie de fosforescência transparente e brilhante. Nessa noite, a sua cor era quase do tom do azul ultramarino do xaile da Virgem Mãe, mas brilhante, movendo-se, pulsando, como uma

alforreca gigante a metamorfosear-se e incrivelmente bela.

O sacerdote ficou impressionado, hipnotizado. O pôr do sol tinha sido uma coisa, mas aquilo era outra completamente diferente. Lembrou-se de João 1:5 e sussurrou-o, sem pensar. «A luz brilha nas trevas, e as trevas não a venceram.»

E apercebeu-se de que os lagartos se dirigiam para a luz.

O Francisco sentiu uma estranha mas feliz dissolução, como se já não fosse o Francisco Palau, o padre e antigo frade e eremita ocasional, o fundador da Escola da Virtude de Barcelona, como se já não fosse uma pessoa, ou um exilado, ou um ser no tempo, ou uma identidade com recordações dos seus companheiros frades mortos na fogueira num mosteiro às mãos do exército espanhol. Naquele instante extático, estava para lá de si próprio. Não havia nenhuma linha a dividir o homem e o Universo, a carne e a infinitude.

Ele era o passado, o presente e o futuro.

Era, simplesmente, a própria vida.

Mas foi então que algo aconteceu. Ele desequilibrou-se no carreiro estreito. E depois caiu, embatendo com força na pedra calcária, com uma dor e uma força tão intensas que perdeu a consciência antes de embater na água, e o próprio mar encheu-se de luz desde Ibiza até Es Vedrà. Quando recuperou a consciência, encontrava-se naquele mar, no meio da luz, sem fôlego e atordoado, mas vivo. E, estranhamente, já não sentia dores. Ali, à sua frente, encontrava-se a nuvem-esfera, na direção da qual ele nadou, imaginando que era Deus ou a salvação. Quando a alcançou, a esfera manteve a sua forma e expandiu-se, fazendo surgir um orifício. Ele transpô-lo a nado, até subitamente se encontrar noutro lugar completamente diferente. Era uma praia de areia cor de laranja e uma floresta cheia de árvores com folhas brancas junto a um mar diferente, cuja luminosidade nunca se apagava, onde ele respirou um ar doce e viu criaturas, feitas de carne e de vapor, como nunca antes vira, incluindo aquela que foi ter com ele e lhe transmitiu uma mensagem.

Aqui estás a salvo. Estarás para sempre protegido.

E cada átomo e cada fibra do seu ser lhe diziam que aquelas palavras eram verdadeiras. Chorou de gratidão e ternura e avançou em direção àquelas criaturas — anjos, estava certo disso —, preparado para a salvação.

A vista do chão da igreja

Acordei sobre os ladrilhos da igreja. Sentia-me fraca. Um pouco delirante. Doía-me a cabeça. Ergui os olhos e pude ver o rosto do Alberto, contorcido por uma emoção intensa, a chorar.

— Está tudo bem — assegurei-lhe. — Eu estou bem. Deve ter sido só uma pancada na cabeça

— Oh, não se preocupe. Não estou a chorar por si.

— Pois, com certeza. Obrigadinha. Então, porque é que está a chorar?

As lágrimas dele eram agora acompanhadas por um sorriso tão aberto como a sua camisa.

— Porque a Christina tinha razão. Não é só uma presença. É um portal.

— Um portal?

Ele acenou com a cabeça como um galo ansioso.

— Sim. É um portal de regresso ao sítio de onde ela veio. A Salácia. E sabe o que isso quer dizer, não sabe?

— Na verdade, não faço a mínima ideia.

— Quer dizer que ela conseguiu!

— Conseguiu?

E depois ele riu-se e chorou mais um pouco, ali junto ao altar e à pintura de Jesus a descer da cruz.

— Ela não morreu! — A sua exclamação ecoou pela igreja como um sino reverberante. — Chegou aonde queria chegar! Conseguiu chegar a Salácia!

Uma equação sem solução

Não tenho dúvidas de que está tão confuso com tudo isto como eu fiquei. Não se preocupe, a confusão tem a sua utilidade.

Na verdade, a predisposição a ficar confuso, apercebo-me agora, é um pré-requisito para uma boa vida. Querer que as coisas sejam simples pode tornar-se uma espécie de prisão, garanto-lhe, porque acabamos por ficar presos à forma como queremos que as coisas sejam, em vez de aceitarmos a forma como *poderiam ser*. Acabamos por nos fechar. Acabamos por fechar as portas a tantas possibilidades. Fui atraída para a matemática por causa das suas certezas, porque queria portas fechadas e simplicidade, mas a vida não é assim. Na verdade, a matemática também não. Nunca se pode decompor completamente o arco-íris, porque a matemática, a ciência e a verdade essencial não são isentas de magia e mistério. Elas são magia e mistério. Por isso, não pense que eu estava a distanciar-me da matemática para entrar no misticismo. Porque não era isso que eu estava a fazer. Não estava a abandonar a verdade matemática, estava a descobri-la a um nível mais profundo.

Como sabe, na matemática convencional, há uma tendência para simplificar. Formulamos algoritmos, padrões e fórmulas com base no facto de tudo o resto permanecer fixo; uma matemática mais complexa compreende que, num Universo em constante mutação, muito pouco é fixo ou simples.

Talvez esteja familiarizado com a «ciência da complexidade». Um híbrido de ciência e matemática que tenta lidar com as coisas mais complicadas. Não é ciência aeroespacial. A ciência aeroespacial é

bastante direta, razão pela qual a matemática convencional é suficiente para a maioria dos problemas de engenharia. Não, a ciência da complexidade envolve a compreensão, por exemplo, da matemática da Natureza, da complexidade dos organismos à medida que crescem, da previsão do curso das alterações climáticas, da forma como os átomos interagem. E há um conceito dentro da ciência da complexidade que se chama literalmente «universalidade», que nos diz que, mesmo dentro da complexidade da vida, há semelhanças e padrões universais em diferentes sistemas. E assim, a verdadeira magia é matemática. É aquela que não coloca a simplicidade e a complexidade uma contra a outra, mas que encontra a ordem mais verdadeira dentro da complexidade. Dentro da confusão. A bela e entrópica confusão em espiral a que chamamos vida.

Querer olhar para a vida como se fosse um teste, e querer uma arrumação, uma ordem, uma limpeza e um controlo estreitos é a base do desespero mental. Porque é uma ilusão. Nós estamos neste mundo. Nós *somos* a folha de teste. Somos um agente em movimento num mundo mutável, num cosmos em constante expansão.

Parece-me que, se quisermos a verdade, se quisermos levar uma vida plena e consciente, temos de nos dirigir para a possibilidade, para o mistério e o movimento, para a viagem ou para a mudança, porque quando encontramos a universalidade dentro disso, encontramos-nos a nós próprios. O nosso «eu» sempre em movimento. Chega-se no ato de partir. De ficar aberto, sempre, à possibilidade de que as coisas simples que dizemos a nós próprios possam estar todas erradas.

Por isso, vou deixar-lhe aqui algumas respostas que são de um tipo diferente. Respostas que também são perguntas. Vou contar-lhe tudo o que aprendi depois de me ter levantado daquele piso frio da igreja. E, mais uma vez, não tem de acreditar em nada disto, se escolher não acreditar. Estar aberto à possibilidade é estar aberto à dor, ao fracasso, à desilusão, por isso a tentação é enrolarmo-nos como tatus. O que é perfeitamente compreensível. Às vezes, é mais fácil enfiarmos os nossos narizes metafóricos nos nossos traseiros metafóricos do que olharmos para o Universo. Sermos humanos é termos medo do nosso próprio ridículo inato, por isso fazemos de tudo para reduzir esse ridículo. Vestimos os nossos corpos, procriamos à porta fechada, escondemos todas as funções corporais, não choramos nos correios nem cantamos no meio da rua, e tentamos manter as nossas próprias ideias de acordo com aquilo que nos dizem que devemos pensar.

Mas a vida é desordem e confusão, e está cheia de realidades embaraçosas e vergonhosas.

É claro que todos nós desenvolvemos as nossas próprias convicções neste mundo, e mudá-las é, por vezes, uma coisa assustadora. Se quisermos realmente fazer descobertas maravilhosas, como qualquer

bom tatu sabe, precisamos de tirar a cabeça do rabo e olhar para o dia brilhante e confuso. Para a glória oculta, para a matemática mais profunda, para a derradeira realidade. Para a vida.

Buraco de minhoca

Voltámos para o carro. Janelas abertas. Ainda estávamos parados.

— A teoria — disse o Alberto, devagar, como se eu tivesse 7 anos — é que *La Presencia* é uma presença muito real, cheia de fotões poderosos, mas também um buraco de minhoca. Um buraco de minhoca é uma ligação entre dois pontos no tecido do espaço-tempo. Na minha pesquisa de *La Presencia* ouvi relatos de familiares do Joan Bonanova. O pescador que foi salvo por *La Presencia*. Ele disse à filha que ia partir para outro mundo e que não ia poder voltar. Ele viu o seu próprio futuro em Salácia. E desapareceu certa noite, já velho e doente, desceu em direção a *La Presencia* e nunca mais voltou. Portanto, tanto quanto sabemos, é possível atravessar *La Presencia*, mas não regressar de lá. E se a Christina foi para Salácia, foi com um bilhete só de ida.

Para ser sincera, aquilo era muito para assimilar. A minha cabeça estava mais confusa do que quando me deparei pela primeira vez com o cálculo avançado. Mas o mais importante era isto: era provável — ou, pelo menos, *muito possível* — que a Christina ainda estivesse viva noutro planeta.

É claro que eu não fazia ideia se devia confiar no Alberto Ribas. Mas precisava dele. Ele era a única pessoa no mundo que sabia aquilo que eu me tinha tornado.

— Quero mostrar-lhe uma coisa — disse ele.

Tirou o telemóvel do bolso dos calções de ganga e reproduziu um vídeo. Vi uma mulher num barco. Demorei alguns instantes a perceber que o barco era o do Alberto. E que a mulher para quem eu estava a

olhar — aquela mulher de cabelos grisalhos, graciosa, ligeiramente hipnotizante — era a própria Christina.

O que a Christina disse no barco enquanto o vento soprava suavemente no seu cabelo

Olá, Grace. Há muito tempo que não nos víamos. Daqui fala a tua velha amiga Christina. Acho que estou um pouco diferente do que tu recordarás. Até fiz uma tatuagem. Olha só! Do Sol. Há lá coisa melhor do que o Sol?

Quando vires isto, daqui a um mês — no dia 26 de junho, no carro com o Alberto —, já não estarei cá. Não. Não significa que vá estar morta. Embora consiga ver a minha própria morte, espero evitá-la. Alguém anda a tentar matar-me, mas eu não sei quem. Sei que isto parece bastante dramático, mas é assim que a minha vida tem sido nos últimos tempos. Hei de estar, espero eu, em Salácia. Consigo ver muito do futuro, mas não consigo ver esta parte com clareza. Por isso, preciso de ter fé. Tal como tu, tive um pequeno vislumbre de Salácia quando me tocou pela primeira vez. A praia, as árvores, o ar doce. Destina-se a ser um paraíso abundante. Lá, pode-se viver muito tempo, com saúde e paz. Talvez para sempre. Os salacianos preocupam-se. Foi por isso que enviaram *La Presencia* para cá. Às vezes, ponho o frasco de azeitonas ao lado da minha cama. Mesmo ao lado da minha cabeça. Se fizeres isso, ela diz-te coisas nos teus sonhos. Coisas que precisas de ouvir. Os sonhos são os mais vívidos de sempre. E estão preenchidos pelo tipo de verdade que cura.

A teoria é que, se mergulharmos e nadarmos diretamente para *La*

Presencia, a direito como uma seta, em vez de esperarmos que ela venha até nós, estamos basicamente a dizer-lhe que queremos fugir. E eu não *quero* fugir. Eu *preciso de* fugir. Porque se não o fizer, serei morta. E, como já disse, não tenho a certeza de quem me vai matar. Tal como tu, não consigo entrar nas mentes de toda a gente. Há quem seja mais difícil de alcançar. E eu sei o que estás a pensar. Estás a pensar que pode ser o Alberto. Que pode ser ele que me quer matar. Afinal de contas, tens dificuldade em chegar à mente dele. Mas não. Acredita em alguém que já o conhecia antes de ele ter erguido essa ponte levadiça. Não é o Alberto. Ele é muitas, muitas, muitas coisas — pelo menos metade das quais é enfurecedora —, mas não é um assassino.

Sei que te deixei uma carta, mas não podia contar-te tudo nela, porque isso iria pôr-te em perigo. Tens de ser discreta. Na verdade, sinto que se eu não tivesse sido tão pública, se nunca tivesse montado uma banca no mercado, não me teria tornado um alvo. Portanto, vou dizer aqui o que não pude escrever na carta.

És uma pessoa especial. Sempre soube que eras especial. Soube-o quando estava no meu momento mais solitário e tu me fizeste companhia. Mas não sabia exatamente *até que ponto* eras especial. Quando *La Presencia* veio ter comigo pela primeira vez no mar, deu-me certos talentos, mas a ti deu-te mais. Conheci muitas pessoas na minha vida, tanto em Inglaterra como em Espanha, mas tu foste a única a quem *La Presencia* conferiu tantos talentos. Acredita em mim, eu sei do que falo. Era a ti que ela queria. A pessoa que ela chamava, através de mim. O único bloqueio que vais enfrentar és tu própria. Deixa que *La Presencia* te cure.

O verdadeiro talento que te deu foi o apreço pela vida. É difícil explicar, pelo menos em inglês, o que isto significa verdadeiramente. Mas existe uma palavra em espanhol: *duende*. Uma das conotações da palavra vem do poeta espanhol Lorca. Descreve o sentimento de alguém que se liga verdadeiramente à essência sublime da vida, à sua tragédia e beleza, seja na arte, no flamenco ou na Natureza. É como se alguma vez tivéssemos estado numa galeria e visto um quadro que nos fez sentir aterrorizados ou extasiados, mas agora não é só a arte ou um pôr do sol que consegue fazer-nos sentir isso. Será tudo e mais alguma coisa. Pode ser uma brisa quente, o simples aroma a pinheiros nesta ilha repleta deles.

Sei que já sentiste o vazio. Mas vais sentir a plenitude. Talvez pela primeira vez desde que eras criança. Agora podes viver. Vais desfrutar de cada experiência por inteiro. Estarás presente aqui. Esta presença é melhor do que qualquer droga na Terra, e acredita que já experimentei várias ao longo dos anos. É estar-se o mais vivo que é possível estar.

Ao compreender o presente de forma tão profunda, também irás compreender o futuro, do mesmo modo que um tubarão consegue prever um furacão ao sentir as mudanças na pressão da água.

Pode não parecer uma dádiva neste momento, mas foi-te concedida uma dádiva, garanto-te. Os talentos são uma dádiva. O Alberto também os tem, mas os dele estão a desvanecer. Eu tinha-os, mas já me fui embora. Houve outras pessoas tocadas por *La Presencia*. Mas, no teu caso, a mudança será das mais dramáticas.

Sei que, por natureza, és uma pessoa cética, e por isso tive de te deixar um rasto de migalhas para chegares a esta posição. Foi por isso que te deixei a casa. E o bilhete. E foi também por isso que falei de ti à Rosella, a rapariga da loja de Santa Gertrudis. E porque te disse para falares com a Sabine do mercado *hippie*, que tem horror ao pobre Alberto, porque sabia que ela te ia deixar desconfiada. E depois também há isto que tenho na mão. O presente que me deste. O fio com o pendente de São Cristóvão.

Foi esta a chave, Grace. Foi assim que eu soube. *Psicometria*. Isto deu-me o conhecimento sobre ti. Ao segurar nisto. Ao lembrar-me de ti. Depois, tive o conhecimento de como podias ser forte. Como podias ter os talentos mais fortes do que *qualquer outra pessoa*. Como podias salvar a ilha, os animais, o mar, e até as pessoas, da destruição. Como serias uma dádiva para a Natureza.

Vou agora deixá-lo cair ao mar. E dentro de alguns minutos, durante o mergulho, a Marta, a filha do Alberto, vai fotografá-lo e colocá-lo na página da Atlantis Scuba. Sabes?, quando viste a fotografia do teu fio, pensaste que as probabilidades eram de um milhão para uma, mas não eram. Porque nós queríamos que o visses. E previmos que irias procurar a página, depois de teres estado com a Rosella e as tuas suspeitas terem começado a aumentar. E isso terá sido o suficiente para ires à procura do Alberto. E o resto... bem, tu sabes o resto.

É que agora és uma protetora. Porque é impossível sentir a vida de um modo tão profundo e não querer protegê-la. Vais dar por ti a precisar de ajudar pessoas... e animais.

Eu também já fui uma protetora. Tentei proteger os animais. O ambiente. Tentei proteger as pessoas do futuro, sentada na minha banca no mercado *hippie*. Disfarcei esta ciência como se fosse misticismo de adivinhação, para as autoridades me deixarem em paz. Mas é óbvio que terei pisado os calos a alguém. Acho que ajudei pessoas, ou pelo menos, tentei. A minha filha poderá discordar. Mas penso que tu serás capaz de ajudar ainda mais.

É evidente que um dom também é, muitas vezes, uma maldição. Tens de estar ciente de que estes talentos vêm acompanhados de perigos, como eu agora sei muito bem. Mas eu tinha de te escolher,

Grace. Tinha de escolher alguém para continuar o meu trabalho. Não precisas de dizer às pessoas o seu futuro, como eu fiz. Mas vais dar por ti a proteger a vida, a proteger a Natureza, a proteger esta bela ilha.

Nos anos trinta, houve um pescador chamado Joan Bonanova que foi salvo por *La Presencia*. O Alberto já te falou dele. Tinha uma alma tão pura, livre de culpas e pecados, que os talentos que desenvolveu eram poderosos. Uma noite, no meio da invasão dos fascistas de Franco, enviou um sinal a todos os animais da ilha para que ajudassem e, pouco depois, houve relatos de cabras e outros animais a atacar os soldados nacionalistas. Acredito sinceramente que, se quiseses mesmo, podes ser como o Joan Bonanova. Poderás ter talentos que ultrapassam tudo o que se conheceu durante décadas.

E quero mesmo que encontres o meu possível assassino. Não por mim. Eu hei de estar a salvo, tenho a certeza disso. Mas pelos outros. Eles ainda andam por aí. Quero que os impeças, porque há quem esteja em perigo. Mas, acima de tudo, eu trouxe-te até cá para salvar não a vida de outras pessoas, mas a tua. Quero que vivas, Grace. Quero que esqueças o teu passado e que *vivas*. Tens mesmo de fazer isto. Para o bem de tudo. Estás a ouvir-me?

Adeus, minha amiga.

A Grace que Não Serve para Nada

— Oh, meu Deus — disse eu, quando o vídeo acabou. Não estava a gostar nada daquilo. Senti que estava a ser ludibriada outra vez. Senti que alguém me tinha posto na mão um relógio que eu não queria e que agora era suposto eu pagar por ele.

Sentia-me como se estivesse a ter um ataque de pânico e, como muitas vezes fizera na minha vida, pus-me a fazer contas compulsivamente e a visualizar padrões para me tranquilizar.

O vídeo tinha três minutos e vinte e dois segundos de duração. 3 em 22 é 7,33. A raiz quadrada de 3 é 1,73...

O Alberto guardou o telemóvel. O calor do carro não estava a ajudar. Pus-me a olhar para o mar. De todas as coisas estranhas que acabara de ouvir, aquela absoluta loucura, o que me ficou nos ouvidos foi a expressão «minha amiga». Se eu era assim tão amiga, porque é que ela nunca me contactou durante mais de quatro décadas? Quando o Daniel morreu, quando perdi o Karl, quando precisei de uma amiga, onde é que ela estava? Não parava de pensar na Lieke, no centro de jardinagem.

Ela não lhe deu a casa a troco de nada. Estava a recrutá-la. Era uma armadilha. É a substituta dela.

— Oh — disse eu. — Isto já é demais. Não fui eu que escolhi isto. Para que é que preciso desta dádiva?

— Eu só sei que é raro ser-se escolhido. E é uma sorte ter sido escolhida... A Christina sabia que tinha de ser a Grace. Ela tinha visto o futuro.

Foi aqui. Foi neste momento. Foi aqui que o copo transbordou. Foi

quando me esqueci por completo do sabor amplificado do sumo de laranja ou das novas maravilhas à minha volta. Foi quando percebi que o ato da Christina não se tratava apenas de generosidade altruísta.

— Parece um culto — disse eu. — Parece um culto sinistro.

— Bem, ouça, eu não aprovava necessariamente os métodos da Christina...

— Eram os seus métodos também. Podia ter-mos explicado.

— Teria sido a coisa mais fácil do mundo mandá-la embora. Eu avisei-a. Mas a Grace queria saber a verdade. Eu disse-lhe que isto a ia mudar. A verdade é que não foi a Christina quem a escolheu a si, nem a mim, foi a própria *La Presencia*. A Christina simplesmente viu isso. Dos milhares de pessoas que a Christina conheceu ao longo da vida, ela só a queria a si. Os meus poderes são fracos quando comparados com os seus. Eram fracos até quando comparados com os da Christina. Já foram fortes, mas têm vindo a esmorecer. Recuaram como uma maré baixa. Mas a Grace é especial. Veja só o que conseguiu fazer, ali na igreja...

— Eu não sou especial — repliquei. Foram as quatro palavras mais fáceis de dizer. A voz de um sentimento que eu tinha há setenta e dois anos. Uma consciência profunda da minha própria mediocridade. — Porque é que eu havia de ser especial? Sou uma inglesa velha e rabugenta. Sou uma professora de Matemática reformada do meio de nenhures. Sou uma grande nulidade, é o que sou. Um grande zero à esquerda. Não, nem sequer isso. Não sou um zero, sou um menos. Sou uma mediocridade que nunca teve qualquer impacto no mundo. A não ser, de vez em quando, para o piorar. O meu querido filho Daniel morreu porque o deixei andar de bicicleta à chuva enquanto estava a folhear um maldito catálogo, porque aparentemente achei que isso era mais interessante do que ir à cidade com ele. Morreu debaixo das rodas de uma carrinha do Royal Mail. Eu sou a pessoa que nunca fez nada da vida. A pessoa que desilude os outros na reta final. A pessoa que deixa que as coisas más aconteçam. Aquela que se contenta com pouco porque é isso que merece. Que nunca conseguiu o emprego com que sonhava quando andava na universidade. Que se tornou uma professora mediana que provavelmente fez com que mais pessoas se afastassem da disciplina. Aquela que foi infiel ao marido. Fui inútil vezes e vezes seguidas. Não posso fazer isto. É um erro. Não estou livre de culpa e de pecado como o maldito Joan Bonanova. Sou má pessoa. Nunca serei boa nisto. Nunca serei capaz de enviar um sinal mágico a todos os animais. E acho que nem quero. — O meu coração batia descompassado. — Eu. Não. Sou. Especial.

— Muito pelo contrário — contrapôs o Alberto, tão presunçoso como sempre. — A Christina tentou pensar em todas as pessoas que conhecia. E em todas as pessoas que *alguma* vez conheceu. E ela

conhecia *muita* gente. Conseguia prever todos os cenários, todas as possibilidades. *La Presencia* poderia ter recorrido a muitos outros, mas ninguém teria tido a mesma reação. Foi por isso que ficou inconsciente na água, Grace. E o facto de ter sido capaz de regressar a 1855 e estourar aquários de lagostas e espetar garfos nas pernas de homens com a sua própria mente só confirma isso. Tudo isto é invulgar. *Muy, muy raro...*

— Não devia ter espetado o garfo na perna daquele homem — disse eu, com remorsos. — Ele não era assim tão mau.

— Não. Talvez não. Mas e se alguém fosse mesmo *assim tão mau*? E se fosse um assassino? E se tivesse planeado matar a sua amiga? E se conseguisse evitar que ele matasse...

— Eu mal conhecia a Christina — retorqui. — Ela não era minha amiga!

O Alberto anuiu com a cabeça. Parecia que eu lhe tinha dado uma bofetada.

— Bem, talvez não. Mas era *minha* amiga. Era uma boa pessoa. Complicada? Sim. Uma mãe que não era grande coisa? Talvez. Mas boa. Uma pessoa rara.

Por um instante, achei que ele era poderia começar a chorar e, para minha vergonha, isso deixou-me mais zangada do que menos.

— Eu não sou especial — repeti, como uma louca. — Sou uma pessoa egoísta. Falhei na única coisa que uma mãe deve ser capaz de fazer. Sou a Grace que Não Serve para Nada. Não salvo pessoas. Deixo-as morrerem. Como deixei o meu querido Daniel morrer. Nunca fiz uma única coisa corajosa na minha vida. Tirando ter-me mudado para Ibiza. Que agora percebo que foi o maior de todos os meus erros.

— Foi professora. Há lá coisa melhor do que ser professora? — O Alberto não desistia. A sua cara, que estava mesmo a pedir um chapadão, continuava a falar. — *La Presencia* viu algo em si. Não aquilo que foi, mas aquilo que poderia vir a ser. *La Presencia* não se preocupa com o que está à tona. Preocupa-se com as profundezas.

— Tenho mais de 70 anos. Sou demasiado velha para teorias sentimentais espetadas em ímanes de frigorífico e demasiado velha para aquilo que eu *poderia* ser.

O Alberto reagiu com desdém.

— Bem, eu tenho 79 anos. E não tenho frigorífico. E *adoro* teorias sentimentais. Sou um homem sentimental. E estou inscrito para a minha primeira aula de samba na próxima terça-feira. Depois vou para a Cova Santa dançar numa gruta e beber limonada. Estamos em Ibiza. A idade não conta para nada.

— Isto pode ser Ibiza. Mas isto não sou eu. Este não é o meu lugar.

— Às vezes, penso que as pessoas que não gostam de sentimentalismo, na verdade, não gostam é de sentir nada. Preferem

olhar para o mundo inteiro com desprezo.

— Bem, não me interessa o que o Alberto pensa. Eu estava muito bem sem sentir nada. Não *quero* sentir nada. E você não tinha o direito de me obrigar a isso.

Tinha sido tudo uma armadilha. A casa. A fotografia do fio. Todas as palavras saídas da boca do Alberto.

Além do mais, eu não seria capaz de salvar ninguém. Só iria piorar as coisas. Era assim que eu era.

— Estou farta disto — disse eu, pondo o carro a trabalhar. — Vou para casa. Posso ajudar as pessoas com os talentos em casa. Vou para o aeroporto...

— A minha pesquisa sugere que quanto mais longe estiver de *La Presencia*, menos poder...

— Não quero saber.

— Não acha melhor esperarmos até amanhã, quando já tiver tido tempo para digerir tudo isto?

Não queria um amanhã assim. Queria voltar atrás. Preferia nunca ter provado a nova e infinita alegria do sumo de laranja a ter tudo *aquilo*. Não queria dançar numa gruta. Queria sentar-me no meu sofá e entorpecer-me em frente a um concurso na televisão. Permitir-me sentir uma alegria infinita acabaria por me levar a sentir uma dor infinita. E eu já a tinha sentido e não queria repetir. De repente. O que desejava era um vazio familiar e sem incidentes. Na verdade, sentia a falta da anedonia.

— Não. Vou *para casa*. *Casa*. *Casa*.

A palavra deu-me conforto. Parecia sólida. Como um rochedo no oceano.

— Mas a ilha precisa de si. As pessoas e os animais precisam de si. Vai poder fazer o bem. Não apenas às... lagostas... mas de um modo geral. E ainda anda por aí um possível assassino. Seja humano ou outra coisa qualquer. A Grace seria capaz de o deter. E em casa não vai conseguir fazer isso. Quanto mais longe estiver, menos talentos há de ter.

Ignorei-o. Tentei bloquear as suas palavras da mesma forma que bloqueio os acufenos. Conduzi o carro com um único sentimento.

Mal posso esperar por sair desta ilha.

Cavalo

A viagem de carro até ao aeroporto demorava vinte minutos, mas eu estava a tentar chegar lá em dez. O Alberto ia comigo. Por uma única razão: eu não o podia deixar no meio do nada em Es Cubells. Bem, por isso e porque ele queria ir comigo. E alguém teria de ficar com o carro da Christina.

Seguimos para o interior e passámos por um homem que avançava estrada fora numa bicicleta elétrica, sorrindo ao sol. A bicicleta era vermelha. Percorri os primeiros números da sequência de Fibonacci.

0, 1, 1, 2, 3, 5, 8, 13, 21, 34...

Apercebi-me de que o tempo que passara na ilha tinha sido assim. Um aumento contínuo de todas as coisas que as precediam, incidentes adicionados a incidentes, eventos a impulsionarem-se para a loucura.

Pelo caminho, passámos por um cartaz gigante com o rosto da Lieke. Era como olhar para uma ilusão. Lembrei-me da sua dor, da sua fragilidade interior e da sua fúria exterior, mas ali estava ela a dominar a linha do horizonte como algo mais forte do que os sentimentos.

Olhei para a cara dela e vi os olhos da mãe.

Continuei a conduzir. Ignorei o Alberto. Conduzi sob aquele céu azul sem nuvens, apertando o volante com tanta força que até captei outra memória da Christina.

Ela estava à porta de um hotel. Havia um grupo de manifestantes numa obra. Visualizei uma placa na minha mente. *Eighth Wonder, Cala Llonga, em breve*. A Christina estava acompanhada de uma mulher, de cabelo escuro desgrenhado e óculos. Eu conhecia-a. Aparecera-me

numa visão. A mulher sentada naquele mesmo carro com a Christina. E agora apercebia-me de que já a tinha visto antes. No aeroporto. Tinha sido a primeira pessoa que eu vi ao chegar à ilha. A mulher com a t-shirt de Einstein que me tinha sorrido. Mas assim que a reconheci, a visão mudou. O dia transformou-se em noite e o ar em dilúvio.

Ela estava agora no mar.

A Christina, quero eu dizer.

Nadava para cada vez mais fundo, atravessando a água escura em direção à esfera brilhante, que desta vez não se transformou numa nuvem, mantendo a forma e expandindo-se, até, fazendo surgir um orifício nela. Uma abertura que se alargava. Que atravessava a esfera. Tornou-se um túnel, ainda mais brilhante do que a esfera, um brilho prateado e impossível. E ela atravessou-o a nado, transpondo o portal, pensando na filha e esperando que ela estivesse a salvo.

Quando saí desse microtranse, tinha a mão do Alberto no meu braço. Ele gritava o meu nome tão alto como o meu pai costumava fazer. Mais à frente encontrava-se um grande cavalo castanho com o seu cavaleiro. Quase os atropelei, mas desviei-me a tempo. A égua empinou-se, mas o cavaleiro manteve-se na sela, com os pés a pressionar os estribos com força. Senti o pânico do animal em mim como o ritmo de um tambor.

— Está tudo bem — disse o Alberto, a sua voz desvanecendo-se como uma onda à medida que eu me concentrava na estrada. — Está tudo bem, está tudo bem, está tudo bem...

Aeroporto

— Quería o próximo voo disponível para qualquer parte de Inglaterra — disse eu à mulher com um sorriso forçado atrás do balcão de atendimento. O seu crachá dizia-me que se chamava Gabriela, mas não me dizia que se sentia um pouco inchada e com câibras e que gostava de ter mais comprimidos de hortelã-pimenta. Ou que já tinham passado seis horas e meia desde o início do seu turno. Como eu gostaria de não saber mais nada a não ser o nome que vinha no crachá.

— Há um voo para Gatwick esta noite. Parte às dezanove e cinquenta. Posso verificar se há lugares.

— Perfeito, sim. Isso seria ótimo.

Não tinha um plano concreto. Regressaria à minha moradia. Venderia a casa da Christina à distância. Doaria o dinheiro para a caridade. Mas era só isso. Essa condição não constava da carta do advogado. Aqueles «dons» não eram realmente dons. Só causariam mais danos. Enquanto a Gabriela se ocupava com o computador, pensei no pobre cavalo e no cavaleiro que quase tinha atropelado. Pensei num garfo espetado numa perna. A Christina tinha cometido um erro. Eu não iria ajudar, só iria prejudicar. Tal como sempre fizera.

Olhei em redor, perguntando-me se o Alberto já se teria ido embora. Ele disse que esperaria um pouco no parque de estacionamento «pelo sim, pelo não». Senti uma pontada de tristeza. Uma leve mágoa. Uma parte estranha de mim queria ainda estar sentada ao lado dele. *Deixa-te disso, Grace. Esta é a coisa certa a fazer.*

Estava lá uma mãe com uma criança pequena cansada nos braços e

uma malinha como bagagem de mão. A mãe beijou a testa da criança. Vi um amor cor de índigo. Afastei rapidamente o olhar, pois não queria saber muito sobre elas e muito menos sentir o que sentiam. Queria não sentir nada. Amaldiçoei a Christina e a *plenitude* que ela me tinha dado. O *duende*. Queria não me sentir apegada a nada.

Havia mentes por todo o lado, pensamentos dispersos pelo ar como pólen. Vi uma rapariga sozinha, ansiosa por ver a família. Gostava tanto de ter o Karl à minha espera em casa. Para me dar um abraço, em Gatwick. Para me dizer que tinha sentido saudades minhas e que tudo ia correr bem.

Os meus olhos pousaram numa imagem digital que reconheci, pois era quase idêntica ao cartaz que se encontrava na estrada, junto à casa. O hotel, com a fotografia de um quarto de luxo.

Já abriu. O mais recente hotel Eighth Wonder Spa Resort, Cala Llonga, Ibiza. Visualize os seus sonhos e torne-os realidade.

Isso desencadeou um pensamento. Uma recordação de coisas que me tinham sido ditas. O motorista de táxi. A Sabine. Tudo começou a encaixar-se. Pensei na Christina e na Marta, lado a lado. Pensei na manifestação. O anúncio parecia quase um aviso.

Há quem esteja em perigo...

Um homem olhava para o anúncio. Senti o seu orgulho. Envergava um fato de linho e fazia-se acompanhar de uma mala. Tinha o cabelo penteado para trás. Era bastante jovem. Menos de 40 anos. A verdade é que toda a gente era muito jovem. (Quando se chega aos 70 anos, todo o mundo é basicamente uma grande infantário e toda a gente é uma criança de colo abandonada.) O que me interessou não foi a roupa, o cabelo, o rosto ou a sua juventude. Nem mesmo a sua mente cansada e agitada, cheia de distrações e pensamentos fragmentados relacionados com o aeroporto. Foi uma das revistas que tinha na mão. A revista *DJ*. Tinha uma fotografia da Lieke na capa. «A nova rainha de Ibiza assume o trono.»

— Estou só a verificar a disponibilidade de lugares — disse a Gabriela, com uma amável eficiência.

Quando olhei para o seu rosto focado e os olhos semicerrados a fitarem o ecrã do computador, vi-a a abraçar os filhos no seu apartamento em Santa Eulália. Não parecia mais velha do que agora, tirando um ou outro cabelo branco. Estava a tentar tranquilizar as crianças, dizendo-lhes que tudo iria correr bem.

— Para com isso — disse a mim própria.

— Sente-se bem? — perguntou-me a Gabriela, cheia de preocupação no rosto e na mente.

— Sim, peço desculpa. Sim. É que fico nervosa quando ando de avião.

— Oh — retorquiu a Gabriela — lamento. Mas, na verdade, é o

meio de transporte mais seguro. Ora bem, temos alguma disponibilidade nesse voo para Gatwick. Quer ficar na coxia ou à janela?

Eu mal a ouvia.

— Não pode casar-se com ele.

— Desculpe?

— Dentro de dois meses, vai deixar os seus filhos com o seu pai, vai para Londres e vai apaixonar-se por um homem, um banqueiro que está prestes a reformar-se aos 42 anos, e ele há de vir consigo para Ibiza, e vai acabar por se casar com ele. Não pode casar-se com esse homem. Por favor. Confie em mim. Vai julgar que ele é bom para si, mas não vai ser...

Ela olhou para mim com um sorriso confuso.

— Como é que a senhora sabe que eu vou para Londres?

— Por favor. Confie em mim.

E vi-a então num futuro diferente, feliz, na pista de *karting* com os filhos, e compreendi porque é que a Christina tinha querido tanto ajudar as pessoas daquela forma. Se tivéssemos a capacidade de ajudar as pessoas, talvez isso se tornasse uma obrigação. Só porque eu não tinha pedido uma coisa, não significava que podia fugir dela.

Foi então que vi uma mulher que reconheci vagamente a dirigir-se para a zona das chegadas. Uma mulher alta, de rosto sério e cabelo despenteado como um dente-de-leão. Era a médica. Aquela que tinha deixado o Alberto transtornado e tinha feito com que ele quisesse ir-se embora de repente. Ela estava a beber um café e tinha ido ao aeroporto buscar a mãe, que chegava de Bilbau. E foi então que surgiu. A imagem dela com o Alberto. Numa pequena sala lateral do hospital, no departamento de oncologia, há um mês. Dizendo-lhe «*El cancer es agresivo*» e explicando-lhe as opções de tratamento, enquanto o Alberto a olhava, estupefacto. Depois, a médica desapareceu de vista.

— Olá, *señora*? — disse a Gabriela, consciente de que eu estava numa espécie de transe. — *Señora*? Ainda quer ir neste voo?

Sorri para a Gabriela. Depois agarrei na pega da minha mala.

— Eu estou... Tenho de ir...

Não valia a pena. Eu sabia que ia ficar.

Proteção

Fiquei a pensar no que a Christina tinha dito. *É impossível sentir a vida de um modo tão profundo e não querer protegê-la...* Não havia como negar a mudança dentro de mim. Ao compreender coisas anteriormente ocultas — pensamentos, futuros — não conseguia agora iludir-me com a triste mas reconfortante ilusão de que o mundo estava farto de mim. De que eu podia retirar-me e desaparecer sem que isso fizesse qualquer diferença.

Não se pode ficar parado num Universo em movimento. A mudança tinha acontecido. O abrigo da dor e da autopiedade tinha sido levantado. O não fazer nada não me protegeria. A proteção é algo que só podemos dar, não algo que possamos receber sempre. E eu ia fazer o que pudesse para ajudar quem ou o aquilo que precisasse de ajuda.

A porta fechada

Entrei no carro, estacionado a uma curta distância a pé do terminal.

O Alberto tinha o rádio ligado. Abanava a cabeça ao som de vozes espanholas que cantavam *rap* ao ritmo de uma batida que dava vontade de menear as ancas.

— *Reggaeton* — explicou o Alberto, como se eu tivesse regressado para ouvir uma aula acerca de géneros musicais. — Já existe há muito tempo, mas as pessoas estão a entrar na onda como nunca... Tem uma energia sensual, não tem?

— Desde que guarde essa energia sensual só para si — disse-lhe eu, de modo brusco.

O Alberto olhou para o relógio e encolheu os ombros.

— O que foi? — perguntei.

— É interessante — disse ele, comentando a minha decisão de sair do aeroporto. — Pensei que fosse regressar vinte minutos mais cedo.

— Eu estava mesmo para ir, sabe?

— Então, porque é que voltou?

Foi quando ele teve um vislumbre de tudo. Nos meus pensamentos. Por isso, dei-lhe uma ajudinha.

— Vi uma pessoa que reconheci do hospital. Uma médica. Oncologista.

Ele parecia que tinha levado um murro. Ficou sem ar. Desligou a música. Ficámos ali parados, com os carros a passarem à nossa volta em busca de um lugar para estacionar.

— Peço desculpa — disse eu. — Não queria ser indiscreta.

Ele mordeu o lábio. Agitado. Perturbado.

— É que, supostamente, os meus poderes extrassensoriais são superiores aos de qualquer outra pessoa — continuei —, mas, no entanto, não consigo aceder a nada que lhe diga respeito. É uma porta fechada. Não consigo ver nada. Consigo perceber melhor uma lagosta, uma lagartixa ou um cavalo do que a si. Porque é que não me deixa entrar? Eu quero ajudar. Se houver algo de errado consigo, quero estar lá. Como... como... como *amiga*. E eu sei que há mais perigo. Haverá a necessidade de proteger outras pessoas. Por isso, vou ficar. Mas não vou poder ajudar se não souber em quem confiar. E eu preciso de confiar em si.

Ele deixou-se ficar quieto por alguns instantes. Parecia estar a ponderar alguma coisa. Houve um carro que nos buzinou. O Alberto inclinou-se para fora da janela e praguejou para o condutor.

— Está bem — disse ele, acalmando-se. — Antes de irmos ver a Marta, tenho de lhe contar uma coisa. Conheço um cafezinho à beira da estrada que fica a caminho. Um sítio calmo... Servem um belíssimo sumo de laranja. Acabadinho de espremer.

Um sumo por beber

Sentámo-nos num café simples à beira da estrada, junto a uma máquina de *flippers* avariada.

A parede estava forrada com cartazes de antigas discotecas do século passado, que continham textos num híbrido de espanhol e inglês.

Ku presents Fantasia. Domingo, 17 de Julio de 1980.

Flower Power at Pacha, Fiesta de Cierre, 1988.

Moondance at Space, Every Wednesday/Todos los Miércoles, 1992.

Pensei em todas as festas loucas que tinham decorrido enquanto eu e o Karl criávamos o Daniel, no nosso pequeno mundinho familiar fechado. Quando se tem um filho, o mundo desaparece durante algum tempo. Passamos a ser o nosso próprio planeta satélite e esquecemo-nos de que existem outras coisas, a menos que nos esforcemos por procurá-las. Que há outras vidas, tão importantes como a nossa, a acontecer por todo o lado. Algumas delas de forma glamorosa em discotecas de Ibiza.

O Alberto também fitava os cartazes.

— Bons tempos — disse ele, enquanto esperávamos pelo nosso sumo de laranja. — Havia a Pacha, claro. Basicamente, era uma discoteca numa casa de campo. Até hoje continua a ser essencialmente uma *casa payesa*. Era o sítio para onde o *jet set* ia desde o início, quando não passava de uma *finca* com uma discoteca, nos anos setenta. Depois foi a Ku. Que era puro excesso. Sabe, quando o Freddie Mercury e a Montserrat Caballé filmaram o vídeo da canção *Barcelona*, fizeram-no na Ku, porque a Ku era à escala operática. A Ku

era o sítio ideal para estar. Polisssexual, glamoroso, eclético. O David Bowie, a Grace Jones, o Mick Jagger... atire um nome ao ar e vai ver que andava por lá. Era um farol para todas as almas selvagens, todos os maluquinhos criativos. Uma discoteca gigante de vanguarda nas colinas no meio da ilha. Sabia que estes sítios dantes eram ao ar livre? A Ku era uma espécie de Studio 54 ao ar livre. A Amnesia era um pouco mais selvagem, um pouco... mais solta. Dançava-se sob as estrelas durante a noite toda. *Hippies*, estrelas de cinema, gurus indianos, artistas, baldas, músicos, escritores, gente elegante, gente desgrenhada, a primeira malta das *raves*, gays e heterossexuais e tudo o que havia no meio, antes de tudo se tornar uma indústria. Íamos beber, fumar erva, meter cogumelos mágicos e dançar junto às palmeiras...

— Talvez não saiba isto sobre mim — disse-lhe eu, surpreendida pela minha própria impaciência —, e não pretendo ofendê-lo, mas não estou particularmente interessada na história detalhada das discotecas de Ibiza.

Os nossos sumos de laranja chegaram.

Sabia que o sabor seria extasiante, por isso decidi não começar a beber antes de o Alberto revelar o motivo por que estávamos ali. Talvez fosse isso que eu andava a fazer há demasiado tempo. A optar por não desfrutar, a negar a mim própria uma vida agradável.

— Então e baleias? — indagou ele.

Perguntei-me se ele alguma vez iria referir a visão que eu tivera dele e da médica no aeroporto. A visão que me tinha feito ficar na ilha.

— Desculpe?

— Sim. Não está interessada em festas loucas. Então e baleias? Essas já lhe interessam?

E foi então que fiz a pergunta que provavelmente toda a gente já lhe fez a dada altura numa conversa.

— Que drogas é que você tomou, Alberto?

A baleia de 52 hertz

— **H**á uma baleia no oceano — disse-me ele, depois de sorver um gole do seu sumo.

— Há montes de baleias no oceano.

Ele anuiu com a cabeça.

— Esta baleia é diferente. Esta é uma baleia muito solitária.

— Oh. Pobre baleia.

— Sabe porque é que ela está sozinha?

Encolhi os ombros.

— Não tem ligação à Internet?

Ele exibiu o seu sorriso aberto e desalinhado.

— Mais ou menos. É o som do seu chamamento. As baleias são grandes comunicadoras. Estão sempre a chamar, mas é preciso que seja na frequência certa. Só que esta baleia usa uma frequência elevada muito invulgar para fazer os seus chamamentos. De 52 hertz. É a baleia mais solitária do mundo porque nenhuma outra baleia entende chamamentos nessa frequência. É uma baleia-azul, e o som das baleias-azuis é muito mais grave. As baleias-azuis são o Barry White dos mamíferos marinhos. Muito, muito, muito profundas. Como tal, a pobre criatura com o som agudo tem de nadar pelo oceano sozinha, porque é impossível fazer amigos, já que nenhum ouve o seu chamamento. — Ele sorria, mas os seus olhos estavam vidrados de tristeza. — Eu era aquela baleia. Escrevia sobre coisas incríveis e não havia ninguém no meu comprimento de onda. Ninguém me entendia. Achavam que eu era uma anedota. Como uma baleia de voz aguda. Até a minha filha, a Marta, demorou algum tempo a compreender-me.

Mas eu continuei a fazer aquilo em que acreditava. E isto foi antes de entrar em contacto com *La Presencia*. Eu simplesmente sabia. Tinha a mente aberta...

Abanei a cabeça.

— Então, o que é que aconteceu?

— Como?

— Para que fechasse a mente?

Ele sentiu-se insultado. Encolheu-se na cadeira. Murmurou algo grosseiro em catalão, esquecendo-se de que eu conseguia perceber.

— Eu tenho a mente aberta. Aceito a existência de mais espécies do que...

— Não estou a falar disso. Não estou a falar de espécies. Estou a falar de pensamentos. Estou a falar do muro que construiu à sua volta. Porque é que se isolou?

Ele sabia do que eu estava a falar. Sabia que tudo o que eu sacava era aquela tristeza verde-acinzentada e os seus sorrisos largos de negação.

Apontei para um jovem casal que descia de uma lambreta alugada na bomba de gasolina do outro lado da rua e que se dirigia para o multibanco do CaixaBank ali perto.

— Consigo ler-lhes a mente com toda a facilidade. Aqueles dois passaram o dia em luxuosas espreguiçadeiras nas areias claras da praia de Es Cavallet e comeram lulas grelhadas e robalo ao sal no restaurante El Chiringuito, onde ambos mantiveram sub-repticiamente contacto visual com desconhecidos atraentes. A sua relação vai-se dissolver daqui a duas semanas, depois de regressarem a Berlim. E eles estão a uns bons cem metros de distância. Mas de si, que está mesmo à minha frente, eu não sei nada.

As minhas palavras eram apenas mosquitos no ar. Ele estava noutro lugar.

Havia uma música a tocar baixinho.

— Gosta desta música? — perguntou ele, voltando a um dos seus temas preferidos. A música. — Ouça. Chama-se *The Last Day of Summer*. É dos The Cure. Eu não era muito da cena gótica. Eu era mais dos Rolling Stones. Da música de protesto. *Soul* e Dylan e Joan Baez e Sam Cooke e Gil Scott-Heron. Consegue imaginar-me de *eyeliner*? Mas sempre tentei manter a mente aberta à música mais recente. Esta canção é tão bonita. A Julia, a minha mulher, adorava os The Cure. Vimo-los no Palau Sant Jordi, em Barcelona. Ela também gostava muito desta canção. É tão subestimada. É um bocadinho triste e nem sequer faz o meu género. Mas ouça bem. Ouça as guitarras, o modo como criam formas, como numa floresta. Depois a voz dele entra e é tão natural como uma sombra. — Ele fez uma pausa. — É uma música requintada.

Naquele momento, ele fez-me lembrar um pouco o Karl. A forma como usava a música como uma espécie de escudo, para poder falar de emoções sem falar das *suas* emoções. Eu ia retomar o assunto, mas depois apercebi-me de que este *era* o assunto. Ao sentir a música, ao sentir as suas memórias e melancolia, ele estava a deixar que ela o abrisse.

Ele quando ele começou a abrir-se, senti que estava a sofrer.

— Desculpe — disse eu. — É que, sabe, pensei que seria bom saber um pouco mais sobre si. — Ia perguntar-lhe diretamente se estava doente, mas pareceu-me demasiado indelicado; em vez disso, tentei outra abordagem. — Por exemplo, seria ótimo saber o que achava da Christina.

Ele suspirou. Um suspiro lento e triste.

— Ela era especial. Fazia-me sentir como se eu não fosse uma baleia de 52 hertz. Ela estava no meu comprimento de onda.

Arqueei uma sobranceira.

— Interessante.

— Não — disse ele. — Nunca foi assim. — Reconsiderou, enquanto olhava filosoficamente para o seu sumo. — Bem, está bem, foi um *bocadinho* assim. Divertíamo-nos muito. Houve uma ligação romântica no início. Ela tinha-se divorciado recentemente e a Julia tinha morrido pouco tempo antes. A Christina fez-me muito bem, e a Marta gostava dela. Durante algumas semanas, transformou-se noutra coisa. Porque é que está a querer saber tudo isto? — Arqueou uma sobranceira presunçosa. — É porque eu sou mais magnético do que Es Vedrà, não é?

Fitei o sorriso que adornava o seu rosto barbudo e curtido pelo sol. Acho que havia qualquer coisa nele. Algo selvagem, puro e extemporâneo. Uma espécie de teimosia irritante, mas atraente, que sugeria que ele não era apenas a baleia solitária metafórica, mas também que *queria* ser assim.

Ele estava a ler-me.

— Se nos integramos, desaparecemos, certo?

— Não sei. Sempre tentei integrar-me. Não quero ir contra a corrente. Faz-nos ficar com farpas.

— Bem, a Grace agora é diferente. E acredite no que lhe digo, não é assim tão mau ser única. Sabe sempre que está lá. Sabe quem é.

Depois, fixei os olhos nele por momentos e senti algo a mudar, a abrir-se dentro dele. Como se, de repente, estivesse a abrir o livro de si próprio para eu ler. Segurou-me na mão que estava pousada na pequena mesa. Não foi estranho. Foi o gesto de um amigo puro. Decidi que estava na altura.

— Aquele dia no hospital. Disse que tínhamos de sair porque precisávamos de manter as coisas em segredo.

— Sim...

— Sim, mas de repente quis sair. E isso não faz sentido. Quero dizer, nunca esconde as suas convicções. Escreveu livros sobre elas. As pessoas nos mercados *hippies* e nas mercearias sabem de si e das suas «teorias loucas». Então, porque é que precisávamos de sair do hospital?

Ele hesitou.

— Eu vi alguém. Alguém conhecido.

— A médica. Aquela que vi no aeroporto?

A pausa foi longa.

— Sim, a Dra. Pérez. A oncologista. Tive de sair dali. Sinto muito. Não queria que soubesse. Nem que ninguém soubesse. Sobretudo a Marta. Eu sinto muito. Devia ter sido honesto, mas...

— Vai correr tudo bem?

— Fiz todos os exames ao pâncreas. As análises ao sangue, a ecografia, tudo... E ela acha que devo fazer o tratamento, mas não sabe que eu consigo ver o resultado. Consigo ver o meu próprio futuro. Faça eu o que fizer, a data só muda uma semana ou algo assim. Três semanas, no máximo. Nós vemos o futuro que existe se não fizermos nada. Isso é verdade. Mas, por vezes, não há nada que *possamos* fazer. Neste momento, estou bem, mas mais cedo ou mais tarde...

Fiquei sem saber o que dizer. Voltei a segurar-lhe na mão. Apertei-a. O muro tinha caído. Agora via tudo. Restavam-lhe apenas cerca de dois meses. No máximo. O seu declínio seria acentuado nos últimos dias. Ele não fazia ideia se iria seguir a Christina para aquele outro mundo. Senti a tristeza dele a invadir-me. Mas já não era só tristeza. Na verdade, a tristeza estava a desaparecer. Era gratidão, alívio e uma espécie de contemplação serena.

— Não queria incomodar ninguém.

— Mas *La Presencia* — disse eu. — Cura as coisas. Não o pode curar a si?

Ele abanou a cabeça.

— Ela só vem ter connosco uma vez. Mas Salácia pode ser diferente. Se eu optar por tentar apanhar essa viagem de ida, talvez tenha uma hipótese de cura. Quem sabe? Imagino que seja possível. Pode conceder-me anos de vida. Mas não me pode tornar imortal, nem a mim nem a ninguém. Os terrestres não foram feitos para serem imortais, Grace.

Lembrei-me da sua reação ao descobrir que o Francisco tinha conseguido chegar a Salácia. Por isso era tão importante para ele. Podia ser uma escapatória.

Tentei não chorar.

— O ar é doce lá — disse-lhe eu. — O mar é maravilhoso.

Consegue imaginar as criaturas que lá vivem?

Ele sorria agora, com um sorriso que parecia inteiramente genuíno.

— Mas, por ora, estou aqui. E o ar e o mar aqui também são lindos e, portanto, vou ficar... E nunca me senti tão vivo.

Nesse momento, entrei na sua mente sem reservas.

Estava completamente aberta.

Como um prado.

Fui ter com ele, dentro da sua mente, e ali ficámos, sem termos de dizer nada. Estávamos simplesmente juntos.

Num estado de entendimento.

Na mesma frequência.

Foi muito agradável.

Bebericámos sumo de laranja juntos.

A Marta e a Segunda Lei da Termodinâmica

A Marta vivia numa *finca* no norte da ilha. Era um sítio calmo, mas ligeiramente caótico, com figueiras no jardim e gatos a entrar e a sair da casa. Se eu fosse o Alberto, teria decididamente aceitado a oferta do quarto de hóspedes. Era indiscutivelmente um progresso em relação ao velho *futon* mordido por um bode no chão do escritório da empresa de mergulho.

— Ela não tem dons extrassensoriais — disse-me o Alberto, de uma forma calma, secreta e sensível. — *La Presença* nunca chegou a ela. Mas é superinteligente. — A Marta estudara na Universidade de Navarra e dava lá aulas, à distância e a tempo parcial. — É a melhor universidade — acrescentou ele, com um orgulho que até eu tive de admitir que era encantador, considerando o seu atrito com o mundo académico em geral. — Saem de lá génios, primeiros-ministros espanhóis, exploradores polares, realizadores de cinema e os melhores cientistas. Toda a gente gosta da minha filha. E ela tem uma mente investigativa. É uma astrofísica brilhante e encontra lógica onde mais ninguém consegue encontrar. Se quisermos descobrir quem anda atrás da Christina, precisamos dela. Ela é melhor nisso do que eu.

— Mas ela não sabe?

— Não. Eu vou contar-lhe — disse o Alberto. — Sobre a minha doença. Prometo. Mas não hoje.

Suspirei. A decisão era dele. Saí do carro. O sol do início de tarde ainda era mais quente ali, e parecia irradiar das colinas em redor do

vale coberto de pinheiros.

— *Hola*, Grace, bem-vinda. É um prazer conhecê-la.

Ela era muito diferente do pai — menos expansiva e gregária, mais introvertida. Não. Não era introvertida. Não se pode chamar introvertida à ambientalista mais bem-sucedida da história de Ibiza. Alguém que, como eu viria a descobrir dali a pouco tempo, conseguia estar à frente de milhares de pessoas e falar sobre os perigos da destruição ecológica — a sua paixão pelo ambiente era um desdobramento da sua curiosidade astrofísica pelo Universo — e fazê-las agir para mudarem isso. Mas o que quero dizer é que havia nela uma certa tranquilidade. Não tinha necessidade de fazer barulho desnecessário. Quando falava, e falava bastante, era por uma razão. Quando desviou o olhar do grande cartaz de cartão que estava a pintar para nos encarar, vi-lhe um sorriso aberto.

Eu já tinha visto a Marta antes. Era a mulher de óculos e cabelo selvagem com que me cruzara no aeroporto com a t-shirt de Einstein. E vira-a nas visões com a Christina. Ela usava calções de ganga cortados, como o pai, e uma t-shirt desbotada com a palavra «Space». Space era o nome de uma antiga discoteca, mas também era muito adequado para uma astrofísica. A Marta tinha muitas t-shirts fantásticas, como eu viria a descobrir. Também tinha uma companheira — uma arquiteta suíça chamada Lina —, mas ela estava fora. Era a mulher de quem se estava a despedir na primeira vez que a vi.

— Acho que já a vi — disse eu — no aeroporto...

A Marta lançou-me um sorriso curioso.

— A sério?

Provavelmente, ainda era muito cedo para lhe dizer que também a tinha visto em visões que me surgiram ao tocar num volante.

Havia um gato de três patas que pareceu gostar de mim. Ao roçar a cabeça nas minhas pernas, consegui ler os seus pensamentos felinos aconchegantes.

A Marta era mais fácil de ler do que o pai. Cada sorriso era uma porta aberta. Era uma mente muito complexa, um jardim mental coberto de vegetação, iluminado por um calor dourado, mas havia um nervosismo, uma sensação de incompletude. Não. Não era bem isso. Sabe, as pessoas são como as partituras. Não ouvimos as suas músicas porque pouquíssimas pessoas as tocam em voz alta. Mas as mentes tocam as suas próprias notas, e a Marta sentia-se presa num tom menor. Havia um tema para ela, como há um tema para toda a gente. O meu sempre foi a culpa. O dela era o não repararem nela, o *não ser escolhida*. Algo que era sublinhado pelo facto de *La Presencia* nunca ter chegado até ela, apesar de ter mergulhado tantas vezes por perto e de ter passado muito tempo a pesquisar sobre a sua existência. Porém, o

Alberto olhava para ela com orgulho sempre que ela falava, vendo apenas pura magia na sua filha.

Sentámo-nos no pequeno jardim, à sombra de uma daquelas figueiras. A Marta trouxe um jarro de vinho tinto. A música do rádio chegou até nós pela janela da cozinha. *Mr. Tambourine Man*. Fiquei a olhar para as palavras do cartaz que ela estava a pintar: *NOS ALZAMOS COMO EL OCÉANO. Erguemo-nos como o oceano*. Tinha um desenho de um globo terrestre pintado com particular cuidado.

— O Bob Dylan viveu em Formentera durante uns dois anos — disse-me o Alberto. — Viveu no farol...

— *Papá*, acho que a Grace não quer falar sobre o Bob Dylan. — A sua voz era suave, mas suficientemente firme. — Diga-nos, Grace, como se sente? Já ouvi dizer que está a passar por uma enorme experiência.

— Não sei — disse eu, sinceramente. — Sobrecarregada, suponho. Gosto do seu cartaz.

— Ahhh, *muchas gracias*. Eu sou uma artista um bocado desregrada. Vai haver uma manifestação.

— Sim, ouvi dizer.

A sua mente ensombrou-se.

— A Christina queria lá estar. Vai parecer solitário sem ela. Mas ela agora está em Salácia. Acredito mesmo nisso. E a Grace está aqui.

— Sim.

Bebi o vinho, saboreando o Sol e a Terra.

— Tenho achado bastante difícil... — disse-lhe eu. — Esta coisa de ter poderes extraterrestres. Estive quase a ir para casa. Voltar para Inglaterra.

— O que é que a impediu?

Antes que tivesse tempo para responder, o gato saltou para o meu joelho.

— É o *Sancho* — disse a Marta. — Normalmente, não gosta de estranhos. É uma honra para si.

Senti o amor que emanava da criatura. Sei que existe uma ideia errada de que os gatos são menos carinhosos do que os cães. Isso é um disparate. O amor que um gato nos pode dar é imediato e caloroso. O que acontece é que o amor de um gato é completamente livre de quaisquer princípios morais ou éticos. É um amor só porque sim. É um amor totalmente recreativo. Um amor no momento. Mas não deixa de ser, de alguma forma, amor.

— A manifestação é contra o hotel que estão a construir em Es Vedrà, certo?

— Sim.

A Marta voltou à pintura do cartaz. Estava a trabalhar no seu segundo globo.

— A propósito de extraterrestres... Conhece o conceito de «adaptação por dissipação»?

O inglês dela era ainda melhor do que o do pai.

Abanei a cabeça. Era muito possível que estivesse algures na minha mente. O modo como tudo era agora. Mas algumas coisas ainda exigiam um esforço. E a astrofísica parecia ser o seu espaço seguro, tal como a matemática era o meu, e eu gostava de a ouvir falar sobre o tema.

— Bem, basicamente, explica que a vida é inevitável. Tradicionalmente, as pessoas acreditavam que a vida era uma impossibilidade geral e que a Terra era a exceção à regra. Os seres humanos eram um acaso. A Segunda Lei da Termodinâmica diz que a desordem aumenta em qualquer sistema.

— Trabalhei numa escola — disse eu, olhando para um figo fresco que pendia da árvore. Carnudo, roxo e bonito. — Já assisti a isso.

Voltei-me para a Marta. Ela sorriu e subiu os óculos na cana do nariz. Tinha uma pequena mancha de tinta verde no queixo.

— E a vida era vista como improvável porque requer o oposto da desordem. A vida é a ordem a partir do caos. A vida é o frio a transformar-se em calor. Por isso, a vida extraterrestre era vista como cientificamente improvável. Mas depois surgiu uma nova hipótese que diz que não, que diz que, na verdade, quando o calor é adicionado a grupos de átomos, esses átomos *organizam-se* para receber essa energia. Acontece ordem, não desordem. Portanto, o que isso significa é que a vida é a ordem das coisas. A vida acaba por acontecer. A vida é agora vista como a coisa lógica. Antigamente, os idiotas acreditavam nos extraterrestres e os intelectuais rejeitavam-nos. Agora é ao contrário. Está a ver? A vida é inevitável, se este processo ocorrer muitos milhões de vezes. E *La Presencia* é basicamente uma ativista intergaláctica. Está aqui para proteger as coisas. Também se organizou. Tal como nós temos de fazer. Assim será o protesto contra este hotel estúpido. As pessoas a organizarem-se como átomos para o bem da vida.

— Como átomos — murmurou o Alberto.

A filha olhou-o fixamente, com uma pequena preocupação a pairar no rosto.

— Tens usado o protetor solar que te trouxe?

— Sim, sim. Uso-o todos os dias. Não sou uma pessoa de loções, Grace. Nunca tive uma rotina de beleza. O mar é o meu banho. Mas a Marta preocupa-se comigo. E uso-o porque gosto do cheiro a coco.

Isso satisfê-la.

— Estamos numa galáxia com cerca de cem mil milhões de estrelas, cada uma com pelo menos um planeta na sua órbita, portanto, há *muitos* planetas por aí — disse ela.

Ela estava a ficar animada. Conseguia sentir a sua emoção. Concentrei-me no seu rosto e encontrei uma memória, de quando ela foi gozada na escola por ter lido um livro sobre óvnis.

— Dez mil milhões dessas estrelas são como o nosso Sol, e dois mil milhões têm exoplanetas com condições para a vida muito semelhantes às nossas. Dois *mil milhões*. — O Alberto olhava agora para a filha não só com orgulho, mas com mais qualquer coisa. A tristeza brilhava nos seus olhos. — *Papá* — disse a Marta. — *Estás bien?*

— Sim, sim. Estou bem. Não é nada.

A voz do Alberto estava arranhada de emoção. Ele levantou-se e apanhou um figo da árvore. Aquele para o qual eu tinha estado a olhar.

— *La Vida Imposible* não é assim tão impossível. Os extraterrestres estão por todo o lado. E muitos na Terra já os viram com os seus próprios olhos. Mas nunca se acredita neles.

Ele entregou-me o figo. Fitei-o.

— Prove — disse ele.

E assim fiz.

Um figo

Não há nada como comer um figo apanhado diretamente da árvore, aquecido pelo sol e maduro. Conseguimos comê-lo todo. Mesmo todo. A casca, a polpa roxa e as sementes. Divino. Coma o figo inteiro, é o meu conselho. Se tiver oportunidade, coma-o assim que o apanhar da árvore.

Elvis Presley e o copo partido

Depois de saborear o figo, lembrei-me de algo que tinha ouvido na rádio.

— A zona Goldilocks — disse eu.

— Sim. — A Marta anuiu rapidamente com a cabeça, pousou o pincel e pegou no vinho.

Tive um pressentimento sinistro.

Não compreendia o sentimento, mas sabia que era mau.

Era um alerta. Um aviso de que algo estava subitamente errado. Os olhos do Alberto arregalaram-se. Não fui capaz de perceber se ele também tivera essa sensação ou se estava a sentir-me a mim a tê-la.

— Nem muito quente, nem muito frio... — continuou a Marta, alheada. — Tal como a Caracóis de Ouro gostava das suas papas de aveia. E dois mil milhões de planetas na zona Goldilocks é *imenso*. Seria, racionalmente, muito mais difícil acreditar que somos o único em dois mil milhões e que...

Foi então que algo estranho aconteceu. Ao copo que ela tinha na mão. Começou a rachar-se, como uma teia de aranha em evolução. No início, pensei que a Marta poderia estar a apertar o copo com demasiada força.

— Cuidado. O copo.

Mas não era isso.

Se ela estivesse a segurar no copo com muita força, este ter-se-ia estilhaçado instantaneamente. O que aconteceu foi diferente. Foi uma *exibição* de vidro rachado. Foi *teatral*. Foi como se ele quisesse que reparassem nele como algo não natural, e a Marta estava tão

hipnotizada e confusa com a visão que não pousou o copo, limitando-se a fitá-lo. E então, no momento em que a Marta voltou a si, o copo partiu-se completamente e o vinho tinto derramou-se como sangue sobre o cartaz, infiltrando-se no cartão.

Ela ficou assustada.

— *Qué mierda?*

O cartaz estava arruinado. A Terra estava agora tão vermelha como Marte.

— Estás bem? — perguntámos eu e o Alberto ao mesmo tempo em línguas diferentes.

— O que é que acabou de acontecer? — perguntou a Marta.

O Alberto olhou em redor. Para ver se estava lá alguém, no meio dos arbustos ou das figueiras.

E então outra coisa.

O rádio.

O rádio deixou de tocar Bob Dylan e passou a emitir um silvo barulhento de estática.

Depois, a estática transformou-se lentamente em música. Outra música. *Heartbreak Hotel*, de Elvis Presley. Mas começou a meio da canção. A voz dele, saída dos seus lábios curvados, a fluir pelo ar quente com uma ameaça sinistra.

A Marta foi desligar o rádio. Voltou com um pano, uma pá e uma vassoura, enquanto eu começava a apanhar cacos de vidro.

O Alberto olhou para o cartão ensoado em vinho.

— É um aviso. É por causa da pessoa que queria matar a Christina. — Olhou para a filha com uma expressão de preocupação. — É um sinal para parares. Não podes fazer o protesto, Marta.

— *Papá*, não sejas parvo — disse-lhe a filha. Não era a primeira vez que lhe dizia isso, senti eu.

Há quem esteja em perigo...

As palavras da Christina.

Eu não estava assustada. Na verdade, naquele momento, senti-me feliz por não ter apanhado o avião. Sentia que era necessária ali.

Fiz festas ao *Sancho*, enquanto uma ideia me passava pela cabeça.

— A Christina queria participar na manifestação, não queria?

A Marta varreu o copo.

— Queria. Ela ajudou a ter a ideia.

— E já fizeram protestos juntas antes, certo?

— Muitas vezes.

— E não sabem exatamente contra quem estão a protestar desta vez? Não sabem quem é a empresa hoteleira?

— Não. Tem sido tudo muito secreto. Apenas sabemos que o plano foi aprovado pelo governo local.

— O Eighth Wonder — disse eu.

— O que é que tem?

— Protestaram contra um dos hotéis deles. Em Cala Llonga.

A Marta olhou para mim. O Alberto olhou para mim. Foi uma tomada de consciência coletiva.

— Sabem o que se passa com as cabras, não sabem? — perguntei a ambos. — As cabras que foram abatidas em Es Vedrà, por causa do hotel?

O Alberto anuiu, com o rosto ensombrado.

— Sim. Senti-o no momento em que a vi a si. Depois das lagostas.

Isto incomodou a Marta mais do que o copo.

— Porque é que simplesmente não as mudaram de sítio?

— Porque a pessoa que deu as ordens não quis saber — sugeri. Era uma hipótese. Não podia ter a certeza, mas parecia ser cada vez mais o caso. — Na verdade, acho que até gostaram muito da ideia.

— Aonde é que quer chegar? — perguntou o Alberto.

— Bem, o que se passa é que as pessoas que as mataram estavam num barco. O barco tinha um pequeno logótipo, mas eu consegui vê-lo na minha cabeça.

A Marta abanou a cabeça.

— Os do governo local são estúpidos. Mas não são assim tão estúpidos. Não depois de todos os problemas que tiveram com Cala Llonga. A Eighth Wonder é a pior empresa que alguma vez cá pôs os pés. Nunca teriam dado autorização para...

A sua voz vacilou. Levantou-se, segurando na pá cheia de vidros partidos. A sombra dos ramos da figueira decorava-lhe o rosto.

— Houve um homem que visitou a Christina — disse eu. — Muitas pessoas o fizeram, mas uma delas era um hoteleiro rico. O taxista contou-me na noite em que cá cheguei. Disse-me que o nome dele começava por A. Primeiro, pensei que o A pudesse ser de Alberto, mas ele referiu que ele estava bem vestido.

— Que simpática – resmungou o Alberto, mirando os seus calções puídos.

— Ele tinha acabado de vir de um restaurante caríssimo. Já tentei aceder às memórias que a Christina tem dele, mas não consigo. Há um bloqueio.

Os pensamentos da Marta eram um caldeirão borbulhante.

— O restaurante mais caro do mundo. Aquele sítio ao pé do Hard Rock. Onde se usam óculos de realidade virtual. É uma armadilha. Para turistas ricos e DJ de renome... Para pessoas com mais dinheiro do que juízo.

Pensei no Karl. E em como ele teria resmungado contra aquela ideia. Lembrei-me de como ele tinha torcido o nariz a uma cadeia de pizarias depois de terem colocado grandes buracos no meio de algumas das suas pizzas e as terem classificado como opções de dieta.

(«Até que ponto eles acham que as pessoas são estúpidas?») Queixar-se dos restaurantes era um dos seus passatempos. Uma rabugice recreativa.

— Submarine — disse o Alberto. — É o nome do restaurante.

— Não — corrigiu a Marta. — Não há nenhum restaurante em Ibiza chamado Submarine. Chama-se Sublimotion.

— Bem, mas devia chamar-se Submarine. Que raio de nome é Sublimotion?

Toda a mente da Marta revirou os olhos.

— *Papá*, por favor. Concentra-te.

O Alberto suspirou.

— Ouçam, temos de ter cuidado para não tirarmos conclusões precipitadas. Muitas pessoas se interessavam pela Christina porque ela previa o futuro. Quase todos os dias ela mudava vidas. A partir da sua banca em Las Dalias. Ou, por vezes, a partir de casa. Sempre achei que era uma má ideia, mas era uma forma de ela poder ajudar as pessoas...

Abanei a cabeça.

— Quem queria matar a pobre Christina estava muito seguro do futuro. Era por isso que a queriam matar. Ela ia impedi-los de fazer o que queriam. E o que é que ela queria impedir? A destruição da Natureza em Ibiza.

— Sim — disse a Marta. — E o pior promotor imobiliário é a Eighth Wonder. Dirigida pelo Art Butler.

— Art começa por A — murmurou o Alberto.

A Marta anuiu com a cabeça.

— Retiros ecológicos que oferecem a quem pode pagar meditação, crioterapia, *biohacking* e batidos de carvão. São aqueles hotéis verdes hipócritas, com restaurantes de origem responsável, que de alguma forma parecem existir sempre em antigas reservas naturais. Pregam a sustentabilidade e depois despejam ilegalmente esgotos brutos no Mediterrâneo.

A Marta pôs-se de joelhos, mas muito direita. Totalmente focada. Prendeu uma madeixa de cabelo atrás da orelha.

— Ele tem uns quantos nos Estados Unidos. No ano passado, abriu um em Bali... Mas foi em Ibiza que começou. Agora tem cá sete. Este foi sempre o seu campo de testes. Sabe, Ibiza é um local com aspirações. O que funciona aqui é clonado noutros lugares, subtraindo-lhe a essência. Sempre foi assim. Discotecas, clubes de praia, agroturismo, retiros de bem-estar, seja o que for... Peguem no paraíso, empacotem-no e tornem as pessoas muito ricas.

O Alberto assentiu, interrogando-se porque é que não tinha feito a ligação. Perguntando-se que força o teria impedido de perceber a coisa mais óbvia: que a pessoa contra quem a Christina tinha protestado

fora precisamente a pessoa que a pusera em perigo. E, provavelmente, ele não tinha feito a ligação porque o Art Butler não o tinha permitido.

— O inglês importante — murmurou para si próprio. E depois: — Devíamos impedir isto... devíamos impedir...

A Marta não o ouviu.

— Em Ibiza, ele sujou o mar com esgotos, contribuiu para a extinção de plantas e aves, danificou o ecossistema, lixou os trabalhadores. Não se importa nada com a Natureza, mas finge que sim.

— Mas será que isto significa que ele também tencionava livrar-se da Christina? É rebuscado.

— Ele tem muita influência — esclareceu a Marta, num tom sombrio. — E muito dinheiro. Ultrapassou obstáculos que mais ninguém seria capaz de ultrapassar. As áreas protegidas deixam subitamente de o ser e ele promete sempre preservar as espécies e os *habitats*, mas, assim que o planeamento é implementado, acaba tudo destruído. Nós julgamos que ele é humano, mas, se fosse mesmo humano, a Christina teria sido capaz de perceber que ele a ia matar, e ela não sabia. Ela disse que havia um bloqueio quando tentava ver a pessoa. Era alguém sem rosto.

Pensei na minha visão de uma pessoa sem rosto e do agente da Guardia Civil com dinheiro na mão. Senti que o estado de espírito em que a Marta se encontrava era ainda mais sombrio.

— Havia aqui um político — disse ela. — O Ricardo Martínez, que morreu misteriosamente depois de ter bloqueado o pedido de licenciamento de um *resort* da Eighth Wonder junto aos pântanos de Ses Feixes.

— Isso é terrível — comentei. — Mas a correlação não é...

Foi a última vez que usei a lógica centrada na realidade naquela conversa. Porque foi nesse preciso instante que a realidade tal como eu a conhecia se desintegrou por completo, e qualquer outra lógica teria de englobar o preternatural. Porque foi nesse momento que o telemóvel da Marta tocou no seu bolso.

Era uma mensagem de texto. Dizia simplesmente, em inglês: «Se queres viver, acaba com isso.»

Instalou-se um silêncio assustador. Uma contenção coletiva da respiração. O ar à nossa volta pareceu comprimir-se. A mão da Marta tremia.

— Cum caraças! — exalou ela.

— É ele — disse o Alberto, em pânico, revirando a cabeça como se o Art Butler estivesse escondido atrás de uma figueira.

— Como?

— Não sei. Mas há algo mais a passar-se com ele. *Outra coisa.*

— Ele está a falar do protesto. Ele quer que eu acabe com o protesto.

— Então, devias acabar com o protesto — sugeriu o Alberto, ainda em pânico, a sua voz não mais audível do que ar suavemente esculpido. — É isso que estou a dizer. Temos de parar. Provavelmente, ele conseguirá fazer o que quiser a partir de qualquer ponto da ilha. Acho que seria sensato não avançar com a manifestação.

Tive de concordar.

— Não avances com a manifestação. Sim, Marta, acho que o teu pai tem razão.

— *Papá*, tu sabes que isso não é possível.

— O não ser possível é sempre possível. De que número vinha a mensagem? — perguntou o Alberto, juntando-se à filha e esticando o pescoço para ver melhor. — Parece esquisito. Dois, sete, um, oito, dois, oito, um...

— Espere! — Travei-o antes que terminasse. — Isso não é um número normal. Eu conheço esse número. Dois-ponto-sete-um-oito-dois-oito-um-oito-dois, etcétera, para sempre.

— Eu também conheço — disse a Marta. Ela era física. Percebia de matemática.

Anuí com a cabeça.

— O número de Euler. O número e . A base dos logaritmos naturais. O número preferido de todos os empresários. É usado para calcular de que modo podem aumentar a sua riqueza de forma exponencial através de juros compostos. Quem quiser um número matemático que ajude a explicar porque é que os ricos ficam mais ricos, é este. É outro sinal. Ele sabia que nós iríamos perceber que não se trata de um número de telefone verdadeiro... Está a dizer-nos para termos muito cuidado.

A Marta olhou para o cartaz ensopado enquanto o Alberto o apanhava do chão.

— Crescimento exponencial. É só isso que lhe interessa. É isso que ele é.

Eu tinha a cabeça a andar à roda.

— Quem é que deu autorização? Para o projeto em Es Vedrà, quero eu dizer.

— Oh, hum, bem, isso foi a Sofia Torres. Ela é a política mais poderosa da ilha...

O Alberto tentava sacudir o vinho do cartaz destruído.

— Toda a gente a conhece. Ela janta no mesmo restaurante de peixe todas as noites.

— Que restaurante de peixe?

— No El Pescador. Na Cidade Velha.

Sendo professora de Matemática, lembrei-me do Princípio da

Ordem. Trata-se de um princípio muito importante. Diz, naturalmente, que, se quisermos resolver um problema, temos de o fazer pela ordem correta. E se há um elemento desconhecido e uma quantidade dada, temos de começar pela quantidade dada. Não pelo elemento desconhecido, porque esse é, bem... *desconhecido*. E o elemento conhecido era a Sofia Torres, por isso fazia sentido começar por ela.

— Devíamos ir lá — disse eu, sentindo-me urgente, aventureira e ridícula. Armada, mais uma vez, em Dom Quixote vestido pela Marks & Spencer. — Devíamos ir lá esta noite.

Pesca mental

Fomos todos no meu carro até à cidade de Ibiza. Ao longe, via-se a cidade velha fortificada de Dalt Vila no topo de uma colina. Edifícios aglomerados por detrás de muralhas e baluartes delicadamente angulosos, sob um céu que se desvanecia lentamente para dar lugar à noite.

O Alberto e a Marta discutiram o caminho todo em espanhol, e eu consegui perceber todas as palavras que diziam e todas as palavras que não diziam, mas que queriam dizer. Era agora tão fluente em espanhol como se cá tivesse nascido.

O Alberto abanou a cabeça, vezes e vezes seguidas.

— Amanhã não pode acontecer.

— Vai acontecer. Está combinado.

— Telefona à tua gente — disse ele, com a voz tensa de preocupação. — Por favor, Marta, telefona à Adriá e aos outros e diz-lhes que isto não pode acontecer. Publica na Internet. Diz-lhes para não virem. Seja lá o que esse Art Butler for, não estamos à altura dele.

— Porque é assim que se lida com assassinos e terroristas ecodidas, não é? Cedendo às suas exigências? Não, *papá*, eu vou fazer isto.

— Eu sou teu pai. É minha obrigação proteger-te.

— E eu sou um ser humano. É minha obrigação proteger o planeta.

— És impossível.

— Não. Tu é que és impossível.

Já está a ver a cena. Era uma briga de família. As suas mentes estavam cheias de amor e preocupação um pelo outro. Esta era uma das vantagens da telepatia, apercebi-me. Dava uma forma textual ao

subtexto. Tornava visível o invisível. Mostrava que o amor e a bondade podiam, por vezes, estar envolvidos em raiva e desprezo. Efetivamente, a Marta não estava assustada.

— Vamos divertir-nos — disse ela, desafiadora. — Está uma noite agradável. Vá lá, Grace, vamos ter uma aventura. Vamos salvar o mundo.

— Uma aventura? — disse eu, ficando-me por essas palavras. Quase como se estivesse a fazer um convite a mim própria.

Seja como for, Maurice, parámos num parque de estacionamento na periferia da cidade nova. Estacionei de marcha-atrás, como o Karl sempre me tinha recomendado, e imaginei a sua satisfação.

O plano era irmos ao El Pescador, mas estacionámos deliberadamente longe. Queríamos que a caminhada fosse longa. Queríamos passar por muita gente.

— Porque é que estamos a estacionar aqui? — perguntou a Marta, franzindo o sobrolho.

— Precisamos de ir à pesca mental — respondeu o Alberto. — Bem, a Grace precisa. Eu vou fazer o que puder. E a cidade de Ibiza é o sítio certo para isso. Alguém aqui, além da Sofia Torres, deve saber alguma coisa sobre os planos do Art Butler, ou onde o podemos encontrar.

Estava uma noite movimentada, o que era ótimo para os nossos objetivos.

Ao passarmos pelas pessoas, eu ia apanhando os pensamentos dela como borboletas. E, tal como acontece com as borboletas, alguns eram mais bonitos do que outros.

— Fique atenta a qualquer coisa suspeita — acrescentou o Alberto. — A informação de que precisamos pode vir de qualquer mente...

Os aglomerados de gente começavam a aumentar à medida que nos aproximávamos do centro.

Uma mulher olhava para um vestido de verão amarelo numa montra, imaginando-se nele, perguntando-se se poderia esticar o seu limite de crédito um pouco mais.

Uma criança já cansada perguntava a si própria porque é que os pais não a deixavam ter um coelho.

Um homem mostrava-se preocupado com o facto de a sua barriga ser demasiado mole.

Outro homem pensava numa noite num casino, para recuperar o seu dinheiro do indivíduo que lhe ganhara na noite anterior.

Uma mulher recordava um orgasmo com um amante mais atento do que aquele cuja mão segurava.

Um turista enjoado estava arrependido de ter pedido mexilhões.

Um homem que se sentia desesperado, apesar do seu sorriso.

Um adolescente olhava para o telemóvel, desejando ser parecido

com a pessoa que via a dançar no vídeo.

Um jovem casal que desejava, em simultâneo, que o Airbnb em que estavam fosse mais perto da cidade.

Um empregado de bar limpava uma mesa na esplanada, sonhando com uma antiga paixão que voltara para a Argentina e se casara com um advogado. A Marta conhecia-o e disse-lhe olá.

— *Hasta mañana!* — cumprimentou ele, acrescentando que estava ansioso pela manifestação.

— Sim. Vemo-nos amanhã.

Um cão a tentar mostrar ao dono que tinha sede.

Uma barata arrastava-se ao longo do passeio junto a um bar. Tinha acordado bem cedo para passar a noite a vasculhar em busca de alimentos, com a mente cheia de níveis quase humanos de medo, luxúria e fome.

Uma pessoa profundamente ansiosa petrificada com a morte, mas cuja vida estava tão disponível para ser lida que eu sabia que ela só morreria, de facto, dali a cinquenta e três anos. E seria indolor, durante o sono, num hotel de luxo em Quioto.

Três jovens queriam apanhar uma moca, sendo que um deles desejava secretamente poder dizer ao seu amigo que estava apaixonado por ele.

Uma mulher com um saco de compras cheio de maçãs e pão estava preocupada por não ter dinheiro suficiente para a renda.

Passei por uma pessoa que se sentia culpada por estar de férias enquanto tinha a mãe doente no hospital. Eu conhecia essa culpa. A culpa de estar a *divertir-se*.

Passei por alguém com a minha idade exata. Uma mulher espanhola mergulhada numa depressão profunda. Que não queria ser nada.

Pensei nos dias que se seguiram ao funeral do Karl, em que eu só queria não existir. Fiquei fascinada com o zero, como conceito e como número. Os Antigos Egípcios tinham um símbolo hieroglífico para o zero. Era intercambiável com o símbolo da beleza. Isso apelava ao meu estado de espírito na altura. A beleza não era nada. A existência de algo implicava problemas. E dor.

Eu devia ao mundo sentir-me mal, era essa a minha lógica. E se não o devia ao mundo, pelo menos devia-o ao meu falecido marido e ao meu falecido filho.

Eu acreditava que simplesmente não estava *destinada* a ser feliz. Era um grande alívio sentir-me diferente. Mas mesmo ali, mesmo a passear pela cidade de Ibiza, permanecia uma culpa ténue. Como uma mancha num cartão que a luz do sol não consegue fazer desaparecer.

Desgostos e ressacas

Continuámos a andar. Eu sabia tudo o que era possível discernir sobre tudo o que alguma vez se encontrou, o modo como um grão de areia, com conhecimento suficiente, podia falar de todo o Universo.

Percorremos o caminho mais longo possível até à Cidade Velha, passando pela fachada amarelo-manteiga do Gran Hotel Montesol, que eu não só *sabia* ser o hotel mais antigo da ilha, como também o sentia, à medida que passava pela sua esquina curva *art déco* de vários andares, onde uma sofisticada clientela noturna internacional se encontrava sentada debaixo de toldos a observar as pessoas. A observá-las, mas, ao contrário de mim, sem as compreender.

Porque eu sentia-me como se estivesse a passear por uma nuvem crepitante de indulgência e experiência, onde as memórias literalmente se desprendiam dos edifícios e dos corpos. Fizemos um desvio à beira-mar, passando pela loja Pacha e pelos restaurantes que se enchiam lentamente e pelas pessoas que passeavam com gelados grandes e cães pequenos. Passámos por desgostos e ressacas, tédio e estimulação. Passámos pelo amor e pela perda, pelo arrependimento e pela vergonha, pela esperança e pelo desespero, pelo stress e pela indigestão, pela devoção e pela pornografia, pela aspiração e pela aceitação. Passámos por pensamentos sobre dinheiro e música e tristeza e cuidadores de animais e dores de dentes e bexigas fracas e costas doridas e zumbidos nos ouvidos e alguém a fletir os músculos abdominais. Passámos pelo simples prazer do *aioli* e do pão de centeio e do vinho local. Passámos por uma mulher sueca que se perguntava se os humanos sobreviveriam à revolução da IA. Passámos por trechos

de canções e anúncios e vídeos virais e conversas indesejadas que se agarraram à mente das pessoas como pastilha elástica se agarra aos sapatos. Passámos por turistas a pensar nas suas leituras de praia e nos horários dos voos. Passámos por um homem a quem uma vez disseram que era parecido com o Keanu Reeves e que estava a percorrer as suas *selfies* em busca de uma em que se parecesse mesmo com ele. Passámos por uma bailarina de Paris que estava a pensar demasiado em como haveria de piscar os olhos. Passámos por um ibizenco ao lado de um poste de iluminação, a jogar xadrez online e a capturar a rainha. Passámos por um homem que se imaginava como um DJ no Ushuaïa, a tocar para uma multidão em êxtase que dançava à volta da piscina do hotel. Passámos por um DJ verdadeiro que tinha sido contratado para passar música na discoteca Hi nessa noite e também — vinte e quatro horas mais tarde — num local luxuoso chamado Club Chinois, com as suas joias deslumbrantes, mas a mente entorpecida pelo *jetlag* de um voo de Singapura com escala. Sentia a falta da filha de 20 anos, que estava em Chicago, e pensava na melhor altura para fazer uma chamada por FaceTime, enquanto estava sentado sozinho num banco a comer um hambúrguer vegetariano inconsequente do Burger King e a ouvir a voz belíssima de um músico de rua a cantar uma canção que eu agora sabia ser de uma cantora chamada Olivia Rodrigo.

Passámos por pensamentos em todas as línguas e por emoções de todas as cores.

Eu sei que tudo isto parece bizarro. Mas, na verdade, começava a parecer-me notavelmente normal. Ou se não normal, pelo menos, natural. Só tinham passado dois dias, mas já tinha a sensação de que tinha sido sempre assim.

A diferença entre um dom e uma maldição é, por vezes, apenas uma questão de perspetiva.

As ilhas não existem

Eu tinha sido uma ilha. E, contudo, agora, graças à Christina e a *La Presencia*, apercebi-me de que não existem ilhas. Se nos afastarmos o suficiente, veremos que tudo está ligado. Ibiza e Lincoln estão ligadas à mesma terra. As nossas mentes expandem-se umas nas outras como um milhão de correntes no mar. Fundimo-nos, convergimos. Toda a gente flui para dentro de toda a gente sem sequer reparar. Até as baratas desempenham o seu papel. Não somos apenas uma pessoa, não somos apenas um género, não somos apenas uma idade, não somos apenas uma nacionalidade, nem sequer somos apenas uma espécie. Os muros que nos separam são imaginários. Os pensamentos que temos e que são nossos são gloriosamente únicos, mas também se encontram gloriosamente no mesmo espectro contínuo. Amor, medo, mágoa, culpa, perdão. Estes são os padrões do repertório. Estas são as versões *cover* que podemos tocar. Pensamos que estamos sozinhos porque, muitas vezes, estamos cegos para as ligações. Mas estarmos vivos é sermos uma vida. Sermos vida. Nós somos *vida*. A mesma vida em constante evolução. Precisamos uns dos outros. Estamos aqui uns para os outros. O objetivo da vida é a vida. Toda a vida. Temos de cuidar uns dos outros. E quando sentimos que estamos verdadeiramente, profundamente, sozinhos, é nesse momento que mais precisamos de fazer algo para nos lembrarmos de como estamos ligados.

É por isso que aceitamos um convite para ir a Ibiza ou enviamos um e-mail à velha e solitária professora de Matemática ou partilhamos a nossa verdade ridícula. Não podemos ficar sentados para sempre nas nossas conchas solitárias, sem fazer barulho.

Por vezes, é preciso dar nas vistas.

El Pescador

Passámos por mais restaurantes, mais turistas e mais gente a passear cães antes de chegarmos à viela mais estreita de todas. A que tem o pequeno, mas sofisticado, restaurante de peixe. O El Pescador.

No exterior estava disposta uma fileira de mesinhas de madeira brancas sobre soalho irregular, e a Sofia Torres e o marido — chamado Jorge, segundo percebi — estavam sentados na que ficava mais acima no pavimento inclinado.

A Marta estava ao telemóvel, com os óculos de sol na cara e de costas para a Sofia, para não ser reconhecida. Estava a falar com uma amiga e a planear as coisas para a manifestação. Pus-me a olhar para ela e tentei aceder ao seu futuro, mas este não me chegava, o que me pareceu invulgar para uma mente na qual conseguia entrar. Era bastante invulgar não conseguir ver *nada* sobre o futuro dela. Significaria isso que o destino da Marta estava totalmente em aberto? Múltiplos futuros a pairar na mesma balança? Isso tanto podia ser uma notícia boa como má, supunha eu.

— E agora? — perguntou-me o Alberto. Gostava do facto de ser eu agora a mandar.

Vi um bar mais à frente na rua com uma mesa vazia e três cadeiras.

— Ali — disse eu. — Sentamo-nos a observá-la e eu vou bisbilhotar um bocadinho.

— Bisbilhotar! — comentou o Alberto. — Bem, aí está uma bela e peculiar palavra. — E eu pensei sobre isso e percebi que ele tinha razão. *Bisbilhotar*. Era, de facto, muito especial. — É quase tão boa

como «zurzir» — continuou ele. — Ou «ulular». Eu adoro «ulular». Quem é que seria louco a ponto de pôr essas letras ao lado umas das outras na mesma palavra de seis letras?

— E os espanhóis, que escrevem os pontos de exclamação ao contrário?! — contrapús.

— E os pontos de interrogação — acrescentou o Alberto, em concordância. — O que é que eu posso dizer? A Espanha gosta de festas. Até a pontuação. E nós temos *la madrugada*... outra para a qual os ingleses não têm palavra... O período antes do amanhecer e depois da meia-noite. Um período muito importante e mágico. No entanto, em inglês são necessárias muitas palavras para o descrever... Na verdade, é...

Enquanto o Alberto elaborava, começou a acontecer. Olhei subrepticiamente para a Sofia Torres e comecei a vê-la. Era como ser uma criança a apalpar um presente a ser desembulhado, sabendo pouco a pouco o que era antes de o ver. Cada palavra que ela dizia, cada pedaço de comida que ingeria, cada gole de vinho, cada gesto era o rasto de fumo que me conduzia ao fogo interior. A maioria de nós revela cada aspeto de si mesmo em cada momento, mas pouquíssimas pessoas são capazes de entender essas revelações. Existem apenas como significantes que nunca são compreendidos, o que pode explicar, em parte, a solidão que paira à volta de tantos de nós, seres humanos, a solidão das palavras estrangeiras à procura de significado.

Enfim: ficámos sentados durante uma hora naquela viela estreita, a beber cerveja e a petiscar azeitonas, enquanto observávamos a conversa da política com o marido.

Felizmente, a mente dela encontrava-se aberta para mim. A Sofia estava virada na nossa direção, mas não me via, porque eu continuava imersa nas sombras e ela imersa em preocupação.

A Marta já me tinha dito que ela era a política mais importante da ilha, que tinha sido inicialmente uma ponte entre a esquerda e a direita, mas que, já há algum tempo, abandonara qualquer pretensão de ambientalismo. Mas eu sabia mais do que me tinham dito, só de olhar para ela. Era tão simples compreender a sua mente como reparar no seu fato de linho branco, no seu cabelo emproado e no sorriso empedernido. Eu sabia, embora estivesse demasiado longe para conseguir ver, que ela não estava concentrada na salada de romã nem no robalo.

Apesar do sorriso, ela estava muito preocupada.

Ora, a preocupação é algo incrivelmente comum. Muito mais comum do que imaginamos. Foi uma das primeiras coisas que a telepatia me ensinou. Juntamente com a solidão, é o ar poluído em que a maioria das mentes vive, aquilo que nos priva do momento presente, aprisionando-nos no passado e no futuro ao mesmo tempo.

Mas a preocupação dela tinha uma profundidade e um imediatismo que quase a queimavam. A sua preocupação era predominantemente sobre o que iria acontecer amanhã. Na manifestação. Por alguns instantes, ela até pensou na Marta Ribas, de quem já tinha ouvido falar. Ela sabia que a Marta tinha sido uma das principais incitadoras do protesto de Cala Llonga e do de Talamanca antes desse. Astrofísica e natural de Ibiza, era uma pessoa séria, que falava bem e tinha bons princípios. O pesadelo de qualquer político. Mas isto estava destinado a ser muito maior. Se ela ao menos pudesse falar com a Marta.

Sorri ligeiramente.

— Ela gostava de falar contigo — sussurrei à Marta, que tinha acabado de pousar o telemóvel.

— Ela sabe que aqui estou?

— Não. Mas ela gostaria de te dar uma palavrinha. Enviou-te um e-mail, mas não obteve resposta.

A Marta levantou-se. Mas depois reconsiderou.

— Se eu for lá agora, é só nisso que ela vai estar a pensar.

— Exatamente — disse eu. — Vai agitar as águas. E isso é mau para a pesca.

— Temos de fazer um jogo inteligente — acrescentou o Alberto. — Deixa a Grace observá-la. Ela vai poder contar-nos tudo. Se fores lá, vais pôr-te mais em perigo. Não há nada que lhe possas dizer que a faça parar... Só vais chamar a atenção para ti. O protesto é a tua forma de falares com ela.

Por isso, deixámo-nos todos ficar onde estávamos. A Marta manteve a cabeça baixa e fez uma publicação na Internet sobre o protesto e eu comi azeitonas e li a mente da Sofia.

A Sofia estava agora a remoer sobre um encontro que tivera no ano anterior com o Art Butler. Os planos que ele tinha para um hotel em Es Vedrà iriam ser revelados à imprensa e ao público no dia seguinte, no Eighth Wonder de Talamanca, enquanto decorria o protesto.

Um hotel de luxo em Es Vedrà era uma piada de mau gosto, pensava a Sofia. No entanto, ela tinha concordado com isso. Na realidade, tinha sido ela a assinar o acordo. Ela e os seus colegas de Maiorca haviam sido claramente idealistas ao pensar que a proteção de uma reserva natural podia ser entregue a uma entidade empresarial com fins lucrativos como a Art Butler Worldwide.

A notícia do protesto já andava por todo o Instagram e TikTok; o público das discotecas estava a envolver-se. E ela lembrava-se das manifestações dos anos noventa, quando os habitantes das ilhas se tinham unido. E ela tinha estado lá, ombro a ombro com os ambientalistas. Aplaudira quando a área em redor de Cala d'Hort se transformou numa reserva natural protegida e não num campo de golfe. Agora, olhem só para ela. Que hipócrita iriam julgar que era.

Entre os intervalos da conversa com o Jorge, a sua mente regressou a uma vivenda no meio das colinas arborizadas perto de Cala Jondal. Uma casa que já não visitava há muitos meses.

Uma vivenda ridiculamente opulenta, de vinte milhões de euros.

Grande, branca, cuboide e genericamente luxuosa, com as paredes feitas sobretudo de janelas.

Em tempos, tinha sido uma *finca*, com porcos e coelhos, mas não restavam vestígios de nada disso. Uma piscina de borda infinita fundia-se de forma quase indistinta com o longínquo Mediterrâneo.

— Está a ver a vivenda? — perguntei ao Alberto, enquanto mastigava uma azeitona.

— Não. Não consigo ver nada — disse ele, sentindo-se um pouco diminuído. — Estou demasiado longe. Não a consigo ler de todo. Podia lê-la a si a lê-la a ela, mas isso poderia causar alguma interferência mental.

— É o Art Butler. Ela está a pensar no Art Butler. É mesmo ele que está a planear construir o hotel em Es Vedrà...

— Pronto — disse a Marta. — *Ahí lo tienes!* Tínhamos razão.

Os olhos do Alberto estavam tão intensos e curiosos como os de uma coruja.

— Onde é que ele está? Ela sabe onde ele está?

— Não sei. Deixe-me concentrar-me...

Art Butler

E lá estava eu, dentro da mente da Sofia. Dentro daquele cantinho em particular onde se encontrava a vivenda pertencente ao administrador da Eighth Wonder Resorts. Na verdade, ele dera-lhe a oportunidade de se encontrar com ele no seu iate, permanentemente atracado na Marina Botafoch, a uma curta distância a pé do seu local preferido, o casino ao lado do Ibiza Gran Hotel. Mas, de alguma forma, ela não se sentira preparada para o fazer. Sentira-se mais à vontade para se encontrar com ele em terra firme. Na vivenda que ela agora recordava e que eu observava. Não era propriamente a vivenda. Era a observação da memória de uma vivenda. Uma vivenda com um parentesco de segundo grau. A cada poucos segundos, havia um pormenor que mudava. Um vaso mudava de posição, uma cadeira desaparecia e voltava a aparecer. Mas os pormenores centrais mantinham-se sólidos. Isto acontecera oito meses antes. E eu estava a olhar para ele — para o Sr. Art Butler — agora. A olhar para ele através da minha mente e da mente da Sofia em simultâneo.

A Sofia sempre considerara que ele tinha um aspeto peculiar, mesmo para os padrões excêntricos dos homens ingleses. Era um homem baixo. Com um queixo duplo digno de um *Basset Hound*. Olhos alucinados. Barba rala e grisalha e cabelo encaracolado e desobediente em que ele gostava de tocar. Camisa azul, calças de ganga e chinelos de enfiar no dedo. E tinha um ar inchado, como os perus que ficam demasiado tempo no forno. Teria uns 50 anos, mas havia qualquer coisa de intrinsecamente pueril nele. A Sofia não podia dizer que, antes deste encontro, não gostava dele. Havia nele algo de cativante.

Como um rapazinho perdido que fingia que não estava nada perdido e que tudo estava perfeitamente bem.

— Vamos ter de vetar os vossos projetos — explicava-lhe ela, com suavidade, como se estivesse a dar-lhe a notícia da morte de um familiar. — Receio que seja impossível sequer pensar num projeto em Es Vedrà. Os protestos seriam demasiado fortes. Estamos numa época de mudança.

Durante algum tempo, ele não disse nada. Esboçou um leve sorriso.

— Ah, mas Sofia, esta é a *nova* Ibiza. É exatamente disto que andam à procura...

— A nova Ibiza? E o que é a velha Ibiza?

O Art soltou uma gargalhada cavernosa.

— Tudo aquilo de que se tentaram livrar. Sabe ao que me refiro: as drogas, os bêbedos, a música alta, o caos, as férias baratas, as multidões com escaldões... o *lixo*.

A Sofia também esboçou um ligeiro sorriso. O tipo de sorriso que disfarçava um esgar. *Lixo*. Ele desdenhava das pessoas com tanta naturalidade.

— *É essa* a velha Ibiza? Não sei. — Ela pensou que talvez os Fenícios e os Cartagineses tivessem algo a dizer sobre isso. Para não falar dos Romanos, dos Árabes e dos piratas. Ou de todas as pessoas ali nascidas. — O senhor é muito britânico. A Ibiza de que fala nunca passou de uma percepção...

O telemóvel do Art tocou. Ele atendeu a chamada.

— Raj, já te ligo. Sim. Sim, sim. Os brasileiros deram-nos um valor aproximado, mas ainda é muito. Voltamos a falar disto amanhã...

A Sofia não queria estar ali. Precisava de resolver uma série de questões que se estavam a acumular — o problema dos sem-abrigo que tinham de viver em tendas perto da marina, a irritação com o facto de as pessoas estacionarem onde não deviam na Playa d'en Bossa e o discurso que ia fazer na terça-feira seguinte sobre a discrepância entre o financiamento da saúde para Maiorca e Ibiza, que certamente iria enfurecer o presidente do governo das Baleares. A última coisa de que precisava era de Art Butler, mas, mesmo assim, tinha de desfazer a confusão que ela própria havia criado. Os protestos acabariam por lhe custar o emprego. Tinha de anular a decisão relativa a Es Vedrà.

A chamada do Art terminou. Ele virou-se para a Sofia. Ela notou-o um pouco mais tenso.

— Estamos a falar de *visão* — disse ele, a gesticular, movendo os braços em gestos grandiosos e dominantes, como um maestro a chegar ao fim da sinfonia. — Não só da percepção de como as coisas são, mas como poderiam ser. Ibiza está em transformação. O mundo está em transformação. E são pessoas como nós que o estão a transformar.

— Nós não somos o Dubai — retorquiu a Sofia. Senti a sua

frustração, o seu desagrado e uma pontinha de medo. — Não somos Las Vegas. Ibiza é um lugar natural. Não pode ser *transformada* por capricho de um construtor. Nem mesmo de um construtor como o senhor.

— Eu trouxe novas ideias. Acrescentei vida a este lugar.

— Com todo o respeito, nada do que trouxeram para aqui é novo. Temos turistas a hospedar-se em hotéis desde que o Montesol abriu nos anos trinta. Há pessoas que vêm até cá para se curar e praticar yoga ainda há mais tempo que isso... Não se pode construir um futuro amigo do ambiente erigindo construções em áreas protegidas.

O Art cerrou o maxilar.

— Tem de retirar o estatuto de zona protegida, Sofia. Es Vedrà e o seu rochedo irmão, e o oceano entre a ilha e Cala d'Hort. Eu sei que isso pode ser feito. Será bom para as pessoas, para a economia... Isto é apenas o início, sabe? Este será o modelo. A história de sucesso que poderá ser reproduzida noutros locais.

— De que é que está a falar?

— Da proteção de terras preciosas.

— Proteção? — riu-se ela. — O meu inglês não é tão bom como o seu, mas disse «proteção»?

— Es Vedrà é um símbolo de um lugar sagrado e natural. E quando eu o obtiver, hei de torná-lo ainda mais especial. E então poderei apresentá-lo em todo o lado, aos governos, e hei de dizer: «A vossa terra vai estar segura comigo. Eu vou cuidar dela.»

— Que obsessão é essa de comprar a Natureza?

— Não me diga que a Sofia, uma política, vai mesmo dar-me um sermão sobre como cuidar do ambiente? Vocês tiveram a vossa oportunidade. E o futuro será para aqueles com uma verdadeira visão. *Resorts* no meio da Natureza, com os turistas a ajudarem a pagar para proteger essa Natureza. Quando tiver Es Vedrà, irei fazer isso em todos os lugares, em todos os continentes. Vou pegar no mais precioso dos locais preciosos e torná-lo acessível às pessoas, ao mesmo tempo protegendo a Terra. Este é o futuro. Capitalismo e ecologia, lado a lado. Já tenho autorização para um empreendimento na zona mais remota da Amazónia... E sabe como é que a consegui? Disse-lhes que isto estava a acontecer, aqui em Espanha. E que vocês tinham concordado. Vocês tinham concordado?

— Sim, é verdade. Eu tinha concordado verbalmente. Mas não tinha previsto todos os problemas. Porque é que não podem ir para zonas já desenvolvidas, como fazem os outros empresários? Porque é que têm de pegar numa coisa pura e destruí-la?

— Destruir é uma palavra forte.

A Sofia suspirou enquanto se inclinava para a frente numa cadeira grande e bem almofadada que alternava entre o vime e o plástico,

consoante o momento dentro da memória.

— Sr. Butler... Há uma espécie de flor... a *Nolletia chrysocomoides*... que foi vista pela última vez na Terra aqui, em Ibiza, mas que ficou extinta quando o senhor inaugurou o seu primeiro hotel em Cala Bassa e cobriu de cimento o prado de flores silvestres que lá existia. E essa não é a única história do género. O senhor vai a sítios delicados e desfigura-os.

— O meu pai era botânico — disse ele, melancolicamente, e tão baixinho que a Sofia quase não o ouviu. A tristeza passou-lhe pelas feições como uma sombra.

— O senhor não tem feito outra coisa senão ser um risco ambiental. Es Vedrà é um lugar muito especial. As pessoas estão muito ligadas àquele lugar. E não podemos simplesmente andar a transportar turistas de Cala d'Hort para lá durante todo o dia. Pense na poluição. É a zona de água mais especial. O prado subaquático nessa zona tem...

Ele revirou os olhos.

— Cem mil anos. Sim. Eu sei. A planta mais antiga da Terra. O *habitat* mais importante do Mediterrâneo. Blá-blá-blá. E vamos fazer circular táxis aquáticos por cima dela durante todo o dia, de Cala d'Hort a Es Vedranell, e vamos ter uma ponte a ligar essa ilha mais pequena a Es Vedrà, para que possa ser desfrutada pelos humanos, os humanos a sério, não os seus peixes e algas preciosos.

— Não está a perceber, Sr. Butler. A água ali é *muito* especial. O prado subaquático de *Posidonia* já está a ser afetado pelo turismo. Se continuar a interferir com essa área, estará a arranjar problemas.

O Art pousou o seu café junto a uma estátua de Tanit.

— Ficaria surpreendida. Estou a par das histórias. Conheço-as melhor do que a maioria.

Foi nesse momento que, para a Sofia, a conversa mudou por completo. Havia agora algo de feroz e imponente na sua expressão.

Ele olhou fixamente para ela como um cão a fitar um coelho.

— Veja o que eu fiz a Cala Llonga. Dantes, era um lugar velho e saturado. E agora veja como está. Ibiza é um sítio para onde as pessoas vêm gastar dinheiro. E estamos a receber pessoas melhores, que gastam mais. Os protestos desvaneceram-se. Toda a gente os esqueceu assim que abrimos.

— Não compreende o povo de Ibiza. Para aquilo que está a sugerir, os protestos nunca irão acabar... E olhe para a topografia de Es Vedrà. Como é que vão construir lá um hotel? Não precisam de nós. Têm hotéis por todo o lado. Já nos podem deixar em paz.

— Recorremos a explosivos. Vamos fazer uma bela plataforma plana no rochedo. Já o fizemos antes, em Maiorca.

— Mas é o local de nidificação de algumas aves. Corvos-marinhos.

— Está realmente mais preocupada com os corvos-marinhos do

que com a economia local?

— Pensei que o *senhor* se preocupava — disse ela, num tom que parecia pô-lo à prova. — Não era essa a ideia? Ecologia e capitalismo a trabalharem juntos? Foi um erro isto alguma vez ter sido ter autorizado. Subestimei a opinião pública. Vão enfrentar uma revolução. A Christina van der Berg, por exemplo, tem muita influência.

O nome incomodou-o. Foi como uma vespa a passar-lhe diante do rosto. Mas depois fez um gesto desdenhoso.

— As ovelhas não vão atrás se não tiverem os pastores.

— O que é que isso quer dizer?

— Se os retirarmos, tudo esmorece. As pessoas que têm o poder de impedir isto serão elas próprias impedidas...

A Sofia estudou a sua expressão fria.

— Retirarem-nos? Como é que se retiram pessoas?

Pensou no seu colega Ricardo Martínez. Aquele que tinha morrido dois dias depois de ter bloqueado a candidatura de um *resort* Eighth Wonder junto aos pântanos de Ses Feixes. A investigação concluiu que a sua morte tinha sido accidental. O seu coração tinha acabado com ele. Um problema nunca detetado na válvula da aorta.

— Sim — disse ele, como se lhe lesse o pensamento. — Não bloqueie o progresso, Sofia. Isso não trará nada de bom, nem a si nem à sua família.

— Existem leis. Existe a polícia. Estamos em Espanha. Não pode irromper por aqui adentro sem mais nem menos e ameaçar as pessoas.

O Art levantou um dedo, ergueu-o no ar e apontou-o para a Sofia, mantendo-se a dois metros de distância. No entanto, ela sentiu qualquer coisa — estava segura disso —, sentiu aquele dedo a tocar-lhe no pescoço sem efetivamente lhe tocar. Apenas uma pequena sensação de pressão, na zona da laringe, por isso levou lá a mão, a essa coisa invisível que a pressionava. Mas não havia nada a que se agarrar, até que o dedo dele — ainda à mesma distância — parou de apontar e ela deixou de sentir.

Ela tentou estabilizar a respiração.

— O que é que o senhor é?

O sorriso foi reprimido, mas ainda lá estava.

— O último pensamento na cabeça do Ricardo Martínez.

— O senhor... — A Sofia não conseguia encontrar a palavra.

— Pense em mim como o futuro — declarou o Art, com uma expressão que parecia mais triste do que intimidante. Um olhar de dor profunda, ainda que distante. — Inevitável como o pôr do sol.

E depois perdi a recordação. E a mente. Foi-se. De repente, dei por mim de volta ao meu ser, a pensar no que acabara de testemunhar.

Quantidades incertas

—Ele ameaçou a Sofia — disse eu, ao sair do meu transe, depois de beber um gole de cerveja para me aclimatar à minha própria mente.

No presente, a Sofia tinha ido à casa de banho, descobri, razão pela qual a memória fora interrompida.

E o relato saiu de mim numa torrente de sussurros.

— Ele matou alguém. Um político. Talvez mais de uma pessoa. E ia matar a Christina. Ele tem a Guardia Civil na palma da mão. E os políticos. É por isso que o plano de Es Vedrà está a acontecer. E o plano é apenas o início da sua nova fase. Ele quer construir nas áreas mais protegidas do mundo. Por isso, está a começar com a área mais protegida aqui. Parece-me que ele quer manchar cada canto da Terra que tenha beleza.

— Porquê? — indagou o Alberto.

— Talvez ele goste do desafio doentio — disse a Marta. — De ver isso como um jogo. Fingir que se preocupa com o ambiente enquanto o destrói.

— Por vezes, as pessoas não sabem porque é que fazem certas coisas — repliquei eu, pensando em mim e no Aidan Jenkins e naquela sala de economato na escola. — São simplesmente levadas a fazer o mal porque pensam que é para isso que lá estão. É um padrão no qual ficam aprisionadas se não souberem amar como deve ser. — Obriguei-me a regressar à realidade. — E ele tem poderes. Foi assim que matou as pessoas. Concordaram não só em dar-lhe o rochedo, mas também o mar à volta dele. E há algo de muito pouco humano nele. Por isso é que a Christina não o conseguiu ver. Talvez ele tivesse os

talentos... Talvez ele tenha estado em contacto com *La Presencia*.

O Alberto abanou a cabeça.

— *La Presencia* só ajuda quem é bom. Nunca teria ajudado alguém com propensão para o mal.

— Não teremos todos uma propensão para o mal? — lancei para o ar.

A Marta beliscou a sua própria mão, depois olhou para a marca que as unhas tinham deixado e sorriu com satisfação. Havia em si algo de ligeiramente masoquista.

— Não — disse ela. — Não à escala dele. Mas tem razão acerca dos políticos. Ele terá ameaçado outros no parlamento também. Só pode. Não é possível que eles tenham cedido tão facilmente.

Partilhei outra informação que tinha recolhido da mente da Sofia.

— A construção do hotel vai ser anunciada amanhã.

— No dia da manifestação? — disse a Marta, incrédula. — Ele é doido?

— Talvez seja — suspirou o Alberto. — Mas tu também serás, se pensas que o protesto ainda pode ir para a frente. Nós somos os tubarões que estão a pressentir a chegada do furacão.

O bar estava ao rubro, uma mistura amigável de turistas e moradores locais.

A Marta anuiu.

— Sim, mas, ao contrário dos tubarões, nós podemos efetivamente travar este furacão.

Duas mulheres passaram por ali, deixando nas mesas folhetos para o espetáculo da Lieke na Amnesia. (O Alberto dissera-me que os folhetos, embora ainda existissem, eram as «antigas redes sociais de Ibiza, antes do TikTok». Nos bons velhos tempos, era assim que se sabia o que estava a acontecer.)

Repararam na Marta.

— *Hola*, Marta.

A Marta ficou contente por vê-las.

— Então, malta. Já sabem da manifestação de amanhã? Para travar o empreendimento em Es Vedrà? Vamos encontrar-nos à porta do Mar y Sol.

— Ah, desculpa, gostávamos mesmo de poder ir — disse uma delas. — Mas o meu irmão vai tocar numa festa de piscina perto de Cala Comte e eu já lhe disse que ia.

Marta fez um sorriso que mais parecia um esgar.

— *No importa... chao...*

Depois de se terem afastado, o Alberto olhou com ternura para a filha e encolheu os ombros.

— Olha, não vai fazer diferença nenhuma. E os riscos são demasiado grandes. Cancela a manifestação.

— *Papá*, por favor. Eu sei que só estás a tentar manter-me em segurança, mas se o Art Butler conseguir deitar as mãos a Es Vedrà, ninguém estará em segurança. Isso só o tornaria mais forte. Temos de nos manter firmes. Vá lá... Estás sempre a dizer que aquilo de que mais gostas nos bodes é o facto de resistirem teimosamente e fazerem o que mais lhes convém. Tens de ser como um bode, *papá*. Sempre foste. Não fraquejes agora.

Os olhos do Alberto cintilaram de tristeza. Ele queria tanto contar-lhe o seu diagnóstico. Ia fazê-lo. Estava mesmo à beira de lhe dizer que tinha um cancro que acabaria por matá-lo. Ia dizer-lhe que era por esse motivo que os seus talentos tinham esmorecido.

Percebeu que tinha de estar do lado dela. Estava a tentar manter toda a gente em segurança porque não conseguia manter-se a si próprio seguro. A filha estava quase a fazer 30 anos. Ele tinha de a deixar ser a adulta que era. Não podia tentar mantê-la segura dizendo-lhe para não ser ela própria. A Marta conhecia todos os riscos e, mesmo assim, estava preparada para os enfrentar. O seu orgulho de pai era enorme. Ela sempre quisera ser escolhida por *La Presencia*, mas isso nunca tinha acontecido. Aquela era a sua oportunidade de tentar melhorar as coisas, e ele não ia impedir isso.

Foi algo de extraordinário, sentir aquela mudança dentro dele. Foi como aquele momento em que a brisa para e fica apenas a luz do sol e nos apercebemos de que o dia está quente.

— *Tienes razón, mi vida*. Vamos deixar o nosso amigo *Nostradamus* orgulhoso. Vamos ser bodes.

A Marta virou-se para o pai, com o mais complexo dos sorrisos. Um sorriso que continha esperança, medo, desafio e amor.

— Obrigada, *papá*.

Confesso que, nesse momento, senti uma pontinha de inveja pela ligação entre eles. Não foi apenas a habitual pontada de dor do luto pelo Daniel, mas um desejo de ter uma família. De me encaixar. De não ser a velha e solitária Grace.

Mas sentia também uma admiração profunda pela coragem da Marta, que se levantou para se encaminhar para o restaurante, seguindo as pedras da calçada.

— *Mierda* — praguejou o Alberto, seguindo depois a filha. — Ela está doida.

E eu fui atrás dele.

Quando chegámos junto da Marta, ela estava a pedir desculpa ao Jorge e à Sofia por interromper a sua conversa, mas depois foi logo direito ao assunto.

— O protesto vai acontecer amanhã — disse-lhes ela, em espanhol, ao mesmo tempo que os outros comensais se calavam.

A Sofia abriu um sorriso calmo para a Marta. Apercebi-me de que o

seu rosto e a sua mente eram duas entidades completamente diferentes. Talvez isso fosse algo essencial para se estar na política. Ter um rosto que não deixa vestígios da mente que encerra.

— Não vai fazer diferença — disse ela. — Nunca irão conseguir ter gente suficiente nas ruas para impedir o hotel em Es Vedrà.

— Quando as pessoas souberem que é o Art Butler que está por detrás disto, elas hão de aparecer — assegurou-lhes a Marta. Sobre tudo depois das asneiras que fez em Cala Llonga. — Es Vedrà é especial. As águas à sua volta também são especiais. Não se trata apenas de uma questão ambiental, é uma questão simbólica. É a alma da ilha. Ninguém quer que o Art Butler roube essa alma. Ibiza não está à venda.

Senti o pânico da Sofia. Tinha sido por isso que haviam ocultado essa informação. Para evitarem que os manifestantes se alimentassem dessa energia.

— Com todo o respeito, menina Ribas, não sabe bem com o que está a lidar. Aconselho-a vivamente a cancelar tudo nos canais relevantes das redes sociais. Para seu próprio bem. Há um consenso interpartidário para que isto avance.

O Alberto suspirou.

— Mas a Sofia tem influência. Neste assunto, é quem tem a maior influência. Sem o seu apoio, isto não aconteceria. O prato da balança ficaria desequilibrado. É a deputada do partido maioritário, Sofia, é você quem manda, e podia travar isto.

A perna esquerda da Marta balançava devido à adrenalina. Ela tinha um público a observá-la. E como eu e o Alberto estávamos junto a ela, *todos nós* tínhamos público. O restaurante inteiro estava a olhar para nós.

— Quantas pessoas? — perguntou a Marta.

— *Como?*

— Disse que nunca iria ter gente suficiente nas ruas para travar isto. Eu só quero saber quantas pessoas seriam suficientes.

O marido da Sofia tentou intervir. Abriu a boca para falar, para pôr a Marta no seu lugar. *Cala-te, Jorge*, ordenou a minha mente. E foi isso que aconteceu. Era outra vez uma situação à Brian. A sua boca fechou-se como uma ostra e os seus olhos perguntavam que raio tinha acontecido.

O sorriso da Sofia estava quase a desfazer-se, mas não totalmente.

— Do que é que está a falar?

A Marta manteve-se irredutível.

— Acabou de dizer que é impossível termos pessoas suficientes nas ruas para impedir o hotel em Es Vedrà. Por isso, estava a pensar no que queria dizer com *suficientes*.

Foi então que o Alberto a interrompeu por detrás do ombro.

— Dez mil? Era esse o número em 1999. Lembra-se disso, Sofia? Estávamos lá os dois, não estávamos? Era novinha nessa altura, não era? Não se estava nas tintas. E impedimos aquilo. Naquele mês de janeiro. Impedimo-los de transformar a natureza selvagem num campo de golfe e, em vez disso, fizemos com que se criasse uma reserva. Lembra-se? Cala d'Hort. «Golfe Não!» Toda a gente andava com aqueles autocolantes nos para-choques. Então, é isso que é preciso? Dez mil pessoas?

A Sofia deu uma gargalhada ligeira. Mas, por dentro, ficou subitamente frágil. Como um ovo a estalar.

— Não há maneira de conseguirem pôr dez mil pessoas a marchar nas ruas. Mas mesmo que conseguissem... Não, é impossível.

— E que tal vinte mil? — instigou o Alberto, como o pior negociador do mundo.

— *Papá* — interpôs a Marta, dando-lhe uma cotovelada suave na barriga. Eu sabia o que lhe ia pela cabeça. Estava a pensar que nunca na vida iriam aparecer vinte mil pessoas na manifestação. Naquele momento, a esperança dela eram mil pessoas, e mesmo isso já seria um exagero.

A gargalhada da Sofia era agora quase genuína.

— Vinte mil? Vinte mil pessoas? Isso é muito mais do que dez por cento de toda a população. Acham mesmo que vão ter vinte mil pessoas? Eu vi as contas das redes sociais. Ninguém quer saber. Não estamos em janeiro. Estamos em junho. As pessoas só se querem divertir.

O Alberto estava inflexível. Percebi a quem é que a filha saía.

— Mas e se conseguíssemos? Paravam com o empreendimento? Tinha de ser, não era? A Sofia ouve as pessoas, certo? Foi para isso que foi eleita, certo?

— E nesse cenário hipotético, pagariam as custas judiciais?

O Alberto confirmou com um aceno de cabeça.

— Quarenta mil euros. Eu sei quanto é que custa desfazer este tipo de coisas.

— Mais para os oitenta mil. — A Sofia sorriu. Ela sabia que a Marta e o Alberto não teriam esse dinheiro à mão de semear. Reparou que um outro cliente estava a gravar tudo aquilo no seu *iPhone*. — Então, sim. É claro que sim. Eu sou uma pessoa que ouve. Vou dizê-lo diante de todas estas testemunhas. Se conseguirem cobrir as custas judiciais que, de outra forma, sairiam dos bolsos dos contribuintes, e se conseguirem reunir vinte mil pessoas no vosso protesto de amanhã à tarde, teremos acordo... Nesse caso, retirarei o meu apoio.

— Bem, nós conseguimos — disse o Alberto. — Conseguimos arranjar as pessoas e conseguimos arranjar o dinheiro.

O sorriso da Sofia não vacilou.

— Muito bem. E eu sou uma mulher de palavra. Se o fizerem, cumprirei a minha promessa.

Enquanto nos afastávamos e o Alberto largava a sua última nota de dez euros na mesa da esplanada, a Marta olhou para o pai.

— O que é que te passou pela cabeça?

Ele tentou rir-se da situação.

— Não te preocupes. Nós conseguimos fazer isto. Tenho algumas ideias geniais.

Todas as ideias geniais
presentemente na cabeça do
Alberto

Folheto

Quando passámos pela mesa do bar, vi o folheto.

— A Amnesia é muito popular? — perguntei.

A Marta ponderou enquanto passávamos por um artista de rua que cantava uma canção *folk* em catalão.

— Cerca de cinco mil pessoas todas as noites da semana durante o verão.

O Alberto abanou a cabeça.

— Cinco mil não são vinte mil.

— Obrigado pelo esclarecimento matemático — disse eu.

— Espera, ela tem razão. — A Marta estava a pensar em voz alta.

— A Amnesia às quartas-feiras tem mais habitantes locais do que turistas. Eles preocupam-se mesmo com coisas como Es Vedrà. E conhecem gente. Há uma coisa chamada redes sociais, *papá*.

O Alberto sorriu. Gostava da filha até quando ela gozava com ele. Sobretudo nessas alturas.

— Então, está a dizer que quer ir à Amnesia?

Confirmei com um aceno de cabeça.

— Sim. — E depois fiz a minha melhor imitação do Alberto para animar a Marta. — Isto é Ibiza. Ninguém é demasiado velho para nada. Há uma pessoa de 90 anos que vai dançar na Pacha todas as noites...

— Está bem. Tem razão. Não é demasiado velha. Eu não sou demasiado velho. E a Marta decerto não é demasiado velha. Vamos à Amnesia.

Desabotoou um botão da camisa como que em antecipação. A filha

franziu-lhe o sobrolho.

— É demais? — perguntou-lhe ele. — Devo reservar isto para a minha conta do OnlyFans?

A Marta ficou confusa por duas razões. Primeiro, o horror de se perguntar como é que o pai sabia o que era o OnlyFans. E segundo, ela não fazia ideia de quais eram as minhas intenções.

— Mas qual é o plano? — perguntou-me ela.

— A Lieke — disse eu. — O plano é a Lieke.

O Alberto bocejou. Eu também. Telepatia de bocejos.

— Vai ser uma longa noite. Devíamos dormir uma sesta. Não precisamos de dormir muito por dia. Mas *precisamos* de dormir qualquer coisa. Senão, os talentos não funcionam.

A Marta anuiu com a cabeça.

— Sim. Uma sesta disco. Precisamos de uma sesta disco.

— Uma sesta disco? — perguntei.

— Uma sesta — disse a Marta, com a inocência sorridente de uma educadora de infância —, antes da discoteca. A Lieke é a cabeça de cartaz, por isso só vai tocar por volta das duas da manhã, no mínimo.

— Que tipo de noite é que não começa antes das duas da manhã? — perguntei.

— Uma noite em Ibiza — riu-se o Alberto. — Vamos lá. Abra os braços à *la madrugada*... Está na hora de se sentir viva, Grace.

Um propósito

Bem, então lá estava eu. De volta ao sítio onde tudo tinha começado. De regresso à minha nova casa minúscula na Carretera Santa Eulalia, onde se ouvia o barulho dos carros a passar na estrada. Passavam dois minutos das dez da noite. Ainda nem sequer tinha começado a hora de ponta. Mas eu já não sentia o mesmo em relação àquele lugar, Maurice. Já não detestava estar ali. Na verdade, começava a sentir-me em casa.

Não sei porque é que a casa começou a parecer acolhedora. Nada tinha realmente mudado, a não ser a bonita flor no carreiro da entrada, obviamente. O corredor continuava claustrofóbico, a sala ainda era pequena, o sofá, velho e a manta boémia continuava puída. O tapete ainda precisava de ser limpo, a grande ventoinha da sala de estar mantinha-se visivelmente entupida de pó e, para minha vergonha, o chão de tijoleira ainda não tinha sido lavado. O piano perto da janela ocupava metade da sala. A aparelhagem antiga e as fileiras de discos e cassetes pareciam peças de museu. O ar continuava espesso, húmido e denso. Mas agora era diferente. De alguma forma, estar ali parecia uma espécie de alívio.

Um lar precisa de um propósito. E agora havia um propósito, um objetivo, para eu ali estar. Voltei a sentir o que tinha sentido no aeroporto. Compreendi porque é que a Christina tinha querido ajudar pessoas. E agora eu era, para usar a expressão da Christina, uma *protetora*. Tinha de proteger as pessoas e o local à minha volta. Não era essa a derradeira razão? Depois de tantos anos a sentir-me desnecessária para o Universo, senti-me verdadeiramente necessária.

E é bom sermos necessários. É mesmo.

O sinal

Pus-me a apreciar a galeria na parede. A que estava repleta de imagens da minha amiga perdida. Senti que o seu sorriso era como o de uma irmã. E eu nunca tive uma irmã, portanto gostava disso.

Olhei para a fotografia de uma Lieke muito jovem a segurar no seu ursinho de peluche.

— Tu amava-la — disse eu. Não sabia bem a quem me estava a dirigir, se à Lieke ou à Christina. Talvez às duas.

Senti uma dor mental repentina, mas familiar. Pensei no meu filho, nos anos oitenta, a brincar com os bonecos do Luke Skywalker e do Han Solo. A imitar os barulhos dos sabres de luz. Era uma espécie de câibra mental, esse tipo de memória. Porque nunca chegava de uma forma neutra, já que era sempre filtrada pelas lentes da minha própria vergonha e autoaversão. Por isso, sim, o lugar parecia diferente, e eu também me sentia diferente, mas não era *completamente* assim.

Mesmo o meu novo apreço pela casa veio acompanhado pela culpa de o Karl não estar lá. Era esse o meu problema. A culpa acompanhava a felicidade, ou seguia-a de perto.

Olhei para a fotografia da Christina com o Freddie Mercury no Pikes Hotel, tentando recuperar a boa-disposição. Ela tinha feito parte do espetáculo nessa noite. Conseguia sentir, ligeiramente, a excitação que a Christina sentira. E o dia esmagador e solitário que se seguira. Naqueles dias, ela andara numa montanha-russa de emoções, ora a descer, ora a subir, mas depois *La Presencia* chegou e viu o seu potencial.

Antes de me deitar, aproximei-me dos livros e peguei no *La Vida*

Imposible, do Alberto Ribas. *A Impossível Vida**. Ou *A Vida Impossível*. Vamos optar por esta última tradução, palavra por palavra, porque se adequava muito bem ao Alberto. Era ridiculamente grandioso e sentimental e parecia sonhar em grande.

Fiquei a olhar para a ilustração da capa. O mar e Es Vedrà, vistos de Cala d'Hort, reparei apenas nesse momento. As linhas que saíam da água pretendiam claramente representar *La Presencia*.

Abri-o na página 153 e traduzi automaticamente do espanhol:

E mesmo quando as provas eram insuperáveis, como no caso do incidente de Manises, verificado por várias testemunhas em primeira mão e em documentos da Força Aérea Espanhola cuja confidencialidade já foi levantada, as pessoas optaram por não acreditar, porque é mais fácil ignorar as coisas do que arriscar uma mudança radical da sua mundividência...

Folheei um pouco mais à frente:

Desde a sua chegada, tem havido provas de *La Presencia* a agir de formas peculiares para salvar o ambiente natural de Ibiza. Por exemplo, houve relatos de um pescador que foi salvo por «uma luz no mar», tendo subsequentemente desenvolvido capacidades paranormais, e que, durante um ataque aéreo por parte das forças de Franco em 1936, se sentiu mais protegido à medida que as suas capacidades se tornavam mais fortes. Esse pescador chamava-se Joan Bonanova. Ele relatou que via uma luz azul a correr-lhe nas veias e contou também a um jornalista que se sentia ligado a todos os animais de Ibiza e que conseguia enviá-los um sinal. E outros corroboraram esse relato, dizendo que tinham visto animais a agir de forma estranha nessa noite. Disseram que criaturas de todas as espécies tinham agido como uma única entidade, dirigindo-se para o interior, afastando-se do bombardeamento sofrido na cidade de Ibiza e ao longo da costa. Houve mesmo um relato — revelado uma década mais tarde — de um rebanho de cabras a atacar e matar um soldado à porta da Església de Nostra Mare de Jesús, embora o governo de Franco tenha considerado este facto como «propaganda antinacionalista».

Pousei o livro.

Um sinal, pensei para mim própria. Daqueles que a Christina tinha sugerido na mensagem que me deixara. Isso, sim, era interessante. Atravi-me a pensar se poderia ter tal poder dentro de mim, e o que seria necessário para o libertar. Um poder para falar com os animais maior do que o de um Dr. Dolittle ou de um Tarzan. Para comunicar com milhares deles em simultâneo. Para unir a Natureza em prol da Natureza. Seria um trabalho interessante, apercebi-me. Eu começava a tolerar o Alberto, mas não queria levá-lo comigo para a cama, nem mesmo em forma de livro. Por isso, peguei n'*O Conde de Monte Cristo*. Como já disse, tinha-o lido quando era mais nova e adorado. Percebi que não precisava de o reler. Já o sabia de cor. Na semana anterior,

não teria sido capaz de citar uma única expressão. Agora, teria sido capaz de gravar a versão áudio. Podia sacar da minha mente qualquer frase com a mesma facilidade com que arrancava um cabelo da cabeça.

«Não há felicidade nem miséria no mundo; há apenas a comparação de um estado com outro, nada mais. Aquele que sentiu a dor mais profunda está mais bem preparado para experimentar a felicidade suprema...»

Descobri que isso é verdade, Maurice. Tudo é relativo. Na matemática, os números adquirem o seu valor por serem mais altos ou mais baixos do que os seus vizinhos, enquanto na arte, Leonardo da Vinci precisa da sombra contrastante em redor para fazer com que a luz sobre João Batista pareça sagrada. *Chiaroscuro*, como dizem os italianos e os aficionados da arte. (Sempre conheci a palavra, por ter assistido a um programa sobre o Renascimento há anos, mas só percebi que a conhecia quando *La Presencia* a trouxe ao de cima.) O contraste de luz e sombra. A vida é toda ela *chiaroscuro*. O seu significado deriva da diferença relativa.

Seja como for, voltei a arrumar o Sr. Dumas no sítio e peguei num livro que ainda não tinha lido. *O Guia Definitivo do Poder Psíquico: Volume 8*.

Abri uma página ao acaso. Ou talvez não tenha sido assim tão aleatório. Porque a página em que calhei era a abertura do capítulo «CULPA E INTERFERÊNCIA».

Li uma frase: «Para melhorar verdadeiramente as suas capacidades e atingir o nível seguinte, a sua mente tem de estar livre de poluição mental. E nada polui e obstrui uma mente tão profundamente como a culpa...»

E foi só isso que li, mas foi o suficiente. Porque me levou a pensar no que a Christina tinha dito sobre o frasco de azeitonas. Às vezes, *ponho o frasco de azeitonas ao lado da minha cama. Mesmo ao lado da minha cabeça. Se fizeres isso, ela diz-te coisas nos teus sonhos. Coisas que precisas de ouvir. Os sonhos são os mais vívidos de sempre. E estão preenchidos pelo tipo de verdade que cura...*

Foi essa última parte. Tocou-me profundamente. *O tipo de verdade que cura*. Era precisamente disso que eu precisava. Se eu quisesse ajudar toda a gente a manter-se em segurança, se quisesse ajudar a proteger Es Vedrà e Ibiza de destruidores de vidas como o Art Butler, teria de fazer aquilo de que nunca tinha sido capaz. Teria de enfrentar a minha culpa de frente.

Estava na altura de encarar a verdade.

* A tradução do título do livro em inglês seria *The Impossible Life*. No entanto, o autor opta por *The Life Impossible* para manter a ordem das palavras do original, em espanhol, igual à ordem das palavras em português. Assim, *The Life Impossible* causará estranheza a um anglófono. [N. T.]

A sesta para a discoteca

Peguei no frasco cheio de extrato de *La Presencia*, desenrosquei a tampa e coloquei-o sobre a pequena cómoda. Mas, antes disso, deitei uma pequena quantidade de água no vaso da planta, o lírio-da-paz murcho, depois meti-me debaixo dos lençóis e, apesar de ter tanto em que pensar, dei por mim a adormecer.

O sonho surgiu de repente.

Estava outra vez no mar. Estava *mesmo lá*, na água fria, mas desta vez sem o fato de mergulho. E vi o mesmo que tinha visto da primeira vez com o Alberto. O braço de luz de *La Presencia*. Atravessava as barracudas, animando-as, os seus pensamentos um gemido coletivo de libertação, e chegava até mim, rodeando-me de uma luminescência azul inconstante.

Enganchou-se nos meus tornozelos e puxou-me pela água a toda a velocidade em direção à esfera-nuvem brilhante e pulsante, até eu ficar dentro dela. Porém, assim que lá entrei, atravessei para outro lugar. Um lugar onde já tinha estado. A praia cor de laranja que não era uma praia, ao lado do mar brilhante que não era um mar, e aquelas árvores de folhas brancas. E nesse momento eu já conseguia respirar, ou sentia que conseguia respirar, naquele ar puro e doce.

Contudo, neste sonho, neste sonho demasiado real e vívido, senti o meu corpo a enfraquecer segundo a segundo. Sentia um crescente entorpecimento físico à medida que a minha dor mental aumentava em sintonia com a voz incessante da culpa. Aquela com que vivi durante demasiado tempo.

Sou uma pessoa má. Fiz coisas más. Sou uma pessoa má. Fiz coisas

más. Sou uma pessoa má...

Alguém que reconheci

No instante seguinte, não sei como, fui parar ao meio das árvores. As árvores eram tão altas como sequoias, mas tinham troncos lisos e flores amarelas entre as suas folhas brancas. Ao longe, vi o contorno desfocado e enevoadado de duas crianças salacianas que se riam enquanto jogavam um jogo que não me era familiar.

Foi então que vi uma mesa. Uma mesa muito parecida como as que existem na Terra. E uma pessoa sentada à mesa. De cabelo comprido, sorriso simpático, olhos cintilantes como moedas num poço. Alguém que reconheci de imediato, tão nitidamente como se a tivesse visto ontem.

Era a Christina.

A melhor pessoa que alguma vez conheci

Era a Christina em jovem. Carly Simon via Nana Mouskouri. A Christina Papadakis, não a Christina van der Berg em que viria a tornar-se. A que cantava *Rainy Days and Mondays* para miúdos da escola, deixando-os boquiabertos.

Ainda com aquele ar glamoroso e ainda a usar um colar de missangas. Estava sentada à mesa, a batucar com as unhas cor de terracota na madeira. A mesa estava mesmo ali, na floresta, rodeada de árvores e com as crianças a brincar lá ao fundo.

Reparei num candeeiro em cima da mesa, cuja base, de porcelana, tinha o formato de um ananás. Também lá estava uma garrafa meio cheia de *Blue Nun*.

— Olá, Grace.

Tinha os pés na areia, que me parecia tão real quanto qualquer outra coisa que eu já tivesse sentido. Caminhei, exausta, até à mesa e deixei-me cair numa cadeira, de frente para a minha velha amiga.

— Christina? Isto está mesmo a acontecer? Estás aqui?

— Sim — disse ela. — E não.

Sentia-me fraca e confusa.

— Como assim?

— Isto é Salácia. O que vês é Salácia, e aqui há salacianos. Eles têm sido simpáticos e cuidam de mim. Eu estou neste mundo. Consegui passar. Não serei imortal, mas serei tão saudável quanto possível e durante tanto tempo quanto possível. Isto é lindo. Os

habitantes vivem num lugar para lá daquelas árvores. E cuidam tão bem daqueles que cá chegam. Eles são tão bons, Grace. Cuidam de todo o Universo, da mesma forma que tu em tempos cuidaste de mim...

Eu quase não conseguia falar.

— Estou noutra planeta?

— Não. Não estás aqui. Mas isso não importa. O que estás a ver é a verdade. *La Presencia* está a oferecer-te essa dádiva. Não se trata de um sonho, Grace, em qualquer sentido normal da palavra. Isto é verdade.

— Então, porque é que isto está a acontecer? Para que serve esta verdade?

— *La Presencia* quis que viesses para Ibiza porque sabia do que eras capaz. Sabia que poderias ser vital para a preservação dos seres vivos locais. Eu também sabia. Foi por isso que te escolhi. Sabia que conseguirias salvar vidas e ajudar a salvar a ilha. E é assim que o fazes. É assim que te tornas uma protetora. Conseguirás fazê-lo se te libertares primeiro.

A Christina tinha agora uma tigela. Uma tigela cheia de rodela de ananás. Na minha confusão, eu tentava perceber se aquilo tinha acabado de aparecer.

Ela apontou para o mar translúcido e brilhante.

— Libertares-te da dúvida. Da culpa. Libertares-te do que fizeste. Tens de ser tão clara como aquele mar. Tens sido boa a resolver coisas, Grace. Agora só precisas de te resolver a ti mesma. Ainda estás presa ao teu próprio passado.

— Mas...

— Tu percebes de matemática, Grace. A negatividade tem mais poder do que a positividade. Quando se multiplica um positivo por um negativo, o produto é sempre negativo. Tens de ver as coisas de forma diferente. Tens de fazer um «Mais» a partir do «Menos».

— Isso é impossível.

— Tantas coisas que pensavas serem impossíveis tornaram-se possíveis. Esta é a última.

— Não se trata apenas do Daniel — murmurei. — Fui uma má esposa e também uma má mãe.

— Foste uma boa esposa. E uma mãe ainda melhor. — Ela riu-se brevemente. Tinha uma melodia suave. Furou delicadamente uma fatia de ananás com um garfo. — Eu podia ter escolhido qualquer pessoa. Mas escolhi-te a ti. És a melhor pessoa que alguma vez conheci.

— Não me conhecias.

— Eu conhecia-te melhor do que pensas. Eu vi-te completa. Vi o teu futuro. Vi o que podias ser.

— Tenho 72 anos. Já tenho muito pouco para dar.

— Errado. Estás triste e sozinha há muito tempo, Grace. Mas não tem de ser assim.

Pensei na minha vida em Inglaterra. Aquela que ninguém via, aquela em que eu quase não existia. Aquela em que eu era a árvore invisível que tombava na floresta.

— Sou uma pessoa com defeitos.

— Raios te partam, Grace! Toda a gente tem defeitos. É isso que define o ser humano.

— Nem toda a gente — retorqui.

— Sim — insistiu ela, sem qualquer hesitação. — Toda a gente.
Todo. El. Mundo.

Foi então que ela depositou alguma coisa na minha mão. O fio de São Cristóvão.

— Está na altura de to devolver de vez.

E eu olhei para ele.

E quando voltei a levantar os olhos, não havia nenhuma taça de ananás. Nenhuma Christina. E na mesa estava um menu de um restaurante chamado Raj Pavilion. O restaurante que eu e Karl frequentávamos quando éramos estudantes em Hull. Aquele onde ele me pediu em casamento pela primeira vez.

Imperfeição perfeita

A mesa estava agora posta para duas pessoas, com os talheres enfiados em guardanapos, como se costuma fazer nos restaurantes.

Fitei a ementa sobre a toalha de mesa. E, quando ergui o olhar, ali estava ele sentado. O Karl. O jovem Karl. Aquele que adorava Jimi Hendrix e queria ser o guitarrista principal dos Black Sabbath. O que tinha o cabelo preto e patilhas, o corpo magro e a energia de um tigre que o fazia remexer-se na cadeira, abanando ligeiramente a cabeça como se estivesse a tecer com o nariz.

— Os *bhajis* de cebola são bons, não são? — disse ele, pegando na ementa.

Um empregado de mesa apareceu do nada.

— Já decidiram o que vão pedir ou precisam de mais um momento?

— Gostaríamos de ter mais um momento — respondi eu, enquanto uma criatura do céu com penas índigo voava sobre as nossas cabeças e as duas crianças salacianas continuavam a brincar ao longe. No fundo, eu estava a ver a realidade de Salácia sobreposta à realidade da minha própria memória e psicologia. Tudo unido em torno da força da verdade, impregnada no meu sonho-que-não-era-um-sonho através das forças fotónicas do frasco de azeitonas. Era, em suma, *desorientador*. E, no entanto, o meu foco estava no Karl. Disseram-me uma vez, há muitos anos, depois de uma viagem a Nottingham para ir à Goose Fair andar às voltas numa atração, que a melhor maneira de uma pessoa deixar de se sentir zonzza era fitar um ponto fixo à sua frente. O Karl era o meu ponto fixo. Quando me concentrei nele, tudo o resto se

acalmou.

— Os momentos são importantes — concordou o Karl. Ele exibiu aquele sorriso romântico que existira nos nossos primeiros anos, com os olhos a brilhar como os do Paul Newman. — Passam tão depressa que nem sempre damos por eles.

— Eu não fui boa para ti, Karl.

Ele olhou para o anel no meu dedo. Uma pequena esmeralda numa estreita faixa de prata.

— Sabes como é que se vê se uma esmeralda é autêntica?

— Pelas suas imperfeições — respondi.

— Sim, exatamente. Foi o que disse a senhora da joalheria. Ao contrário das outras joias. Numa esmeralda, quanto mais inclusões, mais fissuras e defeitos, mais bonita poderá ser. Uma esmeralda autêntica é bela pelos seus defeitos. Chamam-lhe *imperfeição perfeita*. Só uma esmeralda falsa pode ser convencionalmente perfeita.

— Podem existir demasiadas imperfeições — disse eu.

— Como assim, meu amor?

— O que pergunto é: o que acontece quando só se consegue ver isso? Quando não se consegue ver a joia, mas apenas as inclusões? — Ele fitou-me de modo inexpressivo, por isso respondi com a maior clareza possível. — Tu foste muito bom para mim. Mas eu não fui boa para ti.

— Do que é que estás a falar? É por causa do Daniel? Não tiveste culpa que ele tivesse saído de bicicleta.

— Eu podia ter ido com ele à cidade. Como ele queria. Mas eu estava demasiado ocupada a ler um catálogo.

— Eu também podia ter ido, mas estava no bar. Demasiado ocupado a beber uma caneca de cerveja.

— Estava a chover. Não o devia ter deixado sair.

— Nunca viste ninguém a andar de bicicleta à chuva? Ele adorava aquela bicicleta. Ninguém conseguia tirá-lo de cima dela.

Não compreendi bem as palavras dele. Uma parte de mim queria, ou precisava de continuar a sentir-se culpada. Portanto, disse-lhe:

— Estou a falar do Aidan Jenkins.

— O teu colega?

— Sim. Fiz sexo com ele na sala de economato. Na altura, gostei muito. Mas deixei de gostar a partir daí. Porque te amo. E nunca poderia tê-lo amado.

Ele anuiu com a cabeça, despreocupadamente.

— Ah, sim. Eu sei disso.

— O quê?

— Ele telefonou uma vez.

— *Telefonou?*

— Bêbedo.

— *Bêbedo?*

— Para ser sincero, até me fez sentir melhor.

— *Melhor? Como?*

— Lembras-te da Deborah? A rapariga que te apresentei no bar do sindicato?

Lembrava-me vagamente. De alguma forma, a memória ainda se mantinha, depois de décadas. Loura, com franja e um sorriso maroto.

— Sim.

— Bem, eu andava a comê-la todas as terças-feiras. E todas as quintas-feiras.

Demorei um segundo a digerir.

— O quê? Mas tu pediste-me em casamento.

— Sim. É estranho, concordo. Na verdade, é uma cena muito marada. Acho que é a culpa. Faz coisas estranhas. Seja como for, nesse ponto do nosso passado partilhado, eu é que fui o sacana, Grace. Ia para casa dela quando tu pensavas que eu estava no bar, partilhávamos uma garrafa de vinho rasca e fumávamos, porque estávamos nos anos setenta, e nove em cada dez vezes dávamos uma queca. Tudo isto enquanto tu estavas com a Claudette. Um dia quase nos apanhaste em flagrante, lembras-te?

— Porque é que me estás a contar isto?

— Porque é a verdade. A verdade defeituosa do nosso amor, perfeita na sua simetria desfeita. Eu amo-te, Grace Winters, e os erros que cometemos não tornam o amor menos importante.

— Karl...

— Tens de seguir em frente. Ouve. Olha para mim. Olha para este jovem eu. Uma versão mais velha de mim casa-se contigo. E nós amamo-nos, e há momentos muito bons, momentos muito maus e momentos muito intermédios. Tentamos e não conseguimos ter filhos, até que acabamos por ter um, e eu torno-me uma pessoa pouco atenta e irritável, não gosto do meu trabalho e bebo demasiado e começo a rressonar muito alto. E tu tens o teu trabalho, que é pelo menos tão desgastante como o meu, e mesmo assim eu espero silenciosamente que tu assegures a maior parte da educação do miúdo, e tu fazes isso. E fazes bem. E nós fingimos que somos felizes até o perdermos. Nós, Grace. Nós. Nenhum de nós estava com ele. Ele morreu. Foi uma tragédia, mas também foi um acidente, como acontece na maioria dos casos. E eu sou mau a lidar com o luto. Por vezes, grito, bato na parede e saio de rompante. Eu negligenciei-te e tu fizeste uma coisa estúpida. E, mais cedo ou mais tarde, toda a gente faz uma coisa estúpida... E nenhuma quantidade de culpa irá desfazer isso. E também não me vai trazer de volta. Eu fui-me embora. E quero que tu vivas. Quero que vivas.

— Onde está o Daniel? — perguntei-lhe. E depois repeti-o mais

alto, na esperança de que a Christina ouvisse. — Onde está o Daniel? Posso falar com o Daniel da mesma forma que falei contigo? Sei que não seria realmente ele. Tal como tu não és realmente tu. Mas seria a parte verdadeira dele. Eu preciso da verdade. Tenho de ver o rosto dele. Ele está aqui?

O Karl abanou a cabeça.

— Ele não se consegue ver. Tu ainda estás demasiado... *triste*. Essa parte da verdade é a mais difícil de alcançar. Mas a minha verdade é que sempre te amei por quem tu eras. Por toda a tua pessoa. Com erros incluídos.

Aquelas palavras eram poderosas. Senti-as a agitar-se dentro de mim.

— E eu sempre te amei — disse eu, conseguindo, de alguma forma, não chorar.

Ele juntou as mãos, quase em oração.

— Eu sempre soube, Grace. Contaste-me tudo. Mesmo quando não o fazias. Mas estou aqui para dizer que eu também não era perfeito. Mas vivi com os meus erros e perdoei-me a mim próprio, e tu também tens de o fazer. Tu és necessária. Eu amo-te, Grace. Sempre amei e sempre amarei. O amor não desaparece simplesmente. É como a luz. Continua a viajar. Mas tens de seguir em frente. Não te lembras de mim. A tua culpa turva-te sempre a visão. Para te lembrares de nós, para te lembrares do bem, tens de te soltar, Grace. Tens de viver.

— Eu amo-te, Karl.

— Então, por favor, solta-te... Não estás aqui para ser perfeita. Não se espera isso de nenhum de nós. Estás aqui para viver. Por isso, deixa-me ir...

— Antes disso, só quero dizer que devia ter-te deixado tocar a tua música mais alto. Era mesmo boa. Eu devia ter tentado ouvi-la.

E ele abriu um enorme sorriso. Os seus olhos brilharam como sóis distantes. Tinha sido bom vê-lo, mas agora eu sabia o que tinha de fazer. E ele também.

— Agora vai. Vai.

Estava na hora.

A criança a acordar

La *Presencia* trazia coisas de volta. Curava feridas e revertia extinções. E era isso que estava a acontecer. Eu estava a florescer por entre as fendas. Estava a voltar.

E, nesse preciso momento, senti a água a bater-me nos pés. Olhei para baixo. Reluzia com aquele azul indescritível e subia rapidamente, para lá de qualquer maré.

E quando voltei a erguer os olhos, tinha desaparecido tudo. A mesa. A praia. As árvores. As pessoas. Tudo menos eu. Que fui levada para dentro daquela pura luminescência, cada vez mais para cima, até ficar no ar. Direita, acordada na minha cama. Pronta, ou quase pronta, para viver e ajudar a viver.

A luminosidade

Era uma da manhã quando acordei da minha sesta, fresca que nem uma alface.

Vi que o frasco cintilava como nunca antes vira.

A sala estava toda iluminada. O tipo de luminosidade a que, normalmente, teríamos de virar as costas, mas, não sei como, não precisei de o fazer. O perigo era grande, sem dúvida. O Art Butler ainda andava por ali. Possivelmente, todos enfrentávamos algum tipo de risco por causa de um homem que podia não ser sequer um homem. Mas uma coisa lhe digo. Consigo resistir a qualquer tempestade exterior, comparada com aquela interior que nos tolda a visão. E esse nevoeiro, agora, dissipara-se. Fiz a mim mesma uma pergunta retórica: O que é que podia ser melhor do que uma casa cheia de emoção, deixada por uma amiga distante, na ilha mais excitante do mundo?

Demorei um ou dois segundos a notar que, no meio da claridade, o lírio-da-paz, ao lado da cama, já não estava murcho e moribundo. As suas folhas exibiam agora um verde profundo e succulento. Senti a sua existência. Não propriamente os *pensamentos*. As plantas não têm pensamentos como nós.

O mais notável, porém, era o objeto que eu segurava. O fio com o pendente de São Cristóvão, ali mesmo na palma da minha mão. A prenda que eu tinha dado e que me fora devolvida. Senti o relevo da figura de São Cristóvão a levar o Menino Jesus para o outro lado do rio. Apertei-o com força como o tesouro perdido que era, virei-me para o frasco de azeitonas e disse:

— Obrigada.

Depois, tomei banho, pus o fio ao pescoço e escolhi a indumentária. Umas calças de pregas elegantes e uma blusa de *chiffon*. Olhei-me ao espelho e senti-me pronta.

— Vá lá, Grace — disse a mim própria. — Está na altura de viver.

Grace Winters mais dois

A ilha estava cheia de ruídos.

A discoteca Amnesia ficava mesmo à saída da estrada principal que liga a cidade de Ibiza, a leste, a San Antonio, a oeste. Era, como muitas das discotecas da zona, ridiculamente enorme. À escala de uma catedral ou de um hangar de aviões. E devo admitir que era bastante empolgante.

Não ia a uma discoteca desde 1980 — a Roxy's, em Lincoln, onde uma mulher embriagada vomitou nos meus sapatos ao som dos Kool & the Gang.

Muitos dos notívagos que faziam fila usavam roupas chamativas. Se havia um código de vestuário, era difícil descobrir qual seria. Estava lá uma mulher com um biquíni verde-vivo e ténis de corrida verde-vivos. E outra com um vestido comprido vermelho de uma enorme elegância. Havia um jovem com um *top* de rede preto e uma mala de mão. Um casal elegante vestido de preto, de mãos dadas na fila e a perguntar-se se aquela seria a sua última noite juntos. Havia muitos óculos de sol não estritamente necessários. Viam-se mais cores do que num canteiro cheio de hortênsias. O Alberto vestia os seus calções rasgados, calçava chinelos de enfiar no dedo e envergava uma camisa havaiana aberta que pouco fazia para esconder a sua floresta de indecorosos pelos no peito. A filha vestia uma das suas t-shirts inteligentes: branca com uma pequena Terra azul no meio. *Pale Blue Dot*, Ponto Azul-Claro, era o slogan, em inglês. Eu sabia — porque agora sabia quase tudo — que se tratava de uma referência a um discurso de Carl Sagan, no qual ele se referia à imagem distante da

Terra captada pela sonda espacial *Voyager 1*.

Ela tinha calçados uns sapatos de lona amarelos com sola de borracha e vestia umas calças verdes e brancas, às riscas como as folhas de uma planta-aranha. Estava, literalmente, a reluzir, graças ao *spray* corporal com purpurina biodegradável e amigo do ambiente com que pintara as faces. E o seu cabelo encaracolado e tão fantasticamente rebelde poderia fazê-la passar por uma Medusa mais simpática, se semicerrássemos os olhos. Em suma, estava linda. Mas em vez de eu sentir o que normalmente sentiria ao lado de uma pessoa elegante com menos de metade da minha idade, não me senti nada envergonhada nem desengraçada. Apenas senti que ela estava estilosa, só isso.

Segui a Marta e o pai, passando pela longa fila de pessoas que se encontravam em frente ao edifício — iluminado por projetores multicoloridos em movimento e pelo letreiro amarelo-narciso da Amnesia — até ao maior dos seguranças. Ele fazia com que o *iPad* que tinha nas mãos parecesse um selo postal.

— Rafael!

O segurança sorriu, com o rosto a refletir a luz azulada.

— Ei, Alberto!

O Rafael abraçou o Alberto.

— O *papá* foi DJ aqui — explicou a Marta ao meu ouvido. — Em tempos idos. O Rafael conhece-o desde sempre. Ele ensinou-o a mergulhar. É uma ilha pequena.

— Obrigado pela cobra — disse-lhe o Rafael. — A minha filha ficou encantada.

— Ah, o prazer foi todo meu. Aquela cobra em particular é uma criatura muito filosófica e pensativa, e queria uma boa companhia...

O Rafael entrou no jogo. Era bom saber que a cobra tinha saído da gaveta e encontrado um lar melhor. Mas o segurança não se desviava. Permaneceu à nossa frente como uma porta fechada.

O sorriso do Alberto mostrava agora um resquício de perplexidade.

— Então... vais deixar-nos entrar?

— Não — disse ele, em contraste com a sua expressão amigável.

A Marta praguejou de uma forma criativa que eu percebi, mas não vou repetir. Perguntei-me se o Alberto iria usar os seus talentos. Perguntei-me se eu deveria usá-los. Mas depois lembrei-me de que não havia necessidade nenhuma.

Fiz sinal ao Rafael com um breve e educado aceno inglês.

Ele tentou não parecer muito divertido com a minha presença e com o meu aspeto em geral, o que foi simpático da parte dele.

— *Sí, señora?*

— Ora viva, creio que estou na *guest list*.

Ele olhou para mim, confuso. Tal como o Alberto e a Marta, na

verdade.

— Sim. Encontrei a Lieke num centro de jardinagem e ela teve a gentileza de dizer que ia indicar o meu nome. Sou a Grace Winters. Mais dois.

Ele deu uma olhadela ao seu *iPad*. Depois, confirmou com um aceno de cabeça.

— Sim. Aqui está. — E fez-nos sinal para passarmos. — Tenham uma ótima noite.

O Alberto ficou um pouco aborrecido e resmungou com uma educação inglesa atordoante.

— Oh. Estou a ver. Sim. *Very good...* — Palavras que foram rapidamente abafadas pela parede de som em direção à qual nos encaminhávamos.

A Oficina dos Esquecidos

Caminhámos sobre um piso de terracota, por entre a multidão maioritariamente espanhola reunida junto à entrada. Pessoas a gritar aos ouvidos umas das outras para se conseguirem ouvir. Corpos transpirados. Pensamentos a pairar cheios de alegria e anseios irregulares e frenéticos. Senti que tinha, pelo menos, dois séculos a mais para ali estar, embora o Alberto tivesse obviamente lido a minha mente, porque apontou para um velhote com uma t-shirt com folhas de marijuana.

— Aquele é o Diego. É um velhote do continente que veio no grande verão de 88 e ficou por cá desde então. É mais velho do que qualquer um de nós.

Acedi brevemente à mente do Diego, mas era um estranho nevoeiro psicadélico cheio de pensamentos abstratos que rodopiavam como vacas num ciclone, pelo que segui rapidamente em frente.

Na verdade, a discoteca eram duas discotecas. Uma sala principal grande, cavernosa e escura e uma sala mais iluminada — também grande — com um ambiente mais ao ar livre, chamada La Terraza. A Lieke iria tocar na sala principal dali a meia hora, portanto, primeiro fomos para uma zona relativamente calma perto do terraço.

— Como lhe tinha dito, dantes isto era tudo ao ar livre. — O Alberto apontou para o teto de vidro enquanto a Marta se dirigia para o bar. — Era uma loucura. Parecia um filme do Fellini... uma quinta onde as pessoas dançavam ao som de tudo... dos Rolling Stones a jazz, passando pelo *hip-hop*, *mystic rock*, Manuel Göttsching, Prince, Art of Noise, *house* de Chicago, *reggae*, *new wave*, tango argentino antigo,

Fleetwood Mac, Kate Bush, Cyndi Lauper, Talk Talk. Adoro os Talk Talk. — Depois ficou muito entusiasmado e começou a cantar o *It's My Life*. Tinha lágrimas nos olhos. — Tudo e mais alguma coisa. A batida balear. *Todo vale* era o conceito. Valia tudo. Sem limites. Não havia limites entre música ou pessoas. Procurávamos um ritmo comum. Todas as classes, culturas, identidades e sexualidades. Nada de géneros restritos. Nada de dividir as coisas. Sem tribos. Era natural, puro e divertido. Tratava-se apenas de encontrar o universal em tudo. Até no tema do genérico de *A Balada de Hill Street*.

— O genérico de *A Balada de Hill Street*? — Lembrei-me do Daniel a pedir para ficar acordado até tarde para ver a reposição de um episódio. Ele adorava aquela música. Sentava-se no sofá e inclinava-se para a frente. E essa alegria tinha sido real, e permanecia real, guardada algures na memória do Universo.

O Alberto assentiu.

— Sim, a série policial. O meu amigo, o lendário Alfredo da Argentina, costumava pô-la a tocar muitas vezes ao fim da noite. Não há nada mais balear do que o genérico de *A Balada de Hill Street*...

Agora que a mente do Alberto estava aberta para mim, eu conseguia ver tudo. Tinha regressado a esta ilha em 1976, menos de um ano depois da morte de Franco. Abandonara os estudos, tornara-se pacifista. Tinha planeado voltar à Biologia Marinha, mas só queria divertir-se. Apanhou-me a ler-lhe a mente. Por isso, concedeu-me algumas notas de rodapé.

— Um filósofo de Madrid tinha decidido transformar uma quinta antiga no meio do campo numa discoteca ao ar livre. Chamou-lhe *El Taller de los Olvidadizos*. A Oficina dos Esquecidos. Era demasiado grande, por isso passou a chamar-se simplesmente Amnesia. Escolham sempre o caminho mais curto! Todos os que lá iam tinham algo para esquecer. Parecia que o mundo inteiro estava traumatizado. Fosse Franco ou o Vietname ou a perspectiva de uma bomba nuclear nos destruir a todos. Dançar era melhor... Dançar não era apenas dançar. Era um símbolo de liberdade... Independentemente de quem fôssemos, a pista de dança dava-nos segurança.

A Marta voltou com as bebidas, com hexágonos de luz hipnotizantes a cintilar atrás de si.

— *Nada de plástico*. O plástico é o diabo. Destrói a Terra antes e depois da sua existência. Pequenos microplásticos maléficos. A foder os peixes todos. E a nós. — A Marta só dizia palavrões quando defendia os peixes. — Enfim. Aqui têm os vossos sumos de laranja.

Eram quase duas da manhã, por isso fomos progredindo por entre os aglomerados de pessoas até à sala principal. Passei pelas raparigas que tinha visto no avião. Estavam a dançar e a adorar a vida, com as suas mentes a brilhar de prazer. Ao contrário de algumas pessoas na

sala, elas nem sequer tinham tomado estimulantes artificiais. Tinham dormido antes de saírem e estavam agora a dançar, fechando os olhos e agitando os corpos como se fizessem parte de um maravilhoso exorcismo coletivo.

Ainda que o espaço estivesse indiscutivelmente quente, barulhento e congestionado — três coisas das quais eu não era tradicionalmente fã —, eu estava a divertir-me bastante. As minhas pernas não me doíam, as ancas não estavam totalmente rígidas e, se os meus ouvidos estivessem a zumbir, eu não os conseguia ouvir. E estava tão envolvida na energia coletiva, que quase me esqueci do motivo que me levava ali.

A alegria de contar sem contar

A Marta deu-me uma cotovelada. E apontou para a cabina do DJ. Lá estava ela. A deusa intocável dos cartazes. A filha transtornada do centro de jardinagem. Na grande cabina, com as pessoas a olharem para ela como se fosse um imperador no Coliseu.

Ela conversava com o DJ anterior enquanto mexia no equipamento e a música enchia a sala como uma manada de bestas invisíveis. A minha visão foi bloqueada por um jovem grande com muitas tatuagens de animais diferentes. Cobra. Chita. Tartaruga. Chamava-se Stefano e era um turista italiano de Bolonha que estava a estudar para ser veterinário e a curar a alma depois de uma separação complicada. *Chega-te para a esquerda, chega-te para a esquerda, chega-te para a esquerda, chega-te para a esquerda...*

Passados alguns segundos, ele deu uns passos para a esquerda e continuou a dançar, deixando-me a observar a Lieke. Mas havia tanta coisa entre mim e ela, tanto espaço, tanta gente, tantos pensamentos, emoções e sensações a aglomerarem-se no ar, que era como tentar isolar uma única abelha no meio de um enxame.

E afinal eu até gostei da música que a Lieke estava a passar. *Techno*, pelos vistos.

O que era notável, pois normalmente detestava música eletrónica. Bem, na minha juventude, eu gostava da *Good Vibrations*, dos Beach Boys, e eles usaram nessa canção um teremim, que, tecnicamente, é um instrumento eletrónico. Mas o Maurice percebe ao que me refiro. Música que soa como um robô a ter um ataque de pânico. Música bip-bip. Mas, afinal, eu não fazia ideia do que tinha andado a perder.

Continha uma beleza matemática. Fiquei ao lado da pista de dança enquanto milhares de corpos se moviam como se fossem meras entidades reativas, subordinadas à força da música.

Estranhamente, compreendi de imediato aquele tipo de música e senti o amor coletivo por ela, dourado e puro. Sob o som dos teclados, havia um baixo repetitivo que se mantinha num tempo perfeito. *Tum tum tum tum tum*. O ritmo do coração a bater. E depois havia outra batida, mais leve, acima dessa, duas vezes mais rápida. E outra ainda mais tênue, precisamente duas vezes mais rápida do que essa. Quatro batidas por compasso. Uma relação perfeita, dividindo intervalos de tempo em partes iguais dentro de cada secção. O algoritmo de Euclides a ganhar vida.

Diz-se frequentemente que a música é a alegria que as pessoas sentem quando estão a contar sem se aperceberem de que estão a contar. Foi isso que me dei conta de que estava a testemunhar, enquanto balançava a cabeça e olhava para aquela multidão: a euforia coletiva de experimentar a harmonia matemática num mundo imperfeito.

Euclides teria adorado dançar na Amnesia, estava certa disso. E eu também adorei. Adorei estar no meio daquela gente que dançava, a libertar os seus corpos. Adorei os dois homens apaixonados a beijarem-se ternamente junto ao bar. Adorei as pessoas em andas. Adorei aquele espaço onde parecia que toda a gente podia ser o seu verdadeiro eu amorfo, fazendo experiências com as roupas e os cabelos e os corpos, e com os seus desejos sexuais, resistindo a regras e a ritmos circadianos. Adorei as luzes e os *lasers*.

Olhei para as varandas que se prolongavam ao longo do perímetro da sala, a zona VIP, que tinha um nevoeiro psíquico ligeiramente triste, enquanto as pessoas se mantinham junto às suas mesas, dançando em redor dos seus baldes de gelo e garrafas de champanhe vazias.

Depois, voltei a olhar para a cabina do DJ. E consegui, mesmo à justa, apanhar alguma coisa. Uma escuridão terna. Dor, talvez. Aproximei-me um pouco mais da Lieke por entre a multidão, tentando evitar os cotovelos e o entusiasmo. Vi-a à luz do dia, a conduzir de regresso ao seu apartamento arrendado na marina. Estava a ouvir música, mas não do tipo de música que ela passava. Guitarras espanholas a dedilhar melodias suaves.

Então, de repente, no momento presente na discoteca, ela olhou para a multidão e viu-me. Para ser sincera, eu devia sobressair como um hamster num gatil, mas ela esboçou um sorriso de reconhecimento. Em troca, dei-lhe um pensamento. Uma memória, para ser mais precisa. A recordação contida na fotografia da Christina, onde a Lieke estava com o ursinho de peluche na mão. O seu sétimo

aniversário. Amor e calor. Luz na escuridão.

Não. Mais uma vez, estou a perceber mal. Eu não lhe estava a dar nada. Estava a revelar o que já lá existia. E foi mesmo muito fácil. Tão fácil como levar um homem a espetar um garfo na perna. E assim que uma memória foi revelada, seguiram-se outras, ramificando-se e tornando a ramificar-se, e, quando ela estava prestes a fazer a transição para a faixa seguinte, sentiu uma necessidade crescente de fazer alguma coisa. Uma necessidade de cumprir o desejo da mãe de que ela usasse a sua plataforma para fazer o bem. Então, decidiu escolher um tema diferente: *Memories of Green*, de Vangelis, da banda sonora do filme *Blade Runner — Perigo Iminente*, que os pais costumavam pôr a tocar quando ela era criança.

Depois, pediu um microfone e, antes que alguém se apercebesse, começou a falar por cima da faixa. O Alberto olhou para mim.

— Está a acontecer...

Anuí com a cabeça.

Sem qualquer sombra de dúvida, estava mesmo a acontecer.

— Olá a todos — disse ela aos desorientados notívagos, no seu inglês estranhamente carregado. — Normalmente, não costumo fazer isto. Não costumo falar por cima da música. Não quero interromper a vossa dança. Mas tenho uma coisa importante para vos dizer. Há um mês, a minha mãe morreu...

Aquela não era claramente a noitada de que as pessoas estavam à espera. A maioria das pessoas tinha agora os telemóveis na mão e filmava cada palavra que ela dizia.

— Nem sempre me dei bem com ela... Mas ela era uma boa pessoa. Preocupava-se com este nosso planeta... E acreditava que Ibiza devia ser protegida... E Es Vedrà ... Conhecem Es Vedrà, certo? É aquele rochedo fixe que vemos quando chegamos de avião... Bem, é importante...

Um grito selvagem de afirmação encheu a sala.

— É um lugar sagrado... Faz parte da mitologia da ilha ... Esteve incólume durante toda a eternidade... E agora querem construir lá e destruir toda a vida naquela ilha... E querem apoderar-se de tudo, desde ali até Cala d'Hort... O mar inteiro... Incluindo o organismo mais antigo do mundo... O prado subaquático que ali existe há milhares e milhares de anos... Um prado subaquático que protege o oceano e protege a linha costeira e protege o ar que respiramos, e eles vão destruí-lo... — Era impressionante. Ela estava a fazer um discurso acerca de um sequestro de carbono marinho e fazia-o soar revigorante. — Mas isso não vai acontecer, malta! Porque amanhã vamos protestar. Vamos manter Es Vedrà livre. A minha mãe era especial de muitas maneiras... De maneiras que nem imaginam... Mas o seu verdadeiro superpoder era a preocupação com as pessoas, com a Natureza e com

a vida. Coisas que são preciosas... Temos de proteger o que é precioso... Vamos encontrar-nos no Café Mar y Sol amanhã às quatro da tarde e vamos marchar pelas ruas e impedi-los de destruir cada pedacinho desta nossa terra... Então, quem é que vai estar lá comigo? Quem é que vai espalhar a palavra nas suas redes sociais? Quem é que vai ajudar a tornar realidade o sonho da minha mãe?

Mais um rugido de entusiasmo. A Lieke sorriu para mim.

— E passem a palavra a toda a gente que conhecem! Vemo-nos amanhã! — Ela misturou perfeitamente a música com algo mais rápido, fazendo recomençar uma batida forte. O tema chamava-se *Meteorite*. — Esta é para a amiga da minha mãe que está cá esta noite. — E apontou diretamente para mim. — Vamos mostrar o nosso apreço pela Grace Winters!

— Uau! — disse a Marta, dando-me uma palmadinha no ombro, enquanto toda a discoteca me aplaudia com entusiasmo. As raparigas que eu tinha visto no avião reconheceram-me e bateram palmas por cima das suas cabeças, gritando mais alto do que todos os outros.

E o Alberto exibiu um sorriso orgulhoso de felicitações.

— Agora! — gritou a Lieke ao microfone. — Vamos dançar como se *houvesse* um amanhã!

E foi isso que fizemos, Maurice. Nós dançámos. *Eu* dancei. Ali mesmo, com a minha blusa de *chiffon*, no meio da Amnesia. Mexi os braços e as pernas não-tão-cansados ao som da música com os meus dois novos amigos.

E, muito sinceramente, há muito tempo que não me divertia tanto.

Hermana

A Marta e o Alberto eram dados ao convívio. O Alberto dançava com a energia caótica de um gorila que tinha levado um tiro no rabo, exibindo o peito peludo, enquanto a filha se mostrava dotada de igual falta de constrangimentos, mas, ao mesmo tempo, de consideravelmente mais ritmo. Ela era adorável, já agora. Quando se chega aos 70 anos, os jovens ignoram-nos ou passam a ser condescendentes connosco. A Marta não tinha nenhum desses instintos. Tratava-me como uma verdadeira amiga, e há muito tempo que eu não tinha nenhuma.

Dançámos durante mais algum tempo, embora o nosso trabalho estivesse feito. Bem, metade do nosso trabalho. Não podíamos ter feito mais para espalhar a palavra sobre a manifestação, mas precisávamos de mais uma coisa. Não só de vinte mil pessoas, mas também de oitenta mil euros. E até ao dia seguinte. Bem, já estávamos no dia seguinte. Eram três e meia da manhã. Uma hora do dia que eu só via quando precisava de me levantar para ir fazer chichi.

Mas eu tinha um plano. Se bem se lembra, eu era uma daquelas professoras que fazia todos os possíveis para que os alunos do 9.º ano entendessem a emoção da melhor disciplina do mundo. Por isso, costumava dar uma aula sobre a matemática dos jogos de cartas. Solitário de pirâmides, guerra de frações, utilização da regra da ordem das operações para chegar o mais próximo possível de um determinado número com quatro cartas e — claro — o favorito de todos os matemáticos, o *blackjack* (ou vinte e um, mas até um fã de números como eu se perguntaria porque é que alguém lhe chamaria

isso, quando se pode chamar *blackjack*).

— Ibiza tem um casino, não tem? — perguntei ao Alberto e à Marta, enquanto nos dirigíamos para os táxis. Havia uma brisa fresca no ar, o que era maravilhoso. O tempo perfeito em Ibiza no verão acontece às três e meia da manhã.

— Sim — respondeu a Marta, um pouco cansada e desconfiada. — Na marina da cidade de Ibiza. Uma vez deixei lá o meu ordenado todo.

— Mas eu não estava contigo. Temos de lá ir.

O Alberto olhou para mim como se eu fosse uma nova espécie acabada de descobrir.

— Para ganhar *oitenta mil* euros?

Deixei a pergunta dele pairar no ar durante algum tempo. Reparei, no silêncio relativo, que o meu zumbido estava mais alto do que nunca. Mas não me importei com isso. O zumbido de uma noite de música alegre era uma coisa completamente diferente do zumbido que simplesmente existia sem qualquer motivo. Um negativo sem causa é uma fonte de profunda miséria. Por isso, se conseguirmos dar a um negativo uma causa positiva de igual valor, podemos transformá-lo num zero.

Passados oito segundos, respondi ao Alberto.

— Hum. Sim. Eu sei que, em circunstâncias normais, não seria inteiramente ético usar os talentos desta maneira. Mas há muito pouco nestas circunstâncias que seja normal. Mas vocês os dois vão para casa. Já é muito tarde e amanhã vai ser um grande dia.

A Marta abanou a cabeça e abafou um arrote. Estava um pouco embriagada e tinha um confete colado à testa. Eu tirei-lho.

— *Gracias, hermana* — disse ela. («Obrigada, irmã.» Gostei da ideia.) — Fiz uma sesta antes de vir para cá. Só preciso disso. Posso nunca ter experienciado uma bênção de *La Presencia*, mas nasci em Ibiza. Os meus ritmos circadianos são negociáveis.

Assim, quando entrámos no táxi, a Marta indicou a direção.

— Olá, senhor taxista — disse ela, fingindo ser inglesa, para meu divertimento. — Casino de Ibiza, por favor.

E lá partimos, com uma maquia que entre todos totalizava quarenta e sete euros.

Louro

O Casino de Ibiza situava-se no bairro abastado conhecido como *milla de oro*. Inspirei o ar ameno e olhei em redor para os apartamentos modernos e caros e para os iates modernos ainda mais caros, com palmeiras espaçadas ao longo da estrada e canteiros de flores bem cuidados e ajardinados perfeitamente aparados.

Depois de pagarmos o táxi, uma gata saiu de debaixo de uma sebe e aproximou-se do Alberto. Uma gata vadia tricolor. Uma gata cheia de perguntas, de filosofia e de curiosidade. Os animais adoravam o Alberto. Ele era um íman para eles. Agachou-se com um tremor por causa dos seus joelhos velhos e afagou a bichana enquanto conversava um pouco com ela.

A Marta, como sempre, tinha um espírito de frustração bem-humorada para com ele.

— *Papá*, agora não é altura de te armares em Dr. Dolittle.

— Ela está a falar-me do prazer de ver os faróis. Gosta de ver as luzes dos carros em movimento e da carícia da brisa...

Depois despediu-se e desejou à bichana boa sorte para a sua caça ao rato. Em tempos, eu tê-lo-ia considerado louco, mas agora percebia que ele simplesmente compreendia coisas que os outros não alcançavam. Talvez a loucura fosse isso mesmo: a solidão de compreender o que os outros não conseguiam.

O casino em si também seguia uma linha estética bilionária. Design modernista. Um loureiro num vaso, no exterior, tão imaculadamente aparado que parecia ter acabado de ganhar um concurso de topiária. O exterior do edifício era de aço envelhecido, com um aspeto

artisticamente enferrujado. Não se conseguia ver o interior, mas estava iluminado de tal forma que parecia encerrar alguma espécie de paraíso decadente.

Nunca tinha estado num casino na minha vida. Tinha ido uma vez a uma sala de bingo, com a Angela, da loja de caridade, mas isso era muito diferente. O segurança — cabelo penteado para trás, fato elegante, símbolo do infinito tatuado no pulso — disse-nos que não podíamos entrar.

— Lamento, mas estamos cheios — disse ele. — E vocês estão todos vestidos de forma demasiado informal. Olhou para a Marta e para a purpurina no rosto dela. Depois apontou para o Alberto, com os seus calções rasgados, chinelos de enfiar no dedo, camisa havaiana aberta e uma floresta de indecorosos pelos no peito. — Principalmente o cavalheiro. O nosso casino é sofisticado.

A Marta começou a falar com ele em espanhol, de forma séria e com muitos gestos, mas a conversa não estava a correr bem.

— Faça-o mudar de ideias — sussurrou-me o Alberto. — Está a ser muito difícil para mim. Ele está cerrado como... — Procurou a comparação poética perfeita: — o ânus de um coelho.

Portanto, tentei, ora bem... *descerrar* a mente do porteiro. Na verdade, era consideravelmente mais fácil entrar lá do que no casino.

Chamava-se Javier. Era natural de Cádiz. Gostava de nadar, de ver combates de MMA e de comer carne de porco e pimentos *padrón*. Recentemente, tinha sido infiel à mulher com uma turista escocesa que conhecera na praia de Playa d'en Bossa. A turista chamava-se Alice.

Como tal, comecei a fingir que ele era alguém que eu conhecia, mas que só agora tinha reconhecido.

— Javier! — disse eu. — Tu és o Javier, não és?

Ele olhou-me com desconfiança. A sua mente era um deserto laranja de confusão.

— Hum. Sim.

— É tão bom conhecer-te! Sou a Helen!

O Javier franziu o sobrolho.

— Helen? Não conheço nenhuma Helen. Agora, por favor, não se importa de se desviar...

— A mãe da Alice. — E depois, sentindo-me atrevida: — *La madre de Alice*.

Foi como se eu lhe tivesse dado uma bofetada. Ele ficou sem palavras.

— Ela mostrou-me a vossa fotografia — continuei, fazendo a minha melhor imitação de mãe inocente. — Aquela em que estão numa bonita discoteca à luz do dia. Ah, e aquela em que estão a beber caipirinhas num café cheio à beira-mar em San Antonio. O Café

Mambo. Ela disse que tu eras um homem adorável. Que só querias a felicidade dela.

O Javier estava nervoso. O seu colega, um tipo atarracado que emanava uma vibração sardónica e agitada, observava-o com interesse.

— Não faço ideia do que está a falar, minha senhora.

— Pobre Alice — continuei, agora a divertir-me. — Está completamente apaixonada por ti. Quer contar a toda a gente. — Inclinei-me para lhe dar uma palmadinha no peito e um sussurro em tom de conspiração. — Mas eu disse-lhe que *se calhar* tu não queres que o mundo inteiro saiba. Sobretudo uma *certa pessoa*.

Ele engoliu em seco. Anuiu com a cabeça. Tinha percebido.

— O que é que pretende?

Respirei fundo e disse no meu tom mais razoável:

— Gostava muito que eu e os meus dois amigos pudéssemos jogar uma partida de póquer.

O Javier parecia derrotado. Eu só tinha visto aquela expressão uma vez. Nos olhos do nosso lulu-da-pomerânia quando percebeu que tinha sido castrado.

O pobre coitado fez-nos, então, sinal para passarmos.

A Marta deu-me uma cotovelada, abafando uma gargalhada. A sua mente sonolenta ficou de repente tão vibrante como um céu preenchido por fogo de artifício.

— Olha para nós — disse ela. — Armados em Ocean's Three.

— Muito bem, mostrem desconfiança — disse o Alberto, nada desconfiado. — Vamos ao trabalho.

Roleta

Havia uma solenidade tranquila no interior. Dasquelas que podemos encontrar numa igreja. Pessoas sentadas às mesas ou debruçadas sobre as roletas, em orações silenciosas.

Passámos pela mesa de *blackjack* e a Marta fez uma expressão de interrogação, mas eu abanei a cabeça. Não valia a pena tentar ganhar dinheiro a jogar *blackjack*, porque qualquer pessoa determinada e com conhecimentos básicos de adição e subtração é capaz de aprender a fazer batota no *blackjack* contando as cartas. Atribuindo às cartas abaixo de sete +1 e às cartas acima de sete -1, é possível calcular a probabilidade de a carta seguinte ser alta ou baixa. Os casinos estão sempre à procura das pessoas que fazem isto. A roleta era mais segura. Por isso, foi para lá que nos dirigimos.

Toda a gente apostava com segurança no preto, no vermelho ou em várias linhas, mas isso não nos servia de nada. Uma aposta numa cor apenas duplicaria o nosso dinheiro, enquanto uma aposta num único número dar-nos-ia um rendimento de 35 para 1. E 35 x 47 render-nos-ia 1645 euros, e 1645 é um número jeitoso. Por isso, senti-me confiante quando nos sentámos à roleta.

Ficámos a observar durante algum tempo e o Alberto apercebeu-se de que só conseguia prever o resultado depois de a roda estar a girar, enquanto eu conseguia ver o número vencedor duas, três ou mesmo quatro voltas antes. Portanto, a decisão cabia-me a mim. Para grande estupefação, coloquei as fichas — todas — no número que tinha visto, que era o 33.

— São os meus anos! — disse a Marta, em espanhol, àquele

pequeno grupo, celebrando com entusiasmo o seu aniversário inventado enquanto me abraçava. — *Tengo 33 años.*

— É verdade — acrescentei. — E ela é a minha amiga da sorte! Portanto, 33!

A roda girou e, quando a bola começou a saltitar, eu nem sequer estava nervosa. Sabia tão bem o que iria acontecer dali a um minuto como me lembrava do que tinha acontecido um minuto antes.

Portanto, foi isso que aconteceu. A bola aterrou no 33. O bom, velho e teimoso 33.

Tentámos outra vez, mas eu sabia que, se apostasse num único número, as pessoas iriam desconfiar. Afinal de contas, a probabilidade de ganhar uma vez era realista: uma em trinta e sete. Mas, para acertar em dois números de seguida, as probabilidades são muito maiores, já que:

$$1/37^2 = 1/1369$$

A beleza da roleta é a quantidade de opções que nos oferece. Podemos optar por um único número, por dois números adjacentes, por três números horizontais dispostos no feltro, por uma coluna inteira, por doze números de uma só vez, pela primeira ou segunda metades ou por todos os vermelhos ou todos os pretos. Essa variedade é tentadora. Tal como na vida, é possível pesar os riscos e as recompensas inerentes e agir em conformidade. É tão apelativo para os conservadores como para os audazes.

Por isso, a pedido do Alberto, optei por duas apostas de cor em vez de números individuais. Depois, quando a Marta se ausentou para ir à casa de banho, fiz uma aposta errada deliberada por um valor mais baixo em dois números adjacentes. Em seguida, apostei em grande nos primeiros doze números. Nessa altura, já tínhamos amealhado mais de quinze mil euros e começávamos a chamar as atenções.

— Temos de ser mais parecidos com chocos, não com peixes-palhaço — murmurou o Alberto. — Assim, toda a gente nos vê.

Foi então que me voltou à memória o homem por quem tinha passado na cidade de Ibiza. Ele não só tinha perdido na noite anterior como, quando tentei ver quem lhe ganhara, percebi que estava a jogar com alguém muito parecido com o Art Butler.

— Póquer — sussurrei ao Alberto.

Nesse preciso instante, a Marta regressou da casa de banho com ar de quem tinha visto um fantasma. Olhei para ela. O Alberto olhou para ela. Ambos percebemos de imediato.

Ela tinha acabado de ver o Art Butler. Ele estava no casino. Na sala de póquer.

O turn e o river

Pegámos nas nossas fichas e dirigimo-nos para o santuário interior que era a sala de póquer.

— Esperem — disse eu, antes de entrarmos.

A Marta inclinou a cabeça.

— Esperar *o quê?*

— Tu não devias entrar.

O Alberto apoiou-me.

— A Grace tem razão. O Elvis Presley. O rádio. O copo de vinho. Era um aviso para ti. Tens de te afastar...

— E o Alberto tem de ficar com ela — sugeri, enquanto um rugido distante de aplausos nos chegava da mesa de bacará. — Tem de se certificar de que ela fica em segurança.

A Marta não estava a gostar nada da conversa.

— Mas não a podemos deixar ir lá sozinha.

— Sou uma menina crescida. Vou ficar bem.

O Alberto produziu um gemido relutante e entregou-me as suas fichas. Depois, a filha fez o mesmo.

— Está bem — suspirou. — Mas não nos vamos afastar muito.

E foi assim que me dirigi para o silêncio tenso da sala de póquer e para o mistério aterrador que era o Art Butler.

O Art estava sentado junto de outros jogadores, com uma camisa de linho amarrotada e uma carranca a condizer. Olhava para as suas cartas com uma concentração fixa. No entanto, tirando isso, não havia muito que eu conseguisse sentir. Era como tentar ver alguma imagem num quadro de Jackson Pollock. O que quer que houvesse dentro dele

estava demasiado emaranhado e zumbia com uma força proibitiva.

Por isso é que a Christina nunca soubera quem a queria matar. Porque ele era quase incognoscível. A sua mente parecia o Forte Knox.

Uma mulher com um leque em tom de tangerina estava encostada ao seu ombro, mas ele mal reparava nela. Parecia cansado como uma vela derretida, mas também estava claramente determinado a ganhar aquele jogo. E ganhou.

Sentei-me e coloquei o valor da participação, uma ficha preta de cem euros, sobre o feltro verde da mesa.

O Art olhou para mim. Eu continuava sem fazer a mínima ideia do que ele estava a pensar, mas ele realmente agia como se nada se passasse.

O meu plano era ganhar algum dinheiro e tentar entrar na mente dele.

Dois coelhos de uma cajadada só.

Agora, antes de continuar, devo dizer que nunca tinha jogado um jogo de póquer na minha vida. Nunca fez parte das minhas aulas de jogos de cartas do 9.º ano e eu nunca tinha ido a um casino. No entanto, de repente percebi que seria capaz de jogar. Tinha visto filmes suficientes e lido livros suficientes que apresentavam o póquer de tal forma que eu — com as minhas capacidades mentais ampliadas — podia agora jogar, mesmo sem precisar de ler a mente de ninguém.

Portanto...

Texas Hold'em.

Além de mim e do Art Butler, havia mais seis jogadores.

Eram eles: Melissa, uma advogada rica da indústria musical anglo-americana com 50 anos, conselheira online de assuntos relacionados com a saúde e o bem-estar, que, naquele momento, estava com uma grande moca de cocaína. José, de 81 anos, dono de um restaurante. Um ex-bilionário alemão recém-divorciado chamado Dietmar, que herdara uma empresa farmacêutica e tinha à sua espera uma curta caminhada de regresso ao seu iate. Um americano de Atlanta, ligeiramente embriagado e sentimental, chamado Benjamin, que estava hospedado no hotel *spa* do Art Butler, a convite do seu patrão, e tinha estado a dançar na discoteca Pacha ali ao lado, mas tinha saudades dos cães, da mãe e do namorado que deixara em Milão. A parisiense Anne, que sofria de insónias e trabalhava em gestão de ativos, que escrevia poemas eróticos que nunca ninguém lera e que não tinha conseguido concentrar-se no seu romance na cama do hotel e não quis ficar acordada e deprimida ao lado do marido. E um negociante de arte italiano chamado Flavio, que tinha tríceps esculpidos por Miguel Ângelo. Este era o homem por quem eu tinha passado antes. Aquele que tinha perdido para o Art na noite anterior e voltava agora para mais. E, claro, o próprio Art Butler.

Mesmo ali ao lado e tão distante ao mesmo tempo.

Na primeira jogada, não tinha nada e desisti cedo. A segunda jogada decorreu quase da mesma forma e o Art ganhou em grande, graças a um *flush* de espadas. Tentei lê-lo novamente, mas não vi nada. Nenhuma informação, nenhuma emoção, nenhum texto psíquico ou contexto. Eu sabia que tinha de o vencer, porque estava convicta de que a vulnerabilidade era a forma de eu entrar, e até ao momento não havia vulnerabilidade evidente — ou sinais dela sequer.

Foi na terceira jogada que tudo se tornou mais interessante.

Após o *flop*, eu tinha um par de seis. Depois, a quarta e a quinta cartas foram reveladas à mesa, ou seja, o *turn* e o *river* (eu já conhecia não só as regras do póquer, mas também os seus termos bastante poéticos). Agora eu também tinha dois reis.

Uma mão bastante forte.

Sondei o resto da mesa.

A Melissa tinha um par de três. O Dietmar tinha uma mão forte — um *straight* — e sentiu-se bastante confiante quando pôs uma boa pilha de fichas para aumentar a aposta. Estávamos a jogar para 1400 euros. Se eu não igualasse a aposta do Dietmar, teria de desistir. Por isso, igualei-a. A Anne, o Benjamim e o José não tinham nada, e todos eles desistiram. O Flavio tinha um oito na mão para igualar o oito da mesa. Ele refletiu um pouco e depois desistiu também. O Art aumentou a aposta. A Melissa foi a jogo.

Estava na altura de implantar uma dúvida na mente do Dietmar. O que foi fácil. A mente dele era a mais macia e maleável em que eu tinha entrado desde a do pobre Brian no restaurante da praia. E a dúvida que lhe implantei foi simples: *Passa-se aqui qualquer coisa de errado*.

De repente, ficou tão nervoso que acabou por desistir, para sua própria confusão.

— Porque é que eu fiz isto? — perguntou, em inglês.

Agora só restávamos eu, a Melissa e o Art.

A Melissa já começava a sentir-se paranoica e ansiosa, porque estava a começar a ressacar da cocaína e a prometer a si mesma fazer uma semana inteira de *ashtanga yoga* e beber sumo de vegetais depois das férias, portanto, saltou fora. Fiquei só eu e o Art. Ele olhou para mim. Eu olhei-o nos olhos. E, pela primeira vez desde que me havia sentado à mesa, apanhei uma abertura, um pequeno rasgão no seu tecido mental. Não desperdicei o momento. Entrei logo pela janela de modo furtivo, como um ladrão.

Vi que ele tinha uma mão semelhante à minha, enquanto bebia o seu *whisky*. Dois pares. Dois quattros e, tal como eu, dois seis. A diferença era que os meus dois reis superavam o seu par inferior. Mas não eram apenas as cartas que eu queria ler. Como tal, aproveitei a

minha oportunidade para ir mais fundo.

Contradições

Amente do Art Butler era uma floresta de contradições. Não havia nada de particularmente bom nela, mas continha muitas forças em oposição.

Estava cheio de orgulho e de vergonha, de ego e de insegurança, de frio e de calor, de medo e de determinação, de apatia e de paixão, de reserva e de impulsividade, de tudo e de nada. Ele era um paradoxo sentado à mesa. Uma forma de vida com falhas terminais. Em suma, um ser humano.

Mas. Mas. Passava-se mais qualquer coisa. Havia mais na mente dele do que eu conseguia alcançar. Algo que estava lá, mas não estava. Um elemento invisível, algo que confundia escuridão e luz, uma *penumbra* misteriosa à espreita na caverna da sua psique. Algo magoado, triste e dorido.

Não o quero fazer parecer demasiado enigmático ou carismático. Ele era um assassino. Tinha matado o político Ricardo Martinez. Talvez outros. E teria matado a Christina. E estava preparado para matar a Marta. Mas conhecer é conquistar. E eu queria conhecê-lo.

Outra coisa que me chamou a atenção foi a sua espécie de ânsia mental. Imaginei-o como um buraco que se ia desmoronando à medida que ele o tentava preencher. Ele estava lá dentro. No buraco. Em eterna queda livre. Valia 889 milhões de libras e ansiava por chegar aos mil milhões. Tinha um iate enorme. Viajava para todo o lado, bebia e consumia à grande. Mas, na verdade, eu sentia que ele não estava a viver. Tinha substituído a ideia de vida por outra coisa, por um tipo de fome que não pode ser saciada.

Ele mostrou as suas cartas e eu mostrei as minhas. Ele encarou a derrota como encarava tudo: levou-a a peito. Quando juntei as fichas, a sua raiva aumentou. Consegui senti-la nos meus pensamentos como uma sombra num relvado.

Voltámos a jogar. Voltei a ganhar. Os seis tornaram-se cinco, quando a Melissa saiu do jogo. Depois quatro, quando o Dietmar saiu da sala a bocejar, derrotado.

Como conseguia ler mentalmente as cartas de toda a gente, sabia quando jogar e quando desistir. Sentia que tinha descoberto a chave da vida. Saber quais as mãos que nos permitem jogar e quais as mãos com que devemos desistir. E com que más mãos podia jogar e, ainda assim, ganhar. Nem sequer estava a tentar jogar pelo seguro. Queria enfraquecê-lo, torná-lo vulnerável. Corria o risco de o deixar zangado, mas o risco era maior se o deixasse em paz. Por isso, continuei.

Mas tenho de ser sincera.

Estava a *divertir-me*. E olhe que isso era um grande feito.

Diversão!

Eu. A pessoa que nunca se tinha dado ao luxo de comprar um bilhete de lotaria. Sei que deverá ser terrível uma ex-professora falar ao seu ex-aluno da alegria de jogar póquer às cinco da manhã, mas não se tratava do jogo. Era a sensação de estar a fazer algo impróprio para uma viúva velha. Sentia-me como César a regressar e a atravessar o Rubicão. *O turn e o river*. Como se naquela noite, ao correr riscos, eu tivesse deixado para trás uma versão antiga de mim mesma e expandido o território de quem eu era. Por vezes, as regras de quem se espera que sejamos têm de ser quebradas. Às vezes, temos de obedecer a algo mais profundo. Perguntei-me se o Karl aprovaria ou desaprovava o facto de eu estar em Ibiza, a usar os meus novos talentos paranormais para jogar póquer com um psicopata, e depois percebi que isso era irrelevante. Eu estava farta dos ditames dos fantasmas. Por vezes, era bom sair da linha, especialmente quando a malandrice era, na verdade, uma coisa boa disfarçada. No espaço de uma hora na mesa, eu tinha acumulado, juntamente com os ganhos anteriores noutras salas do casino, 56 mil euros. Por outras palavras, tinha mais de metade do montante de que necessitava. Senti que estava não só a dominar o jogo, mas também a dominar o misterioso Art Butler.

O *croupier* — um homem alto com problemas com a mãe — sorria para mim. Ele não gostava muito do Art Butler. E o Art limitou-se a ficar ali, sem dizer uma palavra. À nossa volta juntara-se uma multidão.

Estava tudo a correr bem.

Foi então que, depois de o Art perder a última jogada, o vi a sorrir para mim. E quando ele sorriu, senti um terror súbito, um sentimento

de ter entrado numa armadilha que não sabia que existia.

— Tem graça — disse ele, falando pela primeira vez enquanto me fitava do outro lado da mesa. — A peculiaridade do póquer é o facto de termos de descobrir a fraqueza de cada jogador. Aquilo que o irá distrair. Acho que descobri a sua. Ela está na outra sala.

Então, o seu rosto mudou e ele olhou para a saída com um olhar intenso. Até os outros jogadores repararam. Mas é óbvio que não se aperceberam do que estava a acontecer.

E, de seguida, aconteceu.

Foi nessa altura que ouvi o barulho crescente na outra sala. Um grito. E senti a força do medo a emanar da mente do Alberto. Chegou-me tão claramente como uma visão ou um cheiro, uma sirene de pânico.

A seguir, a sua voz distante.

— Marta!

Muito para absorver

Só porque algo aconteceu, não é obrigado a acreditar nisso. Eu limito-me a expor os factos tal como os recordo e deixar que os interprete da maneira que quiser. A única coisa que lhe peço é que deixe uma porta aberta na sua mente para a possibilidade. Nunca estamos na linha de chegada da compreensão. Há sempre qualquer coisa sobre a vida e o Universo ainda por descobrir. Foi essa a derradeira lição para mim. Que a qualquer momento, a linha da nossa existência pode ramificar-se. Estamos tão habituados a que se trate de uma linha reta, que acreditamos que a vida é só isso e, de repente, ela torce ou vira ou desenha um repentino ângulo reto.

Portanto.

Aqui vai.

Eis o que aconteceu, tal como me lembro.

Deixei a mesa de póquer e dirigi-me para a sala principal.

Quando lá cheguei, vi que a Marta estava estendida de costas no tapete com losangos, com as suas garridas calças às riscas e a t-shirt do ponto azul-claro, a respirar a muito custo. Um pequeno grupo pairava sobre ela. Abri caminho por entre essas pessoas. As faces dela exibiam uma ligeira tonalidade púrpura, o seu cabelo rebelde estava ainda mais em desalinho do que o habitual, como se tivesse estado envolvida numa luta. Juntou-se muita gente. O Alberto encontrava-se de joelhos ao lado dela. Ergueu o olhar com um medo pueril. De olhos esbugalhados.

— Grace, ele apanhou-a... Faça alguma coisa... Eu tentei... Ele é demasiado forte...

— Marta?

Ela estava agarrada ao pescoço. Eu conseguia sentir a sua traqueia apertada. As pessoas pediam aos funcionários que acorressem. Uma funcionária, ainda na mesa de *blackjack*, estava ao telefone a chamar uma ambulância. Mas, de repente, parou. O aparelho começou a aquecer e ela soltou-o instintivamente com um movimento brusco do braço. O telefone partiu-se, incendiou-se e ficou reduzido a cinzas.

Era ele. Ele continuava sentado na mesa de póquer, a usar as suas capacidades mentais para fazer o que bem entendesse. Era aterrador. Enfrentar aquele tipo de poder assassino. Ver de que modo o mal conseguiria vaguear livremente, se não existissem os limites habituais da lei e da realidade.

Ajoelhei-me.

— Marta, está tudo bem, está tudo bem... — Uma coisa absolutamente ridícula de se dizer, dadas as circunstâncias. Mas se a minha mente conseguia obrigar homens adultos a espetarem garfos nas pernas e aquários de lagostas a rebentarem, eu tinha quase a certeza de que haveria de conseguir fazer alguma coisa a uma escala mais pequena e mais próxima, tal como expandir as vias respiratórias de uma traqueia constringida, literalmente a centímetros de distância. Eu sabia que tinha de agir rapidamente. Sabia que, se ela fosse levada numa ambulância, poderia nunca mais voltar.

Eu tinha uma escolha a fazer. Ou voltava para a sala de póquer, para lidar com o Art e anulá-lo, ou ficava com a Marta. Empurrar ou puxar. O fogo ou a queimadura. Fiquei com a Marta.

Eu sei o que lhe disse antes. Sobre a minha mente ser agora equivalente a um corpo e, tal como os corpos se conseguem deslocar no espaço físico, a minha mente parecia subitamente capaz de vaguear ativamente para outros lugares e ignorar barreiras, e sobre eu agora sentir que a energia de um desejo vinha acompanhada de poder. Bem, isso continuava a ser verdade.

Mas foi difícil. Foi mais difícil do que qualquer outra coisa que eu já tivesse feito. Eu desejava com todas as minhas forças que a Marta respirasse livremente, mas sentia-me como se estivesse a empurrar mentalmente uma parede. Não. Analogia errada. Era mais como um jogo da corda. Pequenos avanços — respirações ofegantes — seguidos de uma sensação de demasiada fraqueza.

Porque, claro está, havia uma força contrária a pressionar cada desejo, a empurrá-lo na direção oposta.

Foi então que toda a sala ficou em silêncio. Já não havia vozes nem pensamentos a pairar no ar. Porque toda a gente tombara no chão. As pessoas não se esforçavam para respirar, como a Marta. Tinham apenas ficado com a consciência temporariamente desativada. Como quando um hipnotizador põe alguém a dormir. Só que em

massa e sem conversa. A única exceção era o Alberto, que — devido aos seus talentos — se revelava um pouco mais difícil de controlar. Mas, ainda assim, estava a ser empurrado para longe da Marta, como se estivesse a enfrentar um furacão, até ficar encostado a uma *slot machine*.

— Ele apanhou-me — conseguiu dizer a Marta, a sua mão a agarrar-se à minha para depois perder de novo as forças.

A sua voz não passava de um silvo áspero. Os seus dedos abriram-se como pétalas. O plano dele era claro. Iria matar a Marta e safar-se-ia sem represálias. Eu não podia deixar que isso acontecesse.

Mudei de tática. Ao invés de me concentrar na expansão das vias respiratórias dela, fitei a sala de póquer e concentrei-me em afastar o Art. Só que ele não estava na sala de póquer.

Estava ali parado, sobre aquela multidão de corpos caídos. Segurava o copo de *whisky* enquanto o seu sorriso se encurvava como a cauda de um gato.

— Olá, Grace — disse ele. — Como tem passado?

A garrafa em miniatura

Ao meu lado, a respiração da Marta estava cada vez mais fraca. O Alberto continuava preso à *slot machine*, com uma expressão de dor, enquanto tentava combater o poder do Art.

— Cometeu um grande erro — disse o Art, com uma voz de preocupação quase sincera, enquanto olhava para mim. — Nunca devia ter vindo para Ibiza. Devia ter-se deixado ficar onde estava, minha velha senhora. No seu sofá.

Mantive-me concentrada nele. Estava a infiltrar-me nele. A ver a verdade. Os políticos e os manifestantes que ele tinha ameaçado, ferido e matado. A sua indiferença pela vida sempre que escolhia um novo terreno. Mas também via a dor. Uma ferida aberta e denteada. Uma invisibilidade reluzente. Uma memória que não o abandonava. O seu pai morto, tal como ele o encontrou na garagem.

Lembrei-me do que o Alberto tinha dito.

Foi a única vez que La Presencia se tornou visível em plena luz do dia. E não foi com um adulto. Foi com um rapaz. Um rapaz inglês. Ele estava de férias na ilha. Quase se afogou. Nadou para muito longe da praia e ninguém conseguiu alcançá-lo. O pai viu-o, mas tarde demais. Ele foi ao fundo. Esteve submerso durante sete minutos. Estava morto, efetivamente...

Visualizei o Art em criança na praia. Naquela altura, tratavam-no por Arthur. Artie. A praia era Cala d'Hort. A mãe dele estava a ler um romance, e o pai, o *Times*, e ele estava farto de cavar buracos para apanhar as ondas. Por isso, decidiu ir à água.

Consegui vê-lo a nadar, distanciando-se cada vez mais, julgando-se capaz de chegar a Es Vedrà. Vi-o a olhar em redor e aperceber-se de

que estava completamente fora de pé, no meio de correntes demasiado fortes para nadar de volta. Senti o peso nos seus braços jovens que mal conseguiam dar mais uma braçada. Senti-o a debater-se, em pânico, com o queixo a descer abaixo da linha de água, a chamar pelos pais... O pai lá acabou por vê-lo. Levantou a cabeça como uma mola e deu impulso com a palma da mão sobre a areia para correr para a água. Braçadas desesperadas em *crawl* até junto dele, mas nunca lá chegou. O Artie nunca perdoou o pai por não ter olhado para o mar mais cedo. «Se dependesse de ti, eu estaria morto.» E o pai não conseguiu lidar com o que quase aconteceu e com o que tinha acontecido. Sentiu que tinha enlouquecido. Virou-se para a bebida e acabou por se enforcar, e a dor do Artie foi tão profunda que passou a andar com uma caixa de fósforos para poder acender uma chama debaixo da palma da mão para se distrair.

Ao ver o Art a beber o seu *whisky*, pensei que não podia ser. *La Presencia* não iria conceder dons a alguém que os usasse tão drasticamente para o mal.

— É aí que se engana — disse o Art, ainda a olhar-me de cima, enquanto a Marta deslizava para a inconsciência. Proferiu as palavras com os lábios, mas eu senti-as na minha mente. — Eu sei que pensa que é a pessoa mais especial aqui, Grace. Eu sei o que lhe disseram. Que os seus talentos são os melhores de sempre, pelo menos desde o Joan Bonanova. Mas isso é uma invenção. Não é verdade. Comparados com os meus, os seus talentos são, infelizmente, bastante medíocres. *La Presencia* abordou-me em *criança*. Estive com ela durante sete minutos inteiros enquanto os meus pais me julgavam morto. Todo o mar brilhou com o esforço. Eu tenho-a em mim. Ela escolheu-me a mim. Os meus pais não me protegeram, mas *La Presencia* protegeu-me. Salvou-me porque viu o meu potencial. Viu aquilo que eu podia ser. Eu dou dinheiro a ganhar a este lugar. Eu retribuo. Proporciono belas experiências...

— Não — repliquei, assistindo na mente dele a tudo o que dizia. Vendo tudo a iluminar-se como um mar escuro. — O senhor tira a vida. É isso que faz. Quer matar a Marta porque sabe que amanhã ela irá travar o *resort* de Es Vedrà com o seu protesto. Tal como sabia que a Christina o teria travado. Matou o Ricardo Martínez depois de ele ter bloqueado a candidatura de um dos seus *resorts*. Usa este poder que o mar lhe deu e faz coisas terríveis com ele. Escolhe os locais mais controversos e os *habitats* mais sensíveis só porque isso o faz sentir que controla tudo. Fá-lo sentir aquilo que não sentiu quando os seus pais não estavam lá para o salvar.

— E a Grace bem sabe que os pais podem ser muito negligentes...

A Marta tinha parado de respirar. Estava imóvel. Aquela quietude aterradora que eu conhecia bem demais.

— Não chore por ela. Ela não era nada de especial. Até *La Presencia* sabia disso. Pobre Marta, que nunca foi escolhida...

Ele queria que eu dissesse alguma coisa. Queria que eu comunicasse com ele. O ódio requer ódio. Mas eu percebi que não precisava de o fazer. Não precisava de falar com o ódio. Porque reparei no que o Alberto tinha na mão. A garrafa de rum. Lembrei-me do primeiro encontro com ele, quando me mostrou a sua garrafa de rum em miniatura. Lembrei-me de ele me ter explicado que a garrafa o tinha ajudado a ficar sóbrio depois da morte da mulher. Ele tinha-a agora consigo. Estava a tentar chegar até ela. Não conseguia mexer a mão para eu a ver, porque o Art o mantinha rigidamente preso. Mas não fazia mal. Porque eu conseguia ver a luz brilhante a passar-lhe pelos dedos. Eu sabia o que era. Extrato de *La Presencia*.

Por isso, não me concentrei no Art, nem na Marta, concentrei-me nos dedos do Alberto, grossos, envelhecidos e curtidos pelo sol. E abri-os. A garrafa caiu, e embora não se tivesse espatifado no tapete, o Art ouviu ou reparou, e a sua atenção dispersou-se por um segundo. E eu aproveitei para partir o vidro com a minha mente, libertando-a. *La Presencia* estava ali, uma pequena poça brilhante que se recusava a ser absorvida, e movia-se agora em direção à Marta.

— Para — ordenou o Art. — *Para!*

No entanto, ela não parou. Deslocava-se como uma criatura aquática sem pernas e luminescente, com um brilho cada vez mais intenso, e, ao chegar a Marta, subiu-lhe pelo cabelo e pela pele até à boca, fazendo-a tossir e abrir os olhos. Ela estava bem viva.

E aqueles olhos fitaram o Art, tal como eu fitava o Art, tal como o Alberto, junto à *slot machine*, fitava o Art. Ali estávamos nós. Todos dotados dos talentos que *La Presencia* tinha escolhido conceder-nos.

E foi então que aconteceu algo ainda mais incrível. O corpo da Marta começou a *reluzir*. Não muito, mas de forma indubitável, e não por muito tempo, mas por tempo suficiente. Cintilante e azul, com pequenos pontos de luz a percorrerem-lhe as veias como faróis numa cidade. Ou como mil peixes-lanterna no mar profundo, como o Alberto disse mais tarde.

De súbito, senti algo estranho dentro de mim. Uma sensação de *calma* total. O que era ridículo, dado que me encontrava rodeada por um monte de corpos desmaiados no meio de um casino a enfrentar um psicopata assassino com poderes inumanos. E essa calma fazia-se acompanhar de uma sensação de calor interior e de união. Senti que tinha faltado qualquer coisa até então. Quando olhei para a minha mão, vi pequenas luzes a correr nas minhas veias também. O mesmo se passava com o Alberto. Ele contemplava as mãos de forma incrédula e ria-se.

— Está a trabalhar em conjunto... está a unir-nos!

A Marta lembrou-se das palavras do seu cartaz e levantou-se, com a luz de *La Presencia* ainda a percorrer o seu corpo como um grupo de pirilampos.

— *Nos alzamos como el océano.*

O Art era um misto de confusão e consternação. Depois, olhou para as suas próprias mãos e sentiu-se aliviado por ver as luzes em movimento também nelas.

— Não me podem tocar!

Mesmo assim, ele estava preocupado. Sentia que não era a altura certa para atacar. E a preocupação foi suficientemente forte para o fazer recuar. Afastou-se, enquanto *La Presencia* se desvanecia em todos nós.

— Amanhã — disse ele, apontando para nós como se a palavra contivesse o terror do próprio destino. — Amanhã será o fim.

No casino, todos começaram a despertar do seu estado de inconsciência, confusos e com os olhos turvos, levantando-se aos poucos. Gerou-se uma nova onda de agitação na sala, desta vez com suspiros de espanto e perguntas murmuradas.

O Alberto franziu o sobrolho à filha.

— Não podemos simplesmente deixá-lo ir. Ele acabou de tentar matar-te... É um assassino.

— Nós conseguimos travar o hotel — disse a Marta. — Vai lá estar gente suficiente. E conseguimos arranjar o dinheiro, já não precisamos de muito mais. Podemos consegui-lo. O casino não fecha...

Quando o Art Butler chegou à porta, olhou em redor para todos os seres humanos que o fitavam. Estava prestes a dizer qualquer coisa. Senti um grande monólogo, meio formado, à espera por detrás dos seus lábios contraídos. Mas ele pensou duas vezes, e depois simplesmente saiu para o átrio, para lá dos seguranças, para o dia que estava a nascer.

Ficámos a vê-lo partir, mas não fizemos absolutamente nada por causa de todas as testemunhas. Eu regresssei à sala de póquer para recolher as minhas fichas, pensando para comigo: *Isto pareceu-me demasiado fácil.*

Porque tinha sido mesmo.

O ajuntamento

A Marta falava junto a um lago, com um calor sufocante. O sol dispersava a luz sobre a água como mil joias.

O lago era pequeno, no Parc de la Pau, onde nós e todos os manifestantes tínhamos chegado depois de um lento e barulhento ajuntamento pelas ruas da cidade de Ibiza.

O *Diario de Ibiza* diria mais tarde que tinham saído às ruas da cidade de Ibiza para cima de vinte mil manifestantes naquela tarde de quinta-feira. Na verdade, o número exato foi vinte e sete mil, quatrocentos e cinquenta e dois.

Ali se juntou todo o tipo de pessoas que se pode encontrar em Ibiza. Velhos e jovens. *Hippies* e empresários. Habitantes locais e estrangeiros. Ricos e pobres. Notívagos e praticantes de yoga. Modernistas e tradicionalistas. Radicais e reacionários. Os hipersaudáveis e os eternamente ressacados. Os barulhentos e os silenciosos. Vencedores e perdedores. Famílias e amigos e solitários. E tambores. Muitos tambores. Eu passava bem sem os tambores, para ser sincera.

Deixo-lhe um excerto do discurso da Marta, traduzido de forma aproximada:

«Quando eu e a minha amiga Christina nos ligámos à Internet e pedimos às pessoas que protestassem contra o empreendimento em Es Vedrà, eu estava à espera de umas cem pessoas. Ver-vos a todos aqui é verdadeiramente notável. Ibiza é um sítio especial. E gostava que a Christina pudesse estar aqui hoje. Ela teria adorado ver este espetáculo. Teria querido agradecer-vos a todos por terem vindo. Hoje

é o dia em que assumimos uma posição e dizemos às pessoas que detêm o poder que a Natureza é algo que queremos proteger... Porque quando eles destroem a Natureza, destroem uma parte de nós. Hoje é o dia em que dizemos à Sofia Torres que não queremos que as flores se extingam. Não queremos que abatam cabras. Não queremos mais acordos para destruir as partes mais preciosas desta ilha. Não queremos que o Art Butler e os seus *resorts* Eighth Wonder continuem a espezinhar esta ilha. Porque o que é bom para esta ilha também é bom para nós. Vamos continuar a preservar o que torna este lugar especial. Vamos continuar a agigantarmo-nos como o mar. E nós agigantámo-nos. E vamos ter com a Sofia Torres e o Art Butler e garantir que ela cumpre a promessa de que, se aparecêssemos antes do início da sua conferência de imprensa com mais de vinte mil pessoas e oitenta mil euros, ela retiraria o seu apoio ao acordo relativamente a Es Vedrà. O que faria com que o seu partido também o retirasse. O que faria com que não houvesse qualquer acordo. Portanto, é isso que vamos fazer! Vamos dirigir-nos ao hotel Eighth Wonder, em Talamanca, junto à praia de Talamanca, e vamos...»

Ela tinha jeito para aquilo. Andava de um lado para o outro, a agitar os punhos como uma estrela de *rock*. A multidão aplaudia nos momentos certos. Estava tudo a correr bem. E nós tínhamos oitenta e um mil euros, em dinheiro, no meu saco de praia.

Mais uma vez, eu estava a divertir-me. As pessoas pensam numa manifestação como uma expressão de fúria ou de enorme esperança, mas também pode ser algo bastante meditativo e curativo. Trata-se de fazer parte de algo maior. Uma espécie de altruísmo, no verdadeiro sentido da palavra. Como um arenque deve sentir-se a nadar num cardume com os seus companheiros.

Bastava-nos conduzir a multidão até ao hotel em Talamanca antes do início da conferência de imprensa da Eighth Wonder, às cinco da tarde e mostrar o dinheiro e as pessoas à Sofia Torres, para ela cumprir a sua promessa ou enfrentar a ira de toda a ilha.

Mas havia algo de errado. Havia qualquer coisa no plano que não batia certo.

Só me apercebi disso porque estava ao lado de uma jornalista — a Rosa Piera, de 38 anos, hipocondríaca, divorciada há pouco tempo, com uma mente que fazia lembrar um parque de diversões frenético à chuva — que tinha acabado de receber uma mensagem de WhatsApp de um colega a avisar que a conferência de imprensa teria lugar dali a meia hora em Cala d'Hort. Na praia propriamente dita.

O Alberto apercebeu-se.

— Temos de avisar toda a gente.

— Não. Pensa bem. É uma viagem de vinte minutos de carro. Se todos nos dirigirmos para lá, nunca conseguiremos chegar. As estradas

vão ficar bloqueadas. E se o Art lhes fizer alguma coisa? É um risco demasiado grande. Vamos esperar pela Marta e prosseguir.

O Alberto suspirou. Eu sabia o que ele estava a pensar. Ele já tinha ouvido o discurso da Marta, e era bem *longo*.

— Temos de ir *agora*. Já. Deixamos a Marta aqui. Nós conseguimos resolver isto. Já apareceram mais de vinte mil pessoas no protesto, por isso essa parte está feita. Só precisamos de mostrar o dinheiro à Sofia e de sermos filmados a fazê-lo, e se o Art se revelar um problema, nós lidamos com ele. Vamos! *A la playa!*

Um saco de areia

A conferência de imprensa estava prestes a começar.

Havia um pequeno palco montado na praia, com jornalistas sentados em cadeiras na areia e um pequeno corredor entre eles. Como se se tratasse de um casamento. Ou de um funeral. Es Vedrà aparecia em grande plano ao fundo, escuro, poderoso e belo, como uma verdade sombria e inescapável.

A Sofia Torres e o Art Butler estavam sentados no palco, atrás de uma mesa onde se viam papéis e garrafas de água, junto à relações-públicas do Art Butler, que estava prestes a fazer a apresentação. A Sofia olhava para o relógio.

O Alberto pôs-se a percorrer a areia enquanto gritava numa mescla de castelhano, catalão, inglês e dialeto de Alberto para que parassem com a conferência de imprensa.

A relações-públicas do Art Butler, uma pessoa com uma mente instável chamada Alison, limitou-se a olhar para um segurança na fila de trás e estalou os dedos.

— Paco?

— Não vou causar problemas — continuou o Alberto, enquanto eu tentava acompanhá-lo na areia. — Só tenho uma coisa importante para dizer à Sofia Torres. Há um vídeo dela na Internet no qual ela se mostra disponível para travar o empreendimento em Es Vedrà se nós conseguíssemos arranjar vinte mil manifestantes e oitenta mil euros. Bem, posso confirmar que, neste momento, há muito mais gente do que isso a marchar pelas ruas da cidade de Ibiza. E na mala da minha querida amiga temos oitenta e um mil euros em dinheiro, que...

A Sofia estava a sentir-se profundamente desconfortável. Abriu a garrafa de água.

— Falamos sobre isso depois.

— Não — disse o Alberto, dando um passo em frente. — *Vamos falar sobre isso agora*. Foi feita uma promessa.

Os jornalistas estavam a olhar para nós. Senti a atenção deles em mim como uma flor sente uma prensa, mas mantive-me firme. Olhei em redor. Apercebi-me de que não havia mais ninguém na praia. A loja da praia estava vazia. Até o restaurante estava vazio. Reparei, então, no aquário novo. E nas lagostas novas. Mas o barco do Alberto estava lá. O velho e frágil *Neptuno*. A balançar nas águas. E o seu barco a remos ainda mais velho, outrora da sua avó, ao longe.

A Sofia virou-se para o Art.

— Peço desculpa por isto.

Ele sorriu. Aquele sorriso desconcertou-me. Não o conseguia compreender. Demorara uma hora a entrar na mente dele na noite anterior. Mas tinha quase a certeza de que o sorriso era genuíno. Lembrava-me de ele ter saído voluntariamente do casino na noite anterior. Com demasiada facilidade. Aquilo era tudo uma armadilha.

— Acabou, Sra. Winters.

Foi a gota de água. Fui até junto deles e pousei a mala na mesa. Abri-a e mostrei-lhes o dinheiro.

— Está tudo aí.

— É tarde demais — disse a Sofia, tapando o microfone com a mão. — O acordo já foi assinado.

— Não — disse o Alberto, apoiando-me. Lançando mais um «não» inútil ao ar. — Nós temos o dinheiro. Nós *temos o dinheiro*, Sofia.

— Infelizmente, não têm — contrapôs a Sofia.

— O quê?

— O casino quer o dinheiro de volta. Acham que foi ganho injustamente. Várias testemunhas afirmaram ter-vos visto levar as vossas próprias cartas para a mesa de póquer.

Abanei a cabeça.

— Isso é mentira. O Art está a fazê-los pensar isso. É isso que está a acontecer.

A Sofia encolheu os ombros.

— Sinto muito. Mas agora vocês têm de ir.

O Alberto ficou a olhar fixamente para ela.

— Tu não sabes, mas eu também sou do norte desta ilha. Somos da mesma aldeia, Sofia. Santa Agnès de Corona. Eu já era adulto antes de tu nasceres, mas eu estava lá. Na casinha em frente à igreja. A casa com a amendoeira à janela.

— Eu sei qual é...

Por momentos, perguntei a mim própria o que estaria o Alberto a

fazer. Mas depois vi a memória dela. Era ela em criança, a vê-los a carregarem o caixão da avó do Alberto para o outro lado da rua, para a igreja.

— Eu sou desta ilha, como tu — insistia ele. — E tal como tu, e ao contrário *daquele homem ali*, quero o melhor para ela. Lembro-me dos tempos em que viajar do norte para o sul demorava meio dia e não meia hora. Eu gostava disso. Era preciso respeitar a forma da terra. A topografia. Havia que respeitar as colinas. Os pinheiros e o solo. Tudo isso. E isso ajudava-nos a mantermo-nos completos também. Se destruirmos a Natureza à nossa volta, destruímos rapidamente a natureza dentro de nós.

— Os tempos são outros — disse a Sofia, calmamente, enquanto olhava para a praia em direção a um agente da Guardia Civil. Aquele carrancudo e difícil com quem eu tinha falado e que caminhava agora sobre a areia na minha direção. Carlos Guerrero. Aquele que tinha o sonho recorrente com um leão a urinar-lhe em cima.

— Fazer batota num casino é ilegal — disse o Art. — Aqui em Ibiza levam isso muito a sério. E com toda a razão.

Senti-me péssima, fraca e inútil, ali parada naquele calor.

O Alberto parecia mais aborrecido do que zangado, com os pés na areia e a olhar para o mar atrás do Art.

— *Hijo de puta.*

— Vou contar a verdade — disse eu ao Art, num tom de desafio destemido que nunca havia experimentado. — Vou contar à polícia. E vou contar a toda a gente. Vezes e vezes seguidas. Até acreditarem em mim. E eu consigo fazer com que acreditem.

O Art ignorou as minhas palavras e manteve-se imóvel na sua cadeira, de olhos postos em mim.

— Parece doente — disse ele. — Parece cansada. Não se quer sentar?

Ele estava a armar alguma. Eu tinha a certeza. Apercebi-me de que sempre que nos parecia que tínhamos alguma vantagem sobre ele — como na noite anterior, no casino — isso era apenas porque ele *queria que nos sentíssemos em vantagem*.

— Grace? — A voz do Alberto rodopiava na minha cabeça.

A Sofia levantou-se. Ouvi a voz dela a vir na minha direção.

— Sente-se bem? Quer sentar-se?

— Estou...

De repente, tudo pareceu muito pesado, como se o peso do céu se abatesse sobre os meus ombros, e depois senti tudo a andar à roda e cambaleei para a frente, tentando equilibrar-me, com os olhos fixos no olhar do Art, seguindo a inclinação da praia até chegar quase ao mar. E foi nessa altura que caí.

Salácia

Encontrava-me entre as árvores altas e o mar brilhante, presa naquele outro mundo.

A praia da verdade

— **P**orque é que estou aqui outra vez?

Estava tão fraca que demorei alguns instantes a reparar na bicicleta vermelha deitada na areia. Eu conhecia aquela bicicleta. Até sabia o modelo. Era a única bicicleta do mundo que eu conhecia assim tão bem. Uma velha *BMX* vermelha dos anos oitenta.

E depois reparei nas pegadas na areia.

A afastarem-se da bicicleta, em direção às árvores.

Segui as pegadas até à floresta, cada passo uma luta crescente, mas continuei. Eu queria a verdade que a Christina havia prometido.

Por fim, alcancei-o. Um rapaz sentado de pernas cruzadas no chão. À sombra. Quando me aproximei, vi que trazia vestida a camisola com cornucópias que tinha feito na aula de têxteis, e que a pele do seu rosto reluzia com sangue escuro. Tinha o cabelo empapado de sangue. Mas sorriu quando me viu.

Era ele. Pude finalmente vê-lo. A verdade dele. Ele não estava em Salácia. Mas estava naquela visão salaciana, que, tal como todas as minhas visões salacianas, tentava mostrar-me a realidade de algo há muito negado.

O nosso filho. O nosso lindo e querido menino.

— Daniel.

Corri e abracei-o.

— Não chores, mamã. Por favor, não chores.

Era a voz dele. Era exatamente a voz dele. Ali mesmo, como se nada tivesse acontecido durante trinta e dois anos.

— Daniel, desculpa. A culpa foi minha. Devia ter tomado conta de

ti. Não devia ter-te deixado sair de bicicleta com aquela chuva.

— A culpa não foi tua, mãe. Não foi culpa de ninguém. Eu estava zangado sem razão nenhuma...

— Querias ir às compras comigo e eu não fui. Porque estava a chover.

Ele abanou a cabeça. Resoluto.

— Não. Não. Eu não queria que fosses. Queria estar sozinho. Eu saí para estar sozinho. Desculpa, mãe, mas tu estragavas-me o estilo.

— E... Eu... — É difícil abrir mão da culpa. Por isso, gaguejei durante algum tempo. — Mesmo assim, não devia ter-te deixado sair com aquela chuva.

— Não tiveste oportunidade de me dizer para não ir. Eu já ia a descer a Wragby Road quando percebeste que eu não estava em casa.

Era verdade. Era tudo verdade. Mas, por alguma razão, isso nunca fez parte da minha memória.

— Tinhas uma vida inteira pela frente. Foi um desperdício. Não há dia em que não pense em ti, Daniel.

— Não tem de ser assim. Não tens de te sentir culpada de nada. Não mais do que qualquer outra pessoa.

— Sinto tanto a tua falta.

Ele franziu o nariz.

— Sentes a minha falta, mas não me vês. Só vês a tua própria culpa. Só vês versões de mim como um adulto que provavelmente nunca teria existido.

Não podia argumentar contra isso, porque era verdade. Evidentemente. Só existia verdade ali.

— Tu és necessária, mãe. Podes voltar a ser feliz. Não tens de deixar que as coisas se transformem em areia. Tu foste tão feliz, em tempos. Podes voltar a ser assim.

Há muito, muito tempo.

— Está enraizada em mim. A culpa. Eu era a tua mãe. Devia ter-te protegido.

— Não quero ser a tua culpa. Quero ser o teu filho. Por favor... está na altura...

— Sim — concordei. — Tens razão.

Foi então que o sangue começou a desaparecer.

Os seus olhos grandes e o seu rosto sorridente, aquele que estava sempre pronto a mudar a qualquer alteração de humor, aquele que se enrugava como um ovo esmagado por uma colher de cada vez que chorava. Parecia tão feliz e saudável como na última fotografia da escola.

— A partir de agora, vais lembrar-te de mim assim. Não como um momento, mas como uma pessoa. Saberás que a culpa não foi tua. Agora, por favor, vai. Agora és pura. Podes ser o sinal de que ouviste

falar. Podes salvar-te a ti própria e podes salvar os outros. Eles precisam de ti.

E depois desatou a correr para as árvores, e eu fiquei ali mais um segundo, enquanto um azulino solitário dançava no ar.

O sinal pode acontecer agora

Abri os olhos. A água do mar embatia ao de leve no meu cabelo.

Vi a Sofia a pôr-se à frente do Art. Ela estava a falar com ele.

O Art parecia *tenso*. Sim, era essa a palavra certa. *Tenso*. Não era zangado, nem frio, nem perverso.

— Estou...

Ele não chegou a terminar a frase. A palavra que ficou por dizer tornou-se um eterno mistério. Mas não houve tempo para refletir, pois ele mudou e encarou a Sofia com olhos penetrantes. Estava prestes a fazer-lhe mal. Ele sabia que, se não fosse a interferência dela, eu já estaria morta.

Ela falou com confiança.

— Isto foi tudo um erro. *Eu* cometi um erro. Esta ilha não o quer.

Consegui vê-la em criança a ajudar o avô com artrite a levantar-se de uma cadeira.

O Art estava prestes a magoá-la. Não podia deixar que isso acontecesse.

O Alberto encontrava-se ao meu lado.

— Grace, agora está mais forte. Ela chegou até si. Quando estava estendida na areia. O sinal pode acontecer agora. Pode enviá-lo. Só tem de perceber que está ligada a tudo. A tudo. Você consegue, Grace.

Lembrei-me do parágrafo que ele tinha escrito em *La Vida Imposible*.

Esse pescador chamava-se Joan Bonanova. Ele contou também a um jornalista que se sentia ligado a todos os animais de Ibiza e que conseguia enviar-lhes um sinal. E outros corroboraram esse relato, dizendo que

tinham visto animais a agir de forma estranha nessa noite. Disseram que criaturas de todas as espécies tinham agido como uma única entidade...

— Olhe, Grace... Olhe para o mar... Ela curou-a.

Então, olhei para o mar. Na verdade, toda a gente olhava para o mar nesse momento. Porque assim que o víamos, era impossível não olhar para ele.

Cintilava com aquele azul impossível. Mais brilhante e vasto do que nunca. Praticamente desde a praia até Es Vedrà. E, tal como da primeira vez que vi o brilho de *La Presencia*, foi como olhar para um sentimento. Só que, desta vez, o sentimento era mais forte do que nunca. Era uma esperança tão forte que se tornou uma certeza.

— Eu já vi isto — disse o Art, aterrado. Lembrou-se do dia em que *La Presencia* o tinha salvado e levado de volta àquela mesma praia. Por momentos, sentiu-se como se tivesse 11 anos outra vez.

Levantei-me e apercebi-me de que estava tudo diferente. Pensei no próprio Joan Bonanova. O pescador salvo por *La Presencia*. O tal que não só constava do livro do Alberto como também da mensagem da Christina. O tal que ela tinha descrito como tendo «uma alma tão pura, livre de culpas e pecados». O tal que enviou um sinal a todos os animais da ilha para lutarem contra os soldados fascistas.

Sem culpa, tristeza e dor para me aprisionar, apercebi-me de que eu estava em todo o lado. Eu era nós. Eu era a soma de infinitudes. Eu estava presente em todas as mentes. Estava em cada grão de areia. Estava em cada gota de água. A fortaleza isolada que eu fora já não existia. Eu continuava a ser eu, mas também era toda a gente. Tal como o número um não deixa de ser uma entidade para si mesmo, mas está presente em todos os outros números. Eu estava plena, completamente aberta. Não havia divisórias entre mim e os outros, ou entre humanos e animais, ou animais e plantas. Tudo era apenas um fio de ligação na tapeçaria da vida. Naquele momento, eu tinha um poder infinito. Um poder que me foi concedido pelo oceano, por *La Presencia*. Eu não estava ali para salvar o planeta. Eu era o planeta. Tal como todos nós somos o planeta. A diferença é que me foi permitido, ali mesmo, sentir isso. Era como se eu tivesse uma linha telefónica para todas as criaturas da Terra.

E eu estava a pedir ajuda. Estava efetivamente a enviar um sinal.

— Mas que merda? — dizia o Art a si mesmo em voz alta.

Ele já não estava a falar da luz de *La Presencia*. Estava a referir-se a algo que parecia sublime e ridículo ao mesmo tempo, como acontece com os milagres. Estava a falar do céu cheio de pássaros.

Eu não precisava de seguir o olhar dele, como toda a gente estava a fazer. Sabia que os corvos-marinhos voavam na sua direção, respondendo à minha esperança silenciosa, as suas asas negras brilhantes a baterem com urgência, os pescoços compridos todos

esticados no mesmo ângulo.

— Corvos-marinhos — arquejou o Art, lembrando-se da conversa que tivera com a Sofia sobre o facto de eles nidificarem em Es Vedrà.

Mas não eram os únicos no céu.

Também havia gaivotas. Dois peneireiros, um falcão solitário, e — incrivelmente — um bando de flamingos cor-de-rosa, que tinham acabado de migrar para os lagos salgados nas proximidades de Ses Salines. As suas asas eram ainda maiores do que as dos corvos-marinhos, batendo com força no céu, inclinadas para trás como pontas de flechas.

Lembro-me de o taxista me ter falado deles no meu primeiro dia na ilha. *Tem de os ver.*

— Estou a vê-los, Pau — sussurrei. — Estou a vê-los.

O Art começou a recuar. Tropeçou numa pedra e aterrou de costas, fazendo com que a sua atenção se desviasse para o céu.

Ao nível da areia havia outras criaturas. Incluindo um bode. Tinha vindo do outro lado do parque de estacionamento, da sombra ao lado da Atlantis Scuba e da deceção da tigela vazia. Era o *Nostradamus*, que se deslocava com dificuldade pela areia com os seus cascos bifurcados e um sentido de determinação e até de esperança a temperar a sua habitual misantropia. Na verdade, todos os animais num raio de um quilómetro estavam a convergir como se fossem glóbulos brancos prestes a atacar uma infeção, dirigindo-se para o empresário que tentava levantar-se de modo atabalhado.

As lagostas voltaram a sair do seu novo aquário no restaurante e correram outra vez em direção à praia.

Um golfinho-roaz saltou para fora de água e voltou a mergulhar no mar, avançando velozmente na nossa direção.

Os coelhos pulavam na areia, viajando na mesma direção que as osgas, as lagartixas, as cobras.

Mariposas e borboletas esvoaçavam e dançavam em direção à costa, o ar entre elas salpicado de mosquitos e uma nuvem solta de cigarras. Todos os animais se dirigiam resolutamente para o Art, como limalhas de ferro para um íman.

A Sofia tentou dirigir-se à multidão, pedindo que as pessoas abandonassem a praia para sua própria segurança, mas ninguém lhe deu ouvidos. Bem, ninguém, a não ser o agente da Guardia Civil, cujo medo de criaturas selvagens o estava a fazer recuar para o parque de estacionamento.

O Alberto lançou-me com um olhar cúmplice.

— Conseguiu, Grace. Enviou o sinal.

Foi quando me virei para ver o Art a tentar correr pela areia, mas o primeiro corvo-marinho já o alcançara, bicando-o e atacando-o com a intenção de o empurrar de volta ao oceano. Ele manteve-se firme e

afastou a criatura com a mente, partindo o pescoço da pobre ave. O pássaro morto caiu pesadamente na areia. Depois, deu um pontapé num coelho e pisou uma variedade de insetos.

— Morram! — disse ele, tentando confortar-se com a palavra e usando-a como uma ordem. — Morram, morram, morram, morram, morram...

Era um grande desvio do discurso sobre sustentabilidade e turismo responsável que ele tinha planeado proferir diante dos jornalistas e *vloggers* de viagens ali reunidos, e que ainda estavam, de um modo geral, num estado de silêncio atordado, enquanto os animais andavam, corriam, deslizavam e voavam em redor.

Contudo, era tarde demais para o Art. Uma cobra de Montpellier, semelhante à que o Alberto tinha dado ao porteiro da Amnesia, mordia-lhe agora o tornozelo. A luz que *La Presencia* lhe tinha concedido estava agora a ser-lhe retirada. Saía da ferida provocada pela cobra, difundindo-se visivelmente na água.

— Não! — disse ele, com a voz alta, mas quebrada e frágil. — Volta para mim! Volta para mim! Volta para *mim*!

Ele cambaleou mais para dentro do mar, com o seu fato de linho. Encheu as mãos de água salgada e engoliu-a, como se, de alguma forma, pudesse fazer regressar a si a luz de *La Presencia*.

Naquele momento, havia tantos animais na praia, que era como olhar para um exército. Um estranho e eclético exército de animais.

Porém, no final, não foram os animais terrestres que constituíram o maior problema para o Art. Foi, na verdade, uma caravela-portuguesa, daquelas que não se via nas águas de Ibiza há mais de sete anos, cujos tentáculos compridos com nematocistos contendo níveis invulgares de veneno se enrolaram à volta dele e o picaram várias vezes na barriga da perna e na parte interna da coxa.

— Eu era melhor! — uivou o Art, com a mente repleta de uma memória distante, e talvez lúgubre, em que ele torturava um bicho-de-conta, antes que a dor se tornasse demasiado forte e ele caísse na água.

Eu era melhor. Era uma afirmação ambígua. Podia significar e referir-se a muitas coisas, e o seu estado emocional, fundido como estava com o medo, a fúria e uma pontinha de arrependimento, não conferia certamente uma visão clara do seu significado. A sua boca emitiu então outro som, antes de todo o seu corpo entrar em choque e ele cair de chapa na água.

O corpo foi trazido de volta para a praia pelos humanos. Eu e o Alberto juntámo-nos ao esforço. Não queria que o Art morresse. Juro. Mesmo sabendo que, se tivesse sobrevivido, ele teria tentado matar sub-repticiamente a Marta e todos os que se metessem no seu caminho, eu não queria ser a causa de mais mortes. O Alberto ainda

tentou reanimá-lo. Mas a Natureza tinha outras ideias. E, num minuto, os seus órgãos vitais deixaram de funcionar. Tentei ler-lhe a mente nos últimos instantes, mas foi impossível. Era como tentar ler palavras acabadas de escrever borradas pela chuva.

E todas as criaturas — exceto as humanas, que permaneciam ali num silêncio perplexo — voltaram à sua habitual indiferença para com a humanidade. O brilho de *La Presencia*, que se tinha espalhado por todo o mar entre a praia e Es Vedrà, recuou até restar apenas um ténue pulsar de luz sobre o local onde eu a tinha encontrado pela primeira vez. E depois desapareceu por completo, voltando a tornar-se uma esfera nebulosa a pairar mesmo por cima do prado subaquático, à espera da próxima intervenção necessária, com a superfície do mar a não denunciar nada do que ali acontecera. Havia apenas ondas calmas e o brilho normal do reflexo do sol.

O céu rapidamente ficou livre de pássaros, deixaram de se ver cigarras no ar e as cobras afastaram-se a deslizar pela areia. O cadáver do corvo-marinho ficou ali, com as suas penas negras como breu a contrastar com a areia dourada, o pescoço torcido num ângulo pouco natural, a cabeça a apontar para o mar, para Es Vedrà, para *La Presencia*.

Apenas o bode, *Nostradamus*, parecia mostrar algum interesse real.

Ficou ali parado por alguns segundos, a olhar para o humano morto com uma sensação que eu interpretei como curiosidade e alívio. Mas depois o seu ar generalizado de misantropia regressou e ele afastou-se do tumulto e dos seres humanos, para ir em busca de alguma paz.

Viva

É claro que o Maurice já sabia que eu não tinha morrido. Isso foi sempre um *spoiler*. Como é que eu poderia ter escrito isto, se tivesse morrido?

Adoro a palavra «*spoiler*», também gosta? A ideia de que, se soubermos o que está prestes a acontecer, isso nos retira o prazer.

É tão estranho não querermos *spoilers* nas nossas histórias, mas estarmos sempre à procura deles nas nossas vidas. Queremos saber se nos vamos apaixonar, se vamos ser saudáveis, se vamos acabar o curso com louvor e distinção, se vamos ter um bom emprego ou uma reforma confortável. Queremos a solução. Queremos tudo delineado. Queremos saber que tudo acaba bem. Queremos que seja tudo revelado, com o mínimo de *mistério* possível. Mas qual é a piada disso? E acredite no que lhe diz uma pessoa com dons de precognição superiores a toda a população do mundo: não há verdadeiros *spoilers*. Há sempre um efeito do observador. Há sempre uma variável desconhecida, e essa variável desconhecida somos frequentemente nós próprios. Aceite o mistério, seria o meu conselho.

Abrace a impossibilidade de tudo.

Desfrute do facto de não saber.

Não se apresse para o casamento, para a morte ou para o ámen.

Mas sim, claro, não é nenhum fantasma a escrever este manuscrito. Eu continuo aqui e continuo viva. Na verdade, estou mais viva do que alguma vez estive.

O destino que fazemos

Assim, Es Vedrà permaneceu exatamente como a Natureza pretendia. Não mataram mais cabras. Não rebentaram nenhum pedaço de calcário. Não destruíram nenhum *habitat*. Não foi permitida nenhuma rota movimentada de táxis aquáticos sobre o prado subaquático de *Posidonia*.

A Soffia Torres regressou ao parlamento regional em Palma e, depois de declarar que o acordo com a Eighth Wonder já não estava em vigor, na sequência da morte do Art Butler, apoiou de forma notável a votação de um projeto de lei bipartidário que estabelecia a não celebração de quaisquer acordos futuros para empreendimentos hoteleiros em zonas de «de relevância ecológica ou cultural». O projeto de lei foi aprovado.

O casino decidiu retirar todas as acusações contra nós, uma vez que as anteriores testemunhas vieram depois dizer que não tinham visto sinais de batota e nem sabiam por que razão teriam dito aquilo. As custas legais foram consideravelmente mais baixas do que o esperado e nós doámos mais de metade do dinheiro restante ao Fundo de Preservação de Ibiza — embora eu tenha guardado um pouco para o meu orçamento de compras e para comprar um tapete e um sofá novos e uma ventoinha que funcionasse em condições.

E, curiosamente, dos jornalistas que assistiram à conferência de imprensa, apenas um relatou corretamente o que tinha visto — mas foi rapidamente dispensado do trabalho e recomendaram-lhe ajuda psiquiátrica devido a «ideias delirantes». Alguns jornalistas conseguiram, apesar do choque, gravar tudo nos seus telemóveis,

incluindo um céu e uma praia cheios de criaturas determinadas. Mas os utilizadores da Internet disseram mais tarde que as imagens eram um exemplo de como estava avançada a tecnologia de geração de imagens por IA.

A versão oficial da história depressa passou a ser a de que o famoso empresário britânico Art Butler tinha sofrido uma espécie de esgotamento nervoso e tinha ido parar ao mar, onde fora picado por uma alforreca. *La Presencia* ou o brilho no mar nunca foram mencionados. O Alberto disse que era sempre assim que as experiências extraterrestres eram tratadas.

— Começam com um pão inteiro de verdade e reduzem-no a uma migalha comestível.

De qualquer modo, devo contar-lhe mais uma coisinha sobre aquela tarde na praia.

A Marta chegou depois de terem levado o corpo do Art. Os seus novos talentos — tão fortes como os meus, penso eu — tinham-lhe dito exatamente o que se estava a passar e, assim que conseguiu escapular-se, dirigiu-se para Cala d'Hort.

— Aconteceu, não foi? — disse ela, assim que nos encontrou. A praia parecia outra vez normal, apenas com algumas lagartixas a mais e jornalistas em estado de choque a deambularem por lá. — O sinal.

— Sim — confirmei. — Sim. Acho que sim. Mas eu... Eu não queria que ele morresse.

O Alberto abanou a cabeça.

— Não. Não, você não queria ele morresse. E não o matou. Foi uma caravela-portuguesa. Ou foi *La Presencia*. E, sim, *La Presencia* está em si como está em mim e na Marta, mas agiu através de si para salvar a ilha. Ajudou a salvar Es Vedrà, e salvou o futuro de Ibiza também. Ele era um assassino, Grace. E se ele tivesse ficado por cá, provavelmente também nos teria matado. — O Alberto pôs o braço à volta da Marta. — O teu discurso foi muito bom — elogiou ele.

— Obrigada, *papá*.

O Alberto abriu o seu grande sorriso.

— Somos uma família e tanto, hã?

Sorri também, vendo as luzes a apagarem-se no oceano.

— Sim, são mesmo.

Ele abanou a cabeça.

— Grace, para alguém que consegue ler os pensamentos, é mesmo má a perceber dicas. Estava a falar de *nós*. Agora somos todos família. Eu, você, a Marta, o oceano. Até o *Nostradamus*. — Olhou para o carreiro poeirento e vermelho da praia, onde o bode estava à espera da sua aveia. — Somos uma equipa.

Pela primeira vez em muito tempo, tive a sensação, uma sensação muito clara e esperançosa, de que tudo estava exatamente como devia

estar. No entanto, foi de curta duração. Porque foi também nesse momento que o humor do Alberto mudou. Virou-se para a Marta, sorriu, ao mesmo tempo que franzia o sobrolho, apanhou um pouco de areia e olhou para ela enquanto a deixava escorrer por entre os dedos.

— *Papá*, o que é que se passa? — perguntou Marta. Mas ela viu tudo antes mesmo de ele ter dito uma palavra. Tal como eu tinha visto tudo. O dom de *La Presencia* era também a sua maldição. A primeira emoção da Marta foi a mais fácil de encontrar em face da dor. Raiva.

— *Papá*, não me disseste nada. Como é que pudeste não me contar? Não podes estar a morrer. Não podes estar...

Compreendi a sua incredulidade. As pessoas que amamos profundamente tornam-se essenciais. Saber que vão deixar de existir é como saber que o ar ou o oceano vão deixar de existir. É como uma rutura fatal no Universo.

O Alberto fez um esgar, como se estivesse a arrancar vidro de uma ferida.

— *Lo siento mucho, cielo*. Não queria que olhasses para mim com pena. Enquanto estiver cá, quero estar vivo diante de ti. Mas merecias saber.

— Amo-te, *papá*.

— Cá estarei para o que me espera. Por ora, vamos viver.

A Marta chorou compulsivamente durante algum tempo. E ele também chorou. Eu afastei-me e sentei-me num muro, a contemplar o mar e, por alguma razão, lembrei-me de um Daniel muito novo, num passeio no bosque, há muitos anos, a soprar as sementes de um dente-de-leão e a rir-se ao sol.

Isto é a vida

Estávamos a bordo do *Neptuno*, no mar. Era de manhã cedo. Ibiza parecia um sonho em tons de verde e branco ao longe. O Alberto envergava o seu equipamento de mergulho completo, mas ainda não tinha os óculos no sítio nem o bocal do regulador colocado, porque estava a olhar para o telemóvel da filha enquanto ela o gravava. Ainda lhe restavam alguns dias de vida, mas este parecia ser o último momento em que ele teria força suficiente para mergulhar. Era, em suma, a sua última oportunidade.

— Estás a gravar?

Ela confirmou com um aceno de cabeça. A Marta estava sentada numa geleira, com a câmara apontada para ele.

— Agora mesmo?

— Sim.

Ele esforçou-se para abrir um sorriso. Proferiu a sua mensagem, primeiro em espanhol e depois em inglês, para que fosse acessível ao maior número possível de pessoas.

— O meu nome é Alberto Ribas — disse ele. Ali sentada no convés, eu conseguia sentir a sua tristeza, embora a sua voz não a refletisse. Na verdade, ele até soava bastante oficial, quase como se estivesse a dar uma palestra. Porém, havia uma fraqueza, um cansaço, nele. O que pode não ser inteiramente atribuível à sua doença. — Sou biólogo marinho e autor de *La Vida Imposible*. Acredito firmemente que existe vida inteligente noutras partes do Universo. Também defendo que as provas em primeira mão de tais ocorrências na ilha de Ibiza têm sido ignoradas. Acredito vivamente nisto, e esta convicção custou-me o

meu emprego e a minha reputação académica. — Fez uma pausa. Respirou fundo. A voz começava a falhar-lhe. — Eu estou a morrer. Mas por baixo de mim, no Mediterrâneo, há uma entidade extraterrestre que chegou ao oceano no século XIX. Chamamos-lhe *La Presencia*. — Esperou que um avião sobrevoasse o local. — *La Presencia* é uma força benévola e preservadora da vida enviada de um planeta a que chamámos Salácia, em homenagem à deusa romana do mar. Veio para o mar porque é lá que está a vida. Noventa e nove por cento da área habitável deste planeta, no que se refere a e metros cúbicos, encontra-se no oceano. É por isso que temos de cuidar dele. E é por isso que *La Presencia* cá está. Para nos ajudar a preservar a vida. Tal como acontece com o prado subaquático por baixo dela, ela protege a vida. Toda a vida. Embora os seres humanos tendam a imaginar a existência de vida extraterrestre como uma ameaça predatória, isso tem mais que ver com a nossa própria natureza predatória que vemos refletida nos outros do que com a realidade da vida não reconhecida que encontrámos.

Fez uma pausa e olhou para o outro lado do oceano, em direção a Ibiza, para a areia dourada de Cala d'Hort e para as encostas arborizadas mais além.

— Estou a gravar isto porque não quero que o meu desaparecimento esteja envolvido em qualquer mistério. Acredito que, além de estar aqui para nos ajudar a proteger o nosso mundo, as forças fotónicas de *La Presencia* também funcionam como um portal. Atravessar esse portal para Salácia é a única forma de me curar e de ter uma hipótese de continuar vivo de alguma maneira, por isso decidi...

Fez uma nova pausa. Desta vez, uma pausa mais substancial.

— *Papá?* — A Marta espreitou-o por detrás do telemóvel.

Ela já conseguia pressenti-la. Eu também. A mudança.

— Na verdade, não — disse ele, abanando a cabeça, discutindo consigo próprio. — Não. Não. Não vou dizer isso. Não vou fazer isto. É uma treta.

— *Papá?* O que se passa?

Ele respirou fundo. Fechou os olhos para apreciar o ar. Depois, quando os abriu de novo, pôs-se a olhar para a grande rocha vertiginosa atrás de nós. Perdeu todo o interesse na câmara.

— Olha para ali. Olha para Es Vedrà. Está exatamente como deveria estar. Isso deve-se a nós. Mantivemo-lo. Como deve ser. Olha para a sua forma. Aquele contorno. É tão completo. Não é demasiado grande nem demasiado pequeno. É assim que a minha vida tem sido. Completa. Foi isso que tu a ajudaste a ser, Marta. E a tua mãe também. A Grace também. Também fez parte dela. Não desejo ter mais do que aquilo que me foi concedido, porque já foi muito. A

minha vida ganhou uma forma estranha, mas estou satisfeito com ela. Era a forma que precisava de ter. Eu sei que Salácia pode ser bela. Mas eu não sou um salaciano. O meu lugar é aqui. Na Terra. E tenho a sorte de ter percorrido este belo planeta. Eu sou um ser humano. Não quero ser o ovo de serpente na oliveira de um ecossistema diferente que não foi feito para ele.

A Marta não sabia o que dizer.

— Mas, se for para Salácia, talvez tenhamos a possibilidade de o voltar a ver — disse eu. — Quando chegar a nossa altura. Pode deixar essa possibilidade em aberto. Onde há vida, há possibilidade.

Nessa altura, ele riu-se um pouco de mim.

— Quem é que soa a íman de frigorífico agora, Grace?

— Bem, eu passei a gostar de ímanes de frigorífico. Tal como o Alberto se orgulha de ser um homem sentimental, eu agora estou feliz por ser uma mulher sentimental. — Foi então que me lembrei de algo que lhe devia dizer. — A Christina diz que está a ser bem tratada. Diz que é tão saudável quanto possível. O Alberto também podia ter isso.

Ele sorriu para mim como se eu não estivesse a perceber o essencial.

— O nosso lugar é aqui. Não é lá fora, noutra galáxia. A Christina tinha razão em partir para Salácia. Ela não fazia ideia de quem andava atrás dela. A sua vida natural estava prestes a ser encurtada por muitos anos. Ela tinha mais dentro de si. Eu não sou assim. Não preciso de me exilar. Está tudo feito. Já dancei, mergulhei e amei mais do que a maioria das pessoas alguma vez há de conseguir. Fui fiel a mim próprio. As próximas semanas vão ser difíceis. Mas eu tenho de ficar aqui. Tenho de ficar convosco. E aproveitar o que me resta. Prefiro um único dia na Terra a uma vida inteira noutro lugar. Este tem sido o meu paraíso.

Havia um carácter definitivo na forma como proferiu essas palavras. Algo sólido. Que não podia ser discutido. Como pedra calcária a irromper do oceano.

O Alberto sentou-se. Cansado. Olhou para a geleira da Marta.

— Agora, *por favor, cielo*. Apetecia-me mesmo uma limonada.

Vive por mí

Dez dias depois, estávamos no hospital. A Marta deu-lhe a mão enquanto ele nos deixava. Nesse último dia, ele estava a sofrer, mas, no final, abriu o seu conhecido sorriso de dentes espaçados. E foi um sorriso sincero. Cada parte dele estava a sorrir, e a sala encheu-se da gratidão que ele sentia.

Disseram um ao outro que se amavam.

Também conseguiu pedir-me que desse um olhinho pela Marta, caso eu permanecesse em Ibiza. Eu disse-lhe que faria isso e que ia ficar.

— *Vive por mí* — disse ele à filha. Depois olhou para mim e repetiu as palavras. Foi o seu último desejo para nós. *Vivam por mim*.

A Marta chorou. A sua companheira, a Lina, estava agora de volta a Ibiza, e as duas abraçaram-se durante alguns minutos enquanto a Marta soluçava no seu ombro. Depois, chamaram-me também a mim para o abraço. Ao juntar-me a elas, apercebi-me da dor da Marta tão forte e real, enquanto sentia as convulsões do seu corpo. Ela sentiu tudo. Não se retraiu perante a dor. Uivou como um lobo debaixo da Lua naquele hospital esterilizado, ecoando estranhamente o uivo do pai quando o conheci. Animais meigos. Sublinhei em silêncio a promessa que acabara de fazer ao Alberto. *Estarei aqui, Marta. Farei tudo o que puder*. E ali ficámos, a deixá-la chorar. O que, por vezes, é a única coisa que podemos fazer.

Cinzas

Deitámos as cinzas do Alberto ao mar, depois de escurecer. A água cintilou ligeiramente. Um suave pulsar de luz proveniente do fundo do mar. Permiti-me um pensamento indulgente, que talvez *La Presencia* o estivesse a levar para Salácia na mesma. Quer ele quisesse, quer não. Reconfigurando os seus átomos e enviando-o através do buraco de minhoca. Ou talvez estivesse apenas a despedir-se, tal como nós.

Ficámos no barco durante algum tempo. A Marta tinha levado uma pequena aparelhagem e elaborara uma *playlist* de músicas que significavam muito para ele. Escolhera *Redemption Song*, de Bob Marley, uma belíssima canção catalã antiga chamada *Per Una Cançó*, de Maria del Mar Bonet, *It's My Life*, dos Talk Talk, *The Last Day of Summer*, dos The Cure, *Landslide*, dos Fleetwood Mac, *Beast of Burden*, dos Rolling Stones, e uma música de dança chamada *Promised Land*, ao ritmo da qual a Marta e a Lina dançaram no barco.

Ambas me puxaram para me pôr de pé.

— Vá lá, Grace — disse a Marta, cuja mente era todo um universo de emoções. — Vamos dançar.

E lá dançámos. A água estava suficientemente calma para eu conseguir manter o equilíbrio. E quando a canção acabou, ela virou-se para mim e disse:

— Não o quero esquecer.

— Não o vais esquecer — disse-lhe eu. — Eu sinto a falta do meu filho e do meu marido todos os dias, mas vejo-os com mais clareza do que nunca. Lembro-me dos bons momentos e estou grata por tê-los vivido.

— Adoro-a, Grace. Obrigada.

Quando nos abraçámos, senti uma recordação de infância do pai dela a levá-la de barco com a mãe para Formentera, enquanto cantava para ela.

— Devia lá ir — disse ela, sabendo o que a minha mente estava a ver. — A Formentera. Ia adorar.

Aconteço eu

Eu e a Marta combinámos alimentar o *Nostradamus* à vez. De dois em dois dias, de manhã, entro no *Fiat Panda* e vou deitar-lhe um monte de aveia na tigela, deixando-o tão grato quanto é possível um bode ficar. O que não é muito, mas já é alguma coisa.

Certa manhã, quando me dirigia para lá, reparei numa coisa ao sair de casa. Não só que a planta — a *Nolletia chrysocomoides* — tinha crescido e estava em plena floração com as mais belas flores amarelas em forma de coração, mas que havia outra mais adiante, no pátio, que tinha desabrochado através de fendas nas lajes. E outra a uma curta distância dessa. E outra, e mais outra. Nove, no total.

Era uma terça-feira.

A propósito, todas as terças-feiras, apanho o barco de Ibiza para Formentera e passo lá o dia, tal como a Marta me recomendou. Só para me afastar. A viagem dura menos de meia hora, por isso tenho tempo de sobra, mesmo depois de alimentar um bode. E nada acontece em Formentera. É esse o objetivo. Bem, quero dizer, não acontece nada de muito irritante. É claro que, na verdade, acontece o mesmo que em qualquer outro sítio. Acontece o ar. Acontecem os cafés isolados. Os arbustos de zimbro. Os campos de trigo. As dunas de areia. As salinas. As ovelhas. As lagoas. Aconteço eu.

O Alberto queria que todos nós vivêssemos. E apraz-me dizer que, para o bem e para o mal, me sinto viva. Aqui, neste lugar, uma hóspede sortuda nesta pequena ilha fascinante e variada. É uma sensação agridoce, estar tão presente quando tantas pessoas de quem gosto estão ausentes, incluindo o Alberto (até o cheiro do *Hawaiian*

Tropic me faz pensar nele). Mas é assim que vencemos a morte. Vencemos a morte vivendo enquanto cá estamos. A morte pode ser infinita, mas, como sabe, a infinitude é um conceito relativo. Podemos criar um infinito maior a partir da vida. Ao *sentirmos*. E, todos os dias, eu sinto. Sinto de um modo profundo e intenso, e o que sinto é gratidão. Para com Ibiza, para com Espanha, para com o mundo, para com as pessoas, a Natureza, a vida, as forças ocultas do Universo, e isso faz-me querer continuar a ajudar a preservar e a valorizar todas as coisas naturais.

Azulino

Disse no seu e-mail que estava nas trevas e que precisava de luz. Bem, não tenha pressa. Ela há de chegar. Por vezes, a luz está lá e não nos apercebemos. As pessoas navegam todos os dias sobre *La Presencia* e as suas forças fotónicas e não sabem. O que agora parece impossível não será sempre assim. Mas não pense que os maus momentos não estão relacionados com os bons. A escuridão é a forma de vermos a luz. Precisamos do contraste. Não vemos todas as estrelas durante o dia, pois não?

Por falar em estrelas, tive uma conversa interessante com a Marta ontem.

Ela veio ajudar-me com o jardim. É apenas um pequeno pedaço de terra, mas está a começar a ficar bonito. As flores, outrora extintas, foram apenas o ponto de partida. A Marta queria ajudar-me. Ela disse que não havia nada mais curativo do que a jardinagem, e eu acho que ela tem razão. Há qualquer coisa em pôr as mãos na terra e tentar cultivar a vida que nos faz sentir elementarmente ligados a tudo. A Marta trouxe consigo algumas plantas. Um pequeno arbusto de hibisco cheio de flores rosa-avermelhadas que tinha comprado no centro de jardinagem, juntamente com alguma alfavaca e ervas aromáticas — salsa, hortelã, manjerição, alecrim. Estão todas a dar-se lindamente, com a ajuda de um pouco da água de *La Presencia* do frasco das azeitonas.

Têm um cheiro divinal.

Seja como for, pusemo-nos a falar de matemática. Começámos por falar da sequência de Fibonacci e de como as suas espirais são visíveis

nas folhas e nas pétalas das plantas e das flores. Ela disse que, tal como eu, sempre encontrou conforto na matemática — uma das coisas que a levou a escolher uma carreira em astrofísica — mas só recentemente compreendeu *porque* é que a disciplina era uma terapia para ela. É que, na matemática, apercebemo-nos de que o equilíbrio e a simetria estão, de facto, presentes em tudo, mesmo quando parece que existe apenas caos ou sofrimento.

— Os Gregos Antigos adoravam a matemática porque a viam como uma representação de ideais — disse ela, mais ou menos com estas palavras. — E estava sempre ligada à religião, porque era vista como algo mais puro do que a vida normal. Por isso é que Pitágoras era uma espécie de líder espiritual. Mas acho que *La Presencia* nos deu deixou com a noção de que a pureza da matemática está em toda a parte. Nós estamos no seu interior. Nada é aleatório. Nem a vida, nem a morte. Nem mesmo a aleatoriedade. Nem mesmo nós as duas, aqui a transformar esta terra num jardim. Está tudo ligado. Faz tudo parte deste todo. Esta bela tapeçaria. O Paraíso não se encontra num outro lugar. Nem todos aqueles que perdemos. Estamos ligados a eles. As ligações estão dentro de nós. Isto faz sentido?

— Sim — respondi-lhe eu. — Faz todo o sentido. — E estava a ser sincera, porque tinha de ser sempre sincera com ela, já que ela conseguia ler a minha mente com a mesma facilidade com que eu lia a dela.

Seja como for, já depois de ela se ter ido embora, olhei para aquele modesto mas adorável jardim e senti que — mais do que qualquer das coisas estranhas que tinham acontecido — aquela era a verdadeira mudança. Eu estava a jardinar novamente.

Mas não era só o jardim. Era também o interior. Arranjei a casa. Voltei ao mercado *hippie* de Las Dalias e comprei o quadro de Es Verdà da Sabine. Também adquiri uma pintura de fruta. Agora tenho uma laranja gigante pendurada na parede do quarto. Comprei também outras coisas — roupas mais coloridas — com o dinheiro que ganhei numa segunda ida ao casino.

No entanto, não queria livrar completamente a casa da memória da Christina, por isso decidi preservá-la.

Fui a uma loja na cidade de Ibiza e mandei limpar a seco o tapete e a manta boémia dela. Saíram de lá com cores vivas e bonitos. Limpei o pó da grande ventoinha da sala de estar e lavei os mosaicos do chão. O piano antigo perto da janela continuava a ocupar metade da sala, mas eu não queria desfazer-me dele, por isso optei por outra solução. Comecei a *tocar*.

Sim, agora sei tocar piano. É fácil para mim. E a peça que mais gosto de tocar é *Blackbird*. Mas ainda não sei cantar. *La Presencia* é poderosa, mas não *tanto*.

Há mais uma coisa que lhe quero dizer. Houve uma altura em que achava as tatuagens algo de mau gosto. Mas mudei de opinião. Fui recentemente a um estúdio de tatuagens na Playa d'en Bossa. Levei comigo a fotografia do azulino que o Daniel me tinha oferecido no Dia da Mãe e pedi para me desenharem uma versão dele no meu pulso. Por isso, agora, sempre que vejo uma bicicleta vermelha, olho para o meu pulso e lembro-me das coisas boas.

É um pássaro realmente muito bonito. Voa comigo para todo o lado.

Fulgor

Ontem choveu.

Eu estava em Santa Gertrudis. Tinha acabado de fazer compras. Saí à rua e estava a chover. A chuva caía com força e isso reconfortou-me. O meu carro estava estacionado um pouco mais à frente na estrada, pelo que fui andando, por baixo do cartaz desvanecido da Lieke na Amnesia, e pouco depois passei por uma moradia com buganvílias cor-de-rosa e magenta e uma piscina visível através de um portão. Parei e deixei-me ficar a ver as gotas a saltarem e a dançarem na água. Uma espécie de música de percussão. Fiquei hipnotizada por alguns instantes. Olhei para o céu, abri um pouco a boca e apreciei o sabor mineral da chuva. Ando a tentar fazer isso agora. Deixar que os momentos se apoderem de mim, por mais tresloucado que isso pareça aos olhos de quem passa.

Sabe, pouco antes de o Alberto morrer, estivemos os dois sentados na praia. Comemos melancia. Ele estava a ficar mais velho e mais fraco e sentia algumas dores. Mas também parecia bastante calmo, sábio e bonito à luz do dia, mais filósofo do que pirata, enquanto ali estávamos sentados a observar o mais glorioso e complexo pôr do sol.

Contei-lhe que sentia uma responsabilidade. Que sentia que devia ir para a floresta amazónica ou para a Antártida ou para a África Equatorial ou para qualquer outro lugar onde pudesse utilizar os talentos que me tinham sido concedidos, mas que também sabia que os meus talentos seriam mais fortes aqui, perto de *La Presencia*.

— Ela quer que esteja aqui — disse ele.

— Eu sei. Acho que vou ficar.

Ele não disse mais nada. Ficámos sentados em silêncio enquanto ele olhava para o céu e para Es Vedrà.

— Parece um milagre — disse ele, passado algum tempo. — Todos os dias, Ibiza tem pores do sol como este, e eu tomei-os como um dado adquirido. Isso faz algum sentido?

Fazia sentido.

— Galileu chamou à matemática a linguagem do livro da Natureza. E nós estamos presos dentro desse livro. Somos palavras nessa linguagem. Por isso, é difícil ler, absorver e apreciar aquilo dentro do qual nós estamos, aquilo com que estamos familiarizados. Tal como disse a Marta, há padrões por todo o lado.

— Padrões, sim. Parece a Marta a falar. Suponho que isso seja um padrão.

Pus-me a pensar nisso. Na matemática recorrente do mundo natural. Nas espirais de Fibonacci encontradas em remoinhos e pinhas e criadas pelas baleias-de-bossa na Antártica para capturar as suas presas. Nos nossos vasos sanguíneos desenhados como relâmpagos e nos galhos retorcidos das árvores. O tecido do cosmos é urdido por fractais, tal como nós. Não estamos sozinhos no Universo e não estamos sozinhos na Terra. Estamos ligados, não apenas uns aos outros e não apenas aos primatas, mas *a tudo*. A um bode, a uma lagosta, às sementes de um dente-de-leão. Disse que sentia que estava num padrão. Numa sequência. E está mesmo. Mas é uma sequência vasta e magnificente. Liga-nos a cada uma das coisas que existem no Universo. E um dia haverá de nos surpreender com a sua expansão.

Ainda havia luz no céu, apenas um vestígio dela, um estranho vermelho profundo a escorrer para a escuridão.

— O céu parece tão calmo — disse eu. — Mas daqui a muito pouco será de noite.

O Alberto repreendeu-me com um estalido da língua.

— Não pense na noite, Grace. Ainda não.

Olhei para o céu vermelho. Senti a força do seu encantamento. Como se o simples ato de inalar fosse perigoso, por me fazer dissolver no Universo.

— Sim — concordei. — Um milagre.

Quero que compreenda estes momentos. Eles estão à nossa volta, neste nosso planeta familiar e alienígena. Em cada gota de chuva e em cada partícula de luz dispersa. A vida canta e brilha. Mesmo quando estamos entorpecidos perante ela, quando nos escondemos dela, quando existe demasiado ruído e dor para as sensações, quando não estamos preparados para a sentir — ela está lá, à espera, para ser acarinhada e protegida, pronta para nos dar, pelo menos, mais uma explosão de beleza antes da noite.

Caro Maurice,

Sei que só cliquei em enviar há dez minutos, e sei que ainda não terá lido o manuscrito, mas queria dizer mais uma coisa sobre ele.

Descrevo uma série de coisas que somos ensinados a acreditar que são fantásticas e até impossíveis. Poderes paranormais. Forças protetoras sob o oceano. Vivenciei-as a todas, mas nenhuma é mais ou menos notável ou ridícula do que tudo o que já existe.

O sabor do sumo de laranja acabado de espremer. Um figo. A visão de uma flor. O som da música. Um rasgo de sol no soalho. Gatos, cães, bodes e lagartixas. O rosto do Harrison Ford. Imagine se fosse de um planeta sem nenhuma destas coisas. Imagine como tudo iria parecer espantoso. Como estaríamos sedentos por tudo o que se encontra à nossa frente. Como uma fotografia de um pôr do sol nunca mais pareceria pirosa. Como um simples passeio num pomar seria uma perfeição. Como uma brisa fresca num dia quente seria um prémio de lotaria. Como o canto de cada pássaro seria uma sinfonia.

Devemos ver-nos como extraterrestres, Maurice, porque, para o resto do Universo, é isso que somos.

Além disso — já devia ter dito isto —, se quiser visitar-me, diga. Seria ótimo vê-lo. Desejo-lhe felicidades. Desejo-lhe tudo. Sinto que a sua vida vai correr bem.

*A sua amiga e professora,
Grace Winters*

P. S.: Há uma moradia em Lincoln da qual já não preciso. Tenho a certeza de que conseguiria um bom valor por ela. Não mencionou as suas preocupações financeiras — apenas escreveu «houve outras coisas também» —, mas eu conheço as dificuldades pelas quais está a passar, da mesma forma que conheço todo o tipo de coisas que ninguém me diz. Espero que isso possa ajudá-lo a resolvê-las. A casa guarda demasiadas recordações, e eu gostava de lha dar. Sabe, em tempos deixaram-me uma casa em Espanha, e esse gesto mudou a minha vida. Por isso, gostava de fazer algo semelhante por si. Afinal de contas, sabendo o que agora consigo fazer

num casino, já não preciso de me preocupar com dinheiro.

Querida Grace,

Sei que já lhe disse isto muitas vezes, mas ainda não consigo exprimir o meu profundo apreço pela moradia. Achei que gostaria de saber que a venda foi acordada ontem. Foi realmente um gesto que mudou a minha vida, e com isso vou poder ajudar muito a minha irmã também.

Mas também quero agradecer-lhe pela sua história. Eu não devia ter acreditado em nada, mas a verdade é que acreditei em tudo. Ajudou-me a romper com o padrão. Ou, pelo menos, a mudar para um melhor. E, por isso, vou a Ibiza. Vou viver uma aventura e apanhar um comboio até Valência e depois o ferry. Ouvi dizer que é melhor chegar de barco. Estarei aí na segunda semana de setembro. Tenho um bom pressentimento. Talvez lhe possa chamar uma premonição. Ontem à noite, sonhei com o mar. Estava a brilhar. Talvez ela me chame como a chamou a si.

Até breve, espero.

Um agradecimento infinito.

Maurice

Agradecimentos

Todos os livros são um trabalho de equipa. Este em particular. Tenho de agradecer a muita gente.

Em primeiro lugar, o meu brilhante editor Francis Bickmore, com quem tenho trabalhado em todos os livros desde *The Radleys*, há quinze anos, e que sabe sempre como me ajudar a desenvolver a história e me deixa abraçar as minhas ideias mais estranhas. Tive também a sorte de, numa fase inicial, ter tido contributos dos meus editores internacionais, incluindo comentários inestimáveis das mentes brilhantes de Patrick Nolan, Doris Janhsen e Iris Tupholme.

Estou igualmente grato à minha agente, Clare Conville, uma lenda literária que, felizmente, aceitou esta ideia desde o início e compreendeu o que eu estava a tentar fazer.

Quero agradecer, como sempre, a Jamie Byng e a toda a gente da Canongate Books. Obrigado à brilhante e indispensável equipa composta por Jenny Fry, Alice Shortland, Lucy Zhou, Jessica Neale, Charlie Tooke, Vicki Rutherford, Jo Lord e Sasha Cox.

Os meus excertos em espanhol tiveram a ajuda da maravilhosa Silvie Varela, que teve a gentileza de rever os diálogos.

E, como sempre, tenho de agradecer à Andrea Semple. A minha primeira leitora, a minha primeira editora, a minha melhor amiga — e já para não falar da pessoa que esteve presente nos altos e baixos dos nossos primeiros anos em Ibiza. E à Pearl e ao Lucas, por me aturarem

quando tentei que se interessassem por factos sobre prados subaquáticos e História de Espanha.

Este livro é evidentemente moldado pelo meu amor por Ibiza, pelo que quero agradecer a todas as pessoas que conheço e conheci nessa ilha. Desde a primeira vez que lá vivi e trabalhei nos anos noventa, até à redescoberta do meu amor por aquele sítio nos últimos anos. Estou grato aos inúmeros velhos amigos, bem como aos novos que lá encontrei, e ao próprio lugar. Esta ilha mágica, mística e multifacetada do Mediterrâneo que desafia sempre todas as perceções preconcebidas.

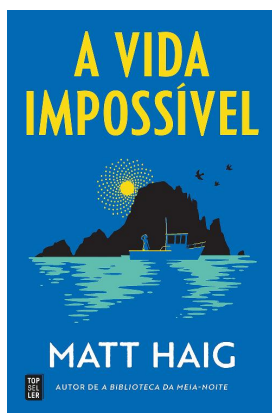
Gostaria de exprimir o meu reconhecimento pelas pessoas que fazem um grande trabalho na proteção da ecologia da ilha. Gostaria de mencionar, em particular, a Ibiza Preservation (ibizapreservation.org), que há quase duas décadas trabalha para preservar o *habitat* da ilha, com projetos-chave para proteger a população de lagartixas da ilha, para reduzir a poluição por plásticos em Ibiza e Formentera e para preservar os ameaçados e vitais prados subaquáticos de *Posidonia*, protegendo-os da poluição, dos danos causados pelos barcos e da urbanização costeira.

Por último, mas não menos importante, quero agradecer-lhe a si, que me está a ler. Tenho muita sorte por poder partilhar as minhas histórias consigo. Estive afastado da escrita durante alguns anos. Mas o apoio dos leitores ajudou-me a dar forma a esta história. Espero que tenha gostado. Obrigado. *Gracias por todo.*

A handwritten signature in dark ink, appearing to read 'Matt L.' followed by a large, stylized circular flourish.

Sobre este livro

**AQUILO QUE PARECE SER MAGIA É
SIMPLESMENTE UMA PARTE DA VIDA QUE
AINDA NÃO COMPREENDEMOS...**



Quando Grace, uma professora de Matemática reformada, recebe de herança de uma amiga há muito perdida uma casa degradada numa ilha do Mediterrâneo, a curiosidade apodera-se dela, conduzindo-a a Ibiza com um bilhete só de ida, sem nenhum guia de viagem e desprovida de qualquer plano.

Por entre as encostas escarpadas e as praias douradas das Ilhas Baleares, Grace procura respostas em reação à vida da amiga e à forma como esta terminou. Aquilo que descobre é mais estranho do que alguma vez poderia ter imaginado. Mas antes de mergulhar nesta verdade impossível, Grace precisa de se reconciliar com o seu passado.

**Repleta de encanto e aventura, esta é uma
história de esperança sobre o poder
transformador de um novo começo.**

Sobre o autor

Matt Haig é natural de Sheffield, em Inglaterra, e começou a sua carreira como jornalista, tendo colaborado com conceituadas publicações britânicas. Iniciou-se na escrita de ficção em 2004 e, desde então, nunca mais parou, sendo atualmente um autor bestseller internacional de obras para adultos e para o público mais jovem, com livros publicados em mais de 30 idiomas.

Considerado pelo *The New York Times* como «um romancista de grande talento», apresenta-nos histórias que muitas vezes fundem a realidade com a fantasia, oferecendo-nos uma escrita que o *The Guardian* descreve como sendo «deliciosamente estranha».

Pela Topseller já publicou *Como Parar o Tempo* (2017), *Os Humanos* (2018) e *A Biblioteca da Meia-Noite* (2021), que se transformou num bestseller imediato a nível internacional, contabilizando já mais de 9 milhões de exemplares vendidos em mais de 50 países.

Depois de um hiato de quatro anos, Matt Haig regressa com um novo livro, *A Vida Impossível*, uma comovente história de esperança e superação que não irá deixar ninguém indiferente.

ACOMPANHE O AUTOR EM:

www.matthaig.com

Instagram: [mattzhaig](#)

Twitter: [matthaig1](#)